

# REFLEXÕES SOBRE ARTE

*Maria Helena Andrés*



# REFLEXÕES SOBRE ARTE

*Maria Helena Andrés*

## **Edição**

Maurício Andrés Ribeiro

## **Organização**

Marília Andrés Ribeiro

## **Ilustração**

Maria Helena Andrés

## **Fotografias**

Walmir Gois

## **Produção dos blogs**

Ivana Andrés Ribeiro

## **Diagramação**

Fernanda Granato

## **Revisão**

Mariângela Pimenta Ramos



INSTITUTO  
MARIA HELENA ANDRÉS

Belo Horizonte, 2021



CULTURA E  
TURISMO



MINAS  
GERAIS

GOVERNO  
DIFERENTE.  
ESTADO  
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

### Capítulo 1 - A VIDA DE ARTISTA

O CAMINHO

PRIMEIRAS VIAGENS PARA ENTRE RIOS: MEU ATELIÊ RURAL

POSTES DE LUZ

MEMÓRIAS DE PRÊMIOS

DO CARRO DE BOI AO COMPUTADOR

MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA: TERRA, ÁGUA, FOGO, AR E ÉTER

ARTE E VIDA

ARTE, REFLEXO DA VIDA

NOVAS DESCOBERTAS NO MEU CAMINHO

FASES *BARCOS, GUERRA E ESPACIAL*

*ALVORADA VERMELHA*

MUTAÇÕES NA ARTE

A CONQUISTA DO ESPAÇO

TAPEÇARIAS E MURAIAS

HOMENAGEM A MARIA ÂNGELA MAGALHÃES

AS TAPEÇARIAS DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA

DOIS PAINÉIS, DOIS DESTINOS

SEMENTES DE UM QUADRO

PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

MARCO ANTONIO COELHO E O RIO DOCE

UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE

ESCUTAR O CORPO

### Capítulo 2 - A ESCOLA GUIGNARD

GUIGNARD, O MESTRE

NOSSA SENHORA E O ANJO, TEMA DE GUIGNARD

INAUGURAÇÃO DO ACERVO DE GUIGNARD

GUIGNARD – *CIRCUITO ATELIER*

ESCOLA GUIGNARD, 70 ANOS DE HISTÓRIA

EXPOSIÇÃO E HOMENAGEM NOS 70 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD

PROFESSORA EMÉRITA DA ESCOLA GUIGNARD

ESCOLA GUIGNARD, UM PONTO DE MUTAÇÃO

EXPOSIÇÃO *75 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD* NA GALERIA AM

### Capítulo 3 - PARTICIPAÇÃO NO MOVIMENTO CONSTRUTIVO

COLEÇÃO ADOLPHO LEIRNER NO MUSEU DE HOUSTON

MINHA PARTICIPAÇÃO NO CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO

O CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO E A ARTE DOS ÍNDIOS

PALESTRA NO SEMINÁRIO *ARTE CONCRETA E VERTENTES CONSTRUTIVAS*

*POEMA CONCRETO*

NO CCBB-BH, UM CONVITE PARA FALAR SOBRE O CONSTRUTIVISMO

PAINEL CONSTRUTIVISTA NO GRUPO ESCOLAR HERBERT DE SOUZA

CONSTRUTIVISMO MINEIRO EM BRASÍLIA

A GUARDIÃ DAS MONTANHAS

#### **Capítulo 4 - EXPOSIÇÕES E HOMENAGENS**

A EXPOSIÇÃO *LINHA E GESTO* NO PALÁCIO DAS ARTES  
UMA VISITA AO MUSEU DE ARTE DO RIO  
EXPOSIÇÃO *FOTOGRAFIA E NATUREZA*  
FOTOGRAFIA, ARTE DO “AQUI E AGORA”  
MÁQUINA DIGITAL  
PINTURA E FOTOGRAFIA  
EXPOSIÇÃO *ARTE E POLÍTICA*  
*O ETERNO RETORNO*  
ESCAMBOS NA ASA DE PAPEL CAFÉ&ARTE  
PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE  
CARTA À MINHA FILHA MARÍLIA  
II JORNADA DE ESTUDOS INDIANOS  
UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA EM BRASÍLIA  
UM ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DA PAZ  
*OLHAR REVISITADO*  
VOANDO NO AZUL  
A CONSTRUÇÃO DA COR  
*CIRCUITO POLÍMATAS*  
EXPOSIÇÃO NA GALERIA DO TEATRO DA CIDADE

#### **Capítulo 5 - DIÁLOGOS COM OS ARTISTAS**

A ARTE DE MARY VIEIRA  
MARÍLIA GIANNETTI, COLEGA E AMIGA  
NELLY FRADE NA HISTÓRIA DA ARTE DE MINAS  
DUAS CASAS, DOIS ESCULTORES: FRANZ WEISSMANN E AMÍLCAR DE CASTRO  
LYGIA CLARK E O TRABALHO COM O CORPO  
*NOTURNOS*, DE SARA ÁVILA  
MÁRIO SILESIO, PINTOR E MURALISTA  
CÉLIA LABORNE, ARTISTA MÚLTIPLA  
DOIS NADADORES, DOIS ARTISTAS: FERNANDO SABINO E CÉLIA LABORNE  
*A REVELAÇÃO DO AVESSO*, EXPOSIÇÃO DE FERREIRA GULLAR  
LÊDA GONTIJO NA GALERIA DO MINAS TÊNIS CLUBE  
GTO E O ENCONTRO COM O ORIENTE  
EYMARD BRANDÃO NA ÍNDIA  
MEU ENCONTRO COM BENÉ FONTELES  
*QUEM TEM MEDO DE TERESINHA SOARES?*  
PAULO LAENDER, UMA TRAJETÓRIA  
CELSON RENATO, 100 ANOS  
EXPOSIÇÃO DE LOTUS LOBO  
YARA TUPYNAMBÁ NA REITORIA DA UFMG  
EXPOSIÇÃO *LAMA*, DE ROBERTO SUSSUCA  
KÁTIA SANTANA, ARTE SUPERANDO BARREIRAS  
*TRAMA*, UMA EXPOSIÇÃO DE JOÃO DINIZ  
PAULO MENDES, ARTISTA ENGENHEIRO  
MARCELO XAVIER, OTIMISTA INCORRIGÍVEL  
JAYME REIS E AS MEMÓRIAS DE UM CAVALETE  
GIOVANI FANTAUZZI, ARTISTA E ARTESÃO

EXPOSIÇÃO *SOTURNOS NOTURNOS*, DE THAIS HELT  
NUNO RAMOS  
SONIA LABORIAU  
*PHOTOSHOP*, UMA LIÇÃO DE VIDA  
*A MUSA PARADISÍACA*, DE THOMAS NÖLLE

## **Capítulo 6 - VISITANDO EXPOSIÇÕES E ESPAÇOS CULTURAIS**

DUAS ARTISTAS UNIDAS NO TEMPO: SONIA DELAUNAY E BEATRIZ MILHAZES  
DUAS EXPOSIÇÕES NA PAMPULHA: PAULO BRUSCKY E EDITH DERDYK  
ARTE AMBIENTAL NA UFMG: SHIRLEY PAES LEME E FABRÍCIO FERNANDINO  
DUAS EXPOSIÇÕES NO PALÁCIO DAS ARTES: *RONALDO FRAGA* E *ARTES PARA CRIANÇAS*  
NEMER E ANNIE, UM CASAL DE ARTISTAS  
TRÊS ARTISTAS, TRÊS PROPOSTAS: TERESINHA SOARES, MARILÁ DARDOT E ROSÂNGELA  
RENNÓ.  
CINCO ARTISTAS, CINCO PROPOSTAS: EYMARD BRANDÃO, JAYME REIS, JORGE DOS ANJOS,  
PAULO LAENDER E ROBERTO VIEIRA  
*LIVRO-OBJETO*  
EXPOSIÇÃO *LIVRO DE ARTISTA*  
UMA VIAGEM AO RIO. TRÊS MOSTRAS EM DOIS MUSEUS  
O RIO DOS NAVEGANTES  
REFLEXOS DA *ArtRIO*  
*GUERRA E PAZ*  
*GUERNICA*, 80 ANOS  
ESCHER, UM DESPERTAR DO “VER”  
MONDRIAN E A VANGUARDA RUSSA  
KANDINSKY EM BELO HORIZONTE  
EXPOSIÇÃO DE AI WEIWEI NO CCBB  
VIAGENS ESPACIAIS ONTEM E HOJE: MARIKO MORI  
DIALOGOS ÁFRICA BRASIL  
JACA, UM ANO DE ATIVIDADES  
IMHA, ARTE ESTENDIDA À VIDA

## **Capítulo 7 - DIALOGANDO COM OUTROS ARTISTAS**

DANÇA DAS MARÉS  
JOANA & MARITO E AS SINAPSES DA DANÇA  
HERMETO PASCOAL E A IMPROVISACÃO NA MÚSICA  
PAUL MCCARTNEY EM BELO HORIZONTE  
GEORGE IVANOVICH GURDJIEFF  
UAKTI  
UAKTI E PHILIP GLASS  
*TERRITÓRIO DO BRINCAR* E GRUPO UAKTI  
ENSEMBLE, UM GRUPO MUSICAL  
TRÊS MÚSICOS, TRÊS MENSAGENS  
INTEGRAÇÃO DE DOIS GRUPOS MUSICAIS  
ALEXANDRE ANDRÉS E O ORIENTE  
LANÇAMENTO DO CD *RÃ*  
VOLTA AO MUNDO COM BETTINE CLEMEN  
ARTE NAS MONTANHAS  
*LOBOSTOCK*

*SUITE BURLESCA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA*  
STANISLAVSKI E BOAL  
*CARTAS POÉTICAS, VOZ E POESIA*  
*MORTE E VIDA SEVERINA*  
*O BRANCO DO MUNDO*  
OUTRAS PESSOAS, SER OU NÃO SER  
*CAMILLE CLAUDEL*  
*MEMÓRIAS DE UM CÃO, DE VIRGINIA WOOLF*  
*A VOLTA AO MUNDO EM 80 MINIATURAS*  
FESTIVAL VIVA JECEABA!  
*FORO ÍNTIMO, UM FILME DE RICARDO MEHDEFF*

## **Capítulo 8 - CONVERSANDO COM POETAS E INTELLECTUAIS**

UM POEMA PARA AFONSO X, REI DE PORTUGAL  
HOMENAGEM A JOSÉ SARAMAGO  
WILSON FIGUEIREDO, O POETA  
YEDA PRATES  
ABHAY K., UM POETA DIPLOMATA  
*GUARDANAPOS, DE CARLOS STARLING*  
CAMINHOS DO JAZZ  
*ARTES VISUAIS EM MINAS GERAIS*  
FREDERICO MORAIS  
MAPAS, DE ARLINDO DAIBERT  
ENTREVISTA COM O PROFESSOR CLAU CLUVER  
DIALOGANDO COM FRANCISCO JARAUTA  
*PISEAGRAMA, UMA IDEIA CIRCULANTE*

## APRESENTAÇÃO

Este livro relata a vida artística de Maria Helena Andrés desde os anos 1940, seu aprendizado com o mestre Guignard e seu diálogo com os artistas e intelectuais. A artista faz uma reflexão sobre o seu próprio ofício, relata o trabalho coletivo em tapeçarias e os murais em azulejo. Reflete sobre sua participação no movimento construtivo brasileiro e a influência da *action painting* em seus trabalhos. Comenta suas visitas às exposições, bienais, festivais, bem como os encontros com artistas, professores, poetas e filósofos.

Todos os textos deste *e-book* foram resgatados de seus blogues *Minha vida de artista e Memórias de Viagens*: [www.mariahelenaandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenaandres.blogspot.com.br) e [www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br).

Organizados, num primeiro momento, como parte de sua autobiografia, agora, para o *e-book*, foram agrupados por temas: a vida de artista; a Escola Guignard; a participação no movimento construtivo; as homenagens; as visitas às exposições; o diálogo com artistas, músicos, teatrólogos, poetas e filósofos.

O eixo da obra de Maria Helena Andrés é a “unidade na diversidade”. Diversidade temática aparece em cada uma de suas “fases”, refletindo o contexto e a conjuntura vivenciados pela artista, que capta os sinais dos tempos. Profundamente ligada à natureza, os ciclos terra, água, fogo, ar e éter, referidos pela artista, refletem o foco de sua atenção e expressão.

Na primeira fase, a Terra, ela usa o desenho e o traço firme aprendidos com seu mestre Guignard para mostrar figuras de pessoas, familiares, cenas rurais, paisagens urbanas. Naquele momento, sua espiritualidade estava relacionada ao cristianismo e o símbolo da cruz é mostrado em paisagens, vias sacras, mastros de navios. Sua viagem aos Estados Unidos, na década de 1960, lhe propiciou contato com o expressionismo abstrato e também com o mundo, especialmente seu primeiro encontro com o oriente, na Califórnia.

A Água aparece nas suas viagens com os barcos simbolizando mares nunca antes navegados, as aventuras marítimas dos ancestrais portugueses que saíram em busca de novos territórios, de novas conquistas.

O Fogo retrata a guerra e os desafios que enfrentou, sozinha e com coragem, em sua viagem aos Estados Unidos, onde passou por experiências com a guerra fria, em que eram comuns os exercícios de defesa civil para se proteger no caso de um ataque atômico. No Brasil, a repressão exercida pela ditadura militar também é registrada nesse estágio. Para superá-lo, tão forte e traumático, a artista migra para as *Madonas Guerreiras*.

A espontaneidade do gesto caracteriza sua fase Ar, seu encontro com as montanhas e o céu

do Retiro das Pedras. O ambiente montanhês e os horizontes de Minas já atraíam a atenção de Guignard e depois, de Orson Welles (o Retiro das Pedras originalmente seria um estúdio de cinema, por sugestão dele, que também se impressionou com os céus da região).

Naquele momento, Maria Helena inicia um processo de integração com outras culturas e com a natureza, influenciada por viagens ao Oriente, especialmente a Índia, que a marcaram fortemente.

O Éter vai ao encontro das paisagens celestiais, cósmicas e etéreas. As figuras humanas e as luzes de cidades tornam-se pequenas diante dos cenários grandiosos da natureza, refletindo assim sua dimensão relativa diante da imensidão dos universos. O espectro da realidade tem muitas faixas com as quais se pode sintonizar, retratando pessoas, bois, postes, cidades cruces, barcos, madonas, mas também céus, galáxias, outras dimensões... Enquanto alguns quadros abstratos são a cópia perfeita dos céus de Minas, com suas nuvens e cores; outros, assemelham-se a fotos de galáxias distantes, tiradas com radiotelescópios potentes.

Sua obra discute questões artísticas abordadas em consonância com o contexto histórico em que a artista vive.

A fase figurativa engloba os desenhos e pinturas de 1940-1950, cuja temática é centrada nas paisagens, figuras humanas, festas e no cotidiano, na qual se constata uma influência grande dos ensinamentos do mestre Guignard.

A passagem da figuração para o abstrato se dá gradativamente, usando a linha contínua e buscando reduzir a figura ao essencial, através dos elementos geométricos, culminando na série *Cidades iluminadas*. Em 1950, Maria Helena participa do movimento construtivo brasileiro, junto com seus colegas Amílcar de Castro, Franz Weissmann, Mary Vieira, Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Nelly Frade, entre outros.

Nos anos 1960-1970, a artista realiza viagens internacionais, entra em contato com os artistas da *action painting* nos Estados Unidos e se encanta com o expressionismo abstrato, que aparece em seus conjuntos pictóricos *Barcos, Guerra, Madonas e Espacial*.

Da metade de sua vida em diante, pelos anos de 1970, a mandala oriental predomina sobre a cruz cristã como símbolo da evolução de sua espiritualidade. Duas de suas obras — as tapeçarias na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, e os painéis em azulejos na Ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté-MG — evidenciam essa integração, quando as mandalas são trazidas para dentro dos ambientes cristãos e Cristo, para dentro da mandala.

A artista nunca esqueceu a figura humana e a paisagem. Em suas ilustrações feitas na Índia, e publicadas em álbuns e livros, ela usa os recursos do desenho para expressar as imagens e os



panoramas orientais e os combina com as mandalas e os elementos abstratos.

No período de 1970 a 1990 a artista faz várias viagens à Índia, entra em contato com a filosofia, a cultura, a arte oriental e realiza uma série de desenhos figurativos publicados no livro *Pepedro nos Caminhos da Índia* e no álbum *Oriente-Occidente, integração de culturas*.

Desde suas viagens, principalmente aos Estados Unidos e ao Oriente — cujos registros escritos se encontram em outros capítulos de sua autobiografia —, sua espiritualidade cristã caracterizada pela cruz evoluiu para uma perspectiva holística e integral, representada pela mandala, o símbolo oriental para a unidade cósmica. A integração planetária do Oriente com o Ocidente foi o foco de sua atenção durante longo tempo, revelando a sua “fase cósmica”.

Desde os anos 2000, seus desenhos, pinturas e litografias vão se tornando preto no branco, cada vez mais incisivos, mais gestuais, aproximando-se da caligrafia oriental. Recentemente, Maria Helena tem se voltado para colagens, serigrafias e esculturas geométricas — baseadas em desenhos da fase concretista; esculturas orgânicas — que surgem dos “enrolados”, ou seja, de suas experiências sensoriais com papéis coloridos, e fotografias — que registram a paisagem do Retiro das Pedras, onde ela construiu sua casa e seu ateliê.

A artista usa uma diversidade de técnicas para se expressar (desenhos, pinturas, aquarelas, colagens, litografias, tapeçarias, pinturas em azulejos, fotografias, esculturas, textos em livros e *blogs*), mostrando uma visão panorâmica da riqueza de sua obra, que evidenciam a potência de sua criatividade artística, bem como de suas reflexões sobre arte, educação e espiritualidade.

Há uma unidade em toda essa diversidade, com a recusa de se deixar levar pelos apelos do mercado, e o compromisso com a verdade, a intuição e o *dharma* da artista, que a conduziram por caminhos variados. O fio condutor da obra está na busca de uma essência (imaterial, intangível, abstrata e espiritual) a partir das aparências (figurativas, físicas, materiais, visíveis aos olhos). Há o compromisso da vida com a arte e da arte com a educação.

Maria Helena Andrés considera a arte como um caminho para o desenvolvimento e evolução humana. Estende a arte à vida, busca a transcendência e a integração planetária e cósmica. Fiel a esses princípios, percorre vários caminhos geográficos, estéticos, artísticos e filosóficos. A unidade se expressa em suas obras visuais e em seus textos escritos, nos quais ela manifesta o que percebe em seu tempo, percepção essa que nos apresenta pelas suas reflexões sobre arte.

Marília Andrés Ribeiro e  
Maurício Andrés Ribeiro

Fevereiro de 2021

# 1 A vida de Artista



## O CAMINHO

Comecei a estudar pintura muito cedo, ainda adolescente. Desenhava retratos e caricaturas de meus familiares nas festas de aniversário. Uma irmã do Colégio Sacré-Coeur de Marie chamou um dia meus pais e recomendou: “Esta menina precisa estudar pintura”. Entrei para o curso de Carlos Chambelland, no Rio, onde tive uma formação acadêmica, copiando modelos de gessos e modelos vivos. Em 1944, quando Alberto da Veiga Guignard foi convidado pelo então prefeito Juscelino Kubitscheck para liderar a Escola do Parque Municipal em Belo Horizonte, fui uma das primeiras a me inscrever no curso.

Guignard significou para mim a abertura para o novo, o despertar da minha energia de criatividade. Precisava largar a iniciação acadêmica e partir em busca de maior liberdade dentro da arte. Encontrei-a no convívio com os colegas, no ambiente do Parque Municipal, na poesia da natureza. Guignard abria a percepção e a sensibilidade dos alunos mostrando anjos e guerreiros nos muros velhos, mandalas nas águas do lago, e as formas abstratas que se formavam nas nuvens.

“Reparem os céus de Minas Gerais, são de um azul metálico, brilhante...” Assim íamos seguindo o mestre, e nos desenvolvemos à luz do seu entusiasmo. Abrir a percepção, descobrir a peculiaridade de cada aluno; estes, seu lema constante. Guignard tinha como assistente Edith Bhering, sua ex-aluna, vinda do Rio.

Entre os colegas que participaram dessa primeira turma, estavam artistas conceituados na arte brasileira, tais como, Mário Silésio, Amílcar de Castro, Solange Botelho, Marília Gianetti, Mary Vieira, Holmes Neves, Chanina, Wilde Lacerda, Nelly Frade, Ione Fonseca e Célia Laborne (hoje conhecida como jornalista).

Permaneci na Escola Guignard somente três anos. Em 1947, casei-me com o médico Dr. Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira, e, apesar de ter uma vida de dona de casa e mãe de seis filhos, nunca parei de me dedicar à arte. Enquanto meu marido estudava e fazia concursos, constituindo sua carreira médica, eu elaborava também a minha como artista plástica.

1 de abril de 2009

## PRIMEIRAS VIAGENS PARA ENTRE RIOS: MEU ATELIER RURAL

Na década de 1950, para chegarmos a Entre Rios de Minas, tínhamos de tomar um trem. Com as crianças ainda pequenas, eu me ajeitava no vagão carregando malas e mamadeiras. A contemplação da paisagem, o barulho das rodas nos trilhos, o apito nas curvas e o cheiro de fumaça embalavam os passageiros. Alguns chegavam até a dormir.

Lá fora as cenas se sucediam com rapidez, verdes e mais verdes, gado pastando na relva, casinhas, igrejinhas, um verdadeiro presépio em movimento. Depois de uma hora, descíamos em Jeceaba. Ali o Chico Marzano nos aguardava de jardineira e, durante a viagem até Entre Rios, já estávamos sabendo das novidades.

Na cidade, em frente ao casarão, os cavalos já nos esperavam para uma nova jornada. Tínhamos de trocar de roupas, tirá-las das malas e ajeitar nos picuás. Alguns pertences poderiam ser colocados a tiracolo, nos embornais.

Lembro-me da primeira vez que viajei a cavalo para a fazenda. Levei um tombo e virei notícia na cidade. Mais tarde, inaugurada a estrada de rodagem, íamos de Belo Horizonte a Entre Rios dentro de uma perua: seguia a família com latas de leite, sacos de laranjas... as crianças cantavam o tempo todo.

Eu levava um bloquinho e ia desenhando os postes de luz cortando a paisagem com suas estruturas metálicas. Uma nova série de desenhos e pinturas nasceu daquelas viagens pelas estradas de Minas. As *Cidades iluminadas*, que hoje figuram nos museus e colecionadores, tiveram suas origens naqueles desenhos rabiscados em blocos de rascunho, nos quais a estrutura dos postes era uma constante. Na fazenda da Barrinha, organizamos um ateliê de pintura. Quadros enormes ali foram feitos.

Durante essas temporadas, longe da agitação da cidade, eu tinha tempo para estudar. Aproveitava o silêncio para ler e escrever. Naquela época, eu já me interessava pelo lado interno da arte, aliando o conhecimento teórico à experiência de vida. Buscava analisar o fenômeno artístico apoiando-me em críticos, filósofos e pensadores. Os primeiros estudos do livro *Vivência e Arte* foram incentivados por minha cunhada Lourdes Andrés Resende. Líamos juntas e discutíamos o pensamento de Jacques Maritain, Tristão de Athayde, Maurice Dennis, Mário Pedrosa, D. Marcos Barboza, Rainer Maria Rilke e muitos outros. O livro, que foi prefaciado por Alceu Amoroso Lima e editado pela Agir Editora, no Rio de Janeiro, foi feito ali, na região do Campo das Vertentes. O quadro *Casamento na Roça*, pintado nesse período, testemunha os costumes regionais.

Mais tarde, em 2004, surgiu em Entre Rios de Minas o IMHA (Instituto Maria Helena Andrés), com a finalidade de proporcionar à população o despertar de novos valores e o resgate

das antigas tradições. Através dele, foram realizados três Festivais de Inverno, que divulgaram a arte contemporânea e estimularam novas vocações no campo das artes.

O Campo das Vertentes cresceu culturalmente. Novas ONGS foram criadas e as manifestações folclóricas da região tiveram maior visibilidade.

Em 2009, devido à crise econômica global, o festival não aconteceu. No entanto, a população se organizou espontaneamente, criando um “Mutirão de Arte”.

5 de agosto de 2009

## POSTES DE LUZ

Quando eu era menina, gostava de soltar papagaios na rua. Era um prazer vê-los subir, ganharem os céus, seguirem o vento, sustentarem-se no ar. Fazíamos nós mesmos os papagaios de papel de seda e a disputa entre os amigos era ver quem chegava mais longe, mais perto do céu.

Mas, os postes e fios elétricos significavam sempre a morte dos papagaios. Impossível salvá-los das correntes elétricas: também havia o perigo de puxá-los. Restava apenas assistir à sua decomposição no tempo, as cores desbotando com a chuva, as caudas sendo arrancadas pelo vento. Esse foi o meu primeiro contato com os postes da CEMIG.

Depois, eles voltaram insistentemente nos meus desenhos, assumindo significados diferentes de acordo com a vivência do momento. Vieram de longe, acompanhando o meu caminho na arte. Significavam a cruz da Via Sacra, a forca de Tiradentes, a guilhotina da Revolução Francesa. Receberam cores nas *Cidades Iluminadas* e nos *Barcos*, morreram na minha fase de *Guerra*.

Em outro painel, realizado para um grupo escolar no bairro Céu Azul, em Belo Horizonte, os postes ganharam um significado lúdico. Transformaram-se em torres e castelos. Parecem pagodes chineses, lanternas iluminadas.

As histórias da infância estão sempre exercendo um efeito mágico sobre minha arte. Relacionei o conteúdo do painel com as mil e uma noites e ele saiu espontâneo e descondicionado. Não existe separatividade entre o que ficou marcado na infância e o que estamos vivenciando no presente. Arte e vida estão ligadas no eterno agora.

19 de novembro de 2019

## MEMÓRIAS DE PRÊMIOS

Antigamente, os artistas faziam suas carreiras participando de Salões e Bienais. Enviavam seus trabalhos, que teriam de ser submetidos a um júri nacional ou internacional, como nas primeiras Bienais de São Paulo.

No momento, recordo a minha participação, no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, quando comecei a minha carreira, aos 18 anos. Revejo a minha alegria e surpresa ao me ver incluída entre artistas do Rio, São Paulo e outros estados do Brasil, com a confirmação de que eu estava andando para a frente.

Na minha fase figurativa, eu fazia retratos, solicitando às pessoas da família ou às empregadas da casa para servirem de modelo. O tema de retratos foi uma constante.

Às vezes o meu nome saía nos jornais do Rio:

— “Tem caráter, fala, a *Portuguesa* de Maria Helena”.

Guardei essa frase na memória, porque me senti prestigiada com a crítica e a Menção Honrosa recebida. Fiquei com a memória, porque o quadro foi doado a quem posou para mim, a lavadeira de minha casa... Em geral, os retratos não ficam com a gente.

Assim, fui percorrendo o caminho da arte, tentando sempre participar dos salões de Minas e do Rio.

Teria de afrontar um júri que poderia tranquilamente me recusar, mas foi com essa disposição de transpor obstáculos que mantive aceso o meu caminho. Uma conquista, um recuo, um passo à frente, e a volta para casa, já projetando ganhar mais espaço no difícil universo das artes.

E eu fui vivendo a minha vida de dona de casa, mãe de seis filhos e a vida profissional. O importante era não parar.

Hoje vou relatar dois fatos de prêmios de viagem.

O primeiro foi no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio.

Eu estava na minha fase construtiva, mergulhada na rigidez dos quadrados coloridos e nas linhas paralelas. Os quadros saíam do meu ateliê da Rua Santa Rita Durão, situado num barracão de fundo.

Dali eu podia pintar e ao mesmo tempo, pela janela, ver as crianças brincando entre as árvores do meu fundo de quintal. Ali, consegui realizar a minha série concretista que começou a ser vista no Salão de Arte Moderna do Rio e nas Bienais de São Paulo.

Mario Pedrosa me visitava em Belo Horizonte, dava força para eu seguir adiante. Sempre

vinha ao meu estúdio acompanhado de Franz Weissmann, meu amigo e colega.

Um dia, depois de enviar duas telas para o Rio, onde estiveram expostas no Salão, recebi um telefonema de Weissmann.

— “Maria Helena, você é forte candidata ao *Prêmio de Viagem à Europa*, mas querem saber se você está em condições de viajar. É uma candidata muito forte “.

Naquele momento eu não hesitei e agradei:

— “Pode dizer à Comissão Julgadora que não posso viajar e me afastar por dois anos de minha família”.

Assim, desisti do *Prêmio de Viagem à Europa*, tão ambicionado por todos!

Na década de 1960, eu estava como professora da Escola Guignard, atuando na área do ensino de arte e ao mesmo tempo participando de Salões.

Naquela ocasião, recebi um convite para visitar os Estados Unidos, num programa de *Leaders and Specialists*. Eu teria de me ausentar do país por quatro meses. Pretendia recusar novamente a oportunidade de viajar, mas meu marido, Luiz, me deu a maior força.

— “Você recebeu um convite, não vai recusá-lo. Essa viagem é importante para a sua carreira; pode deixar que eu cuido das crianças”.

Saí, então, do Brasil por alguns meses, deixando uma família para trás, muito bem cuidada por meu marido e os parentes.

Foi difícil decidir, mas acabou sendo uma lição de vida muito importante para todos nós. Meus quadros sofreram mudanças. Houve uma transformação gradativa das *Cidades Iluminadas*, construtivas, para uma pintura mais livre, gestual, que deu início à fase *Barcos*, referente a essa minha primeira viagem para o exterior.

18 de outubro de 2020



## **DO CARRO DE BOI AO COMPUTADOR**

Residindo longe do eixo Rio-São Paulo, onde aconteciam os eventos, eu me expressava, nos anos 50, dentro do construtivismo de maneira própria. Ia todos os fins de semana para a fazenda do meu sogro em Entre Rios de Minas. Ali desenhava cenas da vida rural, buscando a simplificação da figura como uma necessidade interior de disciplina e concentração. Suprimir detalhes, valorizar a cor chapada pura, sem nuances, eram para mim também uma busca espiritual da essência da forma, síntese espontânea, intuitiva, conquistada com o exercício constante e ininterrupto do desenho. Os pequenos desenhos desse tempo foram guardados em pastas diferentes, de acordo com o destino que poderiam ter mais tarde, na pintura, na escultura ou na arte aplicada.

Hoje, aqueles desenhos estão sendo tridimensionados com o auxílio do computador pela arquiteta Elena Andrés Valle, e depois transformados em esculturas de ferro, sob a orientação do arquiteto Alen Roscoe e do engenheiro Paulo Mendes dos Santos. Essa série, que denomino pré-concretista, foi um percurso do figurativo ao abstrato e está possibilitando, no presente, uma caminhada em direção a outros espaços.

23 de agosto de 2015

## MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA: TERRA, ÁGUA, FOGO, AR E ÉTER

Em todos esses anos de arte, pude constatar várias fases, partindo da realidade exterior para o interior do imaginário, do desconhecido. Vivenciei, ao longo de minha carreira artística, os cinco elementos da matéria: terra, água, fogo, ar e éter.

A fase da Terra começou com temas do cotidiano, meu mundo de família, crianças, cenas da fazenda, paisagens de Belo Horizonte, quase tudo dentro de certo lirismo herdado de Guignard. Saía para o campo munida de pranchetas e aquarelas, a fim de captar diretamente da natureza sugestões para a minha pintura. Os filhos estavam em volta, também desenhando; meu marido ajudava-me no preparo das telas. Considero pertencente a etapa, também os quadros concretistas que da *Cidades iluminadas* e aqueles que têm uma referência a temas bíblicos, inclusive o símbolo da cruz.

A Terra cedeu lugar à Água, mas o símbolo da cruz ainda continuou nos mastros dos veleiros. A forma já não era estática e geométrica, sugeria movimento e transparências. Os veleiros anunciaram-me as primeiras viagens internacionais, uma necessidade de conhecer o mundo, de conscientizar-me de novos caminhos, novas experiências...

Conheci nos EUA um grupo da *action painting*. Experimentei a espontaneidade da pintura gestual, ligada ao Zen budismo, a forma direta de se perceber o “aqui e agora”.

O terceiro elemento da matéria explodiu em 1965, na fase *Guerra*, representando a destruição e a purificação pelo Fogo para atingir novos planos, mais elevados. Os mastros dos navios tornaram-se agressivos, pontiagudos, e esse ciclo, em preto e branco, motivado pela tensão política da época, durou um ano. Foi uma denúncia à violência, à opressão, ao medo. Daí veio a necessidade de paz, a própria agressividade da guerra influenciando as primeiras madonas, em um retorno ao barroco de Minas Gerais. As primeiras madonas eram agressivas, guerreiras, para depois tomarem a direção dos céus, anunciando a fase dos astronautas. As madonas barrocas, ligadas à nossa tradição, foram uma porta entre a terra e o céu, entre a guerra e a paz. Elas me conduziram para estradas.

O Ar se manifestou em 1966 com a série de naves interplanetárias. Veio a conquista do espaço, a tecnologia humana vencendo as barreiras e desvendando o cosmos. Os quadros dessa fase chegaram ao Rio, numa exposição no Copacabana Palace, ao mesmo tempo em que o homem pisava na Lua pela primeira vez.

O quinto elemento, o Éter, é representado com a forma circular da Mandala, que, em termos orientais, corresponde a uma necessidade de integração, de criação de uma *gestalt*, uma forma inteira, em que todos os lados são iguais. Foi quando comecei a me interessar pelas

filosofias orientais e por estudos comparativos entre as culturas do Oriente e do Ocidente.

12 de agosto de 2009

## ARTE E VIDA

As artes plásticas possibilitam uma reflexão sobre o que motivou determinado impulso inconsciente, e nos fez seguir determinada direção. Cada artista tem seu próprio caminho. Cada ser humano tem seu próprio processo. Reconhecê-lo em seu próprio fazer artístico é anexar arte à vida.

É necessário estar aberto, receptivo. Então o que já existe dentro de nós poderá vir à tona. Proporcionar essa abertura para o novo, é tarefa do educador.

Guignard foi, antes de tudo, um grande educador.

O encontro com ele nos possibilitou um descondicionamento das fórmulas acadêmicas. Todos os alunos receberam da mesma fonte, mas cada um seguiu uma direção diferente.

Dar livre curso à emoção através da cor e, ao mesmo tempo, disciplinar a mente com o exercício do lápis duro foram as tarefas iniciais exigidas pelo mestre.

Havia incentivo, entusiasmo. Havia cooperação e ajuda mútua. Havia estímulo e apoio às ideias novas. As tendências afloraram sob os diversos tipos psicológicos dos alunos. Alguns continuaram pintores, outros se tornaram gravadores, escultores, decoradores, jornalistas e escritores.

Hoje a arte se estende à vida em todas as situações.

Escolhi a pintura e o desenho seguindo uma complementação mútua de cor, transparência, linha, textura. Os livros vieram da necessidade de dar testemunho e também de estimular outros artistas a fazerem o mesmo: refletirem sobre sua escolha pessoal, conscientizarem-se de seu processo. Cada um descobrirá o seu no momento adequado. Arte é autodescoberta e autoconhecimento.

11 de agosto de 2015

## ARTE, REFLEXO DA VIDA

O Brasil, desde 1964, se encontrava sob a ditadura militar. Jovens eram presos, torturados e mortos; ativistas se autoexilavam, obras de arte eram censuradas.

A fase *Guerra* nasceu do impacto provocado por essas experiências de vida aqui e nos Estados Unidos, com sua mobilização contra os ataques nucleares.

As estruturas que sustentavam a composição dos quadros tornaram-se mais fortes e agressivas; as transparências, menos líricas. Predominou o desenho em preto e branco, às vezes com ligeiro colorido.

Troquei o carvão pela aguada e aumentei o tamanho dos desenhos. Os traços foram estruturados com pedaços de isopor, que eu molhava no guache ou na tinta plástica, substituindo o pincel. Este me pareceu criar uma distância entre a mão e o desenho. Necessitava de uma certa velocidade emocional que, muitas vezes, se perdia... As aguadas foram feitas com uma esponja retangular, usando maior ou menor quantidade de tinta para modular as sombras. Entre os mastros e escombros, procurei sugerir a figura humana.

*Guerra* foi exposta na Bienal de São Paulo, bem como em Washington, DC; Paris e Roma.

A fase *Espacial* trouxe novamente o lirismo à minha arte. Entre a guerra e a paz, pintei madonas barrocas que me levaram a uma direção menos trágica e me devolveram a cor.

Desde 1966 comecei a pesquisar o tema fascinante da conquista do espaço, imaginando as futuras viagens; sonho que se transportou dos barcos para as naves interplanetárias.

Da pintura a óleo passei para o acrílico, material mais adequado aos artistas que trabalham com transparências e nuances.

Preparo as telas com liquitex, gesso sobre linho e continuo substituindo os pincéis por outros materiais mais diretos, tais como estopa, esponja, pedaços de isopor etc.

12 de setembro de 2016

## NOVAS DESCOBERTAS NO MEU CAMINHO

Quando voltei ao Brasil vindo dos Estados Unidos, em 1961, a arte abstrata levantava bandeiras na Bienal de São Paulo, com o grande prêmio dado a Manabu Mabe. Eu trouxera dos americanos uma bagagem de impressões e vivências marcantes que definiam direções para o meu trabalho. Naquele mesmo ano, havia sido convidada a apresentar uma sala especial na Bienal, com desenhos em papel veludo, sugerindo veleiros. Voltara da viagem com quatro exposições individuais no meu currículo, e uma acolhida amistosa pelos dirigentes de museus e galerias. A Bienal significava a abertura para a fusão oriente-ocidente através da linguagem artística. Passei um mês em São Paulo percorrendo a Bienal. Parava diante dos quadros do japonês Tessai, estudando sua vida e sua obra.

Ele, de certo modo, significava para mim o gosto pelas viagens, a aventura de percorrer muitas cidades, conhecer pessoas, falar línguas diferentes. Significava a emoção da pintura, a necessidade de expressar e também a reflexão, o silêncio e o vazio. Na pintura japonesa, o vazio é necessário como é necessário o vazio para chegarmos à paz.

Tessai percorrera 10.000 milhas andando a pé pelo Japão e lera 10.000 livros. Sua pintura refletia algo mais que uma simples exposição emocional, mas convidava ao silêncio, à meditação.

Agora, revendo os meus passos, posso assegurar que esse pintor japonês foi realmente o grande exemplo que precisava encontrar naquele momento. Atualmente, minhas andanças pelas montanhas vão descobrindo, em Minas, as paisagens do Japão.

1 de fevereiro de 2016

## **FASES BARCOS, GUERRA E ESPACIAL**

Descobri em meus arquivos de 1969 algumas anotações sobre o processo que me conduziu dos barcos às naves espaciais.

O ciclo dos *Barcos* teve início em 1959, antes da minha viagem de quatro meses aos EUA. Os barcos, que têm sido uma constante em minha arte, começaram nos desenhos a bico de pena, ainda na fase abstrata geométrica. Mais tarde, parti para uma experiência em papel veludo, usando o *crayon conté*. Comecei a pesquisar transparências, valores de claro e escuro, nuances equilibradas dentro de uma estrutura que se firmava nos mastros. Para conseguir transparências mais sensíveis, graduava a intensidade das sombras, colocando o papel sobre uma tela que me permitia maior flexibilidade. Os barcos, considerados por crítico americano como “a imaginação em movimento”, marcaram de certo modo essa procura constante do movimento e da tensão espacial. Apesar das transparências e passagens atmosféricas, não podiam fugir a uma estrutura. Talvez por isso mesmo escolhi os veleiros, pela disposição que os mastros proporcionavam.

Quando eu estava nos EUA em 1961, em viagem de estudos, o país estava sendo mobilizado para uma invasão. Havia instruções nos hotéis, nas TVs e rádios de como proceder em caso de ataque atômico. A fase *Guerra* sofreu influência desse impacto. As estruturas são mais fortes e agressivas, as transparências menos líricas. A sugestão de mastros ainda continua e a figura humana começa a aparecer cheia de tragédia.

Em 1968, as conquistas espaciais começaram a me fascinar e minha pintura, sendo uma evolução, modificou-se, antecipando os últimos acontecimentos que movimentaram o mundo: os primeiros passos do homem na lua e a sua volta à terra. Deixei o tema de guerra, um protesto contra a destruição e a violência, para me empenhar imaginariamente na direção da lua e das estrelas, compondo as plataformas espaciais, os foguetes e as naves tripuladas, que conduziam homens, mulheres, máquinas, fábricas, cidades, para mundos inexplorados. Existia a necessidade de um colorido mais alegre do que nas telas anteriores, e do brilho às vezes metálico, às vezes transparente dos engenhos voadores. As figuras humanas, pequeninas, marcavam a monumentalidade das máquinas. Eram sugeridas ora dentro das janelas, ora através de filmagens. Refletores, faróis, investigavam o espaço, procurando novos rumos para o pouso final. As cores eram vivas, transparentes, e o dinamismo era uma constante.

No último quadro, pintado um mês antes da chegada do homem à lua, a figura de um astronauta saía da cápsula. Mais tarde, admirada, confirmei pela TV alguns aspectos do que já imaginara em 1966. O artista muitas vezes antecipa os fatos, prevê situações. Identificando-se com o fantástico, cria símbolos que só depois, com o correr do tempo, se realizam.

Os quadros da fase *Espacial* foram uma consequência de intuições, identificações e pressentimentos, mas também toda uma pesquisa iniciada 10 anos antes, quando, ainda em papel veludo, desenhava meus barcos.

No meu processo de trabalho, sempre escolhi temas sensíveis, comuns a toda uma coletividade, e neles procurei inspiração para meus quadros.

5 de setembro de 2020



## **ALVORADA VERMELHA**

O quadro *Alvorada Vermelha* foi criado logo pós a minha viagem aos Estados Unidos, e simboliza o clima bélico que se espalhou pela América do Norte até a do Sul.

Viajei no auge da guerra fria, quando a ameaça da bomba atômica assustava os americanos. Naquela viagem, assisti a um treino de guerra em Nova York. O impacto de uma guerra atômica é terrível; a gente sente a morte de perto.

Hoje, com o coronavírus, a morte continua a amedrontar. Os artistas, de modo geral, são pessoas mais sensíveis a essas vibrações que se espalham pelo mundo.

Eu cheguei nos Estados Unidos com meus *Barcos*, desenhos líricos, em papel veludo. Ali fiz quatro exposições, com muito sucesso. Tive contato com grupos ligados à *action painting* e fiz um curso em Nova York na escola *Art Student League*, com o professor Theodoros Stamos. Conheci artistas ligados ao zen-budismo e pude perceber a espontaneidade do “aqui e agora” na arte, bem como a importância da arte como forma de meditação.

Voltando ao Brasil, retomei a pintura, e o *Alvorada Vermelha* marcou o início de uma nova etapa, uma denúncia à violência e à guerra. Nos Estados Unidos, a guerra fria; no Brasil, a tortura e a morte nas prisões da ditadura. Por isso mesmo o quadro é um símbolo daquela época.

*Alvorada Vermelha* é um ponto de mutação. Não somente na sua temática explosiva como em sua técnica, já com o acrílico substituindo o óleo, que estava sendo introduzida nos Estados Unidos. A tinta acrílica possibilita maior leveza, uma semelhança com a aquarela.

O quadro foi criado em 1968, sob um clima de grande tensão no planeta. Eu me lembro de pintar, na ocasião, com pedaços de esponja e de isopor rasgados. Era necessário um contato direto da minha mão com a tela, o que o pincel parecia não me oferecer. No momento da criação usamos de recursos imaginados na hora.

Essa tela significou uma mudança no meu processo. As cores vermelho e preto teriam que falar por elas mesmas, sem recursos literários. E assim foi. Ela já participou de uma Sala Especial na Bienal de São Paulo, denominada *Arte abstrata efeito Bienal*, organizada por Cassimiro Xavier, crítico de arte. Hoje, esse quadro está em Lisboa, na casa de Antônio Eugênio de Salles Coelho e Renata Guerra.

Atualmente, essa obra tem servido de inspiração para várias releituras. Que a sua denúncia à guerra e à opressão seja compreendida por todos, é o que desejo. Que esteja em boas mãos.

13 de setembro de 2020

## MUTAÇÕES NA ARTE

Minha pintura, desde 1960, quando deixei a fase geométrica das *Cidades Iluminadas*, caracterizou-se pelo dinamismo e a transparência. A estrutura era feita de traços negros, que constituíam o arcabouço da composição. Havia a necessidade das passagens atmosféricas, mas também alguma coisa que as sustentassem no espaço. E assim escolhi os veleiros porque tinham mastros, correntes e canhões, elementos agressivos e decisivos para compor guerras e formas metálicas das naves espaciais.

Minha pintura daquela época não era apenas cósmica, não figurava galáxias ou estrelas. Colocava no espaço objetos estranhos, naves tripuladas, aviões supersônicos, foguetes lunares. Naquele momento, eu pintava comunicações no cosmos, projeções espaciais, o cinema e a TV no espaço, a fuga para os planetas mais próximos, os passeios e as viagens do futuro.

Quando, em 1965, introduzi a colagem em meus quadros, já procurava esse contraste do espaço fluido, cortado por um objeto quase sempre brilhante ou transparente. As primeiras ainda pertenciam à fase *Guerra* e sugeriam a dramaticidade necessária ao tema. Eram correntes, rodas, sempre um pequeno toque de colagem, apenas para dar um impacto novo à composição.

Mas nem sempre usava colagens. Poderia obter o mesmo resultado pintando algum objeto estranho, um farol, por exemplo. Muitos dos quadros expostos em 1969 no Rio foram pintados numa fazenda, distante duas horas de Belo Horizonte, lugar onde era possível me concentrar um pouco e ver as estrelas brilharem no escuro com maior intensidade, perceber os satélites artificiais cortando a noite e sonhar com algum disco voador pousando na várzea. Mas, apesar de desejar muito, nunca cheguei a ver nenhum disco.

19 de setembro de 2016

## A CONQUISTA DO ESPAÇO

A sonda norte americana Voyager 1, lançada em 5 de setembro de 1977, entra em um mundo até agora inexplorado, ultrapassando os limites do nosso Sistema Solar. Faz 35 anos que ela deixou a Terra, e a mais de 18 bilhões de km de nosso planeta. A Voyager 1 está prestes a se tornar o primeiro objeto de fabricação humana a ultrapassar esse limite e alcançar o espaço interestelar. Carrega um disco chamado 'Voyager Golden Record' contendo imagens e sons representativos da história de nosso mundo: um gráfico com a posição da Terra no espaço, a estrutura do DNA, sons de animais, uma seleção musical e ainda mensagens em 55 línguas diferentes. (Jornal Hoje em Dia, 6/9/2012).

Relembro a minha fase de pintura espacial, realizada nos fins da década de 60, em meu ateliê em Belo Horizonte. Em 1969, quando Neil Armstrong pisou na lua pela primeira vez, eu inaugurava uma exposição desses quadros no Rio de Janeiro. A semelhança das fotos publicadas pela mídia celebrando o evento com meus quadros espaciais despertou a atenção de jornalistas que foram me entrevistar sobre aquela coincidência.

Transcrevo algumas críticas sobre a minha fase *Espacial*:

O artista é o grande pioneiro, como sempre foi, da conquista universal. Quantas vezes descemos em Vênus com um poema? Quantas atmosferas foram criadas com a matéria pictórica, quantos azuis transpassados. E tudo num ato de amor, num voo, num desejo panorâmico de ver, conhecer e habitar de felicidade. Um destes artistas é a mineira Maria Helena Andrés, que exporá dia 5 na Galeria do Copacabana Palace, e que marca a primeira exposição de temas interplanetários. (Walmir Ayala. *Os engenhos voadores*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1969).

Maria Helena Andrés, sobretudo em suas grandes telas, com domínio perfeito da técnica, espatulada, organizada e rítmica, obtém efeitos de grande beleza cromática. São aparentes suas referências dramático-poéticas de naves naufragadas ou aviões estraçalhados no espaço. (Aracy Amaral, São Paulo, 1968).

Maria Helena Andrés andou sempre adiantada em sua época, desenhando, pintando, escrevendo coisas que sequer seus contemporâneos pensariam ou acreditariam, tais como suas naves e viagens interplanetárias. Dessas viagens pelo onírico às viagens reais pelo mundo, levou e trouxe conhecimentos que, numa troca de valores, consolidaram sua estatura de intelectual e artista, e uma filosofia de vida singular. Tem lugar definido nas

artes plásticas do nosso país e é orgulho de todos nós. (Mari' Stella Tristão. Estado de Minas, Belo Horizonte, 1988).

Por volta de 1964, Maria Helena Andrés, fundindo o significado simbólico das embarcações com chamamentos diretos da contemporaneidade, passou a figurar, na mesma crescente diluição quase abstrata, máquinas voadoras num universo de sonho e luminosidades metálicas. (Roberto Pontual. *Maria Helena Andrés, Arte /Brasil/Hoje/ 50 anos depois*. Rio de Janeiro, 1973).

Há muito familiarizada com os temas que sugerem caminhadas espaciais e aeronaves passeando o céu, a artista obtém na monumentalidade mural, um extraordinário efeito. Sobre uma imensa superfície azul repousa uma viagem. O percurso taticamente mantido sem insinuações explícitas, estabelece a possibilidade vital do voo criativo. O público caminhará à esteira do sonho. (Celma Alvim, *Maria Helena Andrés. Pinturas*. Sala Manoel da Costa Athaíde, Museu da Inconfidência, Ouro Preto, 1988).

Há uma longa fase de sua pintura em que os barcos, navios se tornaram bastante visíveis. Depois, por volta de 1964, ela passou a figurar máquinas voadoras hoje cristalizadas numa pintura que se pode chamar de 'figuração científica', pois refletem a preocupação da artista pelos últimos acontecimentos da 'era espacial': os cosmonautas chegando à lua. Toda esta pintura reflete um temperamento sonhador, talvez um tanto romântico, com projeção de estados oníricos. (Márcio Sampaio. *Maria Helena Andrés: Arte vivida dia a dia, Revista Minas Gerais - Ano 1, n. 1*, Belo Horizonte, março-abril de 1969).

7 de setembro de 2012

## TAPEÇARIAS E MURAIIS

Aqui um texto que escrevi em 1969, sobre tapeçarias e murais:

Quando, em agosto deste ano, realizei na Galeria do Copacabana Palace uma exposição de pinturas da fase interplanetária, outra série de meus trabalhos já se elaborava no Rio, numa rua de Botafogo, entregue a uma equipe de artesãs. Ao mesmo tempo em que eu pintava e expunha a série de astronautas, outras mãos trabalhavam em meus tapetes.

Os 12 tapetes serão expostos em Belo Horizonte em 6 de outubro, na Galeria Guignard. Há dois anos projetei uma série de pequenos estudos sobre os barqueiros do São Francisco, tendo como finalidade a execução de um mural. No entanto, não tendo podido fazer o trabalho, guardei os estudos em meus arquivos, para algum tempo mais tarde entregá-los ao *Artesanato da Providência*, dirigido por Maria Ângela Magalhães e Gilda Carneiro. Seria a oportunidade de ver realizado o que eu planejava para o mural, mas que não pudera executar.

Encontrei nesse artesanato a possibilidade de dar sequência ao meu estilo de arte, contribuindo até para maior enriquecimento com os recursos próprios da tapeçaria. Nuances e transparências não precisavam ser suprimidas e poderiam ser sugeridas com lãs de vários matizes e a mistura de materiais novos. Acompanhei o trabalho vindo ao Rio todos os meses, mas deixando à orientadora de meus estudos, Maria Ângela, a iniciativa de criar pontos e inventar recursos novos dentro do *métier*.

A pintura individualista, criada e executada por uma só pessoa, vem sendo substituída nesses últimos tempos, pelas equipes de arte com um responsável e vários colaboradores. É necessário, no entanto, que essas equipes sejam bem entrosadas, que haja a adequação perfeita das mãos que executam com aquelas que criam o projeto. Dentro desse esquema, a criatividade é distribuída e reforçada para que se possa fazer alguma coisa de maior vulto, com a responsabilidade dividida entre vários.

Meus cartões são desenhados em pastel sobre papel veludo, permitindo imaginar o efeito a ser conseguido no aveludado das lãs. Orientadas por Maria Ângela, as artesãs transformam o projeto em tapeçaria.

A tapeçaria e a pintura mural têm raízes comuns. Ambas exigem certa monumentalidade, a captação de um conjunto global concentrado em determinado espaço. Portanto, quanto maior e mais muralística, mais apta estará a tapeçaria para preencher a finalidade à qual se destina, que não é simplesmente decorativa, mas visa à integração em dado conjunto arquitetônico. Daí a razão para considerar os projetos de mural mais adequados para a tapeçaria do que os estudos para um

quadro. O mural exige um pouco de reflexão, o exame detalhado de cada espaço, de cada forma. A espontaneidade tem de ser corrigida e orientada pela inteligência. A grandiosidade imposta pelo mural não é a simples ampliação de figuras ou cenas, e sim a visão global de determinada ideia, a síntese de um conjunto. A tapeçaria pode ambicionar também essa conquista, pois não é somente arte decorativa, mas deve expandir-se a campos mais amplos.

Pretendo conduzir meus tapetes ao mesmo destino do mural. Acho que é um caminho sério, os recursos são grandes, possibilitando maior enriquecimento daquilo que imaginei um dia num simples cartão colorido.

14 de dezembro de 2015

## HOMENAGEM A MARIA ÂNGELA MAGALHÃES

Maria Ângela Magalhães foi uma grande amiga que tive a felicidade de conhecer em vida. Éramos primas duas vezes e tínhamos grande afinidade não só na arte como na maneira de pensar.

Nos idos de 1960, experimentamos pela primeira vez uma parceria na arte. Eu desenhava pequenos projetos em pastel e ela, com sua equipe, executava a tapeçaria.

Trabalhamos juntas durante muito tempo. Ângela tinha uma sensibilidade extraordinária para transportar para o bordado o que eu desenhava no papel. As cores ganhavam formas, matizes, relevos, tudo isso realizado por bordadeiras eficientes, algumas tendo de se deslocar de Niterói até o Rio. As três tapeçarias da Igreja de Nossa Senhora de Copacabana atravessaram a Baía de Guanabara várias vezes.

Ângela marcava os pontos, tingia as lãs, ensinava os matizes e nuances. Trabalhar com ela foi, para mim, uma experiência rara. Além de sermos muito amigas, tínhamos também uma comunicação pelas sensibilidades semelhantes. Respondia positivamente ao que eu estava necessitando no momento exato. As tapeçarias de N. Senhora de Copacabana mobilizaram a minha primeira grande viagem à Índia.

Havia perdido meu marido e buscava obter recursos através do meu trabalho para me ausentar do país. Foi quando recebi um telefonema de Ângela:

— “Helena, o cardeal não concordou com o fato de você doar gratuitamente o seu trabalho. O cheque destinado a você dá para pagar a sua viagem ao oriente...”

Agradeço ao cardeal, à Ângela e às bordadeiras essa oportunidade de realizar outros trabalhos do outro lado do mundo. Foi naquela viagem que desenhei o livro *Pepedro nos caminhos da Índia*.

Transcrevo o texto de Maria Ângela Magalhães para uma exposição de tapeçaria, na Galeria Guignard, em Belo Horizonte:

As luas, os mastros, os mistérios,  
as velas que pretendem voar!  
E, no entanto, prendê-las à terra.  
Amarrá-las ao concreto e limitado da lã.  
O desenho não nasceu somente para ser tapete.  
Houve que surpreendê-lo,  
mostrando-lhe possibilidades ocultas.

E nisto a busca apaixonada  
da verdade, de cada forma,

de cada cor,  
de cada desejo.  
Percorremos, meses a fio,  
a larga estrada  
que nos levou da ambição  
do que nos propusemos,  
ao que, realmente, conseguimos.  
Dar ao desenho de Maria Helena Andrés,  
outra face,  
numa outra matéria.

11 de maio de 2009



## AS TAPEÇARIAS DE NOSSA SENHORA DE COPACABANA

Cerca de 6000 fiéis acompanharam, há alguns anos, o velório de Dom Eugênio Sales no Rio. Uma pomba branca, símbolo do Espírito Santo, pousou sobre o caixão e ficou durante toda a tarde perto do corpo. Dom Eugênio morreu tranquilamente enquanto dormia, uma morte serena de quem seguiu seu caminho ajudando os fiéis e praticando a justiça.

Durante o regime militar ele, como chefe da Igreja Católica, ajudou perseguidos e refugiados políticos a saírem do país.

Fui acompanhando pelos jornais, especialmente a Folha de São Paulo, as notícias referentes a Dom Eugênio e relembro a sua atuação justa e coerente diante de outros fatos, não políticos.

Na década de 1970, recebi a encomenda de três tapeçaria para a Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto era de grande responsabilidade e eu, como artista, me empenhei de corpo e alma na sua realização. As tapeçarias foram executadas no Rio por minha prima, Maria Ângela Magalhães, que ali dirigia um artesanato da mais alta qualidade. Maria Ângela, com seu talento artístico, interpretava os transformando a técnica do pastel no bordado. Ela mesma tingia as lãs e orientava as bordadeiras. As tapeçarias da Igreja eram enormes, duas para a nave principal e outra, também monumental, para a capela ao lado. Tudo isso foi feito com muito amor e dedicação. Resolvi não cobrar da Igreja: “Meus projetos são de graça!” Isto foi declarado na época, mas o cardeal, que liderava as reuniões, não concordou com a minha resolução.

— “Todos os outros artistas cobraram, esta artista precisa receber também”.

Decidiram me enviar um cheque com o valor dado pela equipe de produção. Por incrível que pareça, essa atitude do Cardeal possibilitou a minha primeira grande viagem à Índia. Naquela ocasião, eu não tinha recursos para as passagens, e foi de grande importância para mim a decisão tomada, tendo sido Dom Eugênio Sales que me deu a oportunidade de iniciar um diálogo “inter-religioso”, como sempre repito com muita gratidão.

18 de novembro de 2014

## DOIS PAINÉIS, DOIS DESTINOS

Hoje vou fazer uma comparação entre dois painéis, ambos criados no meu ateliê. Cada um seguiu seu rumo: um ficou no aeroporto e não viajou; o outro ficou em casa e correu o mundo. Todos os dois nasceram no Retiro das Pedras. Um deles, o mais antigo, de 12m x 2,5m, foi encomendado para o Aeroporto de Confins. O outro, muito menor, ficou aqui, decorando minha sala.

O primeiro era importante, assistia ao desembarque dos viajantes. O segundo esteve algum tempo no Cine Belas Artes, mas voltou para o Retiro. E aqui está até hoje. Foi filmado e levado para o *YouTube*. Hoje pode ser visto e escutado, pois ganhou música de Beethoven: *Color Sonata ...*

Agora, o pobre coitado do mais velho, encomendado para figurar no “desembarque internacional”, ali permaneceu por algum tempo, vendo os turistas aportarem... Viu gente abrindo as malas, mostrando as compras fora do Brasil.... Viu gente pagando impostos, gente assustada chegando...

O painel viu as pessoas, as pessoas não o viram. Que triste destino esse de estar fiscalizando as malas no Aeroporto Internacional!

Com a reforma do Aeroporto, o pior aconteceu. O painel que tinha 12 metros ficou reduzido a seis. Não se sabe o paradeiro das outras partes. Triste sina, pobre painel, pintado no mesmo lugar deste outro que aqui está.

O maior, muito garboso, tinha tudo para brilhar, mas por pouco tempo pôde ostentar sua grandeza... Não ganhou música, nem viajou como seu irmão menor, mais simples e mais humilde.

Atualmente o vídeo *Color Sonata*, criado por João Diniz, está viajando para qualquer lugar do mundo.

Através da internet, os dois painéis, que nasceram e foram criados no mesmo espaço, navegaram pelo mundo de forma bem diferente!

O que ficou em minha casa teve uma sorte melhor.

15 de outubro de 2018

## SEMENTES DE UM QUADRO

Nos meus painéis, o conteúdo teria de ficar presente. Para cada painel realizei uma série de estudos. Desenhos em lápis, caneta, pastel e aquarelas. Eles foram as sementes de um painel. São rabiscos com tinta de tinteiro ou de caneta BIC. Canetas preciosas que servem para tudo, até para assinar cheque.

Canetas azuis ou pretas,  
escolho a que está na bolsa.  
E vou rabiscando  
até que os desenhos apareçam.  
Eles chegam como as nuvens,  
vão surgindo devagar.  
Se não rabiscamos,  
eles vão embora.  
Tenho sementes de vários quadros,  
painéis e tapeçarias  
de grandes dimensões.  
Elas nascem  
do pequeno  
desenho rabiscado.  
Assim como nascem  
as palavras  
de um poema,  
de um artigo,  
de uma tese,  
de um discurso,  
de uma carta.  
As ideias vão surgindo  
na ponta da caneta.  
Hoje existem canetas de nanquim.  
Nada de perder tempo molhando  
as peninhas  
nos vidros de nanquim  
vindos da França.  
São pequeninas  
(como as linhas ficavam suaves...)  
As peninhas *jilots* não existem mais,  
foram condenadas  
ao esquecimento.  
Mas produziram desenhos que hoje

valem ouro.  
Naquela época,  
não valiam nada.  
Eram apenas  
uma diversão  
para ocupar o tempo  
enquanto as crianças  
dormiam.  
Hoje não existem mais.  
Acabaram.  
Viraram peça de museu.

29 de janeiro de 2018

## PAINEL EM AZULEJO NA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE EM CAETÉ

Quando Frei Rosário me procurou, em Belo Horizonte, para criar os painéis das capelas da ermida de Nossa Senhora da Piedade, eu acabava de escrever um capítulo para meu livro *Os caminhos da Arte* relacionando os hinos védicos com o canto gregoriano. Meu trabalho estava voltado para a integração do Oriente com o Ocidente através da música religiosa. Em relação aos dois painéis, Frei Rosário me trouxe indicações bíblicas que eu deveria ler para me inspirar nos temas encomendados. Era importante ler textos do Antigo e do Novo Testamento para uma informação histórica.

Na capela do Sagrado Coração de Jesus, na Ermida de Nossa Senhora da Piedade em Caeté, escolhi a forma circular da mandala, com a figura de Cristo ao centro trazendo luz e sabedoria para o mundo. Mandala significa círculo em sânscrito, e é símbolo da integração e da harmonia. Significa também a concentração de energia, o universo, a procura da paz interior. A cor azul simboliza a sabedoria de Cristo transmitida através dos séculos. Escolhi a mandala por esses conceitos universais, entendidos no Oriente como forma de meditação.

O símbolo da mandala com o Cristo no centro foi usado no Ocidente numa pequena tela de Hieronymus Bosch, hoje pertencente ao Museu do Prado, em Madrid. Ali o Cristo ilumina as pessoas para vencerem e superarem os sete pecados capitais. O psicólogo Carl Jung usou a mandala como integração final do processo de individuação do ser humano.

A figura centrada do Cristo nos faz lembrar o Cristo interno de cada um de nós e a centelha divina que a todos pertence. “O Reino dos Céus está dentro de vós”, disse-nos Jesus.

No Santuário da Serra da Piedade, a lembrança do nosso Cristo interno está representada na pequena capela, onde os devotos acendem velas e, no Natal, armam presépios. Tiramos fotos em frente ao painel, agradecendo nossa presença nesse santuário de paz e desejando a paz para todos os brasileiros e para todas as pessoas.

Na Capela do Santíssimo Sacramento ou de São José, na Ermida da Serra da Piedade, procurei seguir seu estilo barroco para dar continuidade ao todo do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, a padroeira de Minas Gerais. Lembro-me de Frei Rosário dizendo:

— “Você foi escolhida para realizar esses painéis por ser uma artista espiritualista”.

A figura de São José é representada em pé, como guardião do sacrário. Representei São José como aquele que foi designado para cuidar de Jesus e de Maria, segurando com a mão direita um bastão. Na parte de baixo, como num filme, sugiro passagens da Bíblia.

A capela de São José foi escolhida para as orações e, quando ali chegamos, freiras e fiéis estavam rezando o terço. Há bancos na frente, que imaginei serem reservados ao clero.

Diariamente as pessoas rezam diante do Santíssimo.

Quando saímos do templo e nos dirigimos ao carro, as freiras nos cercaram:

— “Você é Maria Helena, que bom a conhecer, você recebe diariamente nossas orações”.

Para mim foi importante ouvir isso. A alegria que elas tiveram ao me encontrar naquela manhã chuvosa valeu como um prêmio. Fiquei pensando no quanto a nossa arte vai se espalhando pelo mundo a fora e nas pessoas que atingimos. A arte cristã, destinada ao culto, é a forma de unir as pessoas, de trazer harmonia e paz para esse mundo tão conturbado.

Saímos de lá com a certeza de que a Nossa Senhora da Piedade, colocada na nave central e criada pelo grande artista mineiro, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, é o símbolo da nossa Minas Gerais hoje tão devastada.

A Mãe ali está, carregando Jesus em seu colo, protegendo o povo de Minas, os peregrinos que chegam, e elevando as vibrações para o alto. Está ali para dar momentos de paz para os mineiros e para todos os brasileiros.

O Santuário de Nossa Senhora da Piedade é um lugar que merece ser visitado não só por sua beleza natural, no alto das montanhas, como também pela vibração de amor e compaixão por esse povo que aqui vive e que, através de gerações, chega até a ermida e silenciosamente recebe a energia da Protetora.

18 de janeiro de 2016

## MARCO ANTONIO COELHO E O RIO DOCE

Na minha função artística às vezes costumo ilustrar livros. Não sou ilustradora, mas aceito representar os textos quando tenho muita afinidade com o que está sendo escrito. Assim, já illustrei poemas de Célia Laborne e um texto poético de Pierre Weil, viajando nas palavras e nos sonhos dos poetas.

Realizei viagens pela Índia para fazer os desenhos do livro de Aparecida Andrés, *Pepedro nos caminhos da Índia*. Outras vezes ilustro minhas próprias reflexões como o álbum *Oriente-Ocidente, integração de culturas*. A ilustração é a forma do pensamento tomar as vestes das artes plásticas, virar cor, transparência, linha.

Caminhando pelos roteiros dos livros de meu primo Marco Antonio Tavares Coelho, grande estudioso dos rios de Minas, também embarquei pelo rio das Velhas, revivi meu passado histórico até chegar ao presente. Senti também o impacto da transposição do rio São Francisco e agora, mais recentemente, colaborei com a capa do livro sobre o rio Doce. Não fiz uma nova, porque ela já foi feita há muitos anos, quando realizei uma exposição de meus quadros na Copasa.

O rio Doce já existia em minhas pinturas; era só destacar um pedacinho de determinado quadro e ali estava contida a minha versão poética do nosso rio, hoje devastado cruelmente pelas mineradoras. Marco Antonio viajou pelos caminhos de Minas, buscando incluir na nossa história a ambição da busca do minério e as consequências que ela trouxe para todo o nosso meio ambiente.

Em seu livro, Marco previa o que poderia acontecer caso alguma das represas se rompesse. Mesmo residindo em São Paulo, Marco estava sempre presente em Minas, sua terra natal.

Infelizmente, com a morte do rio, ele também se despediu do nosso planeta. No entanto, seus livros continuam mostrando a história dos rios mineiros, sua trajetória, as riquezas que eles oferecem às populações e a água que a todos beneficia.

1º de dezembro de 2015

## UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA E ARTE

Estou descansando na casa do meu filho, Maurício, em Brasília, revisitando o meu trajeto artístico. A minha primeira fase ali está, distribuída nas paredes da sala. Vejo em minha frente o primeiro barco, pintado em 1944, há 80 anos atrás!

Os anos foram passando, mas os temas dos meus quadros se repetem, transformam-se, retratam uma época feliz, as paisagens do mar, da cidade e da zona rural, uma constante em meu itinerário.

O barco simboliza viagens e eu, desde aquele tempo, já antecipava as minhas. Muitos quadros dessa primeira fase ficaram na fazenda da Barrinha, onde tive um ateliê rural nos anos 1960. Lembro-me do dia em que meu cunhado, Camil Caram, veio me entregar esse pequeno barco:

— “Esse quadro é histórico, deve ficar com um dos seus filhos”.

Realmente, ele está muito bem guardado com Maurício e Aparecida. Bem guardado e bem situado.

Logo em seguida, vem em minhas lembranças outro quadro, pintado na mesma época. É o meu quarto de solteira. Da minha janela, eu registrei a paisagem que eu via à frente, a cidade de Belo Horizonte em 1944, quando não existiam prédios altos. Vejo no quadro um pedaço do Colégio Sagrado Coração de Jesus, telhados e mais telhados, o Colégio Padre Machado, muitas árvores e o céu de Minas se estendendo sobre as casas. Eu pintava paisagens e marinhas, depois voltava para a Escola no Parque para pintar na nossa sala de aula com os alunos e alunas trabalhando. Guignard tinha uma assistente, Edith Bhering, e eu consegui retratá-la atrás de uma aluna, corrigindo um quadro. Um voo pelo passado me reconduz ao tempo em que eu frequentava a escola e estava me libertando do academismo para abraçar o modernismo.

Eu estudava na Escola Guignard quando conheci meu marido, Luiz Andrés. Ele gostava de arte, antes de me conhecer. Viu meus quadros numa exposição, onde estava em companhia de seu amigo e o professor de filosofia, padre Orlando Vilela, que naquela ocasião escrevia sobre arte. Sua obra *Realidade e Símbolo*, baseada nas ideias de Jacques Maritain, era o meu livro de cabeceira da época, bem como *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. Quando nos conhecemos, estudávamos juntos a filosofia de Maritain, assim como os poemas de Rabindranath Tagore, Paul Claudel e Murilo Mendes. Acompanhada por Luiz e sua irmã, Lourdes Resende, comecei a refletir sobre arte e espiritualidade. Dali nasceram os primeiros capítulos do meu livro *Vivência e Arte*, editado pela Agir em 1966. Naquela ocasião, eu participava de um encontro de jovens católicos chamado Grupo da Vigília, e me convidaram para fazer palestras sobre arte e



espiritualidade.

Depois de casada, passei a frequentar a fazenda do meu sogro, perto de Entre Rios de Minas. Paisagens do interior, com festas juninas, casamento na roça e vários motivos rurais vieram povoar o meu imaginário de artista.

A alegria e a descontração de uma festa junina serviu de inspiração para outro quadro, que estou vendo na mesma sala. Guignard gostava de festas juninas, balões voando pelo céu. A minha festa junina é um registro de festas populares muito comuns no interior. As crianças me acompanhavam enquanto eu pintava e algumas vezes eram incluídas nos meus quadros. Gostavam de brincar no fundo do quintal com as galinhas e os cachorros da fazenda.

Em um dos quartos há uma *Via Sacra*, que foi um projeto para a ermida da Serra da Piedade; em outro, um quadro da minha fase de astronautas.

Representando a fase construtivista, vejo nas paredes da sala uma das minhas *Cidades Iluminadas*, pintado em 1955, e que já correu Salões no Rio de Janeiro e Bienais em São Paulo. Essa fase é atualmente muito solicitada, procurada por colecionadores e *marchands*.

Olhando para outra tela, recordo a fase de astronautas, exposta no Rio de Janeiro em 1969, no mesmo dia em que o Homem pisava pela primeira vez na Lua. Fui procurada naquela ocasião por diversos jornalistas que indagavam como eu poderia ter pintado paisagens lunares muito antes de elas aparecerem na televisão. Vejo nesse quadro um foguete sendo lançado e uma nave espacial cheia de habitantes em busca de outras “Terras”. Eu ouvia incessantemente as músicas de Frank Sinatra. Um dia, cansei de tanto repetir o mesmo LP e decidi colocar o cantor dentro de uma nave espacial para cantar em outros planetas...

Na sala há também um quadro da minha fase de *Mandalas*, todo em rosa. As minhas pinturas de mandalas foram feitas para finalizar todas as fases. Mandala sempre representa um círculo em que todas as faces são iguais. É um símbolo de integração e eu estava integrando todas as minhas fases, a fim de começar a pintar em grandes espaços. Os painéis surgiram exatamente depois das mandalas. Mandala é um símbolo cósmico muito usado pelos orientais em suas meditações. Os cristãos também adotam a forma circular nos vitrais de Chartres, Notre Dame, entre outros.

Vejo aqui ainda um desenho grande, representando um veleiro. O ciclo *Barcos* durou muitos anos e me incentivou a empreender minhas viagens pelo mundo. Meus desenhos gestuais nasceram espontâneos, feitos sem nenhuma premeditação. Foram uma consequência dos meus primeiros “veleiros”, desenhados sobre papel veludo, com a quina do carvão para obter transparências. Muitas vezes, em minhas viagens, foram desenhados em cima do meu próprio

colchão de dormir ou sobre o tapete do meu quarto de hotel. Fiz uma série deles nos EUA, que continuei no Brasil, substituindo o carvão pela esponja de pedreiro ou pelo escovão da faxineira.

O meu passado foi muito prazeroso; eu sempre gostei de pintar. Pinte a vida toda, até que a tinta passou a me perturbar. Hoje faço colagens. Não preciso fazer esforço para pintar grandes espaços; reduzi o tamanho dos quadros; não uso tintas e pincéis, só a tesoura e a cola. Matisse também, depois de certa idade, passou a fazer colagens. O importante é estar sempre ocupada, sempre produzindo algo novo, ao sabor do instante. Foram momentos variados como a vida, seguindo o próprio caminho, registrando histórias. Cada quadro guarda uma memória diferente e agora, aos 94 anos, consigo me lembrar do que eu sentia na ocasião em que pintava cada quadro.

São experiências, registros da minha passagem pelo planeta, em busca de uma direção. Arte e vida andam juntas, sempre andaram, não é necessário fazer *performances* demonstrando que elas são uma coisa só. É impossível separá-las. Minha vida de artista está registrada na arte, nas paredes, nos muros, nas tapeçarias.

Em 2000, houve um ponto de mutação na minha arte, que saiu das paredes buscando uma terceira via, a tridimensional. Saíram para o 3D com ajuda do computador. Hoje ganham formas arredondadas, projetadas no papel em tiras coloridas.

Vou andando pela minha trilha até que Deus me chame para outra dimensão. A arte é uma das maiores formas de sentirmos felicidade aqui na Terra. Registrando sentimentos, vamos seguindo pela vida. Até quando? Não sei.

12 de junho de 2017

## ESCUTAR O CORPO

Dizem que a casa  
é o corpo.  
Outros falam  
que o corpo é a casa.  
Eu simplesmente  
paro  
e escuto a voz do meu corpo.  
Ele fala de mansinho,  
ninguém escuta,  
mas eu sinto  
o desconforto  
de uma tinta.  
Já mudei do óleo  
para o acrílico,  
cortei a cor.  
cortei o gesto agressivo  
movido pela emoção  
de sentir coisas  
erradas acontecendo.  
Ou o gesto vagaroso,  
sensual ou sensível  
de madrugadas violetas,  
das flores se abrindo,  
dos poentes vermelhos,  
laranjas, rosas, verde bem claro,  
azul violeta, amarelos.  
Cidades imaginárias,  
castelos nas nuvens.  
O corpo sente,  
se emociona  
e chora.  
Escuto a voz da Ivana cantando,  
“Solamente una vez”  
e me lembro do Luiz.  
Ele incentivava os filhos  
a serem artistas.  
E todos são artistas.  
Volto ao corpo  
ao ouvir a música do filho e do neto.  
A flauta chega aos ouvidos,

chega aos olhos,  
chega às mãos.  
A tinta entra pelas unhas,  
entra no corpo.  
O amarelo cádmio,  
azul de cobalto,  
cores venenosas.  
Meu corpo sentiu,  
parei de usar cores.  
Entrei na dieta do  
preto e branco,  
que era mais fácil  
mais direta.  
A emoção chegava,  
diretamente vinda do  
pincel ou da esponja.  
Esponja de pedreiro,  
escovão de faxineira.  
Entrei para uma  
de dona de casa e artista.  
Pincéis?  
Nunca mais!  
Apenas o preto e o branco.  
Lembrei-me da minha  
fase de papel veludo,  
sempre pintada nas  
viagens pela América.  
Fizeram tanto sucesso!  
Acabaram com o tempo...  
Agora ressurgiram de outra forma.  
Pintar com esponjas  
é mais direto, mas a  
tinta entra pelos dedos.  
Meus dedos doem,  
meu corpo dói.  
“O corpo fala”, dizia  
Pierre Weil.  
Sim, o corpo fala.  
Já dói nas costas,  
os dedos sentem.  
Parar de pintar?  
Não.  
Parar de usar tintas

que poluem.  
Voltar aos tempos do  
desenho em nanquim,  
nos pequenos cartões.  
Vou me distraíndo  
e o tempo vai passando.  
Vou desenhando, sem parar,  
tudo pequeno.  
Distribuo os desenhos.  
Não vendi nenhum!  
Volto aos tempos  
em que eu desenhava  
sem parar,  
seguindo, simplesmente,  
o desejo de criar.  
De repente percebo que as  
mãos doem, as costas também.  
Vou ter que parar?  
Nunca!  
Vou fazer outras coisas  
com as mãos.  
Pobres mãos...  
Não podem ficar à toa.  
Contemplo as montanhas,  
olho a paisagem.  
É a minha forma de  
meditar – ver, observar, sentir.  
Depois volto ao trabalho.  
Só uso papel.  
Sinto falta das cores,  
uso papel colorido.  
Deixei os pincéis, as esponjas,  
as tintas.  
Agora é a tesoura,  
e o papel  
só recorto e colo.  
Às vezes faço esculturas de papel:  
brancas, pretas, coloridas.  
Vou produzindo.  
Quando canso, descanso.  
Assim é a vida.  
Sentir o corpo.  
Ele fala conosco,

*body talk.*

Não é que dá certo?

O corpo fala, adivinha, alerta.

Escuto a voz do corpo,

é sempre a direção

mais certa.

As mudanças não importam,

acontecem.

A vida é uma constante mudança.

Vou seguindo a voz

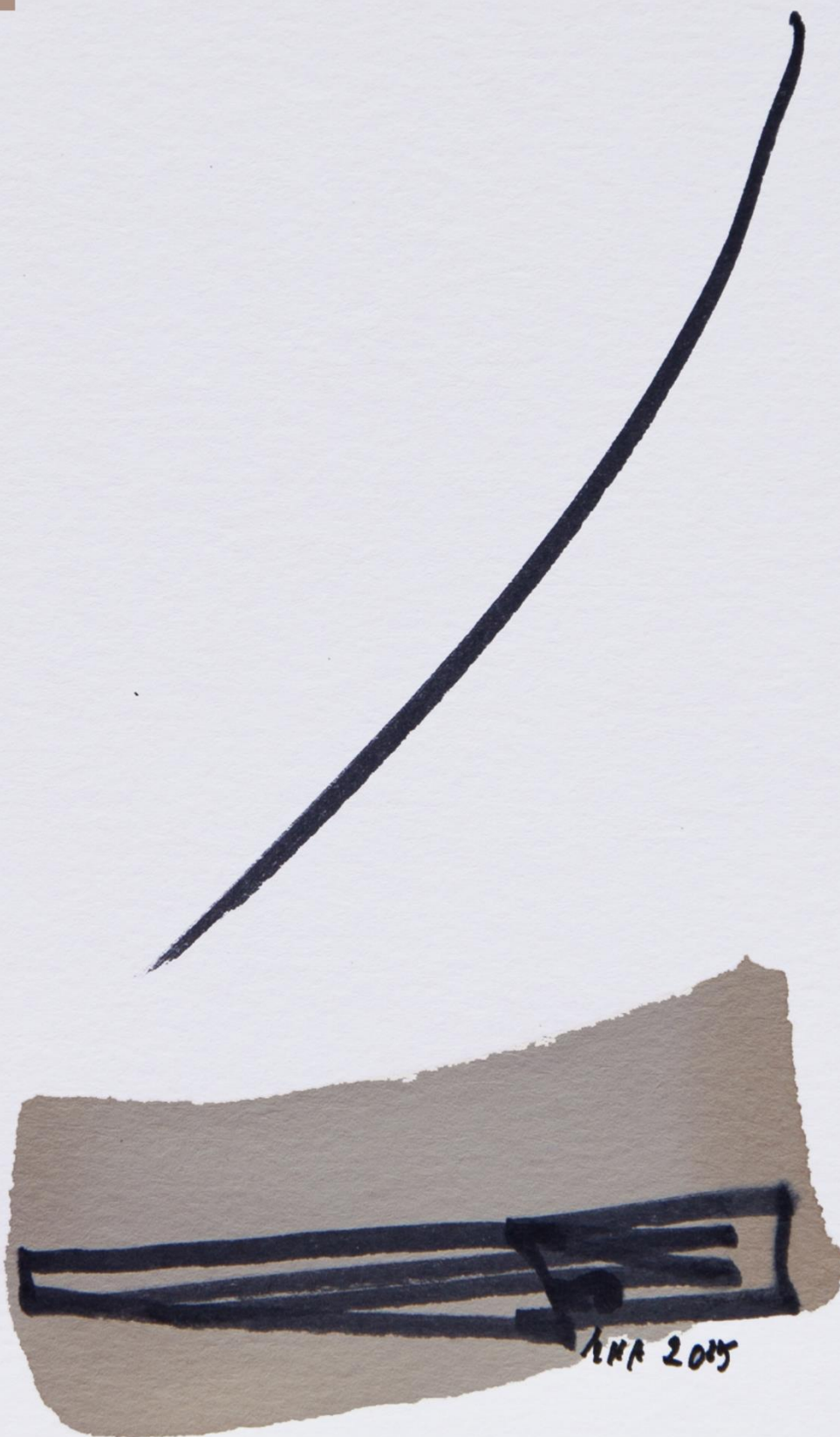
do corpo, até um dia

parar.

12 de novembro de 2018

2

A Escola  
Guignard



## GUIGNARD, O MESTRE - I

Quando Alberto da Veiga Guignard chegou a Minas Gerais, em fins de 1943, a convite do então prefeito Juscelino Kubitschek, trouxe consigo uma bagagem artística já consolidada pela crítica. Era respeitado como grande artista e reconhecido internacionalmente. Na década de 1940, passou três anos em Itatiaia, estado do Rio, e foi ali que recebeu a notícia de que sua *Noite de São João* acabara de ser adquirida pelo Museu de Arte Moderna de New York.

Guignard sempre se deu bem nas montanhas. Em carta a Portinari, dizia: "Sabes que sou montanhês e por isso, forte de saúde". Deslocando-se para Belo Horizonte, descobriu a luminosidade dos céus de Minas. As montanhas lhe ofereciam cenário para paisagens líricas, transparentes, igrejas surgindo da bruma, balões coloridos subindo aos céus.

Naquela época, a arte em Minas Gerais ainda estava ligada a um academismo formal. A presença de Guignard em Belo Horizonte trouxe uma completa renovação para o meio artístico. Juscelino Kubitschek abria novas direções para a arquitetura, criando o conjunto da Pampulha, convidando o maestro Bosmans para dirigir a Orquestra Sinfônica, e Guignard para tomar sob sua direção a Escola de Belas Artes.

Um grupo de jovens se reuniu em torno desse artista vindo do Rio de Janeiro, amigo de Portinari, Di Cavalcanti e Santa Rosa. O Parque Municipal servia de inspiração para o mestre e seus discípulos. Exuberante, cheio de entusiasmo, conduzia seus alunos a longas caminhadas pelas alamedas do Parque. Antes de começar o desenho, eles teriam de aprender a ver e sentir a natureza em seu silêncio. A atenção consciente no agora, a observação da realidade exterior com a interioridade de cada um possibilitavam o despertar da liberdade criadora.

A carreira de Guignard como mestre teve início na Fundação Osório, no Rio de Janeiro, onde já estimulava o crescimento interno do aluno.

Guignard não perdeu a inocência das crianças. Durante toda sua vida manteve a espontaneidade criadora e pintou naturalmente, como cantam os pássaros. A espontaneidade, a alegria, o entusiasmo pela vida, o prazer de descobrir cores novas nos céus e nas montanhas, nos reflexos das águas, nos cortes das árvores, nas manchas dos muros velhos eram qualidades inerentes à sua personalidade. Ele estendia esse entusiasmo aos seus alunos. A natureza era seu ponto de referência. Dizia:

— "Olhe, o colorido dos céus de Minas Gerais tem um brilho diferente; repare as árvores, as folhagens, as raízes...".

Sua disciplina não se fundamentava em conceitos teóricos, mas na experiência: era observação, concentração e integração total da pessoa com a paisagem. O aluno, desprovido de



recursos fáceis, submetido ao lápis duro, sem borracha, acabava afinando-se com a beleza de um olho humano e tinha uma semana para terminar o desenho de um rosto. O prazer não estava em terminar rápido, mas na própria aplicação exigida pelo trabalho, no próprio ato de fazer, paciente e silencioso, no uso das mãos, no artesanato metódico e limpo. O desenvolvimento da percepção era também um dos caminhos para o autoconhecimento e a autoexpressão. Criatividade e disciplina, liberdade e concentração, espontaneidade e reflexão fundiam-se dentro do mesmo estímulo.

5 de fevereiro de 2012

## GUIGNARD, O MESTRE - II

A personalidade de Guignard como mestre delineia-se com maior nitidez mediante o confronto de seu método revolucionário de ensino, baseado no apoio à iniciativa pessoal, com o ensino nas escolas de arte de orientação acadêmica. Estas prevaleciam nos grandes centros brasileiros quando Guignard chegou a Minas. Aos conhecimentos adquiridos na Europa, ele aliava seu grande poder intuitivo para desvendar o caminho ainda obscuro do ensino moderno, no qual técnica e capacidade criadora se desenvolvem de maneira conjugada... o lápis não reproduz a fria documentação de um objeto, mas transmite toda a força emocional de um momento de criação.

Nessa orientação artística, o estudante não visa apenas ao recebimento de um simples diploma ao final de um currículo, mas à vivência de uma formação estética que não termina no período de aprendizagem, prolonga-se, porém, por toda a vida. De acordo com essa visão, a arte constitui uma riqueza insubstituível, porque se apoia numa estrutura viva e espiritual e não apenas no interesse imediato. Procura a integração do homem ao universo, através do desenvolvimento de suas aptidões individuais.

Mais do que ninguém, Guignard conseguia vislumbrar a coisa nova, a individualidade que se revela na variedade de temperamentos humanos, agora estudados com grande interesse à luz da psicologia moderna. Observações feitas à margem de um catálogo, referindo-se às tendências de cada discípulo em particular, revelam esse senso profundo para descobrir vocações e conhecer temperamentos. Uma concepção ampla da realidade humana o levava a valorizar tanto o aprendiz que desenhava realisticamente um retrato a lápis duro, quanto aquele que se afastava por completo do modelo para imprimir na tela imagens subjetivas. Ao se dirigir ao aluno, seus olhos enxergavam através da insegurança, conseguiam vislumbrar o traço feliz, a mancha de cor e todas as possibilidades que se escondem atrás de um tímido desenho.

Guignard era simples e possuía a humildade daqueles que são realmente grandes. Não via no pupilo um futuro concorrente, mas um companheiro de arte que despertava diante de seus olhos. Muitas vezes, ao criticar um trabalho, seu entusiasmo chegava a ser comovente: "Você desenha melhor do que eu", escutei-o dizer a um colega, "mas deixa estar que ainda chegarei lá". Ao corrigir o trabalho, ele muitas vezes se entusiasmava e o assinava.

Em 1947, Guignard me presenteou com um quadro, representando um caminho no Parque Municipal de Belo Horizonte. Esse quadro sugeriu o título para o meu livro *Os caminhos da arte*. Mais tarde, depois de sua morte, descobri debaixo de um de meus desenhos uma pequena aquarela de Guignard representando os céus de Minas. Foi exatamente na época em que iniciei a minha fase de naves espaciais.

Trabalhando junto com seus alunos, Guignard reviveu de maneira quase única o antigo mestre, figura desaparecida nos tempos modernos. Atualmente, o ensino se distribui em diversas cátedras, com horários marcados e contato reduzido do professor com os alunos. Anteriormente às academias de Belas Artes, o mestre — fosse ele filósofo ou artesão — trabalhava lado a lado com seus aprendizes e a eles se misturava, sem preocupação de superioridade, desejando apenas transmitir experiências. Assim foi Guignard, o mestre moderno, que ensinava uma arte de vanguarda, não ditava leis, e sim fazia o aluno descobrir o equilíbrio e a proporção no próprio trabalho, sem demonstrações dogmáticas.

Mestre autêntico, não julgava segundo suas inclinações e preferências, mas desinteressadamente; compreendia o discípulo e o conduzia. Ele não trazia valores fixos a decretar — despertava valores novos no contato de sua presença, de seu estímulo.

13 de fevereiro de 2012

### GUIGNARD, O MESTRE - III

No mercado de arte, os intermediários disputam entre si o privilégio de vendas daqueles que, muitas vezes, sofreram privações para realizar suas obras.

Guignard foi um deles. Viveu de forma simples, morreu pobre. Dava os quadros de graça para os amigos, era generoso também em seus ensinamentos. Não guardava segredo de nada. Pintava na frente de seus alunos, para que eles aprendessem a sua maneira de pintar, mas não exigia seguidores. Respeitava as tendências individuais dos jovens. Era admirado por intelectuais. Viveu num tempo em que os artistas plásticos tinham a liberdade de criação dos poetas e, por isso mesmo, Guignard foi um poeta das cores. Pintava livremente como cantam os pássaros celebrando a beleza dos céus de Minas, das ruas e montanhas de Ouro Preto.

Cecília Meireles, em seu artigo *Estrela Breve*, registra de forma sensível a trajetória de Guignard e sua morte repentina, no momento em que poderia desfrutar de uma vida mais confortável. Num domingo, ela recebeu a notícia de que Guignard seria finalmente amparado por uma Fundação, teria casa própria, automóvel, motorista e segurança para trabalhar. “Com a Fundação Guignard, tinham acabado aquelas incertezas que afligiram o artista ao longo de sua existência”.

Em seu livro, continua Cecília:

No domingo, refletíamos sobre o mistério da vida: um homem passa a maior parte da existência em sofrimento, abandono, miséria. De repente, brilha sobre ele uma nova estrela e tudo muda. No domingo, despedimo-nos contentes porque uma estrela bondosa viera iluminar o destino por tanto tempo melancólico do pintor Guignard. Na segunda feira, veio a notícia de que o grande pintor morrerá.

Isso nos faz refletir sobre a condição da arte e dos artistas. A mesma história se repete ao longo dos tempos. Na sociedade capitalista em que vivemos tudo vira mercadoria. Essa visão imediatista e consumista muitas vezes constitui um embaraço para pesquisas históricas que poderiam ser feitas sobre um artista. Esquece-se que uma obra de arte autêntica, nascida de um contato direto com o ser interno do artista, merece ser divulgada, conhecida e estudada. O valor de um trabalho artístico, com suas qualidades expressivas, não se limita a números e cifras, mas atinge um espaço que lhe assegura realmente a permanência no tempo e sua equiparação com as demais artes. Esse espaço, fora do circuito mercadológico, os artistas conseguiram alcançar em vida e é justo que eles possam servir de exemplo para outros.

22 de fevereiro de 2012

## GUIGNARD, O MESTRE - IV

A influência de Guignard sobre seus alunos não pode ser medida pela melhor maneira de copiar o mestre em suas telas, mas no modo de segui-lo em seu entusiasmo pela arte, em seu amor pela natureza e pelas crianças, em seu lirismo perante a vida, em seu desprendimento pelo dinheiro, em seu estímulo à pesquisa e à iniciativa individual. Juntamente com o aprendizado técnico, Guignard procurava transmitir ao discípulo toda uma filosofia de vida.

Sua disciplina não se fundamentava em conceitos teóricos, mas na experiência. Guignard era curioso, gostava de observar cenas de rua e registrá-las em pequenos croquis. Escondia-se atrás das árvores para não ser visto. Um dia, encontrei-o numa avenida central de Belo Horizonte captando as cenas dolorosas de um enterro. Tentava passar despercebido, mas as crianças, sentadas no meio-fio repetiam em coro:

— “Ei, Guignard!”

Este tentava impedir a imprudência das crianças, que, todavia, continuavam a importunar o mestre, gritando mais alto ainda:

— “Olha o Guignard desenhando!”

Os pequenos croquis que fazia nas ruas serviam de motivação para futuros quadros. Recomendava registrar os acontecimentos do cotidiano, captar o momento presente em sua intensidade emocional, para depois recriá-los no papel ou na tela:

— “Façam croquis do natural, estejam atentos ao movimento das ruas, aos mercados, às feiras, às festas de S. João, aos casamentos, aos enterros... O croqui é necessário, ele é a base de tudo!”

Guignard detestava o academismo gerador de formas estereotipadas. O importante era o nascimento do novo. O que realmente pertencia à essência do aluno. Disciplina e liberdade se conjugavam para a formação dos aprendizes, não somente no nível estético, como também no plano do desenvolvimento humano.

Guignard sempre foi conhecido por seu desprendimento e generosidade. Conta-se que em uma ocasião admirava um de seus quadros, a imagem de um Cristo, numa Galeria do Rio de Janeiro. A jovem atendente, não o reconhecendo, comentou com ele sobre o grande artista, autor daquela obra. Guignard se identificou e lhe disse que estava admirando a moldura que haviam colocado no quadro. No final da conversa, ela lhe perguntou a quem havia vendido aquele quadro. Ele então lhe contou que havia dado o quadro de presente para uma estudante de Ouro Preto.

Foram alunos de Guignard, em Minas Gerais, entre outros, os seguintes artistas plásticos: Aparecida Carvalho Barbosa, Bax, Chanina Sznbejn, Heitor Coutinho, Amílcar de Castro, Holmes Neves, Laetitia Renault, Álvaro Apocalypse, Jarbas Juarez, Wilde Lacerda, Aneto, Vilma Rabelo,

Ione Fonseca, Santa, Sara Ávila, Leda Gontijo, Haroldo Matos, Wilma Martins, Maria Helena Andrés, Lizete Meinberg, Eduardo de Paula, Ruth Michel Perrela, Yara Tupinambá, Solange Botelho, Jeferson Lodi, Amarylles Coelho Teixeira, Marília Giannetti Torres, Mário Silésio, Estevão José de Souza, Mary Vieira, Gavino Mudado Filho, Nina Xavier, Melo Alvarenga, Augusto Degois, Washington Filho e Célia Laborne Tavares.

1 de março de 2012

## NOSSA SENHORA E O ANJO, TEMA DE GUIGNARD

Nas ruas de Florença, lembramos os passos de Guignard ainda jovem, estudante de arte. Florença nos faz lembrar Ouro Preto, com suas ruelas escondidas, onde se sente a arte ressurgindo de um passado histórico. Em Florença viveram Michelangelo, Leonardo, Botticelli, perpetuados nas praças, nas igrejas e museus da cidade. Filas enormes de turistas desfilam diante das obras de arte e pode-se ver a primeira criação de Leonardo, um anjinho pintado na tela *Batismo de Cristo*, de seu mestre, Andrea del Verocchio. O gênio de Leonardo foi revelado a partir daquele anjo, quando o discípulo superou o mestre em qualidade e beleza.

Guignard, estudando em Florença, deve ter aprendido com as obras dos grandes renascentistas e pré-renascentistas. Guignard colocava nas paredes da Escola de Belas Artes reproduções de Botticelli, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Dürer e outros.

— “Olha como eles sabiam desenhar! Nunca começavam a pintura sem uma cuidadosa dedicação ao desenho. O desenho é a base para se chegar à pintura”.

E muitas vezes, esses desenhos rabiscados espontaneamente, hoje não são considerados apenas estudos: ensinam como nasce a criatividade.

O importante não era reproduzir o modelo de forma acadêmica (Guignard detestava o academismo), mas transmutá-lo de acordo com o temperamento de cada um. Assim, caminhando através da admiração de Guignard, também aprendíamos a amar os artistas que hoje constituem o grande acervo cultural da humanidade. Os temas escolhidos por eles eram passados nas aulas de desenho e pintura. No início do curso, Guignard nos dava um ponto para ser ilustrado: *Nossa Senhora e o Anjo...* Muitas vezes indaguei o porquê desse tópico bíblico. A resposta está na Galeria Uffizi, interpretada por Leonardo, Rafael, Filippo de Lippi, Botticelli e outros. Mergulhando no tempo, vejo Guignard se inspirando naquele tema bíblico cheio de poesia, para transmitir mais tarde aos alunos a intensidade mística de suas experiências. A arte, transcendendo as limitações da época, nos conduz ao mergulho no inconsciente coletivo, além do tempo e do espaço.

Dante e Botticelli percorreram os caminhos da alma até a redenção final glorificada. Olhando com os olhos de Guignard ainda estudante, sentimos o quanto a poesia e transcendência de um sentimento religioso influenciou o artista que em outro tempo revelaria o céu a seus discípulos num país distante e numa região cheia de poesia e de religiosidade, que é Minas Gerais.

Guignard nos revelou a tradição cristã sem impor dogmas ou regras de conduta. Tendo como base os artistas florentinos, ele nos transmitiu a grande lição que aprendeu na Europa.

3 de novembro de 2009

## INAUGURAÇÃO DO ACERVO DE GUIGNARD

A Escola de Belas Artes Guignard, situada no bairro Mangabeiras, aos pés da Serra do Curral, tomou no momento um visual majestoso: escadarias, salões, salas envidraçadas e um imenso pátio onde os jovens se encontram e trocam ideias.

Adequada à contemporaneidade, a Escola continua a ser ponto de encontro de ações criativas.

Dia 14 de abril foi inaugurado o acervo de papéis antigos do mestre Guignard: cartas, documentos oficiais, rascunhos de aula, desenhos e fotos da época.

Esse acervo afetivo-cultural está sendo colocado à mostra no grande Salão de Exposições da Escola.

Alguns ex-alunos foram convidados a prestarem depoimentos. Éramos sete convidados, cada um representando um período, mas unidos pelo mesmo fio condutor que impulsionou o ensino das artes em Minas. Naquela ocasião, 1940, a Escola foi considerada pelo grande artista Portinari como a melhor do Brasil.

Foi emocionante a espontaneidade dos depoimentos. Quando um de nós terminava a sua fala, o outro dava continuidade, focalizando novos aspectos. Lembramos o passado cheio de lutas e quase sufocado pela falta de recursos econômicos (em 1965 a escola esteve à beira de ser fechada, mas os ex-alunos imediatamente se prontificaram a trabalhar de graça até que ela se estruturasse), e todos tínhamos à frente como bandeira a chama de entusiasmo iniciada por Guignard.

Observou-se que cada discípulo ali presente seguira o seu próprio caminho, sem se prender ao estilo do mestre. Isso veio comprovar o respeito que Guignard tinha pela individualidade e expressão artística de seus alunos.

Testemunhamos a ênfase dada pelo mestre ao desenho como fundamento de todas as artes plásticas. Conquistava-se a disciplina no desenho de observação feito com lápis duro, e a liberdade nos croquis rápidos, que buscavam a essência do movimento e da forma. Esses dois fatores contribuíram para o nosso desenvolvimento nas sendas da arte.

Considero de grande importância esse encontro de gerações, pois é através do depoimento das anteriores que se pode compreender o caminho percorrido e o seu resultado no presente.

28 de abril de 2009



## **GUIGNARD – CIRCUITO ATELIER**

A Editora C/Arte acaba de lançar seu mais recente livro do *Circuito Atelier*, desta vez dedicado ao mestre Guignard. O livro é pequeno, ilustrado com desenhos de sua autoria dedicados a Amalita, Anita e Lola, figuras femininas que lhe deram inspiração. O livro é todo uma canção de amor à vida e à arte, mostrando aspectos ainda não conhecidos da vida do grande pintor, educador e pensador que foi Guignard.

Organizado com muito carinho por Marília Andrés e Jacqueline Prado, esse livrinho é uma joia que nos permite ter acesso ao processo de criação do mestre, suas aspirações, suas ideias e, principalmente, seu amor a Minas Gerais e a Ouro Preto. Gosto de livros pequenos que nos permitem viajar com as ideias, levá-las para onde caminhamos. Os livros grandes ficam em casa, em cima da mesa e dificilmente conseguimos carregá-los. O livrinho de Guignard está me acompanhando por onde vou. (*Guignard – Depoimento*. Editora C/Arte, Belo Horizonte, 2015).

Ali está concentrado seu pensamento, suas aspirações e os depoimentos de artistas e críticos sobre sua vida e obra. Procuramos destacar algumas palavras do mestre, através de pensamentos que ele transmitia.

— “Sou um apaixonado por Leonardo da Vinci, pintor e desenhista...”, ele nos dizia.

Em suas aulas na Escola do Parque, na década de 1940, em Belo Horizonte, Guignard colocava nas paredes da sala as estampas dos grandes mestres europeus. Anos depois, durante uma viagem à Florença, constatei nos desenhos de Boticelli uma afinidade muito grande com os desenhos de Guignard.

Sua orientação para observarmos a natureza, antes de começarmos a desenhar, permitia uma educação do olhar e nos conduzia a um encontro com esses grandes mestres do passado.

Guignard sempre valorizou o desenho como forma indispensável para a realização de qualquer obra de arte.

Voltemos ao seu depoimento em que ele focaliza a educação do olhar através da observação da natureza:

Há em todo indivíduo sinais de sensibilidade pela pintura. Não se manifesta, muitas vezes, tal sensibilidade, porque não foi convenientemente observada e aproveitada. Para que vamos à Escola? Não é para aprender a ler e escrever? Da mesma forma poderíamos todos aprender a desenhar. Esteja certo: uns determinados maus gostos que ainda existem nesse mundo são o resultado da falta de educação mais apurada e enérgica no desenho. E essa educação consiste em apurar a acuidade dos nervos óticos. É um exercício longo, eu confesso, mas dá

excelentes resultados.

Como ex-aluna de Guignard tive a oportunidade de acompanhar o mestre nesses exercícios de atenção que muitas vezes se assemelham ao treinamento de um discípulo da meditação vinda do Oriente.

Minhas exigências são três, faço questão de que meus discípulos tenham esses atributos — disciplina, tenacidade e amor à arte, o resto vai bem, pois o meu ensino consiste em demonstrações práticas tanto no desenho quanto na pintura. Porque — digamos a verdade —desenhar não é brincadeira. É uma arte muito séria e nela só chegaremos a resultados, que podem ser ótimos, com uma grande força na observação e na perseverança. Mas não se deve forçar o entusiasmo: ele nasce de si mesmo ou... não chega a nascer. Mas já entrei em contato com a maioria dos meus futuros alunos mineiros, e estou confiante no êxito do meu curso. Tenho certeza de que, para coroar vitoriosamente os trabalhos deste ano, com resultados práticos, poderei fazer uma bela ‘mostra’. Vocês hão de ver-me trabalhar! O meu obstinado interesse pelo desenho chega, muitas vezes, a tal concentração visual e do espírito, que me esqueço de tudo mais... até do almoço.

Esse entusiasmo, Guignard conseguiu passar para seus alunos e aqueles que continuaram e desenvolveram seu próprio caminho receberam do mestre essa dedicação pela arte que o tempo não conseguiu apagar.

Guignard gostava de pintar ouvindo música. Numa entrevista a Frederico Morais ele evidencia o seu gosto por ela:

A música é mais divina e muito mais importante porque é como um pássaro, está no ar, em todo lugar. E sempre age assim. (...) a música é a verdadeira arte, a única que tem possibilidade de expansão. A pintura pertence a um público restrito, apenas àqueles que frequentam as exposições.

Segundo o comentário de Frederico:

Quando Guignard ministrava na escola de Belas Artes de Belo Horizonte, queria a todo custo que os alunos comprassem uma vitrola — e eles não tinham dinheiro nem para tinta — e queria discos para poder pintar e ensinar pintura. Achava que só poderia ensinar com música. Não foi atendido.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas por sua Escola, Guignard conseguiu estimular seus alunos a considerarem a música uma companheira inseparável da pintura.

14 de abril de 2015

## ESCOLA GUIGNARD, 70 ANOS DE HISTÓRIA

Éramos 40 alunos, jovens cheios de vida, pertencíamos à primeira geração de artistas que estudou com Guignard em Minas: Amílcar de Castro, Mário Silésio, Marília Giannetti, Mary Vieira, Nelly Frade, Gavino Mudado, Leda Selmi Dei Gontijo, Heitor Coutinho, Arlinda Corrêa Lima, Farnese Andrade, Letitia Renault, Jeferson Lodi, Petrônio Bax, Vicente Abreu e Wilde Lacerda.

Fomos direcionados por um mestre que viera do Rio para nos conduzir. Guignard chegara cheio de ideias novas, trazendo panoramas abertos para o aprendizado de arte em Minas. Deixara o Rio de Janeiro, onde já era considerado um dos maiores professores de arte do Brasil e um dos maiores artistas brasileiros.

Voltara da Europa para lecionar no Rio, na Fundação Osório, e participou do grupo *A Nova Flor de Abacate*, quando foi mestre de grandes artistas, tais como Iberê Camargo, Geze Heller, Alcides da Rocha Miranda, Vera Mindlin, Elysa Byington e Werner Amacher. Era amigo de Cândido Portinari, Roberto Burle Marx, e muito considerado por escritores e poetas. Cecília Meireles lhe dedicava versos. O grupo de intelectuais de São Paulo veio a Belo Horizonte para participar com Guignard e os artistas modernos da inauguração da Semana de Arte Moderna em Belo Horizonte, realizada em 1944. Guignard era um revolucionário, lutava contra o academismo vigente na época, que achava travar os artistas.

Seu método de ensino, baseado no despertar pessoal de cada aluno, assemelhava-se aos ensinamentos de Johannes Itten na Bauhaus de Weimar, na Alemanha.

Despertar em primeiro lugar a sensibilidade, o olhar atento para a natureza, as árvores, os céus, as nuvens, os desenhos que se formam nas paredes velhas, nas pedras, no corte das árvores, nas sombras do chão. Ver os círculos que se formam nas águas quando ali atiramos uma pedra. Observar o olho humano, mandala cheia de vida e de mistérios.

O Parque era sempre cheio de motivações para o nosso imaginário de jovens artistas. Passávamos horas debaixo daquelas árvores, sentadas em banquinhos, desenhando com lápis duro, 6H. O desenho nos dava a possibilidade de praticar o exercício da concentração, uma meditação espontânea, sem intenção de ser meditação.

Paralelamente ao desenho de observação, ensinado debaixo das árvores, Guignard nos orientava também dentro do estúdio. Fazíamos retratos e figuras de modelos naturais, como nas academias de Belas Artes.

Muitas vezes acompanhávamos Guignard a Ouro Preto, para desenharmos aquela cidade histórica, e também ao Rio de Janeiro, para expormos nossos trabalhos.

Nos anos 1960, fui professora da Escola Guignard e ali ocupava a cadeira de desenho de criação. A Escola estava situada no Parque Municipal de Belo Horizonte, nos porões do Palácio das Artes. Ali Guignard e Franz Weissmann lecionaram; mais tarde seus alunos os substituíram. A Escola era pobre, sem recursos, mas rica em talentos. Vários artistas saíram dali e seguiram seu próprio caminho.

Assumi a direção da Escola num período de crise financeira. Procurei vários ex-alunos e todos se prontificaram a dar aulas voluntariamente, sem nenhuma remuneração, até que a crise passasse.

Tomamos a decisão de procurar apoio do governo de Minas. Acenamos para os poderes públicos em busca de ajuda, e convidamos o Dr. José Guimarães Alves para dirigir a Escola e ligá-la à Imprensa Oficial. Lembro-me das reuniões improvisadas debaixo das árvores. Foi uma época tumultuada, cheia de imprevistos, mas também coroada de êxito. A solidariedade e o idealismo prevaleceram sobre a iminente derrota. Era necessário oficializar a Escola. A fim de legalizar o pagamento dos professores, o novo diretor organizou um concurso público de Notório Saber ou *Venia Leandia*. Todos fomos concursados e, de acordo com a lei, passamos a pertencer ao quadro de funcionários da Imprensa Oficial.

Na década de 1970 pedi demissão da Escola Guignard para me dedicar às minhas pesquisas na Índia e preferi me aposentar pelo INSS.

Agora a Escola Guignard enfrenta um novo desafio, com a demissão de professores, muitos deles com mais de 20 anos de experiência, e que procuram seguir a filosofia do Mestre Guignard. Se a forma de seleção de professores proposta hoje por órgãos governamentais fosse implantada no início da criação da Escola, Guignard seria o primeiro a ser demitido. O notório saber de Guignard seria ignorado para seguir uma legislação burocrática.

Para reflexão, recupero uma frase de meu livro, *Vivência e Arte* (Agir, 1966): não se ensina ninguém a ser artista ditando-lhe conceitos teóricos, como não se ensina ninguém a ser poeta ditando-lhe regras gramaticais.

E ainda estas duas citações:

Não se exige de uma artista plástico o talento de redigir com clareza o que ocorre em seu mundo interior de vivência estética. Às vezes, entretanto, acontece essa maravilhosa casualidade, esse dualismo do pintor ser também escritor. Então eles nos legam textos que se tornam preciosos porque iluminam direções e espaços, motivos e razões, anseios e reflexões que não são os nossos (Clarival do Prado Valladares. Apresentação do catálogo *Maria Helena Andrés*, referente à exposição da artista na Galeria

Goeldi, Rio de Janeiro, set. 1965).

“Para ser artista não é necessário ser doutor”, dizia Amílcar de Castro a seus alunos.

A Escola Guignard sempre foi pautada pela liberdade de criação, uma experiência bem-sucedida durante 70 anos. Se ela quase fechou suas portas por falta de recursos financeiros, hoje corre o risco de se distanciar da verdadeira proposta de Guignard.

Espero que possam surgir novos parâmetros para a avaliação de professores do ensino de arte, disciplinados pelo fazer artístico e pela experiência em ateliês.

12 de janeiro de 2016

## EXPOSIÇÃO E HOMENAGEM NOS 70 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD

A Escola Guignard foi construída junto à serra do Curral e tem uma bela vista da cidade. Lá embaixo, as luzes de Belo Horizonte vão nos mostrando as vias do passado. Recordo a Escola no Parque Municipal, no porão do Palácio das Artes ainda em construção. Para chegar até a sala de aula, tínhamos de passar por tábuas e pedras.

Hoje a Escola está reconhecida oficialmente; tornou-se uma universidade. Fui convidada para ali mostrar meus desenhos e esculturas. Houve uma seleção de meus quadros. Para a curadoria da exposição participaram Marília Andrés, Cláudia Renault, Carlos Wolney e Ana Cristina Brandão, diretora da Escola. Foram até o meu estúdio no Retiro das Pedras e escolheram as obras a serem expostas. A disposição dos quadros conduz o espectador a uma viagem no tempo, iniciando em 1950 e sempre o desenho acenando mudanças. Ele registra as mudanças da vida, desde os trabalhos em carvão, sinalizando as viagens feitas pelos veleiros, até a passagem dramática pela fase *Guerra* denunciando a violência. O desenho continua seu percurso, abre espaço para novas direções. Foi através dele, tridimensionado no computador, que me inseri na escultura. O caminho do desenho foi longo e demorado e ainda continua instaurando sendas para o futuro.

Transcrevo abaixo o texto de Carlos Wolney e Ana Cristina Brandão:

Nas comemorações dos 70 anos da Escola Guignard (UEMG), apresentamos essa importante exposição da artista Maria Helena Andrés, que foi professora e diretora da escola nos anos 60. A exposição é um recorte de sua ampla e consolidada produção.

A gestualidade firme da artista imprime movimentos fluidos e leves que revelam, em uma composição de equilíbrio, o domínio da forma e do espaço e transmite uma consciência espacial constante em suas imagens.

Maria Helena Andrés, em suas viagens pelo mundo, com um olhar sensível e firme, em especial para a Índia, encontrou motivação nas impactantes paisagens que a levaram a uma nova tomada de consciência.

A observação e sutil percepção dos signos, símbolos, cores, cheiros e formas do peculiar universo indiano, com certeza marcaram significativamente o processo de criação da artista, verificado nas pinturas, desenhos e esculturas.

A visível delicadeza e força intelectual de Maria Helena nos levam para o universo pessoal da artista, repleto de sabedoria, registradas em suas publicações.

Maria Helena exerce liberdade e disciplina apreendidas nas aulas do Mestre Guignard.

Admirável vê-la, hoje, na Escola Guignard, com uma vitalidade que estimula artistas e futuros artistas no prazer do fazer e no sabor de saber.

24 de setembro de 2015



## PROFESSORA EMÉRITA DA ESCOLA GUIGNARD

No dia 19 de abril de 2017 recebi o título de Professora Emérita da Escola Guignard em solenidade no auditório da Escola. Emocionante sentir o carinho com que fui recebida, o entusiasmo e alegria de seu jovem diretor, Adriano Gomide. A Vice-diretora, Lorena, me entregou um buquê de flores, previamente composto tendo como referência um quadro de Guignard.

Eu olhava para aquelas flores, de cores variadas, com um girassol à frente, exatamente como a tela do mestre e me lembrava da alegria e espontaneidade de Guignard, transmitindo a seus alunos o seu entusiasmo pela arte. O importante não era seguir o mestre copiando suas telas, mas com o seu incentivo, descobrir o próprio caminho. Desvendar a beleza dos céus de Minas, descobrir anjos e guerreiros nas nuvens, observar os muros velhos, as pedras, as sombras que desenhavam novas formas. Sob sua orientação, pude me libertar de minha formação acadêmica e me abrir para um itinerário próprio, mais condizente com o meu temperamento.

Recebi a homenagem pelos serviços prestados à cultura de Minas Gerais, assim estava escrito no diploma. Ladeada pelo representante do reitor da Universidade de Minas e do diretor da Escola, tendo também ao meu lado minha filha Marília Andrés, presidente do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), participei da entrega solene do diploma.

O momento mais emocionante aconteceu quando cantamos de pé o Hino Nacional, pois senti que o hino é uma forma de unir todos numa só vibração. Em seguida, Adriano Gomide subiu até um pequeno púlpito destinado aos congressistas e disse palavras que merecem toda a minha gratidão. Era necessário que eu também falasse, e pronunciei ali um improviso, lembrando a criação da escola, considerada a vanguarda mineira, e o título dado a Guignard pelos intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo como o melhor professor de arte do Brasil.

A Escola passou por momentos de grande pobreza, mas a chama do entusiasmo continuou através das gerações. Agora temos um prédio maravilhoso no alto das Mangabeiras, com vista para a cidade de Belo Horizonte. Lembrei-me da generosidade de Priscila Freire doando seu sítio na Pampulha para ser acrescentado ao patrimônio da Escola. No momento, a Escola, que pertence à Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), abriga 500 alunos e esperamos que a criatividade do mestre Guignard seja um ponto luminoso que nunca será esquecido.

Em seguida ao meu discurso, textos do meu livro *Os Caminhos da Arte*, referentes ao mestre Guignard, foram lidos por Ivana Andrés.

Houve um pronunciamento sobre arte na educação feito pelo representante do reitor e para terminar, uma apresentação de música pelos flautistas Artur e Alexandre Andrés.

Escutar com atenção os flautistas interpretando uma página de Schultze foi realmente um final maravilhoso para a solenidade.

25 de abril de 2017

## ESCOLA GUIGNARD, UM PONTO DE MUTAÇÃO

Recebi um convite da Escola Guignard para participar de uma homenagem que os alunos queriam prestar aos professores, na data em que se comemora o seu aniversário de fundação.

Chovia fino quando desci da minha casa no Condomínio Retiro das Pedras para participar da homenagem. O encontro seria no Teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte. Quando cheguei todos estavam reunidos: muita gente, professores e alunos, muita descontração e alegria. Pensei que o importante é estar presente, interagir com os jovens.

Chamaram-me para gravar um vídeo. Olhei em frente, para a paisagem exuberante do Parque Municipal, lugar escolhido por Guignard para administrar o seu curso de arte. Não preparei o que teria a dizer, mas uma árvore frondosa me chamou a atenção. Veio-me à memória também o quadro de Guignard, mostrando um caminho no Parque, que ganhei por ocasião do meu casamento, e que sempre me fez lembrar da arte como um caminho.

Toda árvore boa dá bons frutos — foi a mensagem inicial da minha entrevista: a Escola Guignard é como esta árvore frondosa; a semente aqui foi plantada há mais de 70 anos, semente que cresceu, amadureceu e que sempre deu frutos. Somos todos parte desta árvore da arte. Hoje aqui estamos, devido à dedicação de um mestre qualificado, talentoso, um mestre que iluminou o caminho de seus alunos, partindo da própria luz de cada um. Guignard percebia a individualidade do aluno e respeitava sua tendência natural. Não impunha regras e conceitos pré-estabelecidos. Foi debaixo destas árvores, caminhando por estes caminhos que aprendemos a desenhar e a pintar, trazendo à tona aquilo que já existia dentro de nós. Lembro-me bem da alegria do mestre quando ele descobria no aluno alguma possibilidade nova.

— “Coisa nova!”, dizia ele entusiasmado; “Siga essa direção...”

Ele nos estimulava a imaginação e despertava a nossa criatividade e dizendo:

— “Olhem as nuvens no céu, as manchas nos muros velhos, os círculos que se formam na água quando ali jogamos uma pedra.”

Linguagem direta, sem fórmulas vindas de fora.

Depois da partida de Guignard, ficamos no Parque Municipal por alguns anos, na maior pobreza, mas sendo conduzidos por uma energia que não se abatia diante das dificuldades. O Parque foi testemunha da nossa batalha para sobreviver. Esta é a mensagem que posso passar para vocês, dos primeiros anos de nossa Escola.

Que os ensinamentos de Guignard se prolonguem no tempo como a grande bandeira do entusiasmo e da liberdade de expressão, é o que desejamos a todos. Ele continuará sempre sendo

um ponto de mutação para aqueles que desejarem se desenvolver na arte e na vida.

2 de março de 2020

## EXPOSIÇÃO 75 ANOS DA ESCOLA GUIGNARD NA GALERIA AM

A exposição inaugurada na Galeria AM, em comemoração aos 75 anos da Escola Guignard, nos fez chegar a algumas reflexões sobre o ensino desse grande mestre. Ela mostra, logo na entrada, quadros de Guignard e de seus primeiros alunos. Foi uma forma muito simpática de visitar meus colegas e também constatar o fato de que, apesar de recebermos os ensinamentos do mesmo professor, cada um fez sua própria trajetória.

Guignard não nos marcou com o seu estilo de arte. Isto devemos ao seu incentivo à criatividade de cada discípulo, e, quase como um psicólogo, sua disposição em descobrir tendências diversas.

O mestre autêntico não é aquele que julga segundo suas inclinações e preferências, mas o que, de forma desinteressada, compreende e conduz o aluno. Ele não traz valores fixos a decretar, e sim desperta valores novos no contato com sua presença e seu estímulo.

Além de se ocupar com o aprendizado de técnicas, Guignard procurava ensinar toda uma filosofia de vida.

Seguindo o desdobramento da exposição, podemos encontrar também, nos artistas atuais advindos da mesma Escola, variados pendores.

Guignard abriu as portas da criatividade em Minas e deixou entrar luz. E a luz da criatividade individual vai nos conduzindo a novas reflexões.

— “Coisa nova!”, dizia Guignard, entusiasmado com os rabiscos de seus alunos.

Ele não dava regras a seguir. Ao mesmo tempo, incentivava o lápis duro e a disciplina, como formas necessárias à descoberta interior.

Por que relaciono o ensino de Guignard com Krishnamurti, que conheci anos mais tarde na Índia? Naquele país tive a oportunidade de visitar várias de suas escolas. Ambos buscaram dar aos discípulos uma independência criativa.

— “Seja você mesmo, não se prenda a fórmulas tradicionais”, dizia Guignard.

— “Seja seu próprio mestre”, dizia Krishnamurti.

Voltando à AM Galeria de Arte, fiquei muito feliz por ter minha obra colocada entre Guignard e Sara Ávila, tendo à minha frente Amilcar de Castro e Franz Weissmann, todos eles colegas e amigos. As gerações mais jovens mostraram a força de suas ideias, numa exposição em que o passado e o presente se impõem na distância do tempo. São 75 anos de buscas, do encontro com o novo que está dentro de cada um.

Independência criativa é enxergar além das fórmulas, dos conceitos antiquados, das

exigências externas, das pressões da moda, das imposições vindas de fora, um caminho que se desdobra até os dias de hoje. O importante no momento é seguir a intuição, buscando seu sentido pessoal.

A redescoberta do cotidiano como forma de arte foi apresentada por uma mesa de pães e biscoitos, quando todos os presentes tiveram a oportunidade de fazer o seu próprio café. Essa ideia, da jovem artista Teresa Portes, de trazer o cotidiano para uma galeria de arte nos mostra a importância de estender a arte à vida.

25 de março de 2019

# 3 Participação no Movimento Construtivo



## COLEÇÃO ADOLPHO LEIRNER NO MUSEU DE HOUSTON

Conheci Adolpho Leirner quando ele veio a Belo Horizonte me procurar, nos anos 1980. Naquela ocasião, ele estava formando a sua coleção de pinturas construtivas de artistas brasileiros, e pude vislumbrar a importância de deixar nas mãos de um renomado colecionador de São Paulo o que, de certo modo, representava o início de minha história artística, a entrada na arte não figurativa. Apesar de não ter muitas telas disponíveis, senti-me feliz em participar daquela seleção.

O acervo de Adolpho Leirner deixou o Brasil para estar presente no Museu de Houston, nos Estados Unidos. Ali ele pôde ser visto por milhares de pessoas, viajar pelo mundo, ser televisionado, pesquisado, transformado em livros. Enfim, pôde mostrar que a arte brasileira atingiu um patamar elevado de seriedade, equiparado à de outros países do primeiro mundo.

O Brasil é um país sério e a coleção Adolpho Leirner é o testemunho disso. Ela causou um impacto quando chegou aos Estados Unidos e em Houston apresentou o elevado nível de nossa arte.

Volto ao começo do concretismo, quando ele surgiu no Brasil, sob a repercussão das ideias vanguardistas de Max Bill, a abertura da 1ª Bienal de São Paulo e o prêmio dado ao artista brasileiro Ivan Serpa, considerado o papa do concretismo.

Foi a minha amizade com o casal de artistas de São Paulo, Maria Leontina e Milton Da Costa, que me possibilitou uma abertura maior para essa tendência. Os dois vinham a Belo Horizonte para me visitar e eu participava sempre de reuniões na residência deles em São Paulo. Assistiram à minha entrada no construtivismo e a eles devo apoio e incentivo. Nos corredores das primeiras bienais de São Paulo, alguma coisa nova surgia e conseguia levar nossos artistas à formação de um grupo de alcance internacional.

Adolpho Leirner percebeu isso e registra em seus depoimentos o início de sua coleção com uma pintura de Milton Da Costa. No acervo de Leirner participo como artista independente, e como independentes viajamos pelo mundo.

Recentemente pude ver, com emoção, no *YouTube*, a abertura da exposição construtiva brasileira em Zurich, na Suíça. A repórter falava ao microfone, tendo por detrás dela um quadro de Mário Silésio, nosso companheiro de arte.

Realmente, o testemunho dado pelos artistas ultrapassa as reivindicações políticas para alcançar um nível transcendente que unifica os povos, sem conflitos. Percorrer uma exposição de arte construtiva nos leva a um estado elevado de concentração e meditação.

A arte construtiva propõe uma forma impessoal, sem fronteiras regionalistas, que congrega



os irmãos desse planeta num todo espiritual, sublime. Isso porque o seu processo exige disciplina e muita concentração. Exige limpeza, clareza e desligamento do mundo real para a construção de uma outra vivência artística. A cor teria que ser pura, a forma clara, sem nuances. O artista teria que criar a partir dos elementos plásticos disponíveis: cor, linha, forma, que seriam organizados em determinado espaço, o que significava mergulhar dentro de si mesmo em busca da ideia primordial que se transformaria numa forma nova, completamente desligada da figuração externa.

Nós, os artistas independentes de Minas, que não participamos dos movimentos concreto e neoconcreto, estamos juntos nessa coleção. Na época formávamos um pequeno grupo e hoje podemos ser vistos nas imensas salas do Museu de Houston, no Texas. Sair do Brasil é uma conquista, participar de coletivas internacionais faz parte da união planetária, tão sonhada pelos pensadores espiritualistas. Nosso recado foi dado e atualmente pode ser visualizado nos imensos salões desse museu americano.

Estar presente no mundo, dar testemunho de nosso país, projetá-lo coletivamente e possibilitar o estudo de um momento importante da arte brasileira foram as realizações de Adolpho Leirner ao vender a sua coleção para um grande museu americano.

23 de janeiro de 2017

## MINHA PARTICIPAÇÃO NO CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO

Pediram-me para fazer uma palestra no CCBB de Belo Horizonte sobre a minha participação no movimento construtivista brasileiro, como representante de Minas Gerais. O texto seguinte é uma síntese de todos os meus artigos já publicados sobre o assunto.

*A exposição Construções sensíveis: A experiência geométrica Latino-Americana na coleção Ella Fontanais-Cisneros traz ao Brasil um recorte da abstração em nosso continente. Junto ao importante legado do concretismo e neoconcretismo brasileiros, são apresentadas as poéticas abstratas que prosperaram em outros países nos anos 1930. (Extraído do catálogo da exposição Construções Sensíveis, a experiência geométrica latino-americana na coleção Ella Fontanal-Cisneros. CCBB de Belo Horizonte, 2018/2019).*

Percorro uma exposição que nos remete ao passado, ao construtivismo que cruzou o mundo e veio nos mostrar o quanto somos irmãos. Realmente, somos parecidos, mesmo que não tenhamos tido a oportunidade de um encontro pessoal. Existe o encontro espiritual, encontro de sensibilidades semelhantes. O construtivismo vai nos mostrando a identidade dos artistas. Ele veio da Europa e encontrou na América Latina seus irmãos espirituais.

Os construtivistas europeus vieram da Rússia, desceram até a Alemanha e a França, e, por motivo de guerra, chegaram às Américas. Os Estados Unidos acolheram os imigrantes artistas, tais como Mondrian. Ali ele se redescobriu, ficou famoso. A Argentina e o Uruguai receberam a mensagem construtiva através da arte e do pensamento de Tomás Maldonado e Torres Garcia, este buscando o espiritual na arte e a redescoberta dos povos primitivos das Américas.

O Brasil tornou-se o grande difusor das ideias construtivas. No nosso solo floresceram artistas plásticos, poetas, críticos, tendo a Bienal de São Paulo como sua grande divulgadora. O construtivismo chegou até as montanhas de Minas e ali encontrou jovens artistas que aderiram ao movimento, do qual fiz parte.

A integração de várias áreas das artes, necessária a uma revisão de valores, era um dos pontos mais importantes do movimento construtivista que surgiu a partir da primeira Bienal de São Paulo. Poetas, músicos e pintores se uniam dentro do mesmo ideal estético, dando prioridade à pureza da forma. O grande incentivador do construtivismo foi o crítico de arte Mário Pedrosa, que visitava os artistas em seus ateliês, e vinha até Minas Gerais para acompanhar o trabalho dos mineiros que buscavam uma arte pura, desligada dos padrões figurativos. Os júris de seleção das

primeiras Bienais, que às vezes eliminavam 90% dos trabalhos apresentados, eram o grande teste a ser enfrentado. Naquele tempo não existiam curadores de arte e os artistas se dispunham a passar por essa experiência.

A aprovação na Bienal era a minha chance de descer das montanhas e viajar para São Paulo, encontrar os amigos companheiros de jornada, participar dos eventos internacionais e estudar o pensamento dos grandes artistas abstratos europeus. Trocava ideias com os paulistas Maria Leontina, Milton Dacosta, Arcângelo Ianelli e Volpi. Todos tínhamos vindo de antecedentes figurativos e isso transparecia em nossos trabalhos. Não havia a preocupação matemática dos concretistas suíços; seguíamos o comando da sensibilidade e da intuição.

As ideias espiritualistas de Kandinsky já começaram a me acenar como uma estrela luminosa. Os grandes pintores abstratos europeus, principalmente os da vanguarda russa, não se limitavam aos aspectos formais; tinham uma busca interior, um contato direto com níveis mais profundos de consciência.

O rompimento com a figura e o tema indicaram também direções novas para a escultura brasileira. A exposição do artista suíço Max Bill no Museu de Arte de São Paulo, em 1950, impulsionou a nova geração de escultores ao questionamento dos moldes tradicionais da escultura figurativa para abraçar a forma tridimensional pura. Do grupo de Minas, três escultores aderiram ao movimento: Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Mary Vieira. Mais tarde, Mary deixou o Brasil para se radicar na Suíça, onde se tornou uma aluna e seguidora de Max Bill vindo a ser uma artista de renome internacional.

Repensar o construtivismo é também reviver os nossos passos. Aqui em Minas Gerais a nossa visão da arte vinha dos antecedentes líricos de Guignard. Um pequeno grupo se reunia no estúdio de Marília Gianetti, projetado pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos. Marília Gianetti, Mário Silésio, Nelly Frade e eu formávamos o grupo de pintores que, nos anos 1950, encontrou o seu próprio caminho dentro da arte não figurativa.

O construtivismo sensível não acaba nunca, porque ele é o mensageiro de uma paz que existe dentro de todos nós, paz que os artistas buscaram por meio de obras de grande beleza e serenidade. O desejo de paz veio à tona numa época de guerras. Duas grandes guerras na Europa, várias ditaduras pelo mundo. Todos passaram para a história, os artistas morreram, mas sua arte continua viva, trazendo até nós o desejo da paz que os inspirou.

O construtivismo é uma meditação. Mergulhados no silêncio de sua própria interioridade, o fazer artístico transcende a violência e a opressão.

Percorrendo as salas desta exposição, vou sentindo cada vez mais o poder da arte de

transmutar energias. Revejo os *Bichos*, de Lygia Clark; os *Metaesquemas*, de Hélio Oiticica; as telas construtivas de Volpi e Ivan Serpa; os objetos de Ana Maria Maiolino e Mira Schendel. Caminhar pela exposição é encontrar as origens, a expansão e o sentido desse movimento que percorreu o Brasil em 1950.

No momento, todo o meu trabalho está inspirado no que eu fiz naqueles anos. Os meus desenhos construtivistas foram tridimensionados com a ajuda de minha neta Elena Andrés Valle, transformando-se em esculturas de aço. Recentemente, retomei o construtivismo de uma forma mais espontânea, através de uma série de colagens.

26 de novembro de 2018

## O CONSTRUTIVISMO BRASILEIRO E A ARTE DOS ÍNDIOS

A arte dos índios, em seus padrões geométricos, repetitivos e disciplinados, remete a outros domínios do pensamento, constituindo meios de comunicação e modos de conceber, compreender e refletir a ordem social e cosmológica. Modelando a argila ou pintando o próprio corpo, eles se harmonizam com a natureza, integrando-se ao seu meio.

Segundo os irmãos Villas Boas, famosos indigenistas brasileiros, temos muita coisa a aprender com os índios. Para eles a natureza conserva-se a mesma. O ano é dividido em dois períodos distintos: o inverno ou o tempo das águas, começando em outubro e terminando em março; e o verão, tempo seco, de abril a setembro. O ritmo de vida do índio acompanha o ritmo da natureza. Quando chegam as chuvas, ele se retrai silenciosamente para dentro da maloca, cuidando de trabalhos miúdos. Deixa de pintar o corpo e de se enfeitar. Suas atividades são mais serenas. Espera pacientemente as águas crescerem, os rios invadirem as matas, para deixar a maloca em busca dos peixes que já estão à espera, e dos primeiros frutos caídos das árvores. De acordo com o verão e o inverno, denominações que têm correspondência exatamente oposta à nossa, vive uma vida ativa ou retraída, caçando, pescando ou cuidando de pequenos afazeres.

No Museu do Índio, no Rio de Janeiro, procurei observar com atenção os caracteres geometrizados em todo artesanato indígena, nas cestarias, cerâmicas e até na pintura corpórea. Muito antes da chegada dos europeus, mergulhados nas florestas, seguindo o ritmo natural da vida, os índios buscavam o equilíbrio também em suas manifestações artísticas. Observavam a pele dos animais, onças, lagartas e dali partiam para a busca da ordem e da simetria em seus padrões geométricos. Nossos antepassados se expressavam de forma construtiva, um construtivismo orgânico e espontâneo. O construtivismo brasileiro também buscou alcançar esse equilíbrio e essa ordem. O movimento construtivista que se propagou pelo Brasil foi uma integração perfeita do que veio da Europa com o que já existia aqui.

21 de maio de 2010

## **PALESTRA NO SEMINÁRIO ARTE CONCRETA E VERTENTES CONSTRUTIVAS**

No dia 26 de junho de 2018, foi aberto um seminário sobre *Arte Concreta e Vertentes Construtivas*, que me homenageou como uma das participantes daquele movimento ocorrido no Brasil nos anos 1950. Foram também homenageados a historiadora Aracy Amaral e o artista e crítico de arte Márcio Sampaio. Reproduzo abaixo a minha palestra no evento:

É para mim uma honra estar presente neste evento. Agradeço, de coração a homenagem que me está sendo prestada; agradeço aos críticos, artistas e pesquisadores que organizaram este seminário.

Considero da maior relevância um estudo aprofundado do construtivismo brasileiro. Como artista mineira, atuante no movimento, posso dar o testemunho da minha própria experiência.

O construtivismo foi importantíssimo para todos nós que abraçamos as ideias vanguardistas. Para mim, ele foi como uma semente que mais tarde se reproduziu em outras formas de expressão. Devo à minha prática construtiva daquele tempo a fase atual de esculturas e colagens. Foi a retomada da ordem construtiva, depois de muitos anos de liberdade da fase gestual.

Para este seminário procurei selecionar textos escritos para o meu blog e retirados dos meus dois livros: *Vivência e Arte* e *Os Caminhos da Arte*.

A exposição *Ordem & Liberdade*, sobre a arte abstrata nas coleções do MAM e de Gilberto Chateaubriand, inaugurada no final de 2003 no Museu de Arte Moderna do Rio, tendo como curador o crítico Fernando Cocchiarale, propunha uma retomada histórica do abstracionismo no Brasil, com ênfase nos anos 1950. Naquela exposição eu estava do lado correspondente à ordem, à disciplina. Foi com emoção que pude rever os artistas que participavam das bienais de São Paulo. Lá estavam, vizinhos do mesmo painel, os companheiros de arte da época, muitos já falecidos: Milton Dacosta, Maria Leontina, Mário Silésio, Alfredo Volpi, Amilcar de Castro e Lygia Clark, entre outros. Senti-me a própria sobrevivente percorrendo a mostra.

O construtivismo nos propunha disciplina, concentração, limpeza de cores, uma arte mental, intimista, sem impulsos emocionais. Cultivava-se a virtude da paciência. Os quadros levavam meses para serem feitos e o instrumento usado para se conseguir uma linha perfeita era uma espécie de caneta ou bisturi, chamado tira-linhas, ferramenta gráfica em desuso hoje, na era do computador. Com as linhas paralelas, eu fazia postes de luz e partituras musicais. Gostava de ficar horas pintando, porque me fazia bem à alma.

Passar pelo construtivismo foi para mim uma lição de vida. O fazer artístico significava

crescimento. A integração de várias áreas das artes, necessária a uma revisão de valores, era um dos pontos mais importantes do movimento construtivista que surgiu a partir da primeira Bienal de São Paulo. Poetas, músicos e pintores se uniam dentro do mesmo ideal estético, dando prioridade à pureza da forma. O grande incentivador do construtivismo foi o crítico de arte Mário Pedrosa, que visitava os artistas em seus ateliês, e vinha até Minas Gerais para acompanhar o trabalho dos mineiros que buscavam uma arte pura, desligada dos padrões figurativos. Os júris de seleção das primeiras Bienais, que às vezes eliminavam 90% dos trabalhos apresentados, eram o grande teste a ser enfrentado. Naquele tempo não existiam curadores de arte e os artistas se dispunham a passar por essa experiência.

A aprovação nas bienais era a minha chance de descer das montanhas e viajar para São Paulo, encontrar os amigos companheiros de jornada, participar dos eventos internacionais e estudar o pensamento dos grandes artistas abstratos europeus. Trocava ideias com os paulistas Maria Leontina, Milton Dacosta, Arcângelo Ianelli e Volpi. Todos tínhamos vindo de antecedentes figurativos e isso transparecia em nossos trabalhos. Não havia a preocupação matemática dos concretistas suíços; seguíamos o comando da sensibilidade e da intuição.

As ideias espiritualistas de Kandinsky já começaram a me acenar como uma estrela luminosa. Os grandes pintores abstratos europeus, principalmente os da vanguarda russa, não se limitavam aos aspectos formais; tinham uma busca interior, um contato direto com níveis mais profundos de consciência.

O rompimento com a figura e o tema indicaram também direções novas para a escultura brasileira. A exposição do artista suíço Max Bill no Museu de Arte de São Paulo, em 1950, impulsionou a nova geração de escultores ao questionamento dos moldes tradicionais da escultura figurativa para abraçar a forma tridimensional pura. Do grupo de Minas, três escultores aderiram ao movimento: Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Mary Vieira. Mais tarde, Mary deixou o Brasil para se radicar na Suíça, onde se tornou uma aluna e seguidora de Max Bill vindo a ser uma artista de renome internacional.

Repensar o construtivismo é também reviver os nossos passos. Aqui em Minas Gerais a nossa visão da arte vinha dos antecedentes líricos de Guignard. Um pequeno grupo se reunia no estúdio de Marília Gianetti, projetado pelo arquiteto Sylvio de Vasconcellos. Marília Gianetti, Mário Silésio, Nelly Frade e eu formávamos o grupo de pintores que, nos anos 1950, encontrou o seu próprio caminho dentro da arte não figurativa. A mesma preocupação do simples estava em todos nós.

Revendo as obras do Museu de Arte Moderna do Rio cheguei à conclusão que houve em

todos nós um ponto de mutação comum: a necessidade de eliminar o supérfluo, reduzir o impulso emocional e buscar a essência na arte e na vida.

Naquela exposição foi-me possível constatar um fato: todos nós mudamos depois de algum tempo, alguns radicalmente, outros sem grandes saltos. O caminho da liberdade foi uma consequência do exercício da disciplina. Ali no Museu, frente a frente, estavam os opostos complementares de tudo que existe na natureza e na criação.

No momento em que a arte construtiva brasileira está sendo amplamente divulgada no exterior, convém lembrar também nossas origens indígenas.

“Eu nunca te encontraria se já não estiveste comigo”. Esta frase do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry nos revela a força da tradição indígena brasileira, que aflorou na década de 1950, conduzindo artistas, pintores, desenhistas, escultores, *designers*, arquitetos e poetas, para a busca da ordem e do equilíbrio na arte.

Essa ordem interna sempre foi presente em todas as manifestações culturais indígenas, que se estendiam para a vida da comunidade.

O movimento construtivo, que se propagou pelo Brasil foi uma integração perfeita do movimento vindo da Europa e da América Latina com o que já existia nas nossas raízes culturais.

Muito obrigada!

9 de julho de 2018



## POEMA CONCRETO

Para ilustrar a minha participação no movimento concretista, escolhi para as próximas postagens alguns poemas concretos escritos na época.

### ESCULTURA

A forma branca se eleva  
Se eleva como uma prece  
Se elevando  
Levantando  
Eleva  
A alma também  
Forma branca  
Alva  
Brilhante  
Forma esguia  
Forma pura  
Forma síntese da vida  
Vida  
Plena  
Plenitude  
Forma pura  
Musical  
Levantando  
Se elevando  
Se eleva como uma prece

23 de julho de 2018

## NO CCBB-BH, UM CONVITE PARA FALAR SOBRE O CONSTRUTIVISMO

Não tenho voz para o palco, falo baixo.

Mas Ivana lê o texto em voz alta.

Eu também escuto em silêncio.

Todos ouvem o relato construtivo que se instalou no Brasil e no mundo nos anos 1950.

Década do pós-guerra; artistas perseguidos por canhões, bombas; ditaduras militares; exílios; imigrações.

A arte é o caminho escolhido para uma busca interior.

No silêncio de ateliês improvisados, os artistas alcançam a paz em seus trabalhos.

Falar em construtivismo é falar de equilíbrio e harmonia interna que se exteriorizam nas grandes mostras.

Há semelhanças formais e semelhanças espirituais, trazendo luz para o fato de sermos irmãos.

A atmosfera de violência esteve presente como nos dias de hoje.

Mas a paz interna sempre existiu e sempre existirá para aqueles que a procuram nos labirintos de sua própria interioridade.

Vamos percorrendo a exposição e parando diante de algumas obras.

Primeiro, Joaquim Torres Garcia, artista uruguaio que teve grande atuação na América Latina.

Estudou as semelhanças entre a arte construtiva e a cultura pré-colombiana.

Diante de uma pintura de Waldemar Cordeiro, do início de sua carreira, notei grande semelhança com as pinturas do nosso construtivismo em Minas.

Ivan Serpa está presente com uma tela de grande dimensão.

Ele foi considerado por Mário Pedrosa o papa do concretismo brasileiro.

Lembrei-me do fato ocorrido nos anos 1960, quando Serpa teve uma mudança radical apresentando trabalhos totalmente expressionistas.

Nós todos mudamos, na mesma época, da disciplina do construtivismo para uma expressão artística mais livre.

Mira Schendel está presente nessa mostra com dois livros de artista: o primeiro envolto em *plastiglas* e o segundo feito em papel preto e branco.

Anna Maria Maiolino está expondo um livro de artista e ainda um objeto de papéis colocados em volumes superpostos, à semelhança de um palco todo em branco.

Hélio Oiticica apresenta na mostra apenas um *Metaesquema*, um desenho no qual repete diversas formas negras sobre fundo sépia.

Lembramos de sua exposição no museu de Houston, onde ele ocupa uma sala/instalação com seus famosos *Núcleos* coloridos.

Lygia Clark com seus *Bichos* em alumínio, que a tornaram internacionalmente conhecida, pode ser apenas contemplada.

Sua proposta seria de participação do espectador, mas ali ninguém participou, pois embaixo havia uma advertência: “Proibido tocar na obra”.

Finalmente, fomos conduzidos para a sala/instalação de Lygia Pape, que, de uma forma muito sensível, alcançou a arte contemporânea com fios de cobre alinhados num espaço escuro, iluminados por um raio de luz.

Procuramos focalizar os artistas brasileiros presentes nessa Coleção de Ella Fontanais-Cisneros, que nos ofereceu a oportunidade de apreciar as obras geométricas latino-americanas através de uma exposição itinerante.

Saímos de lá conscientes da importância da apresentação das coleções internacionais para o público brasileiro, e que sempre nos proporcionam momentos de reflexão.

Parabéns aos organizadores do evento educativo no CCBB e aos curadores da mostra.

4 de dezembro de 2018

## **PAINEL CONSTRUTIVISTA NO GRUPO ESCOLAR HERBERT DE SOUZA**

Estou diante da tela do computador, vendo desfilarem as fotos concretistas de meu painel executado nos idos de 1950 para a residência de Licurgo e Antonieta Lucena. Eles eram nossos vizinhos na rua Santa Rita Durão e pretendiam inaugurar uma casa nova com o painel.

Foi uma encomenda muito prazerosa; criei o projeto e solicitei a colaboração do ceramista Juan Franco Cerri para o trabalho feito em cerâmica.

O painel construtivista ficou por muitos anos enfeitando a fachada da casa dos Lucena. Às vezes eu passava de carro e parava para vê-lo. Ali ficou até que um dia o casal resolveu demolir a casa para, naquele local, construir um prédio.

Foi quando me telefonaram pedindo uma sugestão. Queriam colocar o painel num local onde tivesse visibilidade. Descobrimos o lugar ideal, o Grupo Escolar Herbert de Souza, num bairro da periferia de Belo Horizonte. A transferência foi também executada por Cerri e hoje ocupa um espaço no Grupo Escolar, alegrando as paredes por onde passam crianças. Alguns anos atrás, fui visitar o grupo, conversei com as crianças, tiramos retratos juntos.

É importante ressaltar a generosidade de Licurgo e Antonieta, doando o seu painel para benefício público.

As fotos desta postagem foram tiradas por Rosa Maria Machado de Sousa, bióloga e analista social que trabalha na URBEL. Ela estava fazendo um trabalho com os alunos da escola integrada sobre situações de riscos (geológicos e ambientais), uma vez que a escola Herbert de Souza fica próxima ao córrego do Onça, bairro Aarão Reis. Ficou emocionada quando viu o meu painel, pois é grande amiga de meu filho Maurício Andrés.

A cidade e as crianças agradecem essa iniciativa.

14 de agosto de 2018

## CONSTRUTIVISMO MINEIRO EM BRASÍLIA

Recentemente fui procurada por uma jornalista do jornal Hoje em Dia, que tem correspondente em Brasília, para dar um depoimento sobre Athos Bulcão e o movimento concretista brasileiro iniciado em São Paulo em 1951. Esse movimento teve repercussão nacional e internacional, congregando artistas que procuravam os mesmos ideais de disciplina e construção.

Para mim, ele foi o encontro com o que eu já vinha desejando: o despojamento do supérfluo e a busca da essência da forma. Aprendi com Guignard a usar a “linha contínua” para croquis rápidos ainda como artista figurativa. Esses exercícios possibilitaram uma série de desenhos que hoje estão sendo recuperados nas esculturas que, do ano 2000 em diante, foram tridimensionadas no computador por minha neta Elena Andrés Valle.

Quando estive em Brasília há pouco tempo, fui ver a exposição *Arte para crianças* no CCBB. Lá estava Athos Bulcão, revisitado em seus azulejos de forma interativa. As pessoas podiam modificar a composição, mudando a disposição dos azulejos.

Seguem trechos da entrevista:

Pioneira do Concretismo em Minas Gerais, a artista plástica Maria Helena Andrés observa na 1ª. Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, que a mostra causa grande impacto em Athos Bulcão. Contemporânea do artista, Maria Helena Andrés não chegou a conhecê-lo e recorda-se dele apenas ao telefone. Naquela ocasião, os principais artistas brasileiros eram todos figurativos: Di Cavalcanti, Portinari e Guignard. “Eu participei da primeira Bienal com dois quadros, ainda como artista figurativa”. Durante a efervescência do Concretismo, Minas Gerais ofereceu escultores como Franz Weissmann (1911-2005), Amílcar de Castro (1920- 2002), Mary Vieira e Lygia Clark (1920- 1988). Na pintura, Mário Silésio (1913- 1990), Marília Gianetti (1925-2010) e Nelly Frade (1913- 1988), entre outras, incluindo a própria Maria Helena como testemunha viva e participante da época. “Íamos juntos para São Paulo para participar das exposições. O concretismo brasileiro começou lá. Foi um período muito importante, que teve grande repercussão nacional. Foi um movimento que chegou até a poesia e as artes gráficas. Nós éramos jovens, fazíamos a arte com muita disciplina, pureza e precisão e íamos para São Paulo assistir palestras de Mário Pedrosa e Ferreira Gullar, um dos poetas fundadores do neoconcretismo.” (Jornal Hoje em Dia, caderno Mosaico, 24 de abril de 2011).

Sobre o concretismo, segue um trecho do meu livro *Vivência e Arte*, publicado pela Agir em 1966:

A pintura concreta libertou-se da tradição, procurando um caminho diferente e completamente novo. Um quadro concreto não poderia ser julgado dentro do mesmo critério de um outro abstrato ou figurativo. Ele visava a transformar uma ideia (não um tema ou sujeito) em forma concreta. Nessa elaboração, deveria esgotar todos os seus recursos. Não se admite um quadro ou uma escultura concreta sem essa clareza de expressão e executado dentro de uma técnica confusa e complicada. Para isto servia-se, às vezes, de materiais novos que permitiam maior pureza e simplicidade na realização. Os concretistas desejavam uma expressão exata e não apenas sugerida de sua ideia. A arte abstrata poderia sugerir, a arte concreta teria de afirmar, para ser verdadeira. O emprego de formas geométricas simples, de cores exatas e de composições equilibradas dentro de leis matemáticas veio alertar o artista e despertar-lhe a consciência da técnica, tão desprezada pelos primeiros modernistas. Esse foi um dos aspectos mais fortemente positivos dessa fase, que beneficiou, com essas noções, não só seus adeptos, mas seus adversários. Se o concretismo procurou criar uma pintura objetiva, antissentimental, visando somente a uma ordem estética, o abstracionismo voltou à contemplação interior e deu largas à intuição.

Na minha experiência concretista eu sempre ouvia música, e meus quadros serviram de partitura musical para a apresentação dos músicos Artur, Regina e Alexandre na exposição *Linha e Gesto*.

27 de abril de 2011

## A GUARDIÃ DAS MONTANHAS

Ela chegou  
de  
caminhão  
e  
desceu  
carregada  
por  
cinco homens  
e  
um guindaste.  
Prepararam  
duas covas  
para plantar  
essa árvore  
de  
ferro,  
com  
dois metros  
de altura.

Colocada  
de frente para  
as montanhas  
é, agora,  
a nossa  
guardiã.

A escultura  
é  
mais um projeto  
nascido de  
um desenho  
construtivista.  
Passou  
pelas minhas  
mãos,  
as mãos de  
minha neta Elena,  
e, mais tarde,  
se engrandeceu

em  
Rio Acima,  
pelas mãos  
de Paulo Mendes,  
que hoje  
está executando  
as minhas esculturas.

Ficou tão linda  
no meio  
do gramado.  
Na rua,  
as pessoas param  
para  
contemplá-la.  
E eu vou  
visitá-la,  
admirada  
com  
a grande capacidade  
de Paulo Mendes,  
engenheiro,  
pintor,  
escultor  
e realizador de  
projetos  
fantásticos.

Agora,  
ele transforma  
um desenho  
em linha contínua,  
num monumento  
imponente  
e audacioso.

A escultura olha  
para as montanhas,  
em frente,  
e escuta  
os pássaros cantarem  
em seu entorno.  
Eu vejo



o meu desenho  
de linha contínua  
riscado no espaço  
em tamanho gigante,  
entre  
o verde das árvores  
e  
o azul dos céus  
de Minas.

28 de junho de 2020

# 4 Exposições & Homenagens



*Marta Helena Mendes 2021*

## A EXPOSIÇÃO *LINHA E GESTO* NO PALÁCIO DAS ARTES - I

A exposição *Linha e Gesto*, realizada no Palácio das Artes entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010, motivou reflexões sobre seu conteúdo e dinâmica.

Para essa exposição, optamos por uma linha que teve sua origem na década de 1950, quando meu trabalho passou do figurativo para o abstrato. O registro dessa mudança está nos pequenos croquis feitos na zona rural de Minas Gerais, a fazenda da Barrinha. Naquela ocasião, levando comigo um caderno de anotações, eu desenhava em nanquim o movimento de uma fazenda mineira.

A série *Via Sacra* pertence também aos desenhos preliminares que motivaram a transformação do figurativo para o abstrato. O passado foi a energia propulsora da qual se foi construindo o futuro. Foi necessário desconstruir o passado para criar o presente e o futuro. A fase de guerra foi decisiva. Ali foram quebrados os condicionamentos, as estruturas se despedaçaram e começaram as releituras. De um lado, a via sacra. Do outro, os bozinhos.

Registros de uma época feliz, estável, família crescendo, marido dando força para seguir o caminho. Desenhos pequenos, lembranças. No meio do biombo, o túnel do tempo permite ver ao fundo as esculturas de ferro. O presente veio do passado. Ao centro, as cidades iluminadas brilham na noite. Casas, janela, luzes que se acendem, luzes que se apagam. Voltar ao passado? Impossível. Uma voz interna me diz: não detenha o rio. Ele segue o curso natural das águas e um dia se joga no mar. Muitas histórias são vivenciadas no curso do rio. Elas nos contam segredos que nunca serão revelados, mas fazem parte da vida, do dia, da noite, das manhãs, dos poentes. As lembranças dão vida ao agora porque só ele existe.

Comentam sobre minha fase concretista: “Seus quadros dessa fase estão valendo uma fortuna em São Paulo”. Não me interessa pela parte comercial de minha obra. Ela faz parte do meu itinerário, mas não é o que me impulsiona. Seguir a meta dos jovens. Entusiasmo, alegria, ação. Os valores são outros quando escutamos os jovens. Eles veem a arte como um todo, não separam. O século XXI é o século da unidade e não da separatividade. Ver a exposição como um todo, um caminho, um túnel do tempo que se prolonga no espaço.

Roberto Andrés e Marília Andrés Ribeiro lideraram a equipe de curadores dessa exposição determinando a tarefa de cada um. Os jovens se entusiasmaram e desapegadamente começaram a agir. A retribuição era sempre informal, um desenho de presente, um crédito na lista de apoio. Elena Andrés Valle, que deu o primeiro toque nas esculturas, também fez os painéis transportáveis, que permitem circular em diversos espaços.

Minha arte tem de ser viajante como eu sou na vida. Ser transportável é condição imprescindível! A exposição mostra meu caminho, que é também o de minha vida, cheio de mudanças. O ponto de mutação energético. Se não enxergamos a ordem interna de mudança, ficamos parados no tempo e sofremos. A ordem não vem de fora, é uma exigência de nosso ser interno.

Os curadores escolheram duas vertentes significativas do meu itinerário de arte, dois percursos aparentemente opostos, mas que se completam. Ambos buscam alcançar o essencial através da criação artística e posso visualizar claramente o trajeto da linha e o do gesto, e a sua transformação no tempo.

3 de março de 2010

## **A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO NO PALÁCIO DAS ARTES - II**

A linha do tempo me ajudou a ver mais claramente os caminhos por onde passei, em ordem cronológica. Para isso, Eliana Andrés pesquisou documentos antigos guardados nas gavetas da memória. Abriu pastas e papéis amarelados e até os desenhos das artistas de cinema apareceram, documentando a minha adolescência de 14 anos. Desde então, meu rumo estava traçado.

Vídeos foram editados, depoimentos de vida, o refúgio nas montanhas, passarinhos cantando. Terra, água, fogo, ar e éter registraram minha passagem por espaços diversificados. O passado foi surgindo no meio de livros, documentos, falas. Surgiu devagar, realizado com muito amor e paciência. As pessoas paravam para ver os livros e as minhas viagens à Índia, filmadas por Maurício Andrés, em 2007, editadas por Cecília Fernandes, com produção de Ivana Andrés e imagens de Luciano Luppi.

Tudo se tornou interessante e vivo, porque foi um registro de experiências. A linha contínua foi sempre lembrada: “Partir de um ponto e voltar ao ponto inicial”. Na arte e na vida as coisas se assemelham. No momento, faço releituras do que foi feito: o construtivismo de 1950; o gestual de 1960. O construtivismo gerou esculturas geométricas, o gestual gerou esculturas orgânicas. O caminho foi registrado de forma clara.

Partir do individual para o coletivo, do pequeno para o grande, de Minas Gerais para o mundo. Depois, voltar à terra e ver que as montanhas estão indo embora de trem de ferro e navio para terras distantes.

O depoimento sobre a serra da Calçada também foi apresentado em vídeo: lembrei das fases da exploração de nossas riquezas minerais. O ciclo do ouro e agora o do ferro, assustadoramente devorador! Tudo isso foi visto e provocou reflexões, numa forma interativa e dinâmica. “Onde fica essa Serra da Calçada? Vou fazer o mesmo movimento de proteção lá no Maranhão”. Outro visitante se encanta com a Índia. “Sou discípulo de Sai Baba, um dia ainda chego lá na Índia.”

14 de março de 2010.

### **A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO NO PALÁCIO DAS ARTES - III**

As crianças se interessaram, participaram de uma oficina dirigida por Isaura Pena e tiveram a alegria de ver seus trabalhos também expostos nos painéis. Depois vieram as intervenções. No princípio, achei estranha a ideia, pois nunca tinha visto isso em nenhum lugar do mundo. Curadores, artistas e colecionadores teriam de ver seus trabalhos sempre mudando de lugar. Ótima ideia para treinar o desapego.

Marília Andrés e Roberto Andrés foram os curadores, fizeram uma instalação baseada na história da linha e do gesto. Juntos, organizaram o primeiro módulo, que durou um mês. Ficou lindo, muito claro, incisivo, mostrando o início do processo e a direção para as esculturas geométricas e orgânicas.

A exposição trouxe para o Palácio das Artes uma dinâmica de apresentações paralelas que se estenderam pelo mês de janeiro e fevereiro de 2010. A começar da primeira *performance* do grupo *O Grivo*, a ligação da pintura com a música foi amplamente experimentada. “Os desenhos de John Cage lembram os seus”, assim me falou o músico que desenvolveu uma integração da música com a poesia minimalista. Ali, a comunicação foi feita através do silêncio e das experiências de John Cage unindo arte à meditação.

Meus quadros da década de 1950 têm a força de interagir com outras artes e agora estão sendo o embrião de novas criações no campo da música, da escultura, da dança e da arquitetura. A apresentação de Artur, Alexandre e Regina revelou a possibilidade de um quadro concretista se transformar em partitura musical.

Naquela noite, meu neto Alexandre, que também é compositor, me presenteou com uma composição de sua autoria, recém-criada no seu estúdio na fazenda. A síntese das artes começou a acontecer sob as luzes do grande salão. Foi quando uma jovem se levantou do chão de mármore onde estava sentada e começou a dançar espontaneamente, levando a plateia a participar da energia da criatividade em sua fonte.

A exposição foi enriquecida, no dia 17 de janeiro, por eventos que promoveram a participação do público de forma diferenciada. Por ali passaram crianças, jovens, adultos, pessoas das diferentes classes sociais. As telas foram reinventadas no desenho espontâneo das crianças, no pensamento elaborado dos jovens estudantes de arquitetura e no construtivismo de Márcio Sampaio. Todos puderam participar.

Pesquisas foram feitas nos computadores, nos livros, em documentos espalhados sobre a mesa e também na linha do tempo estendida cronologicamente.

A minha vida de artista foi mostrada desde a adolescência, quando pintava artistas de

cinema, até os dias de hoje, com as esculturas que se ergueram do bidimensional para o tridimensional. Houve interesse em percorrer a mostra e muitas vezes as pessoas retornavam para observar detalhes nos dias seguintes.

4 de abril de 2010

## A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO NO PALÁCIO DAS ARTES - IV

Já estávamos todos acostumados àquela disposição dos quadros e esculturas, quando, numa segunda feira, tudo mudou, e na terça-feira já estava instalada uma nova versão, dessa vez entregue a dois outros curadores convidados, Wellington Cançado e Renata Marques. A nova curadoria fez mudanças de lugar de um dia para o outro. Tivemos de desapegar do passado e enxergar o novo, agora entregue a dois jovens arquitetos. A visão do todo foi dividida em compartimentos bem definidos. Os quadros passaram a ser vistos de outra forma, independentes de uma perspectiva cronológica, e as esculturas tiveram destaque à entrada da galeria.

No dia 26 de janeiro, o diretor do Museu Mineiro, Francisco Magalhães, fez uma segunda intervenção, mas não mudou os painéis. Riscou o chão com grafite, projetando linhas paralelas que dialogavam com os quadros concretistas, com os painéis e estendia a exposição para o piso de mármore.

As intervenções foram verdadeiras reinvenções inspiradas nas pinturas concretistas. No dia 2 de fevereiro, os irmãos Marconni e Marcelo Drummond reinventaram meu quadro *Fantasia de ritmos*, hoje pertencente ao Museu de Houston, nos Estados Unidos e, no momento, percorrendo a Europa na exposição coletiva *Arte Concreta Brasileira*. Foi aberta a discussão sobre a venda da coleção Leirner para os Estados Unidos. Como pertencente a esse grupo de artistas brasileiros, sou de opinião que a retirada das obras do Brasil não significou perda nem para os artistas, nem para nosso país.

O estrondoso sucesso da mostra levantou o nome do Brasil no exterior e também permitiu que se olhasse com respeito para o hemisfério sul. Em nível de qualidade, ficou constatado o fato de que somos tão bons em termos de arte concreta quanto o hemisfério norte, para não dizer melhores em termos de conjunto.

20 de março de 2010



## **A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO NO PALÁCIO DAS ARTES - V**

No dia 4 de fevereiro foi realizada a palestra do crítico Fernando Cocchiarale. Sentada ao lado do palestrante, eu escutava suas palavras claras sobre o concretismo no Brasil e no mundo. Ele inseria o grupo mineiro nos movimentos concretistas da década de 1950, mostrando a importância de nossa participação. Seu pensamento revelou uma arte internacional ligada em suas origens à vanguarda russa pré-revolucionária, na qual se estudou a forma em seus elementos essenciais. Cocchiarale também mencionou a importância da presença da mostra *Arte Construtiva Brasileira* nos Estados Unidos como modo de valorização de nossos artistas através de uma coleção da mais alta qualidade.

No dia 7 de fevereiro, José Cabral Filho, aproveitando a intervenção dos irmãos Drummond, construiu uma réplica no chão, com uma experiência de arte virtual projetada na parede à medida que as pessoas circulavam e se davam as mãos, numa demonstração da energia humana conjugada com a energia da tecnologia.

Tendo como suporte o tablado de madeira, onde distribuiu retângulos, quadrados e varetas coloridas, no dia 9 de fevereiro, Márcio Sampaio buscou na origem do construtivismo a influência do grande artista russo Malevitch. Este artista procurava, pela eliminação do supérfluo, alcançar a “realidade suprema” que é sem forma e sem cor, chegando ao famoso quadro “Branco sobre branco”. Na exposição, Márcio Sampaio, inspirado no construtivismo russo, criou para mim uma logomarca que oportunamente será usada.

27 de março de 2010

## A EXPOSIÇÃO LINHA E GESTO NO PALÁCIO DAS ARTES – VI

O grupo *Superfície*, liderado por Roberto Andrés, realizou uma apresentação dinâmica a partir do tema dos boizinhos, que poderia ser vista dentro e fora da exposição. O desenho se movimentava, seguindo a vibração dos sons. Em seguida, uma nova experiência foi mostrada aos participantes, tomando como referência um quadro concretista. Com o auxílio de um microfone, o público pôde “ouvir” a tela e “sentir” o som das cores. Uma das características do século XXI é a passagem do individual para o coletivo. O mito do artista já começou a ser questionado.

Uma *performance* aconteceu em plena rua. Os alunos atentos assistiam a uma aula de filosofia. A professora escrevia aforismos no quadro negro, um jovem segurava balões brancos que eram soltos no espaço. Enquanto os balões subiam, as coisas aconteciam debaixo do céu. Os transeuntes que passavam em frente ao Palácio das Artes davam palpites e, às vezes, também participavam, como aquele passante que achou ótimo se deitar na rua, ao lado do artista que segurava os balões.

A mais decisiva foi a última, entregue à dançarina Dudude Hermann, que foi convidada para fazer a desmontagem da exposição com uma apresentação sobre desconstrução. Quando começou a dançar, ela parecia incorporar a energia do Deus Shiva que, dançando, destruía os apegos. Naquele momento, os artistas, curadores, desmontadores puderam ver com clareza a relação da arte com a vida. O desmonte significava também a possibilidade de um recomeço em outro espaço e tempo.

Depois da exposição, recebi uma instigante fotografia de Haroldo Kennedy. Nela, as lentes do fotógrafo criam novos espaços e sugerem novas dimensões para as esculturas.

11 de abril de 2010

## UMA VISITA AO MUSEU DE ARTE DO RIO

Sempre gostei de desenhar e pintar veleiros. Talvez seja pela estrutura dos mastros que energeticamente sustentam a fluidez das velas — navegantes do espaço.

No momento, encontro-me no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), junto à baía da Guanabara. Do outro lado, está Niterói, abrigando outro museu, obra famosa de Oscar Niemeyer. Deste museu onde estou observando os barcos em frente, imagino o túnel que está sendo criado para se chegar até lá, às outras obras de arte. O diretor nos aponta os diversos espaços destinados às construções artísticas do passado e do presente.

O MAR é um grande navio parado no porto, um navio ancorado e cheio de arte brasileira. As obras-primas vão desfilando aos nossos olhos, mostrando o Rio desde épocas remotas, quando ainda não havia a fotografia, um Rio de Janeiro sempre belo, do descobrimento até os dias de hoje. Começamos pela parte de cima, onde estão os paisagistas vindos de outras terras, até os andares de baixo com enormes salões. Neles, a arte moderna e a contemporânea vão descortinando outra história, a do Brasil ventilado pelo sopro da Europa, brasileiros se unindo a outras terras, num abraço confraternizador, que nos lembra que somos todos irmãos e não existem diferenças.

Colecionadores nos demonstram o quanto de amor foi necessário para reunir obras em seus preciosos acervos, cedidos com generosidade ao público, e que, bem escolhidos, devem ser mostrados. No ensejo, parabenizo o da coleção Fadel, sobre o construtivismo brasileiro. A exposição *Vontade Construtiva* na *Coleção Fadel* tem uma sequência, equilibra-se em qualidade e precisão.

Ali estão os meus grandes amigos do passado, Volpi, Maria Leontina, Mário Silésio, Marília Giannetti, Franz Weissmann, Amílcar de Castro. Meu quadro está junto deles e vai me trazendo lembranças de quando o concretismo surgiu no Brasil, para nos conduzir à disciplina do traço, da linha, das cores chapadas, da valorização da forma por ela mesma, sem necessidade de significar algo. Um passeio pelo concretismo é uma caminhada até nossa origem indígena e a fusão harmoniosa desta com a mensagem vinda de fora, do continente europeu.

A coleção construtivista de Fadel é uma joia de arte que deve ser divulgada e, sobretudo, muito estudada. Os curadores revelaram uma vontade construtiva na forma afinada como colocaram os quadros nas paredes.

Fui convidada para pronunciar uma palestra sobre o construtivismo em Minas. Recordei aspectos ainda não divulgados do nosso pequeno grupo, que abraçou com entusiasmo as novas ideias vindas de São Paulo, da 1º Bienal, e assimiladas e transformadas nas montanhas mineiras. Ali

estavam presentes o diretor cultural do museu, os curadores Paulo Herkenhoff e Roberto Conduru e a coordenadora da *Oficina do Olhar*, Janaína Melo.

Ao final, ficou decidido que eu voltaria em junho para repetir a palestra para um público maior.

8 de maio de 2013

## **EXPOSIÇÃO FOTOGRAFIA E NATUREZA**

No dia 14 de março de 2015, a Galeria Lemos de Sá, em parceria com o Instituto Maria Helena Andrés, inaugura uma exposição de quatro artistas plásticos pertencentes a diferentes gerações, mas unidos por uma temática comum: a Natureza, estudada através dos 5 elementos da matéria, terra, água, fogo, ar e éter.

A temática nos faz refletir sobre a nossa identidade com a natureza, da qual, na realidade, somos parte. Cabe aos artistas trazer essa mensagem ao mundo sob as diversas formas de arte.

### **Terra**

Estamos na zona metalúrgica de Minas Gerais, onde a natureza construiu, ao longo de milênios, um território cheio de riquezas. As terras de Minas têm variações de cores de grande beleza. Eymard Brandão nos dá o testemunho do elemento Terra. Há muito, ele vem pesquisando o entorno de seu ateliê em Nova Lima. Fotografou pacientemente as pedras reluzentes, o chão onde as marcas dos caminhões traçam um desenho de força e poder. Eymard recolhe as pedras e a terra revolvida. Seu testemunho está ali, fotografado e ampliado em quadros. Os caminhões passam, deixando sua marca no solo.

### **Água**

Pedro Ariza veio de Málaga, no sul da Espanha, junto ao mar Mediterrâneo. Lá, seu avô era agricultor e operador de cinema. Desde cedo teve contato com películas cinematográficas; trabalhava junto com os tios, como aquele menino do filme *Cinema Paradiso*. Daí veio a sua vocação para a fotografia.

Para essa exposição na Galeria, sob a curadoria de Marília Andrés Ribeiro, Pedro nos trouxe um documentário do Mediterrâneo. A Água, o segundo elemento da matéria, está registrada com a força e beleza das ondas daquele mar que banha a Europa e a África. Trouxe também um vídeo feito por uma equipe de artistas, poetas, músicos, fotógrafos, cinegrafistas, apresentando bailarinas que, numa piscina, realizam uma dança subaquática. O vídeo será mostrado pela primeira vez no Brasil a convite da Lemos de Sá, durante a inauguração da exposição *Fotografia e Natureza*.

### **Fogo**

Jayme Reis, aliando seu espírito de aventura ao fazer artesanal, já percorreu com seus barcos “mares nunca dantes navegados” e, numa proeza de *photoshop*, construiu um grande barco com três outros menores. Sua ligação com a fotografia veio da necessidade de ampliar seu espaço criativo para outras regiões, registrando ideias e formas poéticas. Nessa exposição, está mostrando o Fogo, o elemento da matéria que destrói e constrói ao mesmo tempo. Usado desde

os primórdios da civilização, tem uma profunda conotação espiritual em várias tradições. Fogo é luz, é aquecimento, é mudança. Ele, ao mesmo tempo que consome o que é velho, faz despertar o novo com todo o seu potencial energético. Jayme fez uma fogueira de móveis velhos de um antigo ateliê, consumindo rascunhos, restos de trabalhos: as fotos mostram o fogo crepitando em várias situações.

### **Ar**

O tema do meu trabalho, para a exposição é o Ar, quarto elemento da matéria.

Moro no alto das montanhas, onde construí uma casa e um estúdio de artes plásticas que, no momento, abriga a sede do Instituto Maria Helena Andrés.

Da minha casa, olho montes que se perdem de vista. Nas noites de tempestade, escuto o vento que derruba as árvores e sacode as vidraças. Esse mesmo vento burilou esculturas num passado longínquo, indicando a direção das pedras do leste para o oeste, do oriente para o ocidente. Percorrer as serras com uma pequena câmera, registrar o “aqui e agora” das manhãs e tardes... Tudo isso passou a ser também uma segunda vertente do meu paisagismo abstrato.

Escolhi o local onde tive, há 40 anos, o primeiro impacto das montanhas, e, perto da capela, com a ajuda do meu amigo e artista Jayme Reis, fiz as fotos que serão ampliadas para a exposição.

### **Éter**

Coube à curadoria de Marília Andrés Ribeiro realizar a síntese desse trabalho: selecionar artistas, incentivá-los, buscar um lugar adequado para cada um dentro da Galeria. O papel do curador é importante na arte contemporânea, em que ele atua como se fosse o regente de uma orquestra. É tarefa muitas vezes anônima, mas de grande relevância para o resultado final de uma exposição. Pode significar o quinto elemento da matéria, o éter, que permeia tudo e coordena os outros elementos de forma invisível.

11 de março de 2015

## **FOTOGRAFIA, ARTE DO “AQUI E AGORA”**

A fotografia é, por sua própria natureza, a arte do “aqui e agora”. Devido à possibilidade de captar o momento presente, ela permite ao fotógrafo uma redescoberta silenciosa do mundo. E ele observa o seu meio ambiente, a natureza com suas mutações, o ser humano em seus aspectos contraditórios. Percebe os contrastes e semelhanças, capta um momento de poesia, denuncia injustiças, investiga a ciência, projeta-se brevemente no espaço.

Observação, concentração e atenção total aqui e agora são disciplinas que propiciam ao homem a consciência de si mesmo, de seu relacionamento com a natureza e com seus semelhantes. Descobrir primeiro as coisas visíveis e, através delas, enxergar o invisível é forma para se obter a visão clara do universo. Quando permanecemos totalmente atentos, nossa consciência nos dá uma percepção mais ampla das coisas, levando-nos a descobrir detalhes que o olho humano apressado e distraído não consegue perceber. Conseguimos ver beleza nos objetos aparentemente pobres e nos acontecimentos tidos como os mais vulgares. Nesse estado de atenção, nossa visão intuitiva flui livremente e podemos ter contato mais íntimo com a essência das coisas. A compreensão total nasce dessa penetração na rotina, dessa redescoberta do cotidiano. A arte da fotografia, considerada como a captação de um instante, permite espontaneamente essa disciplina.

Depois de 2004, em lugar de olhar só para dentro de mim mesma e dali tirar uma paisagem abstrata, comecei a olhar para fora e registrar imagens e lugares que me inspiram. Nas minhas caminhadas, vivendo o “aqui e agora”, cheguei à conclusão que nosso planeta é lindo, merece ser visto e admirado por todos nós que tivemos o grande privilégio de descer um dia à terra.

6 de novembro de 2010

## MÁQUINA DIGITAL

Comprei uma máquina digital no *free shop* e me senti a própria fotógrafa. A partir dali, fui-me desvendada uma nova versão da vida. Paisagens, figuras passaram a fazer parte do meu dia a dia, anotando cenas de viagem, encontro com os netos na Europa, retorno ao Brasil...

A pequena máquina quase não pesava nada, desaparecia dentro da bolsa; tudo dentro dela era pequeno, parecia brinquedo de criança. Voltei à infância, vendo as coisas como se fosse a primeira vez. Desvendei a beleza dos céus de Minas, as montanhas que prolongam o horizonte a perder de vista, o pôr do sol, as nuvens desenhando figuras no fundo azul. Descobri a alegria de criar sem nenhum objetivo, apenas curtir o momento. Já escrevi que a fotografia é a arte do aqui e agora. Se a gente perde o instante, ele se dilui no tempo, não existe mais.

Um dia saí para fazer minha caminhada no Retiro e não levei a máquina. Lá no alto do morro, perto da capela, parei para ver a paisagem. Uma nuvem brilhante atravessava o horizonte como uma enorme flecha no espaço. Era preciso fotografar aquela beleza... corri para casa a fim de pegar a máquina fotográfica. Quando voltei, a nuvem já tinha ido embora.... Enquanto caminhava de volta, vim refletindo sobre a efemeridade de uma nuvem; ela aparece, mostra sua beleza, depois se transforma e some, não fica posando para fotografias.

27 de junho de 2016



## PINTURA E FOTOGRAFIA

A passagem da pintura para a fotografia de paisagens, do desenho linear para as esculturas tridimensionais não foi um salto no meu percurso e sim transição natural, um deslocamento espontâneo de fases anteriores, sem quebrar o ritmo do passado, mas situando-se corajosamente no presente, no “aqui e agora”.

Arte e vida são companheiras inseparáveis, e a minha vida foi mudando da urgência das grandes viagens ao cotidiano, a me fixar no meu dia a dia, no meu entorno. Agora vejo as montanhas se estendendo à frente da minha janela; o raio de sol que penetra dentro de casa e desenha formas geométricas sobre a mesa.

Parti da necessidade de me expressar com tintas e pincéis, do meu desejo lírico de transmitir em cores, nuances, pinceladas fortes ou esponjadas transparentes, tudo aquilo que via fora e correspondia ao que eu sentia no momento.

“É preciso ver muitas cidades, e coisas”, dizia-nos Rilke em *Cartas a um jovem poeta*. Tendo como bandeira essa premência interior de viajar, conhecer outros povos, dediquei grande parte da minha vida a pesquisar o mundo, falar outras línguas, criar novas amizades. Buscava conhecer o todo para voltar ao meu país, à minha região montanhosa, à minha casa. Atualmente viajo pela *internet*, onde tenho dois blogues.

Ainda continuo meu caminho nas artes de forma mais intimista. Vejo ao redor de mim as pedras do alto do morro, junto à capela. Elas ali estão há milênios como esculturas naturais em grandes formatos.

Ando pelas montanhas levando o meu *iPad*, ou meu celular e, vez ou outra, pedindo emprestada a Marília sua câmera pequenina, fácil de carregar.

Vou olhando a paisagem e fotografando a incidência da luz solar sobre as curvas sensuais dos montes nas diferentes horas do dia. Muitas vezes, as nuvens do céu me parecem semelhantes aos meus quadros mais antigos, do ciclo abstrato lírico. Estou registrando o que vejo, o que sinto e o que me cerca nesse meu cotidiano de buscar uma celebração à natureza. A fotografia é um dos meus modos de expressão. Com ela, volto-me também para a inscrição de minhas esculturas ou, mais especificamente, dos projetos de escultura feitos em papéis de cores variadas. Com ajuda do sol que se projeta generosamente pelas frestas das janelas, as esculturas de papel vão tomando características diversas.

Criar é perceber o novo a cada instante e o meu “aqui e agora” é sempre interessante, registrando a sombra e a luz. O que é a fotografia senão esse registro de sombra e luz?

Com a fotografia e os projetos de escultura, vou experimentando duas formas de arte ao mesmo tempo, pois os segundos estão se tornando modelos para a primeira. Gosto de retratá-los em variadas posições com a ajuda do sol. Formas de arte que refletem o cotidiano de uma pessoa. Dentro de minha sala posso ver desenhos geométricos nas paredes, projetados pelo sol travessando a cortina.

Meu “aqui e agora” vai se desdobrando como um filme.

Aprendi há muitos anos, com o mestre Guignard, a perceber anjos e guerreiros nas nuvens do céu, paisagens surrealistas nas manchas dos muros velhos. Hoje vejo esses anjos e guerreiros nas pedras das montanhas e isso me ressuscita memórias do passado.

A educação do olhar é treinamento essencial para qualquer artista e é através dela que chegamos à fotografia.

A arte de fotografar é perceber o novo a cada instante e esse novo não acaba com o tempo, mas se prolonga ao longo dos anos como uma celebração contínua da arte de viver.

17 de abril de 2017

## EXPOSIÇÃO ARTE E POLÍTICA

Foi um trabalho de muitos dias, muitas horas, nos porões do Museu de Arte da Pampulha (MAP), onde estão as obras dos artistas que mereceram prêmios ou doaram quadros para o acervo. Depois de escolhidos de acordo com o tema, arte e política, os quadros ou vídeos (naquele tempo eram chamados de audiovisuais) foram organizados para a exposição no Sesc Palladium e poderão ser vistos até o dia 30 de julho.

A proposta reúne artistas que se utilizaram espontaneamente de sua energia criadora para denunciar os erros da nossa sociedade: as injustiças, as torturas, as prisões por motivos ideológicos, as reivindicações sociais, as guerras, os crimes contra a natureza humana. Não existe doutrinação, mas a evidência está explícita nas obras e na sinceridade com que foram criadas. A arte, como testemunho da sociedade, se revela como porta-voz dos oprimidos, como denúncia que se perpetua no tempo.

Vejam agora a exposição *Arte e Política*, quase um documento da década de 1960, quando sofremos a ditadura militar no Brasil. Os artistas que viveram aqueles anos de chumbo se manifestaram através de suas obras, de forma não verbal. Viveram uma época que não se podia bater palmas para quem estivesse fazendo um discurso contra o governo.

Hoje, felizmente os tempos mudaram. Estamos em 2016, na Galeria de Arte do SESC Palladium, na exposição organizada por Marília Andrés Ribeiro, com a colaboração de Ana Luiza Neves, Augusto Fonseca e as equipes do MAP e SESC. Ali estão expostas as reivindicações de artistas que viveram essa era tumultuada e deram a sua contribuição. Ali estão meus colegas Jarbas Juarez, Terezinha Soares, Beatriz Dantas, José Alberto Nemer, Marisa Trancoso, Julio Espindola dentre outros, cada um representando uma mensagem pessoal, uma conscientização do momento político.

Fui convidada a participar desse grupo com um trabalho da minha fase *Guerra*, intitulado *Radioactive Ship*, uma denúncia à guerra fria, nos anos 60, quando estive nos EUA em viagem de estudos, e o medo de um ataque atômico pairava no ar. Abrindo a gaveta de um armário do hotel onde estava hospedada, em São Francisco, encontrei um panfleto alertando sobre as providências a serem tomadas no caso de um eventual ataque nuclear:

Quando as sirenes da defesa civil tocarem, aqui está o que você deve fazer:  
1º alerta – Um som ininterrupto de sirene. Você terá tempo de fugir levando apenas um pequeno rádio de pilha. Seguir as instruções.  
2º alerta – Ataque imediato, não sair de casa, deitar de bruços no chão e

esperar o estrondo longe das janelas. Depois de meia hora, se ainda estiver vivo, poderá sair em busca dos parentes, mas quando voltar terá que tomar um banho de chuveiro e mudar as roupas para se livrar da radioatividade. 3º alerta – É preciso lembrar que, em caso de terremoto, os avisos serão diferentes.”

Esses alertas me horrorizaram. Um mês depois, já as vésperas de regressar ao Brasil, um novo aviso, desta vez com a população correndo para os metrô. Senti o impacto do terror dos japoneses em Hiroshima e Nagasaki. A destruição atômica é o grande drama da humanidade.

Chegando aqui, voltei para o meu ateliê em Belo Horizonte e a minha pintura sofreu grande mudança. A obra *Radioactive Ship* é um documento trágico desse tempo. Elaborada com técnica acrílica e colagem sobre cartão, usando pedaços de isopor molhado na tinta para permitir que a energia fluísse com mais intensidade, essa obra marcou o início de uma nova série, denominada *Guerra*.

Trabalhei nesse quadro e em vários outros com a mesma veemência e o mesmo propósito interno de denunciar a guerra fria, como também a tortura e a violência que estavam acontecendo no Brasil durante a ditadura militar.

14 de julho de 2016.

## O ETERNO RETORNO

Reproduzo abaixo o texto de Maria Antônia Moreira, uma das associadas da Asa de Papel, onde fiz a exposição *O Eterno Retorno*.

Na Asa de Papel Café&Arte, Maria Helena Andrés — artista plástica, escritora, educadora — nos brindou com sua presença marcante e delicada, abrindo a exposição “O Eterno Retorno - Colagens”, com belos trabalhos de sua autoria. Em suas palavras, a exposição é um resgate do trabalho que fazia nos anos 50, agora sob outra perspectiva. Maria Helena falou de seu processo criativo; respondeu perguntas; enfatizou a importância do desenho na arte; falou sobre arte e espiritualidade, dentre outros assuntos. Concluiu dizendo que “a vida vai fazendo ciclos de recomeços nos seus vários retornos”.

João Diniz e Marília Andrés fizeram a apresentação de meus trabalhos, e eu mesma relatei meu itinerário e processo criativo. Caminhei muito e trabalhei muito.

Nessa mostra, procurei um fio de ligação com o passado, com as descobertas no campo do construtivismo, considerando os artistas mineiros como independentes. Como independente corri o mundo, como independente aqui estou voando na Asa de Papel.

Asa de Papel Café&Arte é um lugar onde se reúnem intelectuais, artistas e profissionais liberais da nova geração, a exemplo do Café de Flore, em Paris, que recebia os intelectuais do pós-guerra como Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Claudel, entre outros.

Vou recordando o que vivenciei naquela noite, cercada de pessoas jovens, numa simpática homenagem ao meu longo trajeto nas artes.

Na inauguração, tive a oportunidade de conhecer de perto Marcelo Xavier, idealizador do espaço e do bloco carnavalesco *Todo Mundo Cabe no Mundo*, que promoveu uma grande inclusão social nos últimos carnavais.

“Recordar é viver”. Estou vivendo agora o que eu vivi nos anos 1950, quando desenhava em uns papéis pequeninos e recortava outros para colagens. Meus quadros de então já se espalharam pelos museus e colecionadores, mas os desenhos e colagens ficaram guardados em pastas, e hoje documentam a minha predileção por esses trabalhos em pequenas dimensões.

Na abertura da mostra, João Diniz apresentou o vídeo *Color Sonata* que integra minha pintura à *Sonata* de Beethoven, e que está sendo muito apreciado. Esse vídeo está disponibilizado no *YouTube* e pode ser visto no site do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA): <[www.imha.org.br](http://www.imha.org.br)>.

13 de março de 2017

## ESCAMBOS NA ASA DE PAPEL CAFÉ&ARTE

Quando nos desligamos dos incentivos, ganhamos outras dimensões.

Os artistas de Minas Gerais afastados dos grandes centros por cadeias de montanhas estão sobrevivendo quase heroicamente. Formam uma resistência que começou há séculos e continua viva até os dias de hoje.

Estamos isolados, mas em compensação, temos o silêncio necessário à criação. Participar de tudo à distância, enxergar o mundo e permanecer ao mesmo tempo no recolhimento de si mesmo, é uma dádiva de Deus.

Estou presente no aqui e agora, estou presente no mundo sem me atordoar com os ruídos ensurdecedores de “muitas cidades, homens e coisas”, como dizia Rainer Maria Rilke em seu livro *Cartas a um jovem poeta*. É preciso conhecer as cidades, o mundo lá fora, mas também perceber “o voo dos pássaros e o gesto das flores que se abrem nas madrugadas”,

Enquanto escrevo, vou lembrando esse livro que foi para mim fundamental... À proporção que o tempo vai passando, vou compreendendo melhor as palavras de Rilke.

Coloquei esse texto no meu primeiro livro *Vivência e Ate* e, não sei por que, ele está me surgindo no momento.

Enquanto escrevo vou observando o meu entorno, as flores que caíram de uma árvore em frente à minha casa.

“Pise a grama”, diz meu neto Roberto. Estou pisando a grama e refletindo. Pisar a grama é necessário para qualquer um — descarrega emoções negativas e possibilita um contato direto com a Mãe Terra. Sim, somos filhos da terra, mas muitas vezes procuramos o asfalto.

Voltar para a terra é importante; ela nos reabastece e nos alimenta.

Estar na cidade constantemente é um sufoco. Enquanto escrevo, conservo um jornal no banco ao meu lado. Ele me traz notícias do mundo e eu pertencço ao mundo também, faço parte dele, sou parte integrante de uma sociedade que está sofrendo muito.

Nunca esquecer disso.

Leio as notícias dos artistas reclamando dos políticos, da falta de apoio à cultura, da necessidade de deixar Minas Gerais e ir para São Paulo ou Rio.

Aqui em Belo Horizonte os artistas plásticos continuam vivos. São muitos...Continuam trabalhando em silêncio porque gostam desse silêncio. Não têm marqueteiros nem compradores, não pertencem a grupos. Reúnem-se nalgum lugar para trocar ideias.

Encontrei esse local no bairro de Santa Efigênia, BH. Chama-se Asa de papel. Ali um coletivo de artistas, intelectuais e profissionais liberais promove encontros, palestras, bate-papos com

outros artistas. Trocam-se ideias, trocam-se quadros, cerâmicas, esculturas, livros.

Durante o encerramento da minha exposição, saí muito realizada. Meus quadros valeram trocas fabulosas. Agora posso ter em casa um quadro de Jayme Reis, uma escultura de Jorge dos Anjos, uma cerâmica de Erli Fantini. Troquei o que tinha na hora para trocar, até por alguns vídeos de Guignard feitos por Izabel Lacerda.

Sempre fui a favor dos escambos entre artistas. Estamos revivendo os antigos incas que iam para as praças aos domingos levando o produto da semana para ser trocado por outros produtos. O dinheiro não corria e, nestes tempos de crise, os incas estão nos ensinando.

A resistência francesa teve, na época da guerra, seu ponto de encontro no Café de Flore, em Paris, onde se reuniam os intelectuais Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Paul Claudel entre outros. A Asa de Papel está reunindo a resistência de Minas Gerais, a possibilidade de criar sem necessidade de se aliar às grandes empresas.

Microempresa é estímulo ao pequeno que algum dia será exemplo para a grande comunidade do século XXI.

Não é preciso abandonar as montanhas em busca de apoio e incentivo. Estes temos aqui, na iniciativa desses jovens construtores de uma nova versão da vida e da arte.

1º de maio de 2017

## PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE

Recebi esta carta da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), convidando para a cerimônia de entrega dos prêmios aos artistas, críticos e curadores que se destacaram em 2016:

Cara Maria Helena Andrés,

Foi com muita tristeza que recebemos a notícia de que não poderás ir a cerimônia de entrega do prêmio Destaques ABCA, receber o troféu que te corresponde. Seria uma oportunidade de que muita gente do Brasil conhecesse pessoalmente esta artista de 94 anos, tão ativa e produtiva, um modelo para todos nós.

Não te respondi antes, pois estive muito atrapalhada com mil coisas de uma exposição, seminário e livro de comemorações dos 25 anos do PPG Artes Visuais da UFRGS.

Um grande abraço

Maria Amélia Bulhões.

Como não foi possível comparecer, enviei para ela esta resposta:

Prezada Maria Amélia,

Sua carta, muito afetuosa, me comoveu profundamente. A minha presença em São Paulo durante a homenagem seria para mim um motivo de glória. Ali eu poderia encontrar amigos, conhecer pessoas brilhantes que também estarão recebendo essa importante premiação.

Estarei ausente, mas muito perto de vocês neste momento. Devido à minha idade, muitas vezes não posso estar presente nas comemorações, mas tenho certeza que minha filha Marília me representará e ao Instituto Maria Helena Andrés, da qual é presidente.

Agradeço de coração a todos aqueles que me julgaram merecedora desse prêmio e gostaria de recebê-los aqui, em Belo Horizonte, a fim de trocarmos ideias sobre arte. Meu Instituto está localizado em Brumadinho muito próximo a Inhotim.

Lembro-me das mudanças ocorridas no Brasil com o impacto da Primeira Bienal de São Paulo. Formávamos, aqui, um grupo independente de artistas ligado a São Paulo e constituímos a vanguarda das artes em Minas.

Aprendi muito com as grandes mostras internacionais e a possibilidade de visualizar de perto exposições retrospectivas de Picasso, Klee, Kandinsky, Mondrian, Braque, Matisse e muitos outros. Todas elas integram o meu acervo de memórias e vivências inesquecíveis.

Meus amigos daquela época, que buscavam uma nova linguagem nas artes do Brasil, já não



estão aqui. Lembro-me dos encontros promovidos por Milton da Costa e Maria Leontina. Devo a eles incentivo e apoio às mudanças direcionadas para a arte construtiva. O grupo de Minas, herdeiro do mestre Guignard, buscava uma linguagem nova, na ruptura do figurativo para o abstrato.

Para uma artista residente nas montanhas, afastada geograficamente do eixo Rio-São Paulo, a possibilidade de percorrer as grandes mostras da Bienal e participar das palestras de Mario Pedrosa, Lourival Gomes Machado e vários outros críticos e pensadores, foi fundamental e gratificante. Eu sempre voltava para Minas muito enriquecida e isso promovia mudanças na minha arte.

Aos conhecimentos aprendidos, eu incorporava o fazer artístico paciente e ininterrupto. Registrava, em folhas de papel e em cadernos, hoje amarelecidos pelo tempo, o meu itinerário de artista. Até hoje eles existem e já se transformaram em esculturas e colagens, recordando a fase construtiva.

Todas essas anotações estão sendo registradas num filme organizado pelo Instituto Maria Helena Andrés, em parceria com a UFMG. Esse filme é um relato da minha trajetória, e convido a todos para assistir a ele em breve.

Também estendo meu abraço afetuoso a todos que estão recebendo homenagens e prêmios nessa grande celebração.

Abraços.

Maria Helena Andrés.

10 de julho de 2017

## CARTA À MINHA FILHA MARÍLIA

Hoje, abrindo as páginas do livro azul, no qual tem uma síntese de meus trabalhos, deparei com aquela pintura *Menina com papagaio* que eu fiz quando você tinha dois anos. Todo um acervo de memórias me veio como um filme, e esse quadro marcou um grande salto na minha vida de artista.

Lembro-me perfeitamente. Nós morávamos na Rua Santa Rita Durão e eu, como aluna de Guignard, pintava flores, paisagens e quadros de crianças. Minha vida familiar começava com as crianças chegando e enfeitando a casa. Hoje, os bisnetos me dão muita alegria.

Mas, voltando ao quadro, lembro que ele me deu um prêmio muito importante e valioso. Anunciaram no jornal um grande prêmio para mineiros residentes em Minas.

Pensei comigo: mineiros residentes e resistentes, porque pintar em Minas não possibilitava grandes premiações nacionais. Mas o prêmio era para artista mineiro residente. Por que não? Segurei minha filha Marília, em pé, na minha frente, e disse: vou pintar você. A menina estava de azul e segurava uma pipa colorida. Incentivada pelo objetivo do prêmio, realizei o quadro com muita energia e muito amor. E não é que ganhei o prêmio? Marília me deu sorte e me fez ganhar um prêmio muito importante.

Hoje, muitos anos se passaram. Marília está novamente em cena, carregando o troféu que me foi dado em São Paulo, já que eu não pude comparecer ao evento. Uma homenagem oferecida pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) pelo conjunto de minha obra.

Atualmente, Marília é presidente do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA). Ela administra o Instituto, organiza exposições, escreve textos e faz curadorias. É professora de história da arte, pesquisadora, crítica e curadora de várias mostras dos artistas de Minas Gerais. Antigamente não havia curadores, agora sei que eles são muito importantes. Desdobram-se estudando o trabalho dos artistas, selecionam as obras, escrevem textos curatoriais e montam exposições.

Está aí uma pequena história da minha trajetória que eu mesma não tinha tido consciência: a sincronicidade de estar Marília carregando para mim duas premiações do mais alto nível. As coisas acontecem na vida, mas os fenômenos da sincronicidade nos passam despercebidos. Eles são invisíveis, porém atuam no *Eterno Agora*, criando passado, presente e futuro num só movimento, que, muitas vezes, chamamos de coincidência. A menina de azul continua dentro do meu livro azul e o troféu está na minha sala, fazendo lembrar o prêmio de São Paulo oferecido pela ABCA.

Agora, uma nova menção, desta vez vinda de Houston, onde participo com uma pintura da

coleção de Adolpho Leirner. A mensagem foi enviada por Corina Rogge, pesquisadora do Museu de Houston e amiga de Marília: “A pintura *Fantasia de Ritmos* de sua mãe foi escolhida para ser estudada por muitos alunos da Universidade de Houston. Os estudantes escolheram essa obra como tema de seus trabalhos porque eles sentiram o lirismo da pintura. O trabalho de Maria Helena continua sendo um tesouro aqui em Houston”.

*A Menina de azul*, da época de Guignard, e *Fantasia de Ritmos*, do período construtivista, se encontraram no tempo com um denominador comum: o lirismo.

24 de dezembro de 2019

## II JORNADA DE ESTUDOS INDIANOS

A *II Jornada de Estudos Indianos* aconteceu em Belo Horizonte, na UFMG, com o intuito de congregiar interessados nos diálogos científicos e culturais entre Brasil e Índia.

Aconteceu discretamente, sem grandes alardes da mídia, apresentando uma forma positiva de incentivar a nossa aproximação com aquele país asiático. A Índia continua sendo uma fonte inesgotável de conhecimentos e propostas para um mundo melhor.

Fui convidada a participar dessa Jornada com uma exposição de trabalhos sobre a Índia, realizados na década de 1970, e meu livro *Oriente-Occidente – integração de culturas* foi apresentado numa mesa como livro de artista. Ao mesmo tempo, um vídeo projetado na parede mostrava minhas andanças pela Índia. Foram 45 anos de trabalho visando a essa aproximação que agora está acontecendo.

A curadoria da mostra *Caminhos da Índia* coube a Marília Andrés Ribeiro e a Paulo Baeta; a coordenação da Jornada, a Roberto Luís Monte-Mor, diretor do Centro de Estudos Indianos da UFMG. A exposição foi uma parceria do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) com o Centro de Estudos Indianos (CEI).

Assisti, no dia 11 de novembro de 2015, à palestra de meu filho Maurício Andrés Ribeiro. Ele apresentou uma visão panorâmica da evolução e do itinerário do ser humano sobre o planeta, dos primeiros habitantes até os dias de hoje. A proposta de aprofundar o conhecimento sobre a evolução da consciência nos revelou, com extrema clareza, uma visão positiva nesse mundo conturbado por guerras e tragédias.

Para essa mesa redonda sobre a *Evolução da Consciência Humana*, vieram Deepti Tewari Puri e Aryamani, duas indianas radicadas em Auroville, no sul da Índia. Ali existe, desde os anos 1960, uma comunidade que foi considerada pela Unesco como um exemplo para o futuro da humanidade.

Na década de 1970 ali estive, conhecendo os vários departamentos, todos eles dedicados ao desenvolvimento da consciência, por meio dos recursos mais abrangentes de educação pela arte. Há uma preocupação constante em fazer a criança se desenvolver através do exercício de suas potencialidades.

Auroville é um exemplo que continua dando certo, regido pelas ideias de Sri Aurobindo, grande mestre indiano que abriu uma perspectiva para o nosso futuro. Professores vindos da Europa e das Américas visitam aquela comunidade que se baseia na Yoga Integral, em que a arte e a espiritualidade estão sempre presentes, junto com a ciência, a ecologia e o esporte. A presença

das duas representantes de Auroville foi muito importante para se compreender a dimensão do trabalho de internacionalização da UFMG, incentivando diálogos científicos e culturais dos brasileiros com os países do Oriente.

Acrescento aqui alguns textos sobre Sri Aurobindo recolhidos do meu livro *Encontro com Mestres no Oriente*:

O Yoga Integral de Sri Aurobindo é a união de todos os caminhos: Bhakti (devoção), Karma (trabalho), Jnãna (sabedoria) e Raja (meditação).

Sri Aurobindo, em suas meditações, previu a queda dos mitos e a unidade planetária em níveis espirituais. O Supramental desceria sobre a humanidade do futuro, colocando os seres humanos diretamente ligados ao Cosmos. Uma educação baseada no despertar da criatividade e nas tendências naturais da criança possibilitaria maior receptividade para a descida dessa luz, que Aurobindo percebeu em seus momentos de meditação.

17 de novembro de 2015

## UMA HOMENAGEM NA EMBAIXADA DA ÍNDIA EM BRASÍLIA

Há exatamente 40 anos iniciamos nosso trabalho na Índia. Caminhamos naquele país de norte a sul, de leste a oeste, com os olhos atentos para uma cultura milenar, que se descortinava diante de nós como uma tela panorâmica. Uma família brasileira descobre a Índia, pensava, enquanto assistia às cenas projetadas dos livros *Pepedro*; *Oriente-Occidente*; *Tesouros da Índia*.

Estava sentada junto ao embaixador daquele país, Ashok Das, que nos recebeu muito cordialmente, trazendo livros para nos presentear e recebendo também os livros do resultado de nosso trabalho.

Aquele intercâmbio transnacional ocorreu de forma intensiva em 1978, quando nosso grupo se transferiu para a Índia, acompanhando meu filho Maurício que ali ia realizar uma pesquisa.

Eu rememorava aspectos daquela viagem e de muitas outras ocorridas mais tarde, motivadas por uma forte necessidade interior de aproximar os povos do Oriente e do Ocidente.

No momento em que assistimos a um documentário, projetado no telão da Embaixada, minhas reflexões constatam o papel relevante da arte nesse tipo de intercâmbio. Relembro textos, poemas, desenhos, palestras, projeção de slides, livros publicados.

Todos esses recursos, alinhavados durante nossas inúmeras viagens por regiões desconhecidas, afrontando situações climáticas diversas, foram recompensados com o acolhimento gentil que recebemos do povo indiano.

O diplomata indiano Abhay Kumar é um poeta reconhecido internacionalmente. Foi por seu intermédio que recebemos o convite, já que ele é o Chefe de Missão Adjunto, substituto do embaixador.

Vale a pena transcrever trecho de sua entrevista ao jornal Correio Brasiliense no dia do aniversário de Brasília.

Brasília impactou positivamente minha vida criativa. Eu também fiz muitos amigos poetas, escritores que vivem em Brasília e arredores. Brasília é uma cidade única. Eu visitei muitas capitais, mas nenhuma se compara a Brasília. Em primeiro lugar, Brasília é branca, que é minha cor preferida e uma cor de pureza. Em Brasília, vejo um esforço para trazer a geometria dos corpos cósmicos para seu projeto arquitetônico dos edifícios monumentais da cidade, como o Museu Nacional. Eu me sinto em casa andando nas vastas extensões de grama no meio da cidade. Não conheço nenhuma outra cidade que tenha tanto espaço aberto, tantas árvores frutíferas e tantos pássaros. Onde quer que eu vá, sempre quero voltar a Brasília. Aqui eu

encontro minhas mangas preferidas, jacas e goiabas espalhadas nas calçadas em qualquer direção que eu vá. Eu me apaixonei pelos ipês desabrochando. Com o horizonte baixo, como na maior parte de Brasília, tenho uma visão clara do lindo céu. Nas noites de lua cheia, a lua parece elevar-se do lago Paranoá. Viver em Brasília é como viver em um lar celeste. Brasília possui elementos de transcendência espiritual entrelaçados em sua arquitetura e planejamento urbano e, portanto, nos oferece uma oportunidade de pensar acerca de quem realmente somos, de onde viemos e para onde estamos indo. (Correio Brasiliense, Brasília, 21 de abril de 2018).

Esse depoimento nos leva a pensar sobre a necessidade da arte como forma sensível e amorosa de comunicação. A arte continua sendo a grande mensageira da paz entre os povos da Terra.

3 de maio de 2018

## UM ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DA PAZ

Retornei à UNIPAZ em Brasília.

Pierre Weil ali plantou um grupo holístico a partir do Congresso Holístico de 1987. Esse grupo se desenvolveu, criou ramificações, estendeu-se pelas Américas. Estive presente em vários workshops, já que era professora da Universidade.

Agora, estou sentada em frente à cachoeira, onde o francês Jean Yves Leloup administrou um curso e batizou várias pessoas. Elas faziam fila para receber a água da cachoeira. Local privilegiado, à sombra de árvores que remontam à história de Brasília.

A Granja do Ipê já foi moradia de Israel Pinheiro, construtor de Brasília. Mais tarde foi cedida em comodato à UNIPAZ, Universidade da Paz.

Visitei o meu painel na sala onde se reúnem os professores holísticos. Lá está ele, ocupando o espaço principal. Convidaram-me a falar para um vídeo e pude explicar como o painel foi executado no meu ateliê da fazenda, usando esponjas caseiras no lugar de pincéis. Foi enrolado num bambu e assim chegou a Brasília.

Já participei de vários workshops aqui na Granja do Ipê. O último deles foi realizado no pátio, com mais de 150 pessoas. O projeto foi a criação das Galáxias seguindo a tradição hindu, a dança cósmica de Shiva Nataraja. Planejei 500 bolinhas de gude para simbolizar as estrelas. Elas foram distribuídas pelos participantes que, ao comando de Shiva, jogavam suas bolinhas no pátio. Ao mesmo tempo, uma turma comandada por Beth Clark preenchia os espaços com serragem colorida previamente. Ao som do *I Ching*, do Grupo UAKTI, uma imensa mandala foi criada com a participação de todos.

Arte coletiva é assim, todos somos UM!

Naquela ocasião eu ilustrava um livro de Pierre Weil denominado *Ondas à procura do mar*, para o qual desenhei também mandalas.

Hoje, entrando no salão principal da Cidade da Paz, pude tirar fotos em frente à minha *Mandala*. Que ela possa ajudar a trazer a paz e a alegria de participar, com a minha arte, de um importante grupo holístico em Brasília, capital do Brasil.

10 de fevereiro de 2020



## OLHAR REVISITADO

Nos últimos anos, um grande número de artistas ou instituições doaram obras para a Universidade Federal de Minas Gerais. A lista revela sua representatividade em valores numéricos e em termos de expressividade. Muitas vezes, essas obras foram incorporadas ao acervo, e os artistas perderam o contato com suas produções. Nesse sentido, os artistas que possuem obras no nosso acervo foram convidados a apresentarem uma nova obra, restabelecendo encontros, diálogos e mesmo — ou principalmente — novas problematizações. Para valorizar a diversidade, convidamos tanto artistas da UFMG, como também aqueles oriundos de outras instituições, dentre eles: Yara Tupinambá, Jarbas Juarez, Fabrício Fernandino, Andrea Lanna, Hélio Siqueira, Maria Helena Andrés, Carlos Wolney, Liliane Dardot, José Alberto Nemer. (Fabrício Fernandino e Rodrigo Vivas, trecho do catálogo da exposição *Olhar Revisitado: reencontros e novas afetividades*, Reitoria da UFMG, 2017).

Quando recebi o convite para participar dessa exposição, procurei fazer um retorno à década de 1970, contrapondo a obra *Impulso*, de minha fase *Espacial*, a outra, de 1990, *Luz vinda do alto*, com 20 anos de diferença. A curadoria de Rodrigo Vivas e Fabrício Fernandino me proporcionou a descoberta de significados não explorados.

Achei esse reencontro uma grande forma de reflexão e autoconhecimento. Esse colóquio de duas obras feitas pelo mesmo artista, em épocas diferentes, possibilitou-me ponderar sobre as minhas mudanças nesse espaço de 20 anos. Registro aqui o diálogo das duas telas, como se elas pudessem falar:

*Olhar revisitado* é o retorno ao que já fizemos. Meu passado foi onírico, visões de um mundo imaginário, viagens espaciais pela imensidão do cosmos, descobrindo novos mundo. Em 1970 eu era lírica, transcendente, lia livros taoistas, tirava o *I Ching* para as pessoas. O futuro me aparecia como bolas luminosas caminhando pelo espaço. Voei num raio de luz.

O presente é outra versão, a terra pede mais luz, e a luz nos chega do espaço. Anjos celestiais descem em naves muito brancas. *Luz vinda do alto* é o presente não tão recente. São 20 anos de diferença. Deixo aos outros a tarefa de descobrir a relação que existe entre uma fase e outra. Entre o devaneio, o sonho e a realidade. Pedimos luz e ela nos desce entre nuvens e anjos.

1º de agosto de 2017

## VOANDO NO AZUL

A mancha de cor percorre  
os grandes  
espaços interplanetários.  
Descobre astros e planetas,  
estrelas nunca vistas,  
mas sentidas.

A cor desliza pela tela  
com transparências.

Voos pelo infinito,  
encontros inesperados.

A terra é azul,  
dizia Gagarin,  
pioneiro do espaço.

Estamos no espaço  
voando no azul.

Azul ultramar,  
azul de cobalto

azul *phthalocianini*

(que nome difícil para um azul tão transparente!).

Há azuis opacos  
e azuis transparentes.

Adoto os dois.

Vou navegando  
pelo espaço,  
voando no azul.

O mar é azul.

Por muitos anos a fio  
naveguei por mares azuis.

Os azuis se misturam  
aos amarelos.

Às vezes um pouco  
de terra  
para aterrissar.

Da minha caixa de cores  
tiro azuis e amarelos,  
verdes, cinzas, brancos.

E vou lembrando e modificando  
a famosa frase de Maurice Denis:

“um quadro não significa

Uma mulher nua

Ou uma natureza morta

Ou um retrato,  
mas para o pintor  
é uma superfície plana  
Recoberta de cores, linhas,  
formas, que se ajustam  
numa certa ordem".  
Esta frase de Maurice Denis  
é compreendida por todos nós  
que lidamos com as tintas.

14 de agosto de 2017

## A CONSTRUÇÃO DA COR

Ao ler a página — transcrita abaixo — de Wagner Nardy, que, juntamente com minha filha Marília Andrés, realizou a curadoria da minha exposição, pude ver, com muita clareza, a dinâmica da minha trajetória.

Essa mostra representa uma volta às origens, quando participei do movimento construtivista brasileiro. Naquele estágio, os meus quadros construtivos conservavam lembranças do figurativo. Hoje as minhas colagens são composições ~~onde~~ em que as linhas e cores são construídas diretamente.

Reproduzo aqui o texto de Wagner Nardy:

A exposição *A Construção da Cor* de Maria Helena Andrés celebra os 95 anos desta grande artista.

Apresentando uma série inédita de trabalhos em colagem e duas fotografias, a exposição revisita a produção da década de 50 da artista, momento este em que seu trabalho estava fortemente ligado à essência Construtivista.

Ocorre-me citar Malevitch, quando o mesmo, em seu manifesto Construtivista defende: “a forma intuitiva deve sair do nada. Essas formas não serão repetições ou representações de coisas vivas da realidade natural: serão, porém, a coisa viva em si mesma. A natureza é um quadro vivo que se pode admirar. Porém, todo milagre está na criação artística em si mesma. E Criar significa, viver, produzir eternamente coisas sempre novas”.

Andrés nos mostra claramente a aptidão pelas palavras do mestre ao nos apresentar, a esta altura, com maestria sublime, através de formas simples e diretas, a construção da cor.

As composições de Maria Helena são donas de um ritmo único, singular, e inauguram um tempo próprio, que guarda profunda relação com as vivências orientais da artista e as questões ligadas ao conhecimento e domínio da mente.

Porém, o que mais nos chama atenção é como a artista cria uma comoção sublime em torno da contemplação de seus trabalhos.

O sublime na arte de Maria Helena Andrés parece-me surgir como um embate simbólico e fatal entre as forças concretas da natureza e a concretude da razão que nos habita. Desse confronto, a poética da obra de Maria Helena transcende o tempo e o espaço, irrompendo em música, dança e cor.

Segundo Kant, o Sublime é mesmo e fundamentalmente isto: “a mera habilidade de pensar, a qual demonstra uma faculdade da mente que

ultrapassa qualquer medida de sensação.”

Os trabalhos de Maria Helena, os quais agora temos o privilégio de experimentar, causam este silêncio, prodígio da consciência — essa janela repentina abrindo-se para uma paisagem iluminada pelo sol em meio à noite do não ser.

Tal qual o célebre escritor Vladimir Nabokov respondeu ao ser indagado se algo na vida o surpreendia.

É como me sinto.

Wagner Nardy

27 de novembro de 2017

## CIRCUITO POLÍMATAS

Essa exposição *Circuito Polímatas*, sob curadoria de Maria do Carmo Veneroso, Pedro Veneroso, Marília Andrés Ribeiro e Tânia Araújo, merece ser vista.

Percurso a mostra parando em cada *stand* no hall da Reitoria da UFMG, verificando o diálogo entre as diversas propostas dos artistas.

Logo na entrada, os meus desenhos se desdobram na vitrine como um livro de imagens e poemas. Procurei integrar alguns poemas da dos anos 1950 aos desenhos de agora.

Chamou-me a atenção um livro com poemas de grande sensibilidade de Paulo Bruscky, artista de renome internacional que vem trabalhando há muito com arte conceitual e poesia.

Continuando meu passeio pela exposição, encontrei nas obras de Arnaldo Dias Baptista uma integração do texto com a música. Arnaldo é músico famoso e agora desponta como artista plástico de forma nova e criativa. Em suas telas e seus cadernos de desenho a presença da música é uma constante. Os instrumentos musicais e as referências aos Beatles, aos Rolling Stones e aos Mutantes fazem uma síntese da música com a pintura.

O livro de Jorge dos Anjos nos lembra o tempo da escravidão. O autor esquentava o ferro e imprime no feltro marcas de um passado de sofrimento e dor. Ali, nasce um construtivismo africano, tecido a ferro e fogo, que remete às marcas agressivas dos colonizadores na pele dos escravos. É interessante a maneira como esse livro foi apresentado, em diálogo com sua gravadura bidimensional e um vídeo que mostra o processo de criação do artista.

Do outro lado, as fotos de Eymard Brandão mostram as marcas de caminhões impressas no chão de Minas e lembram o momento crucial que estamos vivendo. Eymard colocou uma das fotos desse processo dentro de um antigo dicionário que pode ser consultado ao longo dos tempos.

Todo um passado recente me veio à memória quando me deparei com o trabalho de Tânia Araújo, que fala de cartas, carteiros e caixas de correios. Lembrei-me do tempo em que estava na Índia e ficava na expectativa da chegada das cartas da família. Agora, as tecnologias modernas e a *internet* deram um salto quântico, acelerando de forma extraordinária o processo de comunicação.

Com fotos antigas de família e objetos raros fragmentados dentro da vitrine, Maria do Carmo Veneroso apresenta a descontinuação da tradição, do conservadorismo e dos antigos conceitos de arte. Sua apresentação me faz perceber o processo acelerado de quebra de condicionamentos ao longo da história da arte.

Ainda na reflexão sobre esse descondicionamento, encontrei na obra de Adriana Penido uma proposta semelhante. A artista mostra a importância da leitura, da biblioteca e da

necessidade de ler para crescer. Em seguida, ela contrapõe livros jogados no chão, sujos de barro, destrocados, chamando a atenção para a cultura arrasada.

Isabela Prado também fala da destruição dos antigos rios e ribeirões de Belo Horizonte. Vai às ruas pesquisar as águas subterrâneas da cidade e mostra um vídeo que liga a música a ruas e rios. Ela faz aulas de violino em cima desses lugares, tocando uma canção antiga que fala de ruas, de bosques e das danças de roda das crianças. Esse vídeo me faz recordar a minha infância em BH, quando brincávamos de roda na rua e catávamos caquinhos de vidro para fazer caleidoscópios. Hoje, esses rios e ruas não existem mais.

*Sara não tem Nome* também fala de rios e de mares, apresentando duas vitrines de vidro com água: a primeira mostra uma série de garrafas de água mineral e a segunda, um depósito subterrâneo de areia com vários objetos destruídos. A proposta contém uma denúncia ecológica e vislumbra um futuro fóssil de uma civilização consumista: tesoura, celular antigo, caderno, mouse de computador, fita cassete são jogados no mar e depositados na areia. As riquezas seguem para terras distantes e o que fica é a destruição, a morte.

A proposta de Fabrício Fernandino vem completar a reflexão sobre a água e o meio ambiente, salientando a sua importância para a nossa subsistência. Denuncia também o lixo e os plásticos no fundo do mar, através de recortes da palavra ÁGUA jogados dentro de um aquário.

A denúncia ecológica é uma constante nas apresentações dos jovens artistas, mostrando as suas preocupações com o meio ambiente e a sobrevivência do planeta.

15 de julho de 2019

## EXPOSIÇÃO NA GALERIA DO TEATRO DA CIDADE

No dia 5 de outubro, inaugurei uma exposição de colagens e serigrafias na Galeria do Teatro da Cidade. De minha autoria, foi lido, logo após a exibição do filme *Maria Helena Andrés, Arte e Transcendência*, este texto:

Esta exposição é um resumo do que eu tenho produzido ultimamente. Os quadros aqui expostos representam a minha fase atual de colagens e a reprodução de algumas delas através da serigrafia. Aceitei o convite de dois Pedro Paulo: Pedro Paulo Cava, que me convidou a expor na Galeria do Teatro da Cidade, e Pedro Paulo Mendes, que realizou as serigrafias em São Paulo. A eles a minha gratidão!

Agradeço também a colaboração de meus filhos e a alegria de estar junto deles e, neste momento, de vocês todos, meus amigos.

Ao longo da minha carreira, percorri vários caminhos que, muitas vezes, pareciam contraditórios, mas, durante esses 85 anos de dedicação às artes, pude observar que as fases do meu itinerário tiveram uma constante: a busca da essência, o despojamento do supérfluo e, sobretudo, a liberdade de expressão.

Minha arte sofreu transmutações: saiu do figurativo para o não figurativo, do construtivismo para o abstrato lírico. Havia sempre um momento forte, de ruptura, em que as mudanças aconteciam. São pontos de mutação, ou *turning points*, e os meus coincidiram com alterações em minha vida, já que arte e vida estão sempre unidas.

Minha arte sofreu transformações quando realizei minha primeira viagem internacional. Percorri a sequência dos mares com os veleiros e a conquista do espaço na série cósmica. Reduzi a pintura a uma dieta de preto e branco, seguindo sempre a necessidade de simplificação da forma.

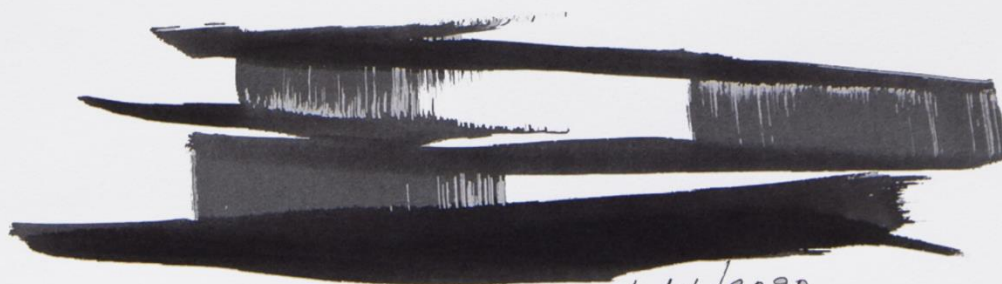
A virada do milênio foi para mim outra grande mudança. Voltei ao construtivismo inicial, agora usando as colagens no lugar das tintas. Essa é a experiência nova, que faço no momento. O passado construtivo me ajudou, e o entusiasmo da descoberta conduziu meus passos até os dias de hoje.

7 de outubro de 2019



5

# Diálogos com os Artistas



*Maria Helena Freitas / 2020*

## A ARTE DE MARY VIEIRA

Foi guiada por um sentimento espiritual de busca da perfeição que Mary Vieira, artista brasileira, nossa colega na Escola Guignard, embarcou para a Suíça, há décadas. Era movida por uma necessidade interior de desenvolver sua capacidade criadora dentro da escultura concreta, que exige do artista a adesão completa à forma pura.

A pureza na arte concreta é imprescindível. Talvez seja ela a ponte que liga a arte à ciência, à matemática e à física, penetrando também no plano em que se encontram com o espiritualismo inato do ser humano.

O caminho seguido por Mary foi o de buscar sempre a perfeição dentro da arte. Hoje seu nome é conhecido internacionalmente e suas esculturas integram jardins, praças e museus da Europa e das Américas.

Pioneira do cinevisualismo plástico internacional, a artista criou seus primeiros *Multivolumes*, estruturas concretas “multicomponíveis” para participação direta do espectador, em 1947, quando ainda estudante na Escola Guignard, em Sabará, Poços de Caldas, Lambari e na Bahia. Em 1948, ela construiu a primeira estrutura cinética monumental animada eletricamente: *Formas Rotatórias Espirálicas à Perfuração Virtual*, que foi executada em Araxá para o conjunto da Exposição Nacional das Classes Produtoras brasileiras.

Mary revela, em suas esculturas, uma possibilidade dinâmica do espaço-tempo. Seus “polivolumes” permitem ao espectador participar também do momento de criação e sentir-se, de certa maneira, coautor da obra de arte. Aí, o sentimento lúdico funde-se com o sentimento estético e permite a criação de novas formas no espaço, sustentadas por uma estrutura básica.

Encarregada de fazer uma escultura para o Instituto de Anatomia Patológica da Universidade de Basileia, Mary dedicou quatro anos a esse monumental trabalho, realizado em aço inoxidável e denominado *Função de Forças Opostas*. Nele, os elementos horizontais e verticais se conjugam e se movem, oferecendo variados modos de composição aos alunos que transitam no imenso salão.

Os elementos, os polivolumes se movem nas mãos dos estudantes. A arte, para ela, é o canal por onde flui espontaneamente o sentimento espiritual ao encontro do eterno. A sala de meditação do Instituto de Medicina Social de Bürgerspital, no Cantão de Basileia, contém uma grande tapeçaria de Mary, baseada também na forma vertical e horizontal, símbolo da vida e da morte. Referindo-se a esse grande trabalho, tecido em lã crua, os críticos suíços comentam:

É a redescoberta da cruz, como forma primordial na sua gênese rítmico-estrutural. Duas linhas se põem em marcha, ao longo da parede, para

encontrar a sua própria horizontal e a sua própria vertical. Uma cruz surge no centro como evento metacromático de cor verde. Uma linha se dissolve no curso do próprio caminho, no limite do espaço ambiental. Os dois elementos fundamentais deste mistério, a vertical e a horizontal, se isolam ao lado, preparados para construir-se, dia a dia, em uma nova crucificação ininterrupta.

9 de setembro de 2009

## MARÍLIA GIANNETTI, COLEGA E AMIGA

Marília Giannetti Torres, grande artista e colega, acaba de falecer no Rio de Janeiro. Quando desliguei o telefone, comecei a rememorar nossa trajetória pelas artes de Minas Gerais. Relembro fatos históricos, como a criação da Escola de Belas Artes Guignard no Parque Municipal e um bando de jovens acompanhando o mestre pelas alamedas do parque. Ali também se reuniam os estudantes de filosofia, que se tornaram nossos amigos. Debaixo daquelas árvores trocávamos ideias, fazíamos amizade com a turma, desenhávamos.

Juntas, iniciamos nossa carreira com uma exposição na Cultura Francesa de Belo Horizonte em 1947. Ao mesmo tempo, organizamos também nossa família; nossos filhos têm quase a mesma idade.

Marília morava numa casa em estilo moderno, projetada pelo arquiteto Sylvio de Vasconcelos. Ali, nos reuníamos para pintar nossos quadros e discutir mudanças no estilo de arte que recebemos de Guignard. A primeira Bienal sacudiu os alicerces da arte figurativa e nós, jovens artistas, percebemos um caminho novo que se abria à nossa frente. Havia uma energia propulsora que nos conduzia às mudanças, à busca de um vocabulário novo. Pertencíamos à vanguarda da época e era preciso expressar em cores a nossa colocação no Construtivismo Brasileiro. São Paulo abria espaços para os artistas e foi lá que atuamos juntas nas primeiras Bienais. O ateliê de Marília era frequentado por críticos de arte, alguns vindos de São Paulo, e o próprio Guignard sugeriu que formássemos um grupo herdeiro de seus ensinamentos.

Seus ensinamentos eram preciosos, mas seu estilo teria de ser abandonado. Trabalhávamos lado a lado, formando o grupo de concretistas de Minas Gerais, já completamente diferente do estilo Guignard. Marília, Mário Silésio, Nelly Frade e eu continuamos pesquisando o suporte em telas. Amílcar, Mary Vieira e Franz Weissmann se dirigiram para a terceira dimensão, tornando-se grandes escultores. Nós continuamos na pintura, deixando nossas obras principais nas mãos de grandes colecionadores de Minas, Rio e São Paulo. Passaram-se 10 anos de pesquisa incessante dentro do concretismo. Nos anos 60, quase todos os concretistas tomaram caminhos diversos.

Foi nessa ocasião que Marília descobriu uma técnica própria de pintura em relevo. Mudou-se para o Rio de Janeiro e ali, em um estúdio situado na Av. Copacabana, no 10º andar, ela expandiu seus grandes painéis em relevo. Os quadros eram pesadíssimos e às vezes desciam de guindaste, tumultuando o trânsito da Avenida.

Em 1967 expusemos juntas em Paris e Roma; ela, com os painéis em relevo e eu, com os quadros da fase *Guerra*. Recordo bem aquela viagem, que se estendeu também para a Itália, onde

inauguramos o Centro Cultural do Brasil, em Roma. Em Paris, expusemos na Galerie Valérie Schmidt, na Rue Mazarine, n. 41, com grande sucesso. Marília subscreveu convites para todos os brasileiros, que compareceram para nos cumprimentar.

Em Roma, ficamos hospedadas na Embaixada do Brasil. Tínhamos de subir muitas escadas para chegar até nossos apartamentos, localizados num departamento destinado ao batalhão de Suez, naquela época desativado. O secretário da embaixada nos advertiu: “você tomem cuidado, não andem pelos corredores à noite, pois o fantasma de uma mulher costuma aparecer por ali...” Lembro-me de que ficamos doidas para ver o fantasma, mas ele nunca apareceu. Devia ser brincadeira do secretário... Conhecemos Deoclécio Redig de Campos, embaixador junto ao Vaticano, irmão de Olavo Redig de Campos, casado com minha prima Maria Letícia. Com uma carta de apresentação, chegamos até ele e pudemos visitar os departamentos do vaticano fechados para o público. Vimos a restauração de um painel de Rafael pintado sobre um afresco de Piero della Francesca e assistimos ao processo de retirada da obra, colocada em partículas sobre uma grande mesa, para, depois de muita documentação fotográfica, voltar ao lugar de origem. Foi uma aula importante e inesquecível.

Marília já expusera em 1964 na Galeria d'Arte della Casa do Brasil e em catálogo consta observações de críticos italianos. Sua arte continua viva, como suas *Superfícies vivas*, e a sua memória ficará na lembrança de todos aqueles que a conheceram de perto.

8 de dezembro de 2010

## NELLY FRADE NA HISTÓRIA DA ARTE EM MINAS

A trajetória de Nelly Frade, uma das minhas grandes amigas dos tempos da Guignard, vai me surgindo pelos seus desenhos em bico de pena, elaborados em forma de um rendado. Às vezes, eles nos remetem a pedras preciosas, nas quais o intrincado das linhas parece se introduzir para dentro de cavernas em busca da pedra bruta, riqueza das terras de Minas Gerais.

Lembro de Nelly, figura simples e espontânea como uma criança, que se deslumbra com o mundo, desenhando e fazendo suas aquarelas à sombra das árvores na Escola Guignard. Ela gostava das árvores do Parque Municipal e suas aquarelas eram estimuladas pelo mestre. Nas férias, Nelly viajava para Caxambu, e até hoje podem ser vistos, nas coleções de sua obra, os registros figurativos dos parques da cidade, realizados em aquarela e óleo. Desde então estava firmada sua predileção pelo uso das cores.

Voltando às nossas cidades históricas, Nelly deixou a marca da sua personalidade em pequenos quadros que registram o nosso barroco visto através de uma paisagem em que prevalece um expressionismo cheio de vigor.

Ela usava as cores com maestria e essas cores também a conduziram ao abstrato geométrico, ou construtivismo, que vigorava naquela época. Participava do nosso pequeno grupo de concretistas, criando quadros pequenos, mas muito bem resolvidos dentro da estética concreta.

Viajávamos juntas para São Paulo onde participávamos das palestras de críticos e da convivência com artistas tais como Volpi, Maria Leontina e Milton Da Costa.

Nelly acompanhava com entusiasmo a minha evolução no campo das artes, e ainda me recordo de vê-la subindo a rua Santa Rita Durão com um jornal de São Paulo na mão:

— “Maria Helena, você entrou na Bienal!”

Aquele contentamento pelo sucesso da colega era uma virtude preciosa que Nelly sempre manifestou. Era muito modesta e se esquivava de concursos e publicidades.

Em 1967, quando Marília Giannetti me chamou para dividir com ela uma exposição em Paris, preparamos a viagem à Europa e Nelly nos acompanhou. Lembro-me do seu deleite diante das obras de arte da França e da Itália, país que também visitamos. Parecia uma criança descobrindo o novo a cada instante, e seu entusiasmo era contagiante.

Marília Giannetti era organizada, traçava metas, convidava os diplomatas para a inauguração — à qual o embaixador do Brasil na França, Dr Bilac Pinto, compareceu pessoalmente —, enquanto nós duas dávamos preferência a um passeio de charrete pelas ruas de Paris... Mas, apesar das diferenças, éramos todas boas amigas e apreciávamos juntas as riquezas do Velho

Mundo.

A vida dessa artista poderá ser analisada melhor pelos historiadores e críticos de arte, que descobrirão no futuro o quanto ela, silenciosamente, contribuiu para a história da arte de Minas.

Nelly Frade era tia de Paulo Laender, e foi ela que me trouxe o artista, ainda adolescente, para estudar desenho comigo.

6 de dezembro de 2016

## **DUAS CASAS, DOIS ESCULTORES: FRANZ WEISSMANN E AMILCAR DE CASTRO**

Quando minha família se mudou para o castelinho, papai alugou a casa de baixo, onde eu nasci, para a sogra de um jovem escultor. Enquanto ela usava a máquina de costura na parte de cima, o rapaz modelava a argila em seu ateliê situado no porão. Da minha janela, eu podia ver os moldes de uma escultura figurativa saindo das mãos de um grande artista — o jovem era Franz Weissmann que, mais tarde, se tornou um dos maiores nomes da escultura brasileira. Eram os anos 40, Franz ainda não era famoso, mas sua presença ali na casa, onde eu sempre vivera, me mostrava um aspecto novo da arte — o tridimensional. Nunca fui sua aluna, apenas, por coincidência, ele foi inquilino de meu pai e meu vizinho.

Franz Weissmann foi professor da Escola Guignard e deixou inúmeros seguidores. Depois, foi morar no Rio, andava a pé no calçadão, fez parte de movimentos concretistas, ganhou prêmio de viagem e chegou a conhecer a Índia.

Minhas viagens à Índia eram o ponto de referência para nossas conversas. Ninguém consegue esquecer uma viagem à Índia, me dizia ele. Lembrava-me de Varanasi e do impacto que o forno crematório lhe causou.

Nas minhas memórias da casa de papai, Franz deixou sua vibração de um escultor que nunca será esquecido. Weissmann, com suas esculturas, atravessou as fronteiras do Brasil.

Seguindo os passos da escultura em Minas, lembro-me de outro artista, Amílcar de Castro, que também morou numa casa que eu frequentava quando criança: a do meu avô, na confluência da Rua Cláudio Manoel com Piauí. Lembro-me daquela construção antiga, com paisagem pintada na varanda, um jardim construído geometricamente, com corredores compridos e quartos estreitos à moda antiga. No idos de 1920, meu avô se transferiu para o Rio e a casa foi vendida. Ali, então, foi criado o meu colega e amigo Amílcar. Mais tarde, conheceu Dorcília, que morava em frente, e se tornou sua esposa.

O pai de Amílcar era Juiz de Direito no interior de Minas, e Amílcar também estudou e se formou em direito. Conheci-o na Escola de Belas Artes, na década de 40, quando Guignard dava aulas no Parque. Naquela época, Amílcar já demonstrava inclinação para o desenho e a escultura. Aprendemos com o Mestre a usar a linha contínua, como forma de buscar o essencial no desenho, sem enfeites, método que escolhi como base, e que me permitia eliminar o supérfluo. As lições de Guignard eram uma bússola no campo da simplificação da forma. A busca da essência era necessária na arte e na vida.

Na arte, era a trilha para o concretismo. Dentro do neoconcretismo, Amílcar pesquisou o



tridimensional, participou do movimento neoconcretista no Rio de Janeiro, foi paginador do Jornal do Brasil, ganhou o prêmio Guggenheim, morou três anos nos Estados Unidos. Encontrei-o em 1973 na Escola de Belas Artes Guignard, onde ministrava Expressão Tridimensional, tendo marcado sua presença como professor e continuador da obra de Guignard.

O incentivo dado aos seus alunos, ele, generosamente o distribuía também aos colegas. Transcrevo as palavras de Amílcar, que me ajudaram a prosseguir no meu caminho de cores antes de iniciar o tridimensional: “o desenho é fundamento, uma maneira de pensar. E pensar, em arte, é desenhar, porque sem desenho não há nada. Existem outros escultores que fazem esculturas sem desenhar. Eu não sei fazer nada sem desenhar”.

As minhas esculturas, realizadas a partir de 2004, aconteceram após a morte de Amílcar. Porém, elas já estavam contidas no desenho geométrico dos anos 50.

Aqui a dedicatória que Amílcar me escreveu por ocasião do lançamento do seu livro *Circuito Atelier*, publicado pela Editora C/ARTE, em 2013: “À minha queridíssima Maria Helena Andrés, pintora magnífica, com um abraço do eterno admirador. Amílcar de Castro, 30/10/99”.

22 de julho de 2013

## LYGIA CLARK E O TRABALHO COM O CORPO

Fui colega de Lygia Clark no Colégio Sacré-Coeur de Marie em Belo Horizonte. Sentávamos juntas, na mesma carteira dupla, e desenhávamos o tempo todo, em qualquer papel que aparecesse. Sempre acompanhei, com muita admiração, a sua carreira artística. Quando nos encontrávamos, nas encruzilhadas de caminhos diferentes, sempre aproveitávamos a oportunidade para uma troca de experiências.

Como descrito no meu livro *Os caminhos da Arte*, se observarmos o itinerário de Lygia Clark, podemos sentir a sua passagem acelerada através de vários espaços, partindo da tela bidimensional até alcançar a realidade do ser humano, a fim de transformá-lo. Lygia não se deteve nas aquisições do passado. Sua inquietação constante a conduziu do real visível ao invisível; da arte feita à arte vivenciada, não verbal. Despojando-se dos elementos sensíveis da cor e da matéria, a artista penetrou na organicidade da qual vieram as primeiras esculturas, os *Bichos*, permitindo a participação do espectador e o despertar da criatividade. Suas experiências com o corpo marcaram o rompimento definitivo com as artes plásticas. Seu trabalho, naqueles oito anos de permanência em Paris, supõe a desmistificação de conceitos e o desbloqueio dos fantasmas do corpo. Assim diz Lygia:

No meu curso, eu peço depoimentos, vivências e eles começam a se desenvolver também no sentido da palavra, da linguagem. O trabalho com o corpo traz os fantasmas, a palavra é usada para exprimir estes fantasmas e os jovens começam a se expressar como nunca conseguiram em qualquer outro curso da Sorbonne. Cria-se uma comunicação tão viva e intensa que eles acabam se tornando amigos, encontram-se fora do curso, trocam vivências e codificações de comportamento.

Segundo suas próprias palavras:

Se você analisar tudo o que fiz até agora, vai notar que o que pretendo é o aprofundamento deste trabalho, só que num nível mais coletivo ainda, menos pessoal, menos individual e menos artístico. Cada vez menos obra de arte. No momento, estudo antropologia e a cultura dos índios. (Lygia Clark, *The abandonment of art, 1948-1988*, New York, MoMA, 2014).

Tendo se libertado do objeto como obra de arte, Lygia deu continuidade às suas pesquisas buscando a visão arcaica do mundo e das pessoas. O trabalho com o corpo, a liberação das fantasias levaram-na à conscientização de uma unidade entre as pessoas a que ela chamou “corpo

coletivo”.

A retrospectiva de Lygia Clark no MOMA, em Nova York, denominada *O Abandono da Arte*, reuniu todo seu trabalho: as pinturas figurativas e os desenhos de 1940, passando pelas abstrações geométricas de 1950 até os revolucionários “objetos sensoriais” de 1960, uma proposição que ela denominou “terapêutica”.

O trabalho de Lygia é experimental e visa à liberação do ser. Desbloqueia, conscientiza, facilita a troca no relacionamento humano e amplia a vivência do ser, tão necessária no mundo em que vivemos.

16 de setembro de 2015

## NOTURNOS DE SARA ÁVILA

Quando conheci Sara Ávila, nos tempos da Escola Guignard, ainda no Parque Municipal, ela era uma menina de uma arte muito sensível. Desenhava e pintava aquarelas de flores, muito apreciadas pelo mestre Guignard.

Agora, sentada numa cadeira em frente ao grande *Noturno de Belo Horizonte*, fico pensando nas flores que me lembravam estrelas, observando este imenso e monumental painel que me remete ao céu estrelado. Pintada pouco antes do seu falecimento, a obra é uma maravilhosa despedida do planeta para habitar espaços superiores, cheios de luz.

Sara, com sua fase *Flotagem*, ficou reconhecida internacionalmente, mas não fazia uso disso para se colocar acima dos colegas. Era discreta ao receber convites e homenagens fora do Brasil. Pertenceu por muitos anos ao grupo *Phases*, sediado na França, e com ele percorreu a Europa e as Américas.

Na Escola Guignard, foi professora de desenho e de criatividade, com um trabalho semelhante ao de Lygia Clark. Quebrar os condicionamentos, através de jogos criativos, foi sua tarefa por muitos anos na Escola e com isto conquistou a amizade dos jovens iniciantes nas artes.

Conversávamos muito sobre os projetos de cada uma, e Sara se tornou uma grande amiga.

Contemplando o painel *Noturno de Belo Horizonte*, exposto na sala da Escola Guignard, onde ela estudou e se tornou professora e diretora, fico pensando no grande poder que a arte tem de transmitir vibrações de deslumbramento e alegria perante a vida.

Ao se transferir de sua residência na Savassi para o bairro Belvedere, Sara se encantou com a cidade vista do alto, totalmente iluminada. Daí a série *Noturnos*, cuja exposição está aberta à visitação pública na Escola Guignard e merece ser vista.

17 de julho de 2015

## MÁRIO SILÉSIO, PINTOR E MURALISTA

No dia 13 de maio de 2015, Mario Silésio completaria 100 anos de idade. Resolvi, como artista e amiga, prestar-lhe uma homenagem.

Eu o conheci nos anos 1940, quando foi inaugurada a Escola Guignard. Fomos da 1ª turma de 40 alunos, que Guignard conduzia pelos caminhos da arte, despertando o potencial de cada um, sem impor regras e conceitos.

Mario Silésio logo se destacou por seu imenso desejo de aprender. Formara-se em direito, como seu colega Amílcar de Castro, mas a sua vocação verdadeira era a arte, especialmente a pintura, à qual se dedicou até o fim da vida.

Lembro-me de Mário no Parque, desenhando, com a maior atenção e lápis duro, troncos de árvores, um desenho de grande precisão, lembrando gravura em metal.

Guignard nos levava sempre para o estúdio da Escola, um grande salão onde todos nós desenhávamos modelo vivo, retratos e naturezas mortas. Armava com cuidado alguns objetos, garrafas, frutas ou flores e, dentro daquela composição figurativa, Mario sobressaía com a limpeza de cores e a exatidão de formas, que, mais tarde, seriam o veículo principal de suas abstrações.

Pintar com muita gente perto, cada um colocando o seu modo peculiar de expressão, era grande novidade. Essa diversidade foi de grande importância para seguirmos em frente, cada um assumindo o seu caminho.

Guignard nos levava ao Rio de Janeiro para ver os alunos que deixara lá, e ali conhecemos o grande artista Iberê Camargo. Esse intercâmbio era necessário, e também com São Paulo, onde estavam as maiores oportunidades e que foi, justamente, o ponto principal da grande mudança que ocorreu na arte brasileira nos anos 1950: a chegada de Max Bill ao Brasil e a inauguração da I Bienal.

Em São Paulo, convivemos com Volpi, Maria Leontina, Milton da Costa e Mario Pedrosa. Este vinha a Minas Gerais e visitava nossos ateliês.

O abstracionismo geométrico, que já começaria a se manifestar em Minas, tomou novas características com as ideias vindas da Europa. André Lhote, grande artista francês, veio a Belo Horizonte e teve contato com a Escola de Guignard e, após, Mario Silésio obteve uma bolsa do governo francês para estudar em Paris.

Voltando ao Brasil, entre 1957 e 1960, executou diversos painéis em edifícios públicos e privados em Belo Horizonte, como os do Banco Mineiro de Produção, Condomínio Retiro das Pedras, Teatro Marília, Escola de Direito da UFMG e Departamento Estadual de Trânsito (Detran).

Em Araruama, RJ, criou um grande mural para o clube dos engenheiros. Em 1964, executou os vitrais da Igreja de Ferros, em Minas.

Esse foi o grande percurso de um artista que começou a pintar na Escola Guignard, à sombra das árvores, e, mais tarde, levantou voo para os circuitos internacionais.

4 de junho de 2015

## CÉLIA LABORNE, ARTISTA MÚLTIPLA

Conheci Célia Laborne criança, quando da criação do Minas Tênis Clube, de onde era vizinha (morava em frente), e do qual era nadadora oficial, conquistando ali várias medalhas.

Aquela coragem de se jogar nas águas da piscina, percorrer espaços, conquistar prêmios, não era para qualquer adolescente da época. Lembro-me de ficar sentada na arquibancada, torcendo por aquela nadadora que, aos 12 anos de idade, conquistava troféus.

Mais tarde fui encontrar Célia na Escola Guignard, onde ela se inscreveu na primeira turma. Célia era muito sensível, desenhava flores e paisagens do Parque, dando preferência às aguadas transparentes. O elemento água preponderava em seus trabalhos, muito elogiados por Guignard.

Transparência, sensibilidade, observação da natureza, das árvores, dos céus de Minas. As aquarelas e o desenho de linha com lápis duro, estimulados pelo mestre, caminharam juntos com outra forma de expressão da artista, a palavra escrita e falada. Surgiram versos espontâneos, líricos. O lirismo, próprio de nossas montanhas, transbordava nos versos e nas cores, conjugando as duas formas de arte numa só inspiração.

Célia guardava os versos que lhe vieram muito antes da pintura, ainda aos 13 anos. Eram seus, o seu colóquio com os níveis mais profundos de consciência, uma abertura para o campo imensurável da poesia. Os poemas surgiram da necessidade de expressão de uma jovem mineira que, das montanhas, lançava o seu canto. Ser artista é um meio de abertura da consciência, um diálogo com Deus.

Seus textos espiritualistas despertaram a atenção de pessoas ligadas na mesma sensibilidade, muitas vezes residindo em lugares distantes. Foi do Oriente que ela assimilou a profundidade dos pensamentos filosóficos e poéticos.

Célia foi cronista de vários periódicos da cidade de Belo Horizonte e sua coluna ficou conhecida através do jornal Estado de Minas, no qual ocupava uma seção denominada *Vida Integral*. Foi a primeira e quase única jornalista que divulgou as filosofias orientais, suas técnicas de meditação, relaxamento, e a importância da respiração. Seus seguidores são múltiplos, e sua mensagem transpôs as fronteiras de Minas para alcançar espaços mais amplos. Atravessou os mares, foi bem recebida na Europa, especialmente em Portugal, e nos Estados Unidos; e, em Florianópolis, se transformou em vídeo por iniciativa de um seguidor.

A palavra de Célia é poética e espiritual, penetra num segmento pouco explorado pelos poetas modernistas. Situa-se numa linha bem própria, estudando mestres de Yoga tais como Vivekananda, o primeiro a introduzir essa prática no mundo ocidental. Sua conceituação é

ecumênica, abrange religiões, filosofia e as ciências mais modernas, tais como a física quântica. Ela partiu do estudo mais denso para os mais sutis. Seu universo está situado em níveis mais altos de consciência, naquela zona onde a palavra toca a alma das pessoas para ajudá-las a transcender o cotidiano. Este é importante, mas existe um espaço no qual, muitas vezes, a voz não consegue penetrar: seus textos nos conduzem para esse além do noticiário dos jornais.

Célia é jornalista e poeta, e continua divulgando suas mensagens no blogue *Vida em Plenitude*. Ali, a palavra é o toque mágico que nos guia ao infinito, a uma dimensão transcendente, acima da Terra. Todos nós devemos um pouco a essa mensageira da paz e da harmonia entre os seres vivos.

Abaixo, um dos poemas de Célia Laborne

Quem será Este que apenas antevejo e já me transfigura? E amplia em mim  
doação e paz – como um aroma a indicar amanhecida flor?  
Quem é Ele, que ainda não o vi e já o pressinto como o mais caro, amável  
e luminoso? Comandando o tempo e o espaço, Ele chega...  
Quem é Este, que ainda não toquei e já vibra em mim e se comunica e se  
transmite?  
Quem é Este, que o silêncio desvenda?  
Quem se oculta atrás de tanta força e harmonia e sabe fazer-se pequeno  
em minhas palavras?  
Quem se vai tornando dádiva nas minhas humílimas mãos que  
transbordam em oferenda?  
Ah! O Teu nome que é flor e canto e vento leve e suave cor... Teu nome  
mutável, maleável que se instalou em mim como seiva e fruto!

Este nome repercute e vibra para encher minhas horas e meus dias e dizer-  
me tudo sobre Teus caminhos.  
Ah! O Teu nome violento, sem fronteiras, campo de amor e de conquista. O  
Teu nome que só o silêncio conhece...  
Esse nome indecifrável que me acorda e se funde no meu próprio nome  
para fazer-me viva. O Teu nome que me dissolve e recria.  
Enquanto o ouço, desdobram-me como flor à espera da revelação...  
Já não sou a voz, a palavra, a ideia, o gesto, mas tão só o instrumento dócil  
da entrega.  
Entretanto, assim sendo, cresço em harmonia e tudo em mim se alarga e se  
faz ilimitado.  
Sou o rio por onde navega o Criador da fonte; por isso posso identificar-me  
à vida, à luz, ao amor.  
Agora, já não canto meu canto, entoo o hino do que está em mim.

6 de janeiro de 2015



## DOIS NADADORES, DOIS ARTISTAS: FERNANDO SABINO E CÉLIA LABORNE

Na década de 40, a criação do Minas Tênis Clube congregou a sociedade de Belo Horizonte em torno de várias atividades tendo como prioridade o esporte.

Campeonatos de natação eram um estímulo para os jovens e sempre havia alguém que se destacava recebendo como prêmio o reconhecimento público, acompanhado de medalhas e troféus.

Recordo a atuação brilhante de Fernando Sabino, nadador famoso que, depois, se tornou também escritor reconhecido mundialmente. Os espectadores, sentados nas arquibancadas do Minas, estimulavam o seu desempenho na piscina. Havia uma energia positiva alimentada pelo entusiasmo da torcida, e os jovens atletas alcançavam resultados cada vez melhores. Jornais noticiavam os grandes feitos e as comemorações se estendiam pelos salões da sede do Minas, nas “horas dançantes” organizadas aos domingos, intituladas “missas dançantes”. Fernando Sabino era o menino prodígio da época. Como nadador ou escritor, estava destinado a brilhar.

Fui leitora assídua de suas crônicas e de seus livros. Fernando tinha a capacidade de narrar o cotidiano com graça e humor. O humor é importante e conduz o leitor a um relaxamento espontâneo, sem necessidade de exercícios adequados. Muito se falou de sua morte e pouco de sua adolescência, e foi, exatamente, a trajetória iniciada no esporte e continuada na literatura e na música que lhe permitiu ser menino aos 80 anos. Ao longo da vida, seu potencial criador sempre lhe trouxe sucesso, mas conservando uma característica necessária a todo grande artista: a simplicidade.

Fernando, como muitos intelectuais da geração 45, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde criou novos amigos e abriu novos espaços, tornando-se conhecido como um dos maiores cronistas do país. Seu livro *O encontro marcado* é adotado nas escolas e, por ser um relato do cotidiano, continuará sendo o cotidiano de cada um de nós por toda a vida. O ser humano é o mesmo, e suas reações são semelhantes em qualquer data.

Conversei sobre isso com minha amiga Célia Laborne, jornalista, também nadadora juvenil do Minas na mesma época, e, depois, escritora, pioneira na divulgação de reflexões sobre o crescimento interno. Foi ela quem me chamou para participar de um curso de Yoga com George Kriticos na década de 70. Célia, assim como Fernando, começou pelo esporte. Conquistou medalhas quando se atirava na piscina com decisão e coragem. Foi minha colega na Escola Guignard, tendo se dedicado às aquarelas.

Revejo, cronologicamente, o seu itinerário artístico, partindo das artes plásticas e

prossequindo na poesia, nas crônicas e nas reflexões que escreveu por muitos anos na coluna *Vida Integral* do jornal Estado de Minas.

Entre os seus livros publicados, destaco *Caminhos de Luz*.

Atualmente, Célia tem um blogue chamado *Vida em Plenitude*, e seus poemas, de grande lirismo, inspiraram vídeos que podem ser também acessados na internet.

20 de dezembro de 2016

## **A REVELAÇÃO DO AVESSO, EXPOSIÇÃO DE FERREIRA GULLAR**

Ferreira Gullar esteve em Belo Horizonte para a inauguração de sua exposição de colagens em relevo. Não me foi possível chegar a tempo para conhecê-lo pessoalmente, mas sua obra falou por ele. Falou de um potencial criador que se multiplica em diversas facetas, sem perder a essência.

Segundo o depoimento do próprio artista, todas as obras foram feitas seguindo a direção do acaso:

Inicialmente, desenhava garrafas, bules e cálices, recortava papéis coloridos e colocava em cima. Um dia, porém, já havia posto os recortes sobre o desenho para em seguida colá-los, quando meu gato deu um tapa na folha de papel e desarrumou os recortes. Colei-os tal como estavam: disso resultou que o desenho era a ordem e os recortes coloridos, a desordem. Depois não mais desenhava: jogava os recortes de papel e, conforme caíssem, os colava. Assim nasceram aves, dragões, cobras e lagartos, com os quais compus livros para criança (e para adultos também). E foi então que surgiram as colagens em relevo.

Ferreira Gullar liderou o movimento neoconcretista no Rio, tendo como parceiros vindos de Minas os artistas Amílcar de Castro, Lygia Clark e Franz Weissmann.

O movimento concretista, surgido na capital paulista nos anos 50, inspirou artistas que não pertenciam ao famoso eixo Rio-São Paulo. De Minas Gerais, um pequeno grupo era formado por Mario Silésio, Marília Gianetti Torres, Nelly Frade e eu. Nossa amiga e colega Mary Vieira também se rendeu ao concretismo de Max Bill e foi buscar, na Suíça, o aperfeiçoamento para o seu trabalho, tornando-se uma artista de renome internacional.

O grupo mineiro, considerado independente, era ligado com grande entusiasmo às ideias concretistas nascidas na 1ª Bienal de São Paulo. Tínhamos o apoio de Mário Pedrosa, que muitas vezes nos visitava em Belo Horizonte.

Nosso grupo foi pequeno, mas atuante. Agora, percorrendo a exposição de Ferreira Gullar, vou relembro o passado e refletindo sobre o presente.

Suas obras expostas na Galeria Lemos de Sá, em Nova Lima, revelam sua origem neoconcretista retomada com nova linguagem em 2015. Gullar é crítico e também artista. Acompanho de longe o trabalho desse grande poeta, recentemente eleito Imortal na Academia Brasileira de Letras.

Pertencemos à mesma geração e somos “sobreviventes” que testemunharam a grande

transformação que ocorreu no Brasil na década de 1950, e até hoje se desdobra em novas expressões e novos caminhos.

3 de julho de 2015

## LÊDA GONTIJO NA GALERIA DO MINAS TÊNIS CLUBE

À chegada, chama a atenção o título da exposição: *Força estranha*. Fui visitá-la na tarde de quinta-feira. Lêda acabara de dar um curso de cerâmica para iniciantes. Estava eufórica, sentada numa cadeira de rodas dirigida por ela mesma (desse modo percorreu toda a orla da praia de Copacabana, sem ajuda de ninguém). Acredita na vida e está sempre de bom humor diante dos outros. Já sofreu três quedas que lhe valeram a condição de cadeirante, mas não conseguiram abatê-la. De cada tombo, saiu mais fortalecida.

Essa “*estranha força*” vem de crer com entusiasmo na sua arte e na sua missão neste mundo como artista e mãe de família. Em Lagoa Santa, onde mora, liderou movimentos sociais em defesa dos hospitais da região.

Lembro-me de Lêda quando entrou na escola de Belas Artes Guignard, em 1944, tendo sido minha colega na primeira turma. Ali ficou por algum tempo, logo se afastando para se dedicar de corpo e alma à escultura, como autodidata, preferindo seguir o seu chamado interno.

Dali partiu para a cerâmica, a pedra-sabão e, mais recentemente, a madeira como veículos para a realização de sua obra figurativa. Esculpiu figuras e santos com a mesma energia que conduziu as mãos dos antigos artesãos de Minas Gerais.

Quando estava entalhando um São Francisco de Assis, dirigiu-se ao santo com a espontaneidade que lhe é peculiar: “quando eu chegar ao céu (é claro que vou para o céu...), vou encontrar com você que sempre proclamou a pobreza. Perdoe-me, São Francisco, se eu faturei às suas custas...”. As esculturas de São Francisco fizeram sucesso, foram todas vendidas...

Aos 101 anos de idade, recebe os visitantes com a alegria de uma adolescente. A exposição é um sucesso, mostrando sua biografia do nascimento aos dias atuais. Na entrada, uma árvore genealógica retrata os antepassados e os descendentes dessa artista considerada um fenômeno de longevidade e vigor. E que acredita no que faz. A dedicação à arte e à família, durante todo o seu percurso de vida, está ali, à vista de todos.

Lembro-me de Lêda Selmi Dei de short branco praticando tênis no Minas. Eu acompanhava aquela atleta que era minha companheira na Escola Guignard. Duas campeãs do esporte dedicavam-se também às artes: ela, no tênis; Célia Laborne, na natação.

Vejo cada vez mais a importância de se aliar o esporte às artes. Segundo os ensinamentos do indiano Sri Aurobindo, o corpo tem de ser exercitado no esporte, na dança, no Yoga, a fim de prepará-lo para o despertar de energias superiores. Corpo e alma têm de estar afinados para o chamado dessa força estranha que conduz o ser humano a uma longevidade sadia e produtiva.

Volto novamente ao passado para encontrar Lêda como anfitriã em sua casa na Serra, em Belo Horizonte, recebendo a turma da Escola de Artes. Revejo Guignard, trepado numa escada, pintando o teto. Com a chegada de seus alunos, o vozerio, os palpites, ele parou o trabalho, cruzou os pincéis, perdeu a inspiração. A obra ficou paralisada e só muitos anos depois foi terminada.

Hoje reencontro minha amiga no Minas Tênis Clube, sentada em sua cadeira de rodas, nos seus 101 anos, sempre ativos e produtivos, que estão sendo comemorados pelos seus seguidores e descendentes. Tiramos fotos juntas e fui ver sua árvore genealógica, onde minha neta Alice está incluída, como esposa de Paulo, neto de Lêda...

Filha de uma artista plástica, suas irmãs também se dedicaram às artes — inclusive Lizete, artista e diretora da Escola Guignard —, Lêda, cercada de filhos, genros, noras, netos e bisnetos, soube coordenar sua vida de artista, dona de casa, mãe de família, professora e líder social.

29 de março de 2016

## **GTO E O ENCONTRO COM O ORIENTE**

Geraldo Teles de Oliveira, ou GTO, tornou-se figura conhecida e admirada no mundo das artes. Nascido em Divinópolis, ele se projetou além das fronteiras do Brasil, como artista cujo potencial criador ultrapassou os limites impostos pelo eixo Rio-São Paulo, criando diretamente de Minas para o mundo. Sua arte é atemporal e alcança o inconsciente coletivo de forma segura e firme.

GTO realizava seus trabalhos a partir de sonhos. Percorrendo sua exposição na Cemig, no espaço reservado à Arte Popular vou sentindo, a integração de culturas que a arte espontaneamente promove.

Meus passos, na Índia, me conduziram a reflexões sobre essa unidade formal que se projeta no tempo e nos faz visualizar obras afins em artistas que descobrem o seu caminho próprio em países distantes. Visitando os museus de Delhi, senti a semelhança dos nossos artistas do Vale do Jequitinhonha com a cerâmica indiana e, agora, revejo a Índia na obra de GTO.

Na Índia, artistas anônimos cavaram na pedra bruta esculturas de animais e seres humanos. Não havia a preocupação de vender ou expor em galerias. Mas sob o impulso mágico da criação artística, ali deixaram um documentário belíssimo do poder criativo do homem. Lá encontramos, nas esculturas pertencentes a civilizações remotas, uma grande afinidade com esse artista mineiro.

GTO foi um grande visionário e, em seus sonhos, captou a mensagem das antigas civilizações, da pedra do sol dos maias, no México, até os templos de Kajuraho, na Índia. Os roteiros da arte são os roteiros da vida, porque arte e vida não se separam. Os trabalhos de GTO vão nos revelando uma unidade formal existente nos caminhos percorridos por artistas que viveram neste planeta, afastados no espaço, mas unidos pela grandeza de suas criações espontâneas brotadas diretamente da intuição.

O gesto do artista se irmana no tempo em um grande abraço de confraternização. GTO considerava a escultura como um legado divino e uma missão. Seus entalhes em madeira atravessaram fronteiras e aproximaram povos.

5 de outubro de 2015

## EYMARD BRANDÃO NA ÍNDIA

Visitei a exposição de Eymard Brandão na Galeria da C/Arte, na Pampulha, espaço muito próprio para seus quadros, nos quais se destaca a busca do aproveitamento de recursos da terra. Fui relembando acontecimentos que, de certo modo, marcaram a arte desse artista.

Sua viagem à Índia, em 1979, certamente contribuiu para esse trabalho contemplativo que busca na terra a sua referência. Eymard tem seu ateliê e nessa região onde as mineradoras estão sempre em busca do lucro extraído da terra, e de onde ele, serenamente, extrai sua arte. Recolhe tintas e pedras do chão de Minas e, como alquimista, vai construindo painéis coloridos que, vistos em seu conjunto e alinhados na exposição *Livro-objeto*, me recordam os sáris da Índia, também presente no depoimento do próprio artista em seu livro da série *Circuito Atelier*, do qual transcrevo, em seguida, trechos:

A ecologia não surgiu em meu trabalho. Foi sendo a ele incorporada gradativamente, por uma série de fatores externos e internos. Estava me preparando para fazer o curso de pós-graduação em Londres, no Royal College of Arts, quando assisti a uma palestra de Maria Helena Andrés. Nessa palestra, ela abordava, entre outros assuntos, uma escola que conheceu no sul da Índia chamada World Academy of Wonder (a palavra wonder significa uma forma específica de percepção na arte). Essa escola era uma das unidades de uma universidade que englobava diversas áreas como arte, literatura, música, fotografia, dança, teatro etc. Mudar os referenciais e viver esse encontro de Oriente e Ocidente através da arte passou a me atrair profundamente. Enviei o currículo e recebi uma resposta promissora, juntamente com a explanação dos cursos oferecidos. Consegui uma bolsa de estudos e tive, naquele país, uma experiência de arte e de vida extremamente gratificantes.

Estudantes do mundo inteiro conviviam nessa escola, com novas possibilidades de lidar com seu potencial. Estruturas circulares eram desenvolvidas dentro de padrões milenares e, ao mesmo tempo, contemporâneas, para o trabalho realizado nas formas de ensino ali experimentadas. A história da arte era abordada pelo aspecto psicológico. E as cores da natureza eram relacionadas com nossas emoções, para depois serem aplicadas no papel, na tela ou em formas na terceira dimensão. Com folhas e flores, construíamos belas mandalas. Uma estrada pela floresta levava a um grande e bonito lago. Em frente a ele, subindo para a montanha, uma placa de madeira indicava a entrada da escola. Nela, sugestivas palavras nos convidavam a deixar as sombras de nossos egos



para trás e lidar com as formas de estudo ali propostas, onde conviver com os ritmos e mistérios da natureza era um ensinamento diário, por ser o universo em si como um próprio campo no qual o jogo cósmico da arte vem acontecendo desde tempos imemoriais. (Eymard Brandão. *Circuito Atelier. C/Arte*, Belo Horizonte, 2000).

Relembrando minhas viagens à Índia, vou encontrando referências na arte de Eymard Brandão que é, sem dúvida, uma manifestação de seu próprio *self* de artista. A palavra *self*, usada por Jung para significar o centro psicológico do “ser”, tem diferentes denominações nas diversas religiões do mundo. Significa o Cristo interno dos cristãos, o Atman dos hindus, a Luz interna de Krishnamurti.

O verdadeiro “eu” se encontra na parte interior, mais profunda de nosso ser, nos disse Sri Aurobindo em seus ensinamentos.

8 de julho de 2012

## MEU ENCONTRO COM BENÉ FONTELES

Há muitos anos, recebi um pedido vindo de Brasília, não sei se do Pierre Weil ou do Maurício, para hospedar um artista em minha casa no Retiro das Pedras. Esse artista é hoje o famoso Bené Fonteles, que, naquele momento, precisava visitar Belo Horizonte. Ele esteve em minha casa alguns dias, nem me lembro se foram semanas, mas, sua intensa criatividade ficou para sempre em minha memória. Além de escrever poemas, também os recitava para grupos pequenos, como nos antigos saraus.

Certo dia, voltando de Belo Horizonte onde estivera para acompanhar minha mãe, encontrei minha casa no Retiro toda iluminada e festiva. A sala estava cheia de amigos do Bené e ele, no centro da roda, declamava suas poesias. Para mim foi surpresa e ao mesmo tempo admiração ver minha casa transformada em palco de teatro.

Hoje, encontro Bené em Brasília, na noite de Folia de Reis, acendendo a fogueira, carregando o estandarte, cantando e dançando. Continua a mesma pessoa cheia de vida e grande ternura para com o ser humano. É um artista de muitas facetas, e tanto produziu obras nas tradicionais telas como todos nós, pintores, como transgrediu as normas e realiza trabalhos no campo ampliado da arte contemporânea. Usa materiais diversos — peças de ferro, de carro de boi; corais sobre tecelagem indígena; couro de ovelhas; conchas; ferramentas; vasos; cerâmicas; esculturas de Buda e dos Orixás — coletados ao longo do tempo e organizados em forma de memória.

Bené alargou seu espaço para instalações e, no centro dos objetos juntados, declamava seus versos. No Museu de Arte de São Paulo, em cima de um tablado, todo vestido de branco, recitava poemas, como na minha casa, no alto das montanhas do Retiro das Pedras.

Reencontrar Bené em Brasília, cercado de amigos, foi um grande prazer, e me foi possível constatar o fato de que o artista é e sempre será uma voz que clama muitas vezes no deserto, mas que sempre está aberto para o novo, o não dito, o ainda não experimentado. Ele transgride a sociedade sem agredi-la, pode se cercar de admiradores ou ser rejeitado, contudo está sempre aberto a novas aventuras.

Abrir caminho para as gerações futuras mostra que a poesia, o teatro, a música, os tambores indígenas e os cocares coloridos são aspectos múltiplos da grande arte que se manifesta na vida, nos grupos folclóricos e nas rodas infantis. Tudo isso é vida, e a vida, para Bené, merece ser vivida.

30 de janeiro de 2013

## QUEM TEM MEDO DE TEREZINHA SOARES?

Conheci Teresinha Soares durante um *workshop* em BH na década de 60, quando percebi o seu grande interesse pelas artes. Ela se matriculou na Escola Guignard, onde era considerada pelos professores uma aluna muito criativa. Mais tarde, já em 1970, viajamos juntas para uma exposição em Washington, DC, companheiras das artes. Agora, depois de tantos anos, eu a revejo, novamente atuando no circuito artístico da cidade e lançando um livro de crônicas.

A seguir, um texto que escrevi sobre ela:

Teresinha está de

Volta

Seja bem-vinda.

Aconteceu em

São Paulo

No MASP.

Expor no MASP

Não é para

Qualquer um.

E nossa mineira

De Araxá

Líder feminista

Dos anos 60

Pioneira

Da revolução

Feminista

Do confronto

Corajoso

Com a

Tradicional

Família.

Teresinha

Das performances

Das caixas

De fazer amor  
Das atitudes  
Corajosas  
Sem temor  
Foi agora  
Agraciada  
Com grande  
Mostra no  
MASP  
De São Paulo.  
“Quem tem medo  
De Teresinha Soares?”  
Pode ser que  
Antigamente  
Alguém teve  
Medo  
De quebrar  
As estruturas  
De perder  
A proteção  
De seus parceiros  
Amarrados  
ao passado  
Tradicional.  
Teresinha  
Está de volta  
E voltou  
Para ficar.  
Sua mensagem  
Está viva  
E não será  
Esquecida.  
Como mestra

Eu nunca  
Esqueço  
Os alunos  
Talentosos  
E vou lembrando  
De fatos  
De sua forte  
Presença  
No meio  
Artístico  
Da década  
De 60.  
Não precisou  
De estender  
Sua arte  
Por muito  
Tempo.  
Sua mensagem  
Foi feita e  
Até hoje  
Permanece  
Como estrela  
Que não  
Para  
De brilhar.  
“Quem tem medo  
De Teresinha Soares?”  
É o título de  
Seu livro  
Editado  
Em São Paulo.  
Se houve medo  
Já passou.

Seu recado  
Já foi dado.  
Agora é  
Colher os louros  
Desta homenagem  
E viver o presente  
Que inclui o  
Passado e o  
Futuro.  
Pode chegar,  
Teresinha,  
E será bem  
Recebida.  
Sua arte é  
Vigorosa  
Corajosa.  
Vai ficar  
Em sua terra  
Que é também  
De Adélia Prado  
E Carlos Drummond  
E Guimarães Rosa  
Pioneiros  
De muitas ideias.  
Minas lança  
Ideias novas  
E São Paulo  
As divulga.

A exposição de Teresinha Soares no Palácio das Artes, com curadoria de Marília Andrés Ribeiro, foi um acontecimento de grande repercussão na cidade. Sua mensagem — transmitida através de telas, serigrafias, poemas, esculturas, instalações — data dos anos 60 e 70, quando ela movimentou a pacata metrópole de Belo Horizonte com suas criações. Sempre à frente de seu

tempo, fez parte do movimento de contracultura que se esboçava naqueles anos repressivos, quando não se podia dizer nada que fosse contrário à ordem vigente. A presença de Teresinha quebrou os condicionamentos da época. Ela deu seu recado, ganhou prêmios, participou de salões e bienais, expôs nos Estados Unidos e Europa. Depois, preferiu recolher-se ao silêncio por alguns anos. Sua volta ao circuito de arte está sendo coroada de sucesso, com uma grande exposição no MASP, e agora com esta, no Palácio das Artes, que fica em cartaz até o final de junho de 2018.

A Grande Galeria tem na entrada um painel com a fotografia de Teresinha vestida de anjo, durante uma *performance* em que ela representava a ressurreição da mulher. Ao longo do salão, entre luzes e refletores, desvendava-se sua trajetória, que apresentava uma série de trabalhos em técnicas variadas. “Do corpo da mulher ao corpo da terra”, como me disse Marília, a curadora da mostra.

No meio da sala, uma instalação intitulada *Túmulos* servia chope e queijo de minas para os visitantes. No final da exposição, o *Altar do Sacrifício* nos faz refletir sobre o desmatamento vertiginoso de nossas florestas.

As propostas feministas, sociais e ecológicas de Teresinha, realizadas há quase 50 anos, são mensagens que se enquadram em nosso momento histórico.

30 de abril de 2018

## PAULO LAENDER, UMA TRAJETÓRIA

Estou na Galeria de Arte do Minas Tênis Clube, percorrendo uma exposição de Paulo Laender, que mostra sua trajetória na arte desde a sua primeira exposição também no Minas, a convite de Palhano Junior, com desenhos de 1963. No catálogo desta mostra coletiva, estão Paulo Frade Laender, Luiz Antônio Lanza e Antônio Eugênio de Salles Coelho: para esses três artistas, a vida foi descortinando percursos diferentes.

Paulo Laender viveu etapas diversas de sua arte, sempre conservando a ligação de uma fase com a outra. Talvez, poderíamos dizer: crescimento orgânico, como uma árvore que vai guardando as características de sua espécie e vai crescendo, tomando formas variadas, porém sempre ligadas entre si, com uma coerência impressionante. Exemplo de “unidade na diversidade”, porque, na diversidade de materiais — gravuras em metal, desenhos, pinturas, esculturas —, há sempre uma unidade que caracteriza o artista.

Ele foi meu aluno, e, já nos desenhos dos primeiros barcos, demonstrava a sua escolha pelas formas curvas, característica que nos indica, nos barcos de 1963 o jovem talento despertando para uma viagem ao desconhecido. O barco simboliza viagem, e Paulo Laender viajou, percorreu o mundo, e agora, em seu ateliê de Nova Lima, continua a grande peregrinação pelos caminhos da arte. O perfeccionismo de suas obras é fascinante; e a sensualidade de suas formas nos lembra os grandes mestres do barroco mineiro. Os portugueses trouxeram para nós o barroco que, em terras brasileiras, produziu suas melhores obras, vistas ainda hoje nas igrejas de Ouro Preto, Tiradentes, São João Del-Rey e Sabará.

Paulo retoma o barroco em seu espírito, transcendendo a forma e elevando-a a um plano de grande atualidade. Ele é um artista barroco e contemporâneo; está presente no seu tempo, corajosamente enfrentando as dificuldades que a arte impõe. Em suas esculturas, inspiradas em andanças pela Índia, admiramos a figura de Ganesh, aquele que abre os caminhos. E sem reproduzir a figura do deus, ele nos mostra o seu espírito e a sua atitude resoluta e firme.

Voltando ao Brasil, encontramos o escultor trabalhando na forma de barcos. Grandes troncos de árvores são esculpidos lembrando nossos barcos indígenas e dos barqueiros do São Francisco. Agora, o barco não é mais desenhado, mas esculpido na madeira laminada, colada e cavilhada, característica muito especial de seu estilo como escultor. Paulo desce às nossas origens, rebusca seus antepassados indígenas e os artistas e artesãos que construíram o patrimônio artístico de Minas Gerais. Ser universal e ao mesmo tempo regional é a grande lição que esse artista mineiro está dando para as gerações futuras.



Paulo Laender é um artista consciente, maduro. Não procura modismos nem influências externas; é dentro dele mesmo que vai encontrar motivações para o seu trabalho. Essa busca interior às vezes é também figurada em esculturas ou objetos, em que outras formas menores estão colocadas mostrando o mundo externo e o interno, que continuam existindo em toda a natureza e na criação.

28 de novembro de 2016

## CELSO RENATO, 100 ANOS

A série de pinturas construtivas de Celso Renato, no momento em exposição na Grande Galeria Alberto da Veiga Guignard, do Palácio das Artes, marcou a sua presença definitiva no cenário das artes plásticas de Minas e do Brasil.

Percorrendo a mostra, reproduzo aqui depoimentos de amigos do artista e admiradores de sua obra, trechos inscritos no Catálogo *As coisas sem importância são bens de poesia* (Palácio das Artes, Belo Horizonte, 31 out. 2018-27 jan. 2019).

A curadora Cláudia Renault salienta a importância da matéria bruta na obra de Celso Renato:

Celso aparece nos anos 60, no cenário das artes de Belo Horizonte, já como um homem maduro, com uma pintura expressionista, com traços fortes e largos. A ideia é de um sujeito a procura de si, da sua alma, na maneira mais íntima de se expressar. É nesse momento que as coisas do mundo começam a conversar com ele. Celso parece escutar o silêncio e outros materiais que não a tela. Nessa hora ele revela a sacralidade das coisas mais rudes. É com um gesto mínimo, certo, de quem lança uma seta, que Celso Renato inicia suas intervenções nas madeiras — restos de materiais de construção civil. Uma vez que o material utilizado já carrega em si texturas, falhas, pregos, Celso inclui esses materiais e cria uma relação muito especial entre sua proposta geométrica e a organicidade do suporte. É nesses tapumes que o artista enfatiza as formas e revela a sacralidade e a verdadeira alma das coisas. Nessa hora lembro-me de Manoel de Barros ao dizer que as “coisas sem importância são bens de poesia”. Celso Renato me ensinou isso antes de Manoel. Ele retira do refugio da madeira e trava com ela um diálogo. Nesse diálogo amoroso com a matéria, dá vida ao que já estava perdido. É com suas interferências com a madeira que Celso marca presença nas artes plásticas do Brasil e do mundo. Estabelece uma conversa com deuses e ancestrais. Formas e cores puras que nos remetem a rituais, conversas veladas com povos que fazem arte como verdade, como religião, como necessidade de registro da existência.

Márcio Sampaio enfatiza o diálogo do artista com a matéria:

O trabalho atual de Celso Renato parte dessa experiência, desse diálogo com a matéria. Sua arte só é possível na medida em que a matéria respondeu a seu apelo e se entregou totalmente para que a mão a detenha e a transforme. O suporte é a madeira que ele encontra nas construções — já usada, recosturada, escarificada pelo uso e condenada à deterioração —

e que o artista recupera, modificando-a com traços, formas pintadas, sempre seguindo as sugestões que lhe trazem as erupções naturais e os acidentes sofridos antes pela própria matéria.

Amílcar de Castro lhe dedica um belo poema, denominado *A música de Celso Renato*:

É madeira de construção  
Cheia de sinais, riscos e ranhuras  
Frinchas, frestas, buracos e rachaduras  
São algumas tábuas juntas a martelo  
Com pregos aparentes  
Às vezes aparecem pedaços como tramelas  
Tramelas de portas que não se abrirão jamais  
Como se guardando imenso segredo perdido  
Segredo agora revelado  
E que mostra o caminho dia  
Da noite  
Do sol esquecido  
Que volta a nos envolver  
Na música de tambores longínquos.

19 de novembro de 2018

## EXPOSIÇÃO DE LOTUS LOBO

Estamos na Galeria do Centro Cultural Minas Tênis Clube, num salão de uma brancura deslumbrante, onde aos poucos vai surgindo a mostra de Lótus Lobo, conhecida artista de Minas Gerais, gravadora e mestra da Escola Guignard, que deixou vários seguidores no campo da gravura. Eu mesma, antes de entrar para o Atelier de Litografia de Thaís Helt, *Oficina Cinco*, aprendi muito com a gravura de Lotus Lobo.

Lotus nos trouxe de Juiz de Fora, de uma fábrica fechada, as pedras litográficas relegadas ao esquecimento e resgatadas por um olhar de artista e pesquisadora — hoje, na arte contemporânea, função também dos artistas. Eles nos apresentam obras que não são realizadas apenas para decorar paredes, e sim que permitem, a todos, momentos de reflexão.

A exposição nos convida a pensar sobre nossos antepassados, produtores de pequenas fazendas. A artista redescobriu a mensagem escondida nas pedras litográficas, como gravadora, e organizou uma série de quadros e painéis, tendo como base os desenhos feitos em épocas anteriores, que nos conta a história do nascimento da era industrial em Minas Gerais.

Os desenhos fazem lembrar a *art-nouveau* de inspiração europeia, adaptados para uma divulgação muitas vezes ingênua, mas de grande valor publicitário. Os pequenos fazendeiros de Minas Gerais, fabricantes de uma manteiga de qualidade, chegaram a exportá-la para outros países em grandes latas com desenhos sugestivos, algumas com nomes de mulheres: Odete, Juracy, Cidinha, Maria de Lourdes...

Percorrendo a coleção, aprendi muito da história de Minas, através dos fazendeiros que, na era industrial, mostraram ao mundo que Minas Gerais não é somente um Estado de riquezas extraídas da terra. Aqui também se produz um leite de qualidade, e é dele, retirado de nossas vaquinhas, que se fabrica a manteiga vinda de várias regiões, inclusive de Entre Rios de Minas. E os queijos, tão apreciados por todos nós. Saí dali motivada a visitar os pequenos produtores do nosso queijo... E não preciso ir longe. Muito perto de mim, na fazenda Luiziana, meu filho Euler está se dedicando com o maior carinho a essa produção. Decidi ir conhecer seu local de trabalho para ver como esse artista, de forma modesta e sem publicidade, tem produzido o queijo que recebo em minha casa semanalmente.

Parabéns à artista Lotus Lobo que, com sua exposição de alto gabarito, foi nos conduzindo para dentro de nós mesmos, de nossas terras, levando-nos a aprender com os mais jovens um artesanato rural de grande valor para nossa saúde. Amanhã devo ir à fazenda e vou conhecer essa fábrica de queijo que até hoje não pude visitar.

14 de janeiro de 2019

## YARA TUPYNAMBÁ NA REITORIA DA UFMG

Entre flashes,  
no meio do vozerio  
de gente passando,  
entrando e saindo,  
um rosto familiar.  
Revejo o tempo  
da Escola Guignard,  
quando eu era professora  
e ela, aluna.  
O mesmo rosto ativo,  
interativo,  
de quem espera do futuro  
e tem certeza da vitória:  
Yara Tupynambá.  
Revejo Yara  
na curva da vida,  
quando as coisas  
já aconteceram e  
ainda esperam  
por acontecer.  
Viagens pelo mundo,  
painéis monumentais,  
tão grandes  
quanto expressivos,  
trazendo a memória  
da história de Minas  
com vigor e firmeza.  
Yara é guerreira  
na arte e na vida.  
Trabalha incansável  
nas telas, desenhos,  
gravuras.  
Ela cuida da filha e  
dos quadros.  
Hoje está  
no meio do povo,  
que se aglomera  
nesta exposição.  
“Trabalho é vida.  
Nunca parei de trabalhar.

É isto que me permite  
não envelhecer.”  
Yara está jovem  
como aquela moça  
que conheci  
na Escola Guignard.

2 de setembro de 2019

## EXPOSIÇÃO LAMA, DE ROBERTO SUSSUCA

A lama desceu  
a ladeira  
e cobriu tudo  
de vermelho.  
Sepultou pessoas  
que ainda estavam  
vivas.  
Animais, paisagens,  
pastos, casas, casebres,  
tudo foi coberto  
pela lama vermelha.  
Vermelho terra,  
terra que foi verde,  
cheia de flores,  
virou uma  
argila pastosa, tóxica.  
Foi neste ambiente  
de destruição e morte  
que o artista plástico  
Sussuca,  
natural de Ouro Preto,  
criou a sua grande instalação,  
denominada *LAMA*.  
Sussuca esteve presente  
no local onde a lama  
derramou seus rejeitos.  
Fotografou, dialogou com  
as pessoas, recolheu  
as imagens e as  
recriou de forma  
impactante.  
Não há quem não se sinta  
abalado com a exposição.  
Ali está, em forma  
de arte, o cenário  
fúnebre, tenebroso, a  
que foram reduzidas  
duas cidades mineiras,  
Mariana e Brumadinho,  
cobertas de tinta, feita

com as terras da região.  
Elas dão testemunho da  
tragédia de Minas Gerais.  
As montanhas com  
todas as suas riquezas  
mataram tudo o que  
tinha vida.  
Sussuca assistiu, anotou,  
chorou junto com os  
órfãos e as viúvas,  
com os parentes, que  
ali permaneceram noite e dia  
à procura dos corpos,  
pedaços de braços,  
mãos, pernas, a criança  
deitada no berço,  
a noiva à espera do  
noivo, os bombeiros  
também sepultados.  
A exposição é um  
testemunho importante  
de todo um cenário  
de morte.  
Sussuca não escreve,  
ele mostra.  
Saímos da exposição  
abaladas...

A exposição precisa correr o Brasil. “Não é comercial, não pode ser vendida separadamente, mas deve ser adquirida por algum museu para guardar testemunho do que estamos passando aqui em Minas”, diz-nos Sussuca.

A arte de denúncia é uma arte que não nos sai da memória.

10 de dezembro de 2019



## KÁTIA SANTANA - ARTE SUPERANDO BARREIRAS

Conheci Kátia Santana durante o 3º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, realizando uma *performance* de pintura diante de um público curioso e admirado. Ali, sob os olhares atentos, ignorando o burburinho ao redor, dialogava diretamente com a tela e as tintas. Para ela, só existia esse instante em seus níveis mais profundos de consciência, quando as mãos faziam uma ponte direta entre as emoções e a mente. Não havia um caráter premeditado, e sim uma ênfase no aqui e no agora, em uma pintura espontânea e gestual, com cores que surgiam da jovem artista como os sons que saem dos dedos de um músico. Para mim, a música tem uma grande relação com a pintura, na qual as cores significam notas musicais.

Naquele dia, sentada em sua cadeira de rodas, Kátia irradiava luz. Estava feliz, pintando, e, depois do quadro pronto, também se alegrava com a receptividade do público e com uma comunicação que superava palavras.

Kátia é portadora de paralisia cerebral desde o nascimento, e a possibilidade de expressar seu mundo interior, através da arte, vem conduzindo-a para um despertar de consciência cada vez mais intenso. Apesar de ter dificuldades com a fala, escuta bem e se comunica pelo computador, tendo, inclusive, começado a escrever um livro sobre sua própria vida.

A arte de Kátia é um colorido que se desdobra como jardins de flores variadas, sem a preocupação em delinear uma forma, mas que se conduz e se expressa de maneira abstrata, em uma linguagem muito sua. Dentro da trajetória da arte moderna, seu fazer artístico lembra grandes mestres franceses que usavam cores puras e justapostas, deixando-as vibrar e respirar.

Kátia é aluna de Ivana Andrés, psicóloga e artista, desde 2002, e seu aprendizado ocorreu rapidamente, sem bloqueios. Atualmente, ela pode ser considerada uma artista com um alto QS — Quociente de Superação —, um dos índices de inteligência mais reconhecidos.

4 de dezembro de 2009

## **TRAMA, UMA EXPOSIÇÃO DE JOÃO DINIZ**

Quando as diversas formas de arte se encontram, acelera-se o processo de criação. Assim foi no passado, assim está sendo no presente. Nesse encontro feliz de artes plásticas, música, arquitetura e poesia, podemos situar o múltiplo artista, artesão, poeta, fotógrafo e arquiteto João Diniz.

Eu o conheci criança, morando no meu condomínio no Retiro das Pedras. Sua mãe era minha companheira no Coral *Domus Áurea*, cuja maestrina e orientadora de música era Ângela Pinto Coelho. João estava sempre atento ao chamado da música e aos apelos da arquitetura.

Desconstruir música e arquitetura para reuni-las numa só proposta foi o chamado do interior desse poeta das artes.

A palavra, antes contida em livros, desdobra-se para o espaço e se transforma em caixas com poemas em letras vazadas. Cores e formas continuam a se manifestar em arquiteturas, nas quais a marca do pintor, poeta e escultor continua a aparecer. A música, geradora e maestrina de todas as artes, sintoniza sons eletrônicos e ritmos tribais.

João Diniz não para. Caminha sempre para a frente, em ritmo acelerado, incorporando o pensamento e a emoção de forma nova, inesperada. Amigo da família, vem sempre à nossa casa. Aqui a Apresentação de Marília Andrés para a exposição de João Diniz, em fevereiro 2019:

A Asa de Papel Café&Arte tem o prazer de apresentar as pesquisas do arquiteto João Diniz no campo das artes visuais com a série *Trama*. Esta se desdobra em colagens, objetos e esculturas, que se intercomunicam através do movimento experimental inserido num processo estruturante. Uma trama pode ser uma rede comunicante, envolvendo o espectador/participante numa obra aberta, como as *Reticuláceas* da artista venezuelana Gego. Pode ser um projeto utópico, racional, estruturado, como o projeto do *Monumento à Terceira Internacional* do artista/arquiteto russo Vladimir Tatlin. Mas, uma trama pode se transformar em um processo que se inicia com os projetos bidimensionais para uma torre utópica, desdobra-se nos objetos tridimensionais de madeira, e se concretiza nas esculturas de aço de João Diniz.

Este depoimento do artista, em janeiro de 2019, nos revela o significado das obras a partir de seu pensamento:

*Trama* são investigações através de esculturas, objetos e colagens sobre a

linha no espaço, ou a linha como vetor rígido, que, em combinações tridimensionais, propõe geometrias poliédricas, gerando espaços e volumes num diálogo com a arquitetura, a engenharia e as artes visuais. Nessas composições, as articulações matemáticas que promovem a estabilidade das estruturas construídas se opõem à manipulação gestual e intuitiva das dimensões dos componentes, gerando resultados ao mesmo tempo racionais e orgânicos.

Mais uma vez, o artista multimídia João Diniz nos surpreende com novas criações poéticas, no momento focalizando o trabalho com as artes visuais.

18 de março de 2019

## PAULO MENDES, ARTISTA ENGENHEIRO

Fui ver a exposição *Urbanasque*, de Paulo Mendes, na Asa de Papel Café&Arte. O tema principal de suas pinturas é o aglomerado de pessoas, homens, mulheres e crianças, o ser humano que palpita e está presente nas grandes cidades, nos ônibus, nos cafés. Lembra um pouco Montmartre, em Paris, quando os primeiros impressionistas se encontravam para a grande aventura de renovação das artes.

Paulo faz um retorno à figura humana como principal elemento de seus quadros. As figuras passam a ser motivação para suas composições, sempre nos tons baixos, sem contrastes. Elas emergem de um sonho, de uma nuvem cinza, branca, rosa... Sem contar uma história, elas têm sua vida própria.

Dono de uma empresa de construção metálica, situada em Rio Acima, nas montanhas de Minas, à sua formação técnica como engenheiro, soube acrescentar a sensibilidade do artista plástico. Com grande experiência em estruturas metálicas, tornou-se apto a construir também esculturas de aço, tendo realizado com segurança uma obra de minha autoria para a minha casa. A escultura foi colocada no meu gramado e lá está, curtindo a paisagem das montanhas.

Para sua exposição *Metrô*, que aconteceu em fevereiro de 2018, também na Asa de Papel Café&Arte, a apresentação de Marília Andrés:

Paulo Mendes estreia na cena artística de Belo Horizonte com a exposição *Metrô* que está em cartaz na Asa de Papel Café&Arte. Autodidata, o artista, que é também construtor e músico, apresenta pinturas em acrílica sobre papel, revelando cenas urbanas que acontecem no interior dos metrôs. Ali se mesclam pessoas humanas e não humanas, “os porquinhos”, no movimento dos trens que transitam em alta velocidade. Mas essas cenas tornam-se cada vez mais abstratas, revelando o movimento interior que se expressa na emoção do artista. Como ele fala em depoimento, a emoção está sempre presente no seu processo criativo: “Entro em transe e pinto a catarse. Jogo a tinta no quadro e surge uma cena explosiva”. Dessa forma, Paulo Mendes nos mostra uma nova pintura, expressiva, vigorosa e divertida, que revela sua maneira de ser no mundo.

Segue também um depoimento do próprio artista, Paulo Mendes:

Embora seja um apaixonado pela natureza, é no cotidiano urbano que encontro motivação para minhas pinturas. Em especial nos metrôs, nas filas

de supermercados e em outras situações rotineiras encontro a matéria-prima e a inspiração para meus trabalhos. São situações diversas compostas de stress, ternura, compaixão, correria; enfim, uma profusão de sensações causadas pelas pessoas no seu dia a dia. Aquilo que é comum revela-se extremamente rico quando visto com atenção através dos olhos do observador. Nesse contexto, cenas banais e corriqueiras tornam-se gigantes e extremamente cheias de significados. Em outras situações, quando assisto a um espetáculo que envolva música e dança, também percebo o público como um “coadjuvante”, o que o torna uma figura de grande importância na composição daquele momento. Por isso introduzi a música e a dança nas cenas urbanas. Sou um observador contumaz do diálogo entre o artista e o público.

Parabéns, Paulo, por sua competência e sua feliz introdução no caminho das artes visuais.

1º de abril de 2019

## MARCELO XAVIER, OTIMISTA INCORRIGÍVEL

Hoje vou escrever sobre Marcelo Xavier, um grande amigo que frequenta a Asa de Papel. Está sempre alegre, comunicativo, disposto a ajudar as pessoas. É artista de múltiplas facetas; faz ilustrações de livros infantis com massas coloridas. As crianças adoram ouvir as histórias contadas por ele, que, sentado em sua cadeira de rodas, torna-se também uma criança, da mesma altura delas. Anda pelas ruas da cidade, no meio do trânsito, sempre sorrindo, feliz. Antes de ser cadeirante, descobriu a arte.

É formado em Publicidade pela PUC Minas e artista plástico autodidata. Já fez muitas coisas na vida. Ilustrou livros; criou e realizou inúmeros projetos gráficos; produziu e dirigiu programas para a televisão; trabalhou em publicidade e também com cenografias, figurinos e adereços para espetáculos de teatro, música, dança, carnaval e programas de TV.

São palavras dele: “Num belo dia de 1986, uma bola de massinha caiu do céu e me atingiu em cheio. Misturei-me a ela e saímos rolando pelo mundo das histórias infantis, das ilustrações tridimensionais e exposições”.

Essa bola cresceu e, hoje, rola pelo Brasil em oficinas de modelagem e, fora do país, nas traduções de alguns títulos em inglês, espanhol e japonês. Entre suas obras estão *Tem de tudo nesta rua*, *Asa de papel*, *TOT*, *Se criança governasse o mundo*, que se tornaram bastante conhecidas do público e receberam importantes premiações.

Olho com grande admiração esse artista possuidor de tantos prêmios. Marcelo Xavier, em seus textos de muita criatividade, nos conduz ao seu mundo de forma positiva.

Foi num domingo, rodando em minha cadeira de rodas, por ruas vazias do bairro, que percebi estar ali o transporte do futuro, a solução para o insuportável trânsito nas cidades, enfim — silencioso, limpo, econômico e numa escala humana. Enquanto o motorista de um carro sai arrastando pela cidade um monte de aço, de combustível caro e espaço ocioso, envolto pela irritante trilha sonora do motor e uma nuvem de gases poluentes, a cadeira motorizada desliza silenciosamente, a uma velocidade segura por locais em que transitam pessoas de todas as idades e condições de locomoção.

Sou, sim, um otimista incorrigível  
Um bem-humorado irritante.  
Como assim? Esse cara que não  
Anda, portador de uma doença  
Degenerativa sem cura, rindo

Desse jeito?  
Sinto decepcioná-los, queridos  
Pessimistas, mal-humorados  
E fatalistas à minha volta.

(Trechos do livro *A estranha*, de Marcelo Xavier, Monkis, São Paulo, 2015).

*Todo mundo cabe no mundo* é o título de um bloco carnavalesco criado por ele, que atrai as pessoas pela sua proposta de contemplar a inclusão e a diversidade.

6 de agosto de 2018

## JAYME REIS E AS MEMÓRIAS DE UM CAVALETE

No sábado, 28 de fevereiro, houve uma *performance* na nossa fazenda em Entre Rios de Minas. *Performance* é uma apresentação artística para marcar eventos importantes, trabalhar o corpo e dar um toque de consciência nas pessoas; é uma cena única, imediata. Sua função é de atuar no “aqui e agora”.

Não tendo podido comparecer ao acontecimento, procurei senti-lo à distância, através de fotos e depoimentos. A *performance*, realizada no pátio, foi organizada por Jayme Reis, Marília Andrés e Pedro Ariza González. Fizeram uma fogueira das coisas velhas, papéis, telas que não deram certo e até um velho cavalete, sustentando uma tela de Jayme com uma figura ao estilo de Picasso.

Fiquei pensando na trajetória de meu cavalete que já prestou muitos serviços e amparou muitos sonhos. Para que serve um cavalete? Hoje em dia, com a ampliação dos quadros para dimensões maiores, ele vai caindo em desuso.

Lembro-me de um cavalete portátil que tive quando ainda estudava na Escola Guignard. Instalei o meu pequeno cavalete em cima da grama apoiando uma tela. Ele não parava em pé e eu tentava pintar assim mesmo. De repente, ouvi uma voz atrás de mim: “Deste jeito é difícil pintar!” Olhei para trás, era Roberto Burle Marx... Naquele tempo os grandes nomes da pintura vinham conversar com Guignard e aconselhar suas alunas...

Agora, o meu último cavalete foi queimado, juntamente com a figura de Picasso feita por Jayme Reis, denominada *The Last Picasso*. A cena foi incrível, o céu estrelado assistiu a tudo e a fogueira consumiu o quadro e o cavalete, reduzindo a cinzas um pouco do meu passado. O cavalete foi queimado e com ele uma série de histórias.

De uns tempos para cá não uso mais cavaletes. Coloco a tela no chão e vou pintando com uma vassoura de espuma. Há muito deixei os pincéis; eles são usados somente para assinatura. Na década de 1960, eu os substituí pela esponja, e o cavalete também perdeu seu uso.

A *performance* no pátio da nossa casa em Entre Rios de Minas foi de grande importância para mim, um aprendizado de vida, de desapego. A queima do cavalete simbolizou a libertação do suporte tradicional da pintura desde o renascimento.

E o cavalete virando cinzas mostrou a transformação que já estava ocorrendo na minha arte: novos meios de expressão vieram à tona, tais como as pesquisas na Índia, a publicação de livros, a escultura, a fotografia e os *blogs* na internet. A vida e a arte continuam o seu caminho.

12 de março de 2015



## GIOVANI FANTAUZZI, ARTISTA E ARTESÃO

A exposição de Giovani Fantauzzi, no Museu de Congonhas, nos leva a fazer elos com o barroco mineiro. Giovani molda o ferro com as mãos, assim como os artistas e artesãos da colônia portuguesa esculpiam a pedra e entalhavam a madeira. Há uma ideia que se concretiza nas mãos do artista/artesão, transformando-se em figuras de santos, anjos e profetas de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, ou em esculturas musicais de Giovani Fantauzzi. Em ambos, o pensamento e o fazer artístico criam formas sinuosas, elegantes e ascendentes que buscam um diálogo entre o céu e a terra. Nas esculturas de Giovani, esse diálogo acontece com a presença da luz e da sombra, configurando imagens musicais que dançam no espaço. As formas elegantes e sinuosas, projetadas no chão e nas paredes do jardim de esculturas, apresentam uma coreografia que dialoga com o cenário dos profetas de Aleijadinho no adro do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas.

Na igreja barroca, a relação entre o público e as imagens é permeada pela fé, a religiosidade e a contemplação dos objetos devocionais, levando o fiel à relação espiritual com a entidade transcendental. Já no jardim de esculturas do artista contemporâneo, o espectador/participante envolve-se num jogo lúdico e sensorial com os objetos e as imagens projetadas. Este jogo forma desenhos construtivos, e toma diferentes configurações a partir do movimento do participante dentro da obra. As perspectivas mudam, e o artista/artesão transforma-se no propositor de uma obra aberta à participação do público, em sintonia com a proposta interativa do Museu de Congonhas, que busca conduzir o visitante a “uma experiência de fruição estética, sensorial e intelectual. (Marília Andrés Ribeiro. Apresentação da exposição de Giovani Fantauzzi. Museu do Aleijadinho, Congonhas do Campo, MG, 2019).

Meu poema para Giovani Fantauzzi:

Caminhei pela exposição  
de Giovani Fantauzzi  
seguindo o roteiro de  
Marília Andrés e  
Sérgio Rodrigo Reis.  
Ambos nos deram  
uma visão clara  
da obra de Giovani.  
Perceber o todo,

sentir a presença  
Do expectador nas  
Pessoas que passavam  
e nas crianças que  
se entusiasmaram  
brincando com as esculturas,  
entrando dentro delas.  
Sua obra possibilita  
a participação do espectador.  
Na espontaneidade  
do menino que brincou  
com uma escultura  
Gigante, nas sombras  
que as peças esculturais  
projetavam na parede  
e criavam desenhos e  
luzes.  
Participar é  
sentir e ver a escultura  
com o corpo todo, entrando  
dentro dela, brincando de  
esconde-esconde, escorregando  
nas rampas.  
Giovani soube  
sentir de perto o  
público jovem que  
percorre uma exposição  
e a transforma no lúdico,  
na brincadeira.

12 de maio de 2019.

## EXPOSIÇÃO *SOTURNOS NOTURNOS*, DE THAIS HELT

Thais Helt e Allen Roscoe moram nas montanhas de Minas Gerais, próximo a Belo Horizonte. Eles procuraram um lugar tranquilo para construir seu estúdio, longe do burburinho da cidade. Ali eles puderam se irmanar com a natureza, escutar o canto dos pássaros, observar a chegada dos macaquinhos em busca de alimento.

Muitas vezes fui em sua residência. Thais Helt e Allen Roscoe são pessoas importantes no cenário artístico de Minas, seja na impressão de gravuras, seja na criação de esculturas. Ambos já executaram projetos de minha autoria. No momento, ela se dedica ao seu próprio trabalho.

A exposição *Noturnos Soturnos* foi inaugurada na Galeria Lemos de Sá, no Jardim Canadá. Senti um grande impacto quando a visitei. É um grito de alerta para todos nós. Descreve, de forma não verbal, experiências e conflitos de toda uma região agredida em nome do progresso. É a fuga, a travessia, o medo da morte.

A Thais Helt, dedico este poema:

### SOTURNOS NOTURNOS

O papel prensado  
De preto se enrosca  
Em curvas  
Como montanhas  
Sacrificadas.  
O papel prensado  
É um grito  
De dor.  
É a angústia  
Dos oprimidos  
Dos retirantes  
Dos fugitivos.  
O papel prensado  
De negro  
Papel japonês  
É a matéria  
Escolhida  
Para um  
Significado  
De luto  
E de dor.

8 de abril de 2019.

## NUNO RAMOS

Contemplo o trabalho do artista contemporâneo Nuno Ramos. Peço uma cadeira para me sentar e ficar quieta, simplesmente olhando para aquela sequência de triângulos que se justapõem, de formas geométricas em terceira dimensão. Sombras e luzes, pretos e brancos, reflexos no espelho d'água onde as formas submergem. A arte contemporânea permite o uso do espaço para construir e materializar memórias escondidas nos subterrâneos do inconsciente. Foi justamente concretizando essas lembranças que Nuno Ramos produziu, com o auxílio fundamental do arquiteto Alen Roscoe, um trabalho de grande impacto.

Pare e olhe, não fique se dispersando em conversas. Pare, olhe, observe; sinta o presente em toda a sua beleza e intensidade — estas palavras me vêm de dentro; é necessário chegar até o trabalho do jovem artista com total despojamento de ideias preconcebidas. Sentar e contemplar... foi o que fiz, e o significado da obra foi me despertando momentos de reflexão. O primeiro toque me sugeriu serenidade e paz, uma paz originada não da sugestão do conteúdo, mas da forma. Conteúdo e forma são importantes na realização de qualquer trabalho de arte, mas o que me tocou logo de início foi a harmonia dos triângulos e retângulos, das sombras e luzes. A demolição de três casas motivou o artista a produzir essa obra monumental. Veio do sofrimento, da perda, do sentimento de compartilhar a dor, de transmutá-la, transformá-la em arte, como uma flor de lótus que emerge do lodo. Esses momentos de vida são importantes se sentidos em toda a sua intensidade. Conduzem o artista a uma criação que se liga intrinsecamente à sua própria vida. Na obra de Nuno, exposta na Galeria Celma Albuquerque, senti a emoção da superação de uma experiência dramática vivida pelo artista.

Sobre a práxis artística, temos uma página admirável do grande poeta que foi Rainer Maria Rilke:

Versos não são, como tanta gente imagina, simplesmente sentimentos — são experiências: é preciso ver muitas cidades, homens e coisas, conhecer o voo dos pássaros e o gesto das flores, quando se abrem pela manhã; voltar em pensamento aos caminhos das regiões desconhecidas, aos encontros inesperados, às separações já de longe previstas, às doenças da infância carregadas de profundas e graves transformações, aos dias fechados ou de sol, às manhãs de vento ao mar, às noites de travessia e de fuga. E tudo isto não basta. É preciso, também, as memórias das vivências passadas e mesmo estas não bastam. Pois é preciso também saber esquecer-las, quando são muitas, e ter-se a imensa paciência de esperar que voltem novamente. E, quando então tudo tiver retornado dentro de nós, como o sangue, a brilhar e a gesticular sem se distinguir de nós

mesmos, só então pode acontecer que, na hora rara, a primeira palavra de um poema se levante no meio daquelas experiências e delas prossiga.

5 de novembro de 2012

## SÔNIA LABORIAU

A artista Sônia Laboriau teve uma conversa comigo por *zap*. Ela mora em um apartamento com vista para a cidade. Como eu, está criando coisas novas nesta quarentena. Os artistas em geral estão vivenciando de modo muito criativo este período. O fato de ficar em casa propicia um enriquecimento de ideias muito maior do que quando a pessoa tem a possibilidade de circular. Há um contato direto com o ser interno e maior comunicação com a natureza.

Quando enviei para Sônia uma foto da minha escultura, ela me respondeu com o poema *Quarentena ao quadrado*:

Embora retangular,  
tem corpo de ferro e muito ar.  
Presente Maria Helena,  
por ela se faz o pesado, leve,  
nos leva, nos traz notícias da vida.  
Presente, veraz, me move,  
comove, amiga Maria,  
o presente recebido.  
Por esta mensagem, Helena,  
querida artista, tenaz!

De sua varanda, ela contempla a cidade em pausa, em movimento. Mas a varanda de Sônia está permeada de ideias. Dentro de um espaço pequeno, um corredor de luz, ela toma sol, descansa na rede, cria aquarelas, registra desenhos, medita.

Ao artista, o isolamento mostra novas direções para sua arte e caminho de vida. Há muitos vasos e flores na varanda, um testemunho da ligação da artista com a natureza. Ali, no seu entorno, existe um jardim cultivado com amor.

Ainda me lembro, como se fosse hoje, do dia em que Sônia foi me visitar no Retiro das Pedras, presenteando-me com uma linda rosa. Plantei-a na entrada da casa, e todos os anos ela renasce em botões e rosas, numa saudação ao sol e à alegria de viver. É através do cultivo de plantas que iremos nos sintonizar com toda a criação. Vejo o botão de rosa que está começando a surgir na minha porta, e o seu perfume me recorda a presença cheia de vida dessa artista minha amiga.

17 de agosto de 2020

## **PHOTOSHOP, UMA LIÇÃO DE VIDA**

A fotografia, no contexto da arte contemporânea, tornou-se um dos principais meios de comunicar ideias. Com os recursos do computador, artistas fotógrafos fazem montagens, transformando a realidade de acordo com a sua imaginação. Dispensando os meios tradicionais, eles podem se tornar poetas ou críticos, levar o espectador ao mundo da fantasia ou ironizar situações. A foto fala por si, dispensa a palavra. Intervenções criativas nas fotos transformam situações, dizem tudo sem dizer nada.

Na revista *Piauí*, de dezembro de 2009, Roberto Andrés, arquiteto e artista contemporâneo, apresentou um trabalho de intervenções fotográficas que hoje pode ser visto na galeria da Oi Futuro, em Belo Horizonte. Com muita criatividade e coragem, o jovem artista nos surpreende com sua crítica silenciosa à invasão do concreto sobre o verde. Usando a técnica de montagens fotográficas, ele abre a consciência das pessoas para um dos problemas mais difíceis das grandes cidades — a pavimentação excessiva de ruas, inclusive cobrindo os rios que passam pelas cidades.

Enquanto contemplamos suas fotos expostas nas paredes, vamos refletindo sobre os problemas da atualidade, as inundações, o excesso de calor, o excesso de concreto... Ali estão cenários que todos nós conhecemos, transmutados com o auxílio da fotomontagem.

Vou observando e recordando: o asfalto e as lajes de cimento nos remetem ao processo de urbanização das grandes cidades, onde o verde praticamente não existe. São cidades e paisagens encaixotadas, secas, e conduzem o pensamento para a especulação imobiliária, o corte de árvores, as construções sufocando e impermeabilizando a natureza. Fico olhando o Rio Ganges transformado numa passarela artificial e Notre-Dame de Paris sem o Rio Sena.

Roberto morou em Paris antes de se formar em arquitetura. Andava de bicicleta pelas ruas para chegar até o seu lugar de trabalho; amarrava a bicicleta num poste, com uma corrente.

— “Gosto de andar de bicicleta”, disse-me ele, “acho que herdei do meu avô Luiz...”.

O avô tirou uma foto, quando era adolescente, andando de bicicleta no calçadão do Rio, e essa foto está colocada na prateleira da casa de Roberto.

Agora, em frente às fotos expostas no Salão da Oi, vou rememorando fatos e fotos — e todas as coisas vão se integrando de forma circular. Passado e presente se tornam um único movimento.

Estamos aqui, olhando a exposição; as pessoas circulam como em qualquer inauguração de artes, em que a parte social se sobrepõe à artística. Inaugurações são reuniões que permitem apenas um encontro entre as pessoas, e os quadros ficam parados, mas nos falam também.

Ali sentada, em frente aos quadros, viajei para Paris e retornei à Índia, sem sair do meu lugar. Essa intervenção arrojada mexeu comigo. Fez ressurgir a necessidade do verde para respirar. O verde não pode desaparecer das cidades; caso contrário, o ser humano também desaparece, sepultado nas lajes de concreto.

Lemos hoje no jornal Folha de São Paulo notícias vindas da Dinamarca, que acena com providências para amenizar o efeito estufa: “[...] 37% dos moradores de Copenhague, a capital do país, circulam todos os dias de bicicleta, por cerca de 1,2 milhão de km de ciclovias. A meta é chegar a 50% em 2015”. E ainda: “[...] o foco recente do país, que hoje tem autonomia energética e várias metas ambientais, é a produção de energia eólica”.

Um país pequenino como a Dinamarca está nos mostrando sugestões para o século XXI: usar bicicletas para evitar a aglomeração de carros, e moinhos de vento para captar energia.

As fotos de Roberto nos fizeram pensar, e o seu exemplo já foi lançado.

Aqui em BH ele deixa o carro em casa e vai de bicicleta para o trabalho.

25 de outubro de 2010



## **A MUSA X PARADISIÁCA, DE THOMAS NÖLLE**

No último dia da exposição *Fotografia e Natureza*, recebemos a visita de um casal de artistas, Cláudia Giannetti e Thomas Nölle. Ela é professora de arte e novas tecnologias em Barcelona e Évora; ele, artista plástico, pesquisador, fotógrafo, com obras exibidas na Alemanha, Brasil e Espanha.

Thomas nos mostrou um livro de artista de sua autoria, com fotos recolhidas das janelas dos ônibus, trens e aviões. A rapidez do foco permitiu a realização de imagens de grande beleza, em que a forma desaparece e restam somente cor e luz. Ali, a fotografia se aproxima de quadros abstratos, e sentimos afinidade com os meus quadros informais.

Daquela visita, ficou a lembrança desse álbum de artista que mostrava a leveza e a sensibilidade do fotógrafo. O próprio movimento da câmera criou luzes, sombras e cores com a velocidade exigida pela viagem. Mais tarde, Thomas me presenteou com outro livro de sua autoria, denominado *Musa x paradisíaca*.

Estou com o livro nas mãos e posso apreciá-lo mais de perto. É uma viagem interna que descreve o nascer e o morrer. Vou percorrendo as páginas e sentindo a presença do fotógrafo, desta vez como observador da natureza. Observar o desenrolar da natureza é também observar nossa própria vida.

Para este segundo livro, Thomas fotografou o ciclo de nascimento de uma das árvores mais populares do Brasil — a bananeira, e nos mostra como a atenção na natureza pode nos conduzir a percepções sobre o sentido da vida.

As fotografias de Nölle põem em evidência, de forma generosa como poucos sabem fazer através de imagens, que cada etapa do processo vital dos seres para perpetuar a espécie se faz acompanhada de uma determinada estética: orgânica e sensual, algumas vezes, insólita e fantasmagórica, outras vezes.

(CN na introdução do livro do artista)

Existe beleza na primeira folha, que se impõe solene como uma escultura verde, e no desdobrar de outras que crescem, obedecendo a uma certa ordem. Há simetria nas primeiras flores que surgem nesse processo de renascimento.

Este pequeno livro revela, pelas imagens, as diversas etapas do processo vital de uma simples bananeira e nos conduz à beleza de cada fase de seu crescimento.

Thomas vem sempre ao Brasil e já percorreu vários países da América do Sul e, de modo

especial, a Amazônia, onde teve contato com os nossos índios e a nossa natureza exuberante.

*Musa x paradisíaca* é um livro de imagens que, aos poucos, vão se desdobrando como as folhas de bananeira que se abrem para o sol.

28 de abril de 2015

# 6

## Visitando Exposições & Espaços Culturais



## DUAS ARTISTAS UNIDAS NO TEMPO: SONIA DELAUNAY E BEATRIZ MILHAZES

Escrevo da varanda de minha casa escutando os passarinhos que chegam saudando esta manhã de sol. Ao meu lado, dois livros de arte detalham a presença das mulheres nos movimentos que surgiram nos séculos XX e XXI. Escutar suas vozes é importante para esclarecer a história e clarificar caminhos semelhantes ou contraditórios.

Tomei como exemplo duas artistas que viveram em épocas distantes, mas se unem no espaço e tempo com formas e pensamentos semelhantes. São elas: Sonia Delaunay e Beatriz Milhazes.

“Não sei como definir minha pintura, o que não acho ruim, porque desconfio de classificações e categorizações. Como e por que definir algo que vem de dentro de nós?” Estas palavras de Sonia Delaunay esclarecem muitas vezes o que nós, artistas, sentimos quando criamos um quadro, um desenho, uma escultura. O que parte do sentimento, da emoção, da alma dificilmente pode ser definido.

Sonia Delaunay participou da vanguarda russa, casou-se com Roberto Delaunay, radicou-se em Paris durante a revolução russa. Mas em seus quadros abstratos, ligados ao construtivismo, as curvas sinuosas sugerem o movimento das danças da Ucrânia, sua terra natal. “Lembro-me dos casamentos dos camponeses na minha terra, em que os vestidos vermelhos e verdes, enfeitados com muitos laços, balançavam durante a dança”.

Agora voltemos à outra exposição que está, no momento, ocupando um espaço no Sesc Paladium. Beatriz Milhazes é uma referência do movimento denominado *Geração 80*, uma artista que se firmou no plano internacional como uma representante brasileira: o Brasil do carnaval, dos desfiles das escolas de samba, do movimento das danças.

Sonia Delaunay se refere às danças ucranianas; Beatriz Milhazes registra as danças carnavalescas. Em suas obras, sentimos a movimentação das cores em ritmo contido pelas origens construtivas da artista. O construtivismo brasileiro está na base estrutural de suas serigrafias, agora expostas em Belo Horizonte. Sonia Delaunay, ao mesmo tempo, ocupa uma sala no CCBB da Praça da Liberdade, integrando a exposição *Elles, mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou*. Ambas dão testemunho de que duas terras tão distantes podem se tornar próximas através das manifestações artísticas.

22 de setembro de 2013

## DUAS EXPOSIÇÕES NA PAMPULHA: PAULO BRUSCKY E EDITH DERDIK

### Paulo Bruscky

No Museu de Arte da Pampulha, a mostra conceitual do artista pernambucano Paulo Bruscky nos envia mensagens políticas da dos anos 70, em plena ditadura militar, quando os artistas davam seu recado, denunciando a repressão. A injustiça contra o ser humano, proibido de pensar; injustiça contra a natureza. A força autoritária não conseguiu impedir que esses artistas se manifestassem contra o poder central que reprimia, prendia e matava os jovens rebeldes.

No meio da sala, Bruscky conversava com os visitantes. “Conheço a senhora há muito tempo, desde a década de 1960, através de seu livro *Vivência e Arte*”. Realmente, pensei, os livros transmitem nossas ideias, e esse artista de Pernambuco estava agora me conhecendo pessoalmente. *Vivência e Arte* cumpriu sua missão, percorreu o Brasil de norte a sul, viajou até os Estados Unidos, chegou à Biblioteca do Congresso e à Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Volto a apreciar a mensagem do artista. Ali estão seus livros-objeto dentro de uma vitrine. São anotações costuradas e formatadas pelo autor, num carinho imenso pelo livro e a palavra escrita, em suportes pequeninos, intimistas. Do lado de fora do Museu, uma escultura de barras de gelo foi erguida em forma de fogueira. Aos poucos, o gelo vai derretendo, formando uma lagoa no chão. Não seria essa uma alusão ao efeito estufa derretendo as geleiras? Paramos em frente a uma série de microfones. O artista captou a música de várias fontes e cachoeiras em suas viagens pelo mundo. Nós também podemos ouvi-las logo na entrada do Salão.

A arte contemporânea, com seus recursos que se ampliam para a vida, sensibiliza o público de forma direta. Ela não procura o conhecimento científico, mas atinge o ser humano através da empatia e da emoção.

Paulo Bruscky abre questões para a arte atual com a ideia de unicidade da obra artística, como diz Marconni Drummond, curador da exposição.

Valendo-se de canais alternativos de circulação, Paulo Bruscky, pioneiro da arte postal no Brasil, ativou ampla rede de correspondência disparada a partir de Recife, cidade onde nasceu e sempre viveu, para várias partes do mundo, o que acabou por gerar um rico arquivo de arte conceitual com cerca de 70 itens, que incorpora desde trabalhos de artistas/ativistas integrantes do Fluxus até artistas do grupo japonês Gutai. (Marconi Drummond. *Paulo Bruscky, uma obra sem original*. Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, 2010).

“O subterrâneo estourou, tornando a arte simples. Será que arte é sempre única e original? O que é a arte? Para que serve?”, pergunta o artista.

### **Edith Derdyk**

Na mesma tarde de sábado, a Galeria Livrobjeto da C/Arte dava continuidade à sua programação com uma exposição da paulistana Edith Derdyk. Ela veio para a inauguração e trocamos ideias. Também está interessada na Índia; viajou do Rajastão até o Nepal, conheceu os Himalaias e os monges budistas na sua busca do “Vazio”.

Em sua proposta conceitual para esta exposição, a artista nos trouxe livros fotografados, xerocados, costurados, empilhados na estante; livros sem palavras; livros que refletem o vazio, o presente, o agora como o espaço a ser descortinado pela linha. “A linha é uma divisória incerta. Mede e potencializa a sutileza do limite, prevê um ponto de partida e um ponto de chegada que às vezes pode nunca mais chegar”. Assim como a vida, os pensamentos são costurados e avançam no tempo, perpetuando o agora. Edith nos mostra, em seu livro *Linha e Costura*, a ação de costurar como uma forma de caminhar. “Escrevo como costuro; costurando, ligando, furando, recortando, costurando pensamentos e tudo o mais”. Ela vai costurando seus pensamentos contidos no livro:

O livro canta a sua partitura inacabada, sua tessitura. O tempo conta sua extensão topográfica, superficial. A destruição do tempo se reduz à apreensão do impossível. Confinado na matéria, o tempo se expande, contrai, estira, retrai. O tempo suporta a vida, sustenta o homem, pressiona a matéria. (Edith Derdyk. *Linha de Costura*. Editora C/Arte, Belo Horizonte, 2010).

Em seu pequeno livro de reflexões, a artista nos traz a mensagem escondida no fazer, e vai, através do costurar linhas, pensamentos, ideias, elaborando também uma filosofia própria do fazer ligado ao sentir e ao pensar.

25 de setembro de 2010

## **ARTE AMBIENTAL NA UFMG: SHIRLEY PAES LEME E FABRÍCIO FERNANDINO**

Quando a arte se desligou do suporte bidimensional que a colocava inserida no muro, ganhou espaço e vida participativa. Novas propostas surgiram e o campo do artista se ampliou para instalações, *performances*, vídeos, unindo de forma holística arte, ciência, religião e filosofia. No hall da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, duas exposições me chamaram a atenção: Shirley Paes Leme e Fabrício Fernandino.

### **Shirley Paes Leme**

Nascida em Uberlândia e atualmente radicada em São Paulo, a artista circula com grande sucesso não só nos meios artísticos brasileiros, como também nos grandes espaços internacionais. Em 1986, doutorou-se em Artes Visuais pela John F. Kennedy University, Berkeley, USA. Hoje é professora titular da Faculdade Santa Marcelina nos cursos de graduação e mestrado. Como artista, Shirley pesquisa vários caminhos, experimentando o desenho, o vídeo, o cinema e a escultura. É inquieta e registra em suas instalações o seu cotidiano no interior do Brasil — a terra trincada do sertão cearense, os gravetos enfileirados formando paredes, as velas que ao se derreterem se transformam em pequenas esculturas, as aquarelas feitas com pólen de flores e os grandes painéis desenhados com fumaça —, tudo isso nos mostrando uma pesquisadora também de materiais novos, não convencionais.

A arte do momento proporciona ao artista espaços mais vastos de experiências novas, um laboratório que não pode ser comparado com o científico, mas que, no próprio fazer artístico, amplia também o conhecimento no campo das artes. Seus grandes painéis de fumaça expostos no Palácio das Artes causaram surpresa aos visitantes. Esta é uma das funções da arte contemporânea, ampliar o campo sensorial do expectador, tirá-lo de sua passividade repetitiva para perceber, juntamente com o artista, novas formas e novos caminhos.

Na exposição da Reitoria, a artista apresentou um grande tapete espelhado para que o visitante pudesse sentir o teto e o chão como uma unidade que existe, mas não é percebida ao transeunte distraído. Pisar sobre um chão de espelho nos proporciona uma nova dimensão do mundo. Voltamos à infância, às aventuras de Alice no país dos espelhos. A arte de Shirley permite esse jogo sensorial que nos leva às vivências da infância repletas de conteúdo lúdico.

### **Fabrício Fernandino**

“O cerne de toda a minha obra é a vida”, disse Fabrício Fernandino, professor e artista da UFMG, que apresentou um trabalho de consciência ambiental no hall da Reitoria. Ali, professores e alunos passavam e se detinham diante de um paisagismo ecológico, uma denúncia silenciosa e

instigante à devastação do meio ambiente e ao corte de árvores. Todo um bosque da Universidade Federal foi cortado para a construção de uma passarela cuja finalidade é ligar a Avenida Antônio Carlos ao Mineirão, atendendo às necessidades da Copa do Mundo. Fabrício não precisou usar palavras, sua instalação nos fala com muito mais ênfase. Tocos de madeira cortada, fotos do bosque em pôsteres transparentes feitos em acrílico vão conduzindo o visitante à consciência de que a natureza está sendo sacrificada em nome do progresso.

Em sua tese *Cultura Essencial*, Fabrício busca, através de reflexão histórica e experimentos de campo, a constatação do fato que “reafirma a importância da cultura e da arte como mola propulsora para a promoção de um conhecimento mais amplo tanto da arte como da ciência e da vida”. Para ele, a consciência da ligação arte e vida não foi conquistada apenas teoricamente, porém veio ao longo do tempo, de sua experiência com o fazer artístico. Continua produzindo a síntese das artes com a ciência, a tecnologia, a educação. Com sua formação em cursos técnicos, domina também esses campos de atividades.

Fabrício é diretor do Museu de História Natural da UFMG, que se transforma, para ele, em potencial de conhecimentos científicos ligados à educação ambiental e à preservação da vida no planeta. Como curador dos Festivais de Inverno da UFMG, entusiasma os jovens à criação de uma arte contemporânea posta à serviço da vida. Seu projeto *Natureza quase morta*, uma instalação feita com alunos no espaço externo da Escola de Belas Artes da UFMG, em 1993, é uma impressionante forma de denúncia ambiental sobre as queimadas.

A arte promove mudanças no comportamento sem o uso de discursos. Essa possibilidade de realizar transformação é o que a arte contemporânea está fazendo neste momento crucial da humanidade. Ou mudamos o nosso comportamento em relação à natureza, ou vamos todos desaparecer juntos. A postura transdisciplinar de Fabrício é um exemplo vivo do que pode ser feito pelos artistas em relação ao panorama destruidor do planeta movido pela ambição do homem.

Diante de um auditório interessado, Fabrício e Shirley expuseram suas ideias no debate promovido pelo *Fórum Arte das Américas*. Estes dois professores e artistas oferecem com suas instalações um traço comum: abertura de consciência para a questão ambiental. A madeira está presente na arte de ambos — troncos de árvore em forma de bancos, galhos organizados em forma de muro..., tudo nos faz lembrar o cerrado, o sertão e, sempre, o corte de árvores para abrir passarelas de asfalto ou espigões de concreto.

6 de outubro de 2010



## **DUAS EXPOSIÇÕES NO PALÁCIO DAS ARTES: RONALDO FRAGA E ARTE PARA CRIANÇAS**

### **Uma viagem pelo São Francisco nas passarelas do sonho**

A exposição de Ronaldo Fraga vai nos guiando, na semiobscuridade da sala, para os cenários da população ribeirinha do Rio São Francisco, povoada de lendas e superstições. Andamos por lugares onde o peixe é sobrevivência e as redes nos contam histórias de nosso povo simples. Escutamos a voz de Maria Betânia e lemos os versos de Bené Fonteles, o artista de Brasília que sempre esteve à frente das reivindicações ambientais.

Crianças, jovens e adultos se divertem com o aspecto lúdico da mostra, do qual o espectador participa pescando peixes da região frente a uma projeção de vídeo tirada do fundo do rio. Enquanto escrevo, passa um cartaz anunciando *Terça Poética*.

Aqui no Palácio das Artes, todas as artes se integram, poesia, música, pintura e agora a coleção de roupas de Ronaldo Fraga, inspirada no rio São Francisco. O rio vai contando histórias de assombração. O artista nos mostra também uma coleção de malas de tamanhos variados que remete aos viajantes pobres, carregando seus pertences pelo rio. Viajar de barco é prazeroso. A orla do São Francisco vira capital da sanfona, diz um jornal de São Paulo.

“Um ônibus transformado em palco móvel percorre bairros e distritos de Juazeiro e Petrolina em minishows que atraem centenas de pessoas e transformam as margens do Velho Chico em capital do forró Jazz Sanfoneiro por uma semana”. Enquanto Ronaldo Fraga nos mostra, em Belo Horizonte, a riqueza cultural dessa região do Brasil, acontece aquele festival em Pernambuco e na Bahia, dos quais participam artistas internacionais e brasileiros com abertura de Hermeto Pascoal e homenagens a Dominginhos e Oswaldinho do Acordeom.

### **Crianças aprendem a gostar de música erudita**

Crianças da periferia escutam atentas as aulas. Aprendem o nome dos instrumentos, a variedade de sons. A música vai sendo compreendida por aquela plateia jovem, e os ouvidos vão se acostumando com a diversidade de sons correspondentes aos instrumentos. No palco, a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais segue as explicações da professora. Cada instrumento é representado por um animal e assim as crianças aprendem música. A música é forma de harmonização e as crianças da periferia precisam desse toque iniciático.

O Palácio das Artes está aberto a todas as classes sociais. As aulas são gratuitas e os visitantes também podem participar e fotografar. Lá embaixo, no subsolo, visito uma exposição de

artes plásticas, organizada pela equipe do Núcleo Valores de Minas. Ali, as aulas também são ministradas diretamente no local da exposição. Vou percorrendo a mostra e fotografando. A professora explica: o principal objetivo dessas aulas é despertar a autoestima dos alunos. “Eles transformam em cerâmica os fantasmas do inconsciente”. Ali estão, reproduzidos por mãos adolescentes, pequenas esculturas representando o medo, o ciúme, a inveja, a competição. Lembro-me do que vi na Índia, nas escolas de Krishnamurti. Lá também um grupo de adolescentes discutia o significado das palavras que perturbam o comportamento das pessoas. A discussão do grupo sobre palavras que identificam os defeitos básicos do ser humano vai desmistificando os seus significados e ajudando a melhorar o comportamento. Aqui, no Palácio das Artes, a cerâmica feita por alunos jovens dos bairros pobres também é uma forma direta e alegre de colocar a arte como autoconhecimento.

Vou fotografando e registrando o que eu vejo, o “bem e o mal”, feito por uma equipe de cinco alunos, e uma Medusa em forma gigante, também trabalho coletivo. Realmente, no mundo violento em que vivemos, a arte continua a oferecer espaço para um aprendizado de vida.

19 de novembro de 2010

## NEMER E ANNIE, UM CASAL DE ARTISTAS

A exposição *DUO*, dos artistas José Alberto Nemer e Annie Rottenstein, que estará aberta ao público até o dia 15 de abril, oferece ao visitante momentos de reflexão. Esse casal de artistas, ele nascido em Minas e ela, na França, se completa também dentro da arte, na magia de uma mostra que nos fala direto ao coração.

“Nestas aquarelas eu busco entender a natureza”, disse ele em seu depoimento. Citando Albert Einstein: “O que eu vejo na Natureza é uma magnífica estrutura que só compreendemos com muita imperfeição, mas que pode satisfazer uma pessoa com sentimento de humildade”. E continua:

Agradeço ao céu daquela noite  
Em que a lua conversava com a nuvem  
O sólido e o etéreo  
O construído e o aleatório  
O concreto e o fluido  
A geometria e a abstração  
A luz e a sombra  
A opacidade e a transparência.  
Eu não teria feito uma pintura à altura  
Ainda assim, foi uma lição de sincronicidade  
Uma confirmação de que  
Nestas aquarelas  
Busco entender a natureza

Realmente, a fluidez e a transparência das aquarelas, realizadas corajosamente nos grandes espaços sem perder a sensibilidade, nos permitem contemplar os céus na obra do artista. Suas palavras completam o que sentimos diante desses painéis.

A *Criação do mundo*, de Annie, nos faz refletir sobre a unidade existente nos diversos povos do planeta: da antiga sabedoria da Índia até os nossos índios brasileiros mergulhados nas florestas, existe uma unidade que só é permitida perceber por aqueles que buscam além do mecanicismo repetitivo dos grandes centros. As mãos de Annie tecem formas e tiram esculturas do cipó para reconstruí-lo no silêncio das invenções. Sua exposição deve ser vista de forma silenciosa, fora do tumulto das inaugurações. No seu depoimento sobre sua obra, com *O nascimento do mundo*, extraído dos *Upanishads*, Vedas, ela revela uma profunda busca espiritual.

Desde sempre o Uno reinando sobre o Caos Primordial, abismo repleto do Todo em fusão, rodopiando como cachoeira circular em suspensão. Seu caudal de materiais vaporosos e incandescentes revolve forças latentes,

elementos em simbiose à espera da expansão. Chegado o tempo de distinguir as infinitas gotas da Criação, O Uno dirige seu sopro numa longa expiração. No meio do abismo, uma condensação de vapor se eleva e forma um lago. O sopro penetra sua superfície. O espelho d'água tremula com essa união. O Invisível se torna então visível ao fazer emergir da água o Primeiro Dragão, espírito ardente dotado de luz própria, de visão, do Todo. Olha faminto ao seu redor. Busca com olhar fugaz e vê na água seu próprio reflexo. Inesperado encontro com seu par? Crava seus olhos nos olhos do "outro" tomado pelo desejo de conhecê-lo. Atraído, mergulha no escuro da água. Engolindo a si mesmo, fecunda-se. Eis o *ouroboros* com seu poder de dar à luz. Voraz, acasala-se sem cessar. Preenhe de sua própria essência, elementar e plena, multiplica-se. Forma após forma nascem todas as formas, frutos da vontade do Uno, são impregnadas do dom divino: conter o germe que acorda a vida, procriar e conhecer a morte. Assim a diversidade se propaga e povoa todos os cantos de um mundo que nasce junto, momento a momento. A cada união, uma transformação. A cada transformação, um elo de continuidade. Com a continuidade, o tempo. Com o tempo, o começo e o fim. E o eterno retorno.

(Textos retirados do catálogo da exposição *DUO* de José Alberto Nemer e Annie Rottenstein, Palácio das Artes, Belo Horizonte, 5 de fevereiro a 15 de abril de 2012).

30 de março de 2012

## **TRÊS ARTISTAS, TRÊS PROPOSTAS: MARILÁ DARDOT, ROSÂNGELA RENNÓ E TERESINHA SOARES**

Até os anos 70, os artistas sonhavam com a possibilidade de mudar o mundo, de criar uma arte social e lutavam pela liberdade total de expressão. Nos anos 80, após a queda do muro de Berlim e dos socialismos de um modo geral, os artistas passaram a atuar dentro de um contexto maior da arte, propondo uma política que está inserida no cotidiano da vida urbana, das comunidades e da família.

Na 29ª Bienal de São Paulo, resgataram-se artistas brasileiros que atuaram na década de 60, como também novos artistas, representantes do momento em que vivemos. O fluxo energético do passado se estende ao presente e se projeta no futuro. A arte continua sendo um radar da sociedade, forma espontânea de abertura de consciência.

Tomei como exemplo duas artistas que participaram dessa Bienal: Marilá Dardot e Rosângela Rennó.

Marilá criou uma instalação, uma verdadeira epopeia do livro, homenageando escritores, poetas, artistas e intelectuais que contribuíram para seu crescimento. Ali, cada espectador participante foi convidado a entrar por labirintos e penetrar no universo da leitura. A obra foi uma homenagem ao livro, à leitura, no momento em que o livro tradicional está se transformando em *e-books, blogs, sites* etc.

Rosângela Rennó nos mostrou, em sua instalação, a história da fotografia, apropriando-se de fotos antigas e de câmeras fotográficas. Os objetos expostos mais tarde foram leiloados e inseridos no mercado de arte fora da Bienal.

Essas duas artistas discutiram a situação da arte atual, o livro e o mercado de arte. A transversalidade da arte contemporânea viaja pelo passado para se projetar no futuro.

Relembrando as primeiras instalações ocorridas nos anos 60, a editora C/Arte, sempre atenta aos movimentos atuais da arte, publica o livro de Terezinha Soares que, nos anos 1960, lutou pela libertação da mulher, quebrando corajosamente os tabus sexuais da época. Seu livro não é uma denúncia política, mas do comportamento humano, numa sociedade repressiva. Sua denúncia é também ambiental e questiona a insensibilidade dos seres humanos em relação à natureza.

18 de julho de 2011

## **CINCO ARTISTAS, CINCO PROPOSTAS: EYMARD BRANDÃO, JAYME REIS, JORGE DOS ANJOS, PAULO LAENDER E ROBERTO VIEIRA**

Morar em Minas Gerais, para qualquer artista, significa persistência e dedicação ao trabalho, apesar de todas as dificuldades e resistências.

Na década de 1950, quando uma turma de jovens alunos de Guignard se emancipou da pintura figurativa para abraçar o construtivismo, uma nova mentalidade se formou em Minas. A arte não precisava necessariamente de copiar a natureza, e sim de criar um novo conceito. Seja lá como for a denominação: vanguarda ou neovanguarda, o fato é que a arte como ideia criadora sobrevive e se manifesta de maneiras diversas, de acordo com a criatividade de cada um.

Essa exposição coletiva de cinco artistas, aberta com grande sucesso na Galeria Errol Flynn, mostra em seu conjunto a unidade na multiplicidade própria do espírito do artista mineiro. Cada um segue o seu caminho, abraça uma concepção diferente; contudo, todos revelam sua ligação com a terra e a persistência do mineiro, fora do eixo Rio-São Paulo.

A exposição merece ser vista e estudada. Todos os artistas se harmonizam numa trilha sonora de notas diversas, como se os sons da terra pudessem falar. Ali estão as propostas de Eymard Brandão tiradas das cores e pedras dos chãos de Minas. Em seguida, as obras de Paulo Laender, em pintura, escultura e desenho, que estão ligadas à nossa tradição barroca. O ferro, extraído da terra, é a base da escultura de Jorge dos Anjos, que faz ressurgir a inspiração dos negros em Minas. Roberto Vieira busca o solo mineiro e dali extrai a matéria necessária para fazer suas composições e objetos de parede.

Mas, Minas tem também um outro aspecto vindo da contemplação das montanhas. As propostas de Jayme Reis ilustram bem essa necessidade de voar mais alto, além da terra. Seus temas nos revelam a vontade de se transportar, viajar, percorrer outras regiões. Jayme nos mostra esse tema, construindo barcos, aviões, objetos aéreos. Estamos vivendo uma época de comunicação que ultrapassa os limites do espaço físico.

Viajar, percorrer outros mundos sempre foi o sonho dos artistas. E, nessa exposição, todos já tiveram a experiência de sair pelo mundo afora e um dia retornar. Paulo Laender, através da internet, se comunica com o mundo e raramente expõe em galerias. Já o encontrei na Índia, no meio de uma confusão numa rua em Delhi. Em 1992, ele participou de coletivas na Europa. Eymard esteve comigo em Adyar, sul da Índia; adaptou-se tranquilamente aos hábitos dos indianos. Em 1982, participou de coletivas na Índia e de uma exposição em Londres. Jorge dos Anjos esteve recentemente na Alemanha e Bélgica, levando o nosso Brasil para a Europa. Roberto Vieira representou o país numa coletiva de brasileiros em Bruxelas, e Jayme Reis esteve presente

na Espanha e participou de vários concursos de arte erótica em Barcelona.

Assim, cada um a seu modo, mesmo residindo aqui nas montanhas, já teve a sua oportunidade fora do Brasil. Viver em Minas é aproveitar o que a terra oferece, para depois trazer de volta, em atitude de reverência, a própria inspiração da terra em forma de arte.

Quem percorrer a exposição descobrirá por si mesmo, a título de participação, um pouco de nossa terra nas obras expostas.

9 de julho de 2013

## LIVRO-OBJETO

A Editora C/Arte, sempre à frente das iniciativas de vanguarda, inaugurou, em novembro de 2009, uma galeria de arte com uma bela exposição de livros intitulada *Livroobjeto*, onde os livros tomaram formas diversificadas dependendo da criatividade de cada artista. Os visitantes podem não somente contemplar os objetos, como também tocá-los com uma luva. O Livro-objeto, ou livro do artista, contém mensagens, frases, textos, desenhos, memórias. Deixa de ser um relato pessoal para se transformar em pensamento poético, como o livro feito em lona de Marcos Coelho Benjamim ou os dizeres caligráficos de Maria do Carmo Freitas.

Visitando a mostra, encontramos a busca do vazio de Isaura Pena e as miniaturas de livros no *Livro que não sei*, de Waltércio Caldas. Logo na entrada, o livro de Jorge dos Anjos, com as impressões gravadas em ferro quente sobre feltro, pode ser visto e manipulado. Ao fundo, Cláudia Renault reflete a transparência do vidro na madeira, e Paulo Bruscky realiza suas experiências com peças de um computador. Arlindo Daibert é lembrado como pioneiro dessa arte, resgatando os castelos de Santa Teresa de Ávila. Daniel Escobar faz uma releitura dos guias de Belo Horizonte, e Hilal Sami Hilal trabalha o livro em cobre, como as rendeiras do Nordeste.

Destacamos a apresentação de Vera Casa Nova, introduzindo o público na exposição:

Livro=objeto; objeto=livro. O óbvio se instala diante do que olhamos. Um livro sob a forma de códice: díptico, tríptico, políptico; outras formas, cuja dobradura, pela dobradiça, vem a ser um desdobramento. Uma tautologia que não se reduz à repetição da forma. Volume de registro de artistas com sua *dynamis* particular. Tabuinha de inscrição transformada em escultura. Objeto semiótico. Transparência de signos da vida do artista, com suas faltas, desejos e afetos. Poemas que se dão a ver. Diagramas possíveis. A página consútil em relevo, com suas narrativas infinitas, da literatura ao cinema, à fotografia, à pintura, à gravura, à escultura. Marcas, impressões do gesto, da palavra escrita no corpo da matéria escolhida, experiências do dentro e do fora. Invenção dos restos, dos dejetos, dos fragmentos. Livro-jogo: jogo de forças, de efeitos, livro do acaso. Diferença que se realiza na história.

A exposição é uma experiência muito boa. Mostra caminhos diversos com técnicas variadas trazendo à tona um caráter intimista e poético, uma revelação da alma de cada artista ali presente.

15 de janeiro de 2010



## **EXPOSIÇÃO LIVRO DE ARTISTA**

Estou no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, vendo a exposição *Livro de Artista* da Coleção Itaú Cultural. Muito bem montada, livros nas vitrines, desenhos e gravuras nas paredes recobertas com fundo cinza.

Fiquei meditando por algum tempo naquele imenso salão. Aos poucos a gente vai recordando como as ideias surgiram, desde o movimento concretista até os dias de hoje. Há uma linha criativa que abriu perspectivas novas para a arte brasileira. Essa linha se prolongou no tempo e, de forma sutil, vai trazendo sua luz para o presente e continua apontando para o futuro.

O livro de artista é um documento vivo que evoca reminiscências passadas, alcança a poesia e a música, sai do plano bidimensional para o tridimensional, transforma-se em objetos.

As pessoas passam, leem os versos, param para ver os livros atrás de caixas envidraçadas. Uma vibração de paz e quietude envolve o ambiente da Galeria e me faz recordar que os livros estão registrando um sentimento, uma emoção, um momento de silêncio.

Há por detrás dessas obras o registro invisível do Grande Livro que todos nós escrevemos e que nunca será lido: o Grande Livro de nossa própria vida.

Desci para o andar inferior do Palácio das Artes e procurei um banco para contemplar o Parque Municipal. As árvores foram me trazendo histórias do passado, quando a Escola Guignard estava situada nos porões daquele prédio ainda em construção. Não havia conforto; muitas vezes as chuvas invadiam as salas. Mas, apesar da pobreza, dali surgiram talentos.

No hall de entrada uma escultura de Amílcar de Castro é o testemunho desses talentos que despontaram debaixo das árvores do Parque Municipal.

Terminei a manhã escutando a Orquestra Sinfônica de BH, que se apresenta ao meio-dia da primeira terça-feira de cada mês.

30 de julho de 2019

## UMA VIAGEM AO RIO. TRÊS MOSTRAS EM DOIS MUSEUS

3 dias no Rio.  
3 festas de família.  
3 exposições.  
Foram 3 dias de festa  
De criança e  
Gente grande.  
Luiza com 4 anos  
Joaquim com 43.  
Foi na Barra da Tijuca  
Passando por muitas matas  
Muitos túneis  
Muitas praias.  
Paisagens passando  
Como filmes  
Na ida e na volta.  
Lá dentro, na festa, as crianças  
Corriam, subiam  
Em pontes altíssimas  
Entravam em túneis  
Misteriosos  
E desenhavam nos intervalos.  
Alegria pura  
Arte e esporte juntos!  
Joaquim me deu a  
Passagem.  
“A Bisa tem de  
Estar presente  
Nas festas dos bisnetos”  
Não poderia faltar!  
Foi uma festa atrás da outra.  
No domingo o irmãozinho menor,  
O Gabriel,  
Foi batizado  
Na Igreja de Santa Inês  
Onde tio Dion  
Inaugurou uma creche.  
Tio Dion já morreu  
Tia Maria Sílvia também  
Mas a obra continua  
Porque Vik Muniz

Doou suas colagens de santos  
Para serem vendidas  
Em benefício da creche.  
Antes do batizado  
Fomos ver a exposição  
Está linda!  
Valeu a pena a viagem.  
Obrigada, Joaquim!

11 de dezembro de 2018

## UMA VIAGEM AO RIO - II

Dando continuidade à minha viagem de três dias ao Rio de Janeiro, registro aqui algumas reflexões sobre duas mostras importantes: no MAM (Museu de Arte Moderna) e no MAR (Museu de Arte do Rio).

A arte contemporânea  
Se estende à vida.  
Ela não fica parada  
Em museus, mas percorre  
Espaços variados.  
No Brasil  
Começou com Lygia Clark  
E Hélio Oiticica, sempre presentes,  
Sempre lembrados.  
Hoje os artistas estão mostrando  
Suas criações  
Que não são somente quadros  
Pendurados nas paredes.  
No MAR, Adriana Varejão  
Inaugurou  
A bandeira do MAR.  
Solenemente ela se eleva  
Para o espaço e pode ser contemplada  
Pelas pessoas que passam.  
No MAM, o artista Wilson Piran  
Criou um grande painel  
Denominado *Constelação*,  
Com o nome dos artistas  
Que têm quadros neste acervo.  
Meu nome está lá, bem  
Em frente, reluzente!  
Estou perto de outros artistas  
Mais famosos do que eu.  
Continuo sendo  
Uma sobrevivente no meio  
Dos colegas que já partiram  
Para outra vida...  
Lembro-me dos meus quadros  
Que também foram sobreviventes  
De um incêndio neste museu...

Havia uma exposição de artistas  
Concretistas.  
Não fui escolhida  
Foi o que me salvou.  
Os quadros da exposição  
Foram queimados pelo incêndio  
Mas os meus escaparam.  
Já foram expostos  
Em mostras posteriores.  
Estão em perfeito estado.

17 de dezembro de 2018

## O RIO DOS NAVEGANTES

Esse tema, “navegantes”, sempre fez parte da minha vida. Ainda adolescente, quando mudamos de casa, meu pai instalou um vitral representando uma caravela portuguesa. Quando eu descia a escada, parava para vê-la. Ela brilhava ao sol da tarde e resplandecia à noite quando acendíamos a luz. Hoje, está na minha casa do Retiro das Pedras e ainda posso admirá-la quando o sol se põe.

Meus quadros se apropriaram dessa temática e a minha entrada no abstrato foi através dos barcos, dos navegantes.

Foi com esse incentivo que fui ver a mostra *O Rio dos navegantes*, inaugurada no Museu de Arte do Rio (MAR), com grande sucesso. A exposição é um documentário que vai nos revelando a história da chegada ao Brasil desses intrépidos aventureiros do mar.

Já participei de um congresso sobre os navegantes em Goa, Índia Portuguesa, onde pude mostrar o intercâmbio de culturas realizado pelos navegantes.

Agora, no MAR, vejo a chegada deles ao Rio, trazendo objetos de arte da China, da Índia e das diversas colônias portuguesas espalhadas pelo mundo. Os navegantes inspiraram vários artistas e, entre eles, sobressai Caribé e um enorme painel com embarcações indígenas.

O MAR, que traz em seu nome a sua cidade-sede, razão maior de sua existência, saúda os navegantes de todos os portos, culturas, crenças e formações, desejando que mais e mais visitantes aqui estejam, aportem e usufruam do patrimônio que é da sociedade, da população carioca. Bem-vindos sejam! (Eleonora Santa Rosa, Diretora Executiva do MAR).

11 de novembro de 2019

## REFLEXOS DA *ArtRIO*

Os antigos armazéns do cais do Porto no Rio de Janeiro, agora desativados, estão se tornando um grande espaço de arte. Ali o povo comparece em massa, revelando uma outra face do carioca, como participante ativo do mercado da arte. A I Feira Internacional de Arte Contemporânea do Rio, muito noticiada pela mídia, suplantou a de São Paulo e colocou o Rio de Janeiro como um ponto de cultura da maior importância para o Brasil. Num sinal do crescente interesse pela arte brasileira, a primeira edição da feira *ArtRio* levou ao píer Mauá, na zona portuária do Rio, 46 mil pessoas e gerou negócios de R\$ 120 milhões durante os cinco dias do evento.

Encerrada no domingo, a feira contou com 83 galerias — quase metade do exterior. Nos estandes estavam à venda cerâmicas do espanhol Pablo Picasso, pinturas e esculturas do colombiano Fernando Botero, obras de modernistas brasileiros como Volpi, e contemporâneos como Ernesto Neto.

“Nossa intenção é nos tornarmos a quinta maior feira de arte do mundo”, disse Elisangela Valadares, uma das idealizadoras da *ArtRio*.

Beatriz Lemos de Sá, nossa galerista de Belo Horizonte, participou ativamente do evento com o maior sucesso. Em seu estande figuraram artistas representantes da arte de Minas e alguns de São Paulo e Rio que trabalham em sua galeria. Ali estiveram presentes os seguintes artistas: Amílcar de Castro (escultura e desenho), Maria Helena Andrés (esculturas e desenhos), Jayme Reis (objetos), Pedro David (fotografia), Célia Euvaldo (pinturas), Sérgio Sister (objetos), Fernando Cardoso (desenhos), Tunga (objetos) e Antônio Dias (pinturas). Assim, entre mineiros, cariocas e paulistas o seu estande esteve movimentado nesses cinco dias.

Houve grande procura pelas minhas esculturas, que um dia deixaram nossas montanhas para se harmonizarem com outras montanhas nos gramados de Itaipava, Araras e Teresópolis.

20 de setembro de 2011

## **GUERRA E PAZ**

O Cine Brasil me lembra a infância, quando foi inaugurado na década de 30. Vestíamos roupas domingueiras, chapéu na cabeça, para assistir às matinês com seu desfile de filmes Marlene Dietrich, Greta Garbo, Robert Taylor, Tyrone Power e Shirley Temple com seus sapateados. Entrei até para uma aula de sapateado com Natália Lessa, professora de dança das meninas do *society* belorizontino.

Agora restaurado pela Vallourec, o Cine Brasil está proporcionando ao público da cidade uma exposição monumental da obra de Cândido Portinari, documento maravilhoso de um dos maiores pintores brasileiros.

O *Catálogo Raisonné* mostra seu itinerário em projeções de desenhos, estudos, a caminhada longa e muitas vezes dolorosa do artista de Brodowski. Consegui permanecer sentada por muito tempo, porque a obra do mestre é realmente grande e empolga os espectadores mais interessados em sua curta passagem por este planeta. É um exemplo de tenacidade e persistência na arte, a seriedade em preparar cada painel com estudos, croquis, até chegar ao resultado final já com cores.

Portinari morreu pela arte, intoxicado por tinta. Foram apenas 53 anos de vida, deixando uma obra que se prolonga no tempo com a força e a energia de um grande artista.

Conheci-o pessoalmente; como aluna da Escola Guignard, fiquei horas diante do painel da Igreja da Pampulha, vendo-o, ajudado por uma equipe de bons artistas vindos do Rio, preparando as tintas, misturando cores para a confecção de um mural que se tornou um símbolo para todos nós de Belo Horizonte.

Naquela ocasião, João Cândido era criança, mas o acompanhava sempre em suas viagens, em seu trabalho. Hoje, também artista, coordena e promove a obra de seu pai. Elaborou o Projeto Portinari e organizou o *Catálogo Raisonné* com toda a trajetória do mestre.

Agora, no Cine Teatro Brasil, o público acompanha os passos dos dois painéis pertencentes à ONU, com o desdobramento dramático da guerra e da paz. Vi Portinari pintá-los no Rio de Janeiro; hoje aqui estou, admirando o percurso histórico do artista. *Guerra e Paz* continua a ser o tema do momento, sua mensagem é perene e não tem fronteiras. Ainda nos emociona porque está presente, dentro de cada um de nós, em cada momento, enquanto passamos pela vida no planeta.

No 5º andar do Cine Brasil, pode-se apreciar uma releitura da obra de Portinari realizada em bordados pelo grupo *Matizes Dumont* de Pirapora. O drama e a poética do mestre continua



inspirando artistas tais como Sérgio Campos, formado pela UFMG, que há dez anos se dedica ao estudo da obra de Portinari.

Selecionei alguns trechos do catálogo sobre os painéis *Guerra e Paz*:

Portinari não identifica guerra alguma, como se afirmasse que em sua essência todas se equivalem no desencadeamento de horror e animalidade... Figuras em grupo compacto, genuflexo, braços levantados com as mãos espalmadas e rostos voltados para o céu, nesse cenário de morte deixam transparecer uma aragem de força e vida, de condenação à própria existência da guerra.

O que emana do painel "Paz" nos enleva e encanta; mais que a ideia de paz, é a própria paz que nos invade ao contemplá-lo. É a sensação de penetrarmos num universo de paz, de comunhão fraterna no trabalho produtivo, num reino mágico de cores reluzentes, do som da ciranda de jovens num canto universal de fraternidade e confiança, ou da candura dos folguedos infantis. Com todos esses tons dourados, alegres, crepitantes de vida, o pintor parece nos dizer: a paz é possível. Dia virá em que a humanidade desfrutará da paz sem limites no espaço e no tempo.

13 de novembro de 2013

## **GUERNICA, 80 ANOS**

80 anos de Guernica  
e o mundo  
continua violento.  
Uma cidade foi  
destruída na Espanha.  
Virou notícia na época.  
E a Guernica se  
eternizou com  
Picasso.  
A arte se uniu à  
política,  
testemunhou  
a violência  
e continuou  
na força expressiva  
da própria arte.  
Não precisou de  
palavras,  
de adesão  
a grupos,  
de manifestos.  
A própria arte  
carrega em si  
a energia propulsora  
que espalha a denúncia  
sem palavras.  
Apenas o gesto,  
as cores,  
os braços levantados  
pedindo socorro.  
As mães  
chorando  
pelos filhos mortos.  
Guernica está viva.  
Não precisa dizer  
nada.  
Só olhar,  
sentir  
compartilhar o sofrimento  
do mundo.  
80 anos atrás.

Picasso criou  
a Guernica  
e ela está viva  
até hoje.  
E continuará  
viva através  
dos séculos.  
Picasso enxergou a  
agonia do mundo.  
Ultrapassou o  
problema local  
da Espanha.  
Guernica.  
Esta palavra nos  
remete ao passado,  
está viva no presente  
e se projeta para o  
Futuro como uma  
advertência.  
Os clamores da Guernica  
estão aí  
nos refugiados,  
no medo da morte,  
na fome,  
nos oprimidos.  
Ao abrir o jornal de  
cada dia,  
enquanto tomamos  
Café, vamos lendo outras  
Guernicas  
se espalhando  
pelo mundo.  
No meu entorno,  
o dia amanheceu  
em paz.  
Guerra e paz  
são palavras  
que movem ideias.

17 de julho de 2017

## ESCHER, UM DESPERTAR DO “VER”

A exposição do artista holandês Escher, no Palácio das Artes, de uma beleza extraordinária, foi para mim um toque de consciência e um despertar da percepção visual. Lembrei-me das aulas do mestre Guignard, quando ele fazia um quadrado pequenino dentro de uma cartolina branca. O aluno teria de ver o mundo por aquele orifício, e o mundo se desdobrava em mil facetas diversas, apontando direções inusitadas. As coisas eram vistas dentro de um todo imensurável, como um caleidoscópio. Esse exercício possibilitava ao jovem a compreensão da multiplicidade da vida compreendida pelo “aqui e agora”. Este “aqui e agora”, tão proclamado pelos orientais que buscam o contato com a Essência, é realizado através dos tempos quando a arte é vista como um processo, uma busca, um encontro. Escher nos abre a percepção e nos coloca com uma visão espacial pouco vislumbrada pelo ser humano distraído, envolvido em seus próprios pensamentos.

A volta ao passado muitas vezes é um impedimento para o presente. Viver o presente, o “aqui e agora”, o poço onde nos vemos em profundidade, a ilusão dos espelhos que multiplicam nossa imagem, tudo isto é motivo de reflexão.

Ninguém consegue sair da exposição *A magia de Escher* sem ser atingido pela mágica de suas propostas.

Saio de lá refletindo no poder da criatividade que nos permite ver a unidade na multiplicidade sem palavras, apenas com objetos, desenhos, esculturas, instalações. Na rua, já do lado de fora do Palácio das Artes, vou reparando que o “Escher” continua nos prédios do entorno, nas avenidas, nas janelas que se fecham escondendo mistérios, nas escadas pelas quais as pessoas estão sempre subindo ou descendo. O mundo é um grande teatro, uma grande *performance* sem necessidade de se mostrar; simplesmente, o mundo a cada instante nos mostra o novo, o não visto, o não interpretado.

Escher é um mestre disfarçado em artista, um verdadeiro mestre, porque faz o espectador, não somente participar, mas recriar seu próprio mundo de sonhos.

Selecionei algumas frases do seu catálogo:

Trabalhando com conceitos clássicos da arte pictórica, como a perspectiva, o moto-perpétuo e o reflexo, entretecendo-os com sistemas de ladrilhamento do plano e outros conceitos matemáticos, Escher criou universos inteiros. [...] “O mundo de Escher combina objetos incompatíveis. O artista sempre nos propõe a mesma questão: “Por que o mundo — ao menos o mundo retratado na arte — não pode ser uma combinação de diferentes realidades?”

Talvez eu esteja sempre em busca do espantoso e, por isso, procure apenas provocar espanto no espectador. [...] Não conheço prazer maior do que errar por vales e montes, de aldeia em aldeia, deixando a natureza sem artifícios agir sobre mim, apreciando o inesperado e o extraordinário, no maior contraste imaginável com o dia a dia caseiro. (Escher).

(Trechos retirados do Catálogo da Exposição *Escher*, Palácio das Arte, Belo Horizonte, 2013).

29 de outubro de 2013

## MONDRIAN E A VANGUARDA RUSSA

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), situado no Circuito Cultural Praça da Liberdade, é um ponto de encontro de arte em Belo Horizonte. Para lá se desloca um público participante que deseja aprender alguma coisa sobre os artistas, sua vida e obra.

Nas diversas salas estão expostos os quadros de Mondrian, mestre holandês que se filiou ao movimento De Stijl na Europa.

A exposição não se esgota com a história artística de Mondrian. Há uma segunda etapa, igualmente relevante para compreender o que aconteceu naquele período (1917-1928), que mostra a agitação provocada pela revista De Stijl (O Estilo), o meio escolhido para que um grupo de artistas, designers e arquitetos, incluindo Mondrian, defendesse o neoplasticismo e a utopia da harmonia universal de todas as artes. [...] Mondrian acreditava que sua visão da arte moderna transcendia as divisões culturais e poderia se transformar numa linguagem universal, baseada na pureza das cores primárias, na superfície plana das formas e na tensão dinâmica em suas telas. E seus companheiros da De Stijl não só tinham visão semelhante, como aplicaram esses conceitos a todo tipo de arte.

(Trecho do catálogo da exposição Mondrian e o Movimento De Stijl, realizada no CCBB, Belo Horizonte, 2016).

Mondrian foi um artista ligado à Teosofia que se difundia pela Europa.

O construtivismo teve na Europa do princípio do século XX diferentes manifestações em países diversos, inspirado numa filosofia que estudava o cosmos e a antiga sabedoria do mundo.

Na exposição, a vida de Mondrian está projetada em vídeo e cronologicamente alinhada em pequenas fotos da época. Percorrendo a mostra, podemos observar como a sua arte o conduziu a propostas no campo da arquitetura de interiores, do design e do mobiliário. Quando estourou a segunda guerra mundial, Mondrian mudou-se para Nova York, onde desenvolveu suas propostas e realizou seu famoso *Broadway Boogie Woogie*, inspirado no ritmo americano.

Lembramos aqui de nossos estudos sobre a Vanguarda Russa, pioneira dessa corrente artística. Releio o texto que escrevi em 1974, um capítulo do meu livro *Os caminhos da Arte* (Ed. C/Arte, 2015):

Na Rússia pré-revolucionária, Nathalie Gontcharova e Michel Larionov apresentaram as

primeiras telas rayonistas, nas quais a cor buscava a mesma independência do som. A libertação da cor e da forma de qualquer significado real, com a ideia de que têm vida própria, marcou o início de uma série de caminhos na arte moderna. Dentro dessa mística, a vanguarda russa, entre 1910 e 1920, teve um papel fundamental. Poetas e pintores aliaram-se em torno das novas ideias. A liberdade pleiteada pelos artistas significava, antes de tudo, um desligamento de pressões externas, dos cânones e padrões tradicionais. Maiakovski na poesia; Malevitch, Kandinsky, Tatlin, El Lissitzki, Naum Gabo e Pevsner nas artes visuais tornar-se-iam os líderes do novo movimento, gerador de várias correntes estéticas não figurativas. Malevitch procurava no suprematismo a essência do sentimento humano. Sua pintura, inteiramente despojada de elementos orgânicos, libertou-se do objeto, buscando na sensibilidade em seu estado mais puro o encontro com o Supremo. Malevitch propunha uma arte desinteressada, inteiramente subjetiva. Gabo e Pevsner, em seu *Manifesto Realista*, protestavam em favor de uma arte independente. A busca de uma nova existência, o sentimento de ausência do objeto, o encontro com a essência das coisas motivaram o grupo de vanguarda para o Construtivismo e também para uma nova visão da realidade.

26 de setembro de 2016

## KANDINSKY EM BELO HORIZONTE

Na exposição *Kandinsky, tudo começa num ponto*, no centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Belo Horizonte, observei com muita emoção os quadros desse grande artista, pioneiro da arte abstrata. Ao lado de trabalhos de seus contemporâneos e de artistas que o influenciaram, a mostra apresenta a obra de Kandinsky de forma holística, para entendermos como essas influências ecoam, ainda hoje, na arte contemporânea. Vestimentas xamânicas foram incluídas, assim como pinturas de outros artistas que conviveram com ele na ocasião.

Há mais de 30 anos quando estava escrevendo meu livro, estudei a obra de Kandinsky e o seu livro *O Espiritual na Arte* foi uma referência para mim. Segue o capítulo que escrevi para *Os Caminhos da Arte* (Editora C/Arte, 2015):

Kandinsky, considerado o primeiro pintor abstrato, procurou, por meio da arte, o encontro com o seu mundo interior. Empenhou-se na redescoberta da poesia na pintura e na musicalidade das cores. Desligou-se das representações tradicionais do espaço à procura de outra dimensão situada no inconsciente. Pintou símbolos fantásticos, ligados às antigas civilizações orientais, que o colocaram como intermediário entre o Oriente e o Ocidente. Formas geométricas, triângulos, círculos, misturam-se aos arabescos, estrelas e faixas de cor.

Sua importância, projetando luz sobre o caminho da arte, não se limitou à pintura. Suas ideias, expostas no livro *O Espiritual na Arte*, revelam uma filosofia de vida. Considerava a necessidade interior o elemento essencial na obra de arte, sem a qual tudo o mais se esvaziaria: regras, ensinamentos e todos os conceitos teóricos que tentam esclarecer, mas que, quase sempre, fazem secar a fonte criadora do artista.

Segundo seu livro, a conceituação a todo custo, de escolas e tendências, e a pretensão de querer encontrar numa obra regras e certos meios de expressão particulares a uma época só podem servir para desorientar-nos e, finalmente, reduzir-nos ao silêncio. O artista deve ser cego frente à forma, reconhecida ou não, do mesmo modo que deve ser surdo aos ensinamentos e desejos de seu tempo. Seu olho deve estar aberto para sua própria vida interior, seu ouvido, sempre atento à voz da necessidade interna.

Refletindo sobre os problemas artísticos de sua era, a efervescência de ideias e conceitos e a rapidez com que eram consumidos e abandonados, Kandinsky refugiou-se dentro de si, e ali encontrou a resposta que lhe permitiu lançar diretrizes para sua arte e para sua vida.

Se a criatividade é uma das forças propulsoras do homem, se ela é uma forma de energia que integra e equilibra, não poderá se firmar nos conceitos exteriores, nas fórmulas, no sucesso, nas



promoções. O êxito artístico, considerado por muitos como um fim a ser alcançado a todo custo, muitas vezes bloqueia e paralisa o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Para encontrar essa totalidade, o artista afasta, como Kandinsky, seus olhos das contingências exteriores e os volve para seu interior. Os grandes artistas nos oferecem o exemplo de suas lutas e buscas, conscientizando-nos da necessidade de ampliar as fronteiras da arte para níveis mais altos. Kandinsky, além de pintor e professor, estava também preocupado em estudar a integração entre as diversas artes. Considerava a música uma propriedade do ser humano, e procurou o relacionamento existente entre as cores e os sons.

12 de maio de 2015

## EXPOSIÇÃO DE AI WEIWEI NO CCBB

Existem exposições que nos causam impacto. Uma delas foi a mostra *Raiz*, do artista chinês Ai Weiwei, no CCBB em BH. Nela, pude perceber a presença de um grande artista, que consegue expressar em suas instalações o drama de nossa civilização.

Além de ser um grande artista, Ai Weiwei se expressa através da palavra. Anotei algumas de suas frases, aqui transcritas:

Os artistas não precisam se tornar mais políticos; os artistas precisam se tornar mais humanos.

Se uma nação não pode enfrentar seu passado, não tem futuro.

Eles sabem de muitas coisas que não deveriam saber e não sabem algumas coisas que precisam saber.

A criatividade faz parte da natureza humana. Só pode ser desaprendida.

Não estou interessado em uma região específica ou uma pessoa ou uma história; estou muitíssimo interessado na situação global.

Eu não diria que eu me tornei mais radical: eu nasci radical.

Uma pequena ação vale um milhão de pensamentos.

Nacionalidade e fronteiras são barreiras à nossa inteligência, à nossa imaginação e a toda sorte de possibilidades.

Eu quero que as pessoas enxerguem o seu próprio poder.

Os seres humanos não dominam o universo. Somos passageiros temporários.

Para esse artista, com quem eu me identifiquei, ofereço este poema:

Ai Weiwei assume

A dor dos oprimidos.

Fugitivos

Refugiados.

A dor coletiva

Daqueles que

Se unem na

Mesma energia

Buscando

Uma vida melhor.

Atravessam

Fronteiras

E mares

E, muitas

Vezes, não

Chegam  
Ao seu destino.  
A dor dos oprimidos  
É expressa  
Com grande intensidade  
Nas instalações  
De Ai Weiwei.  
Artista e ativista  
Ele sabe transmitir  
Um cenário de angústia  
E morte coletiva.  
Weiwei  
Sente a dor  
Desses momentos  
Cruciais da  
Existência  
Humana.  
Sua instalação  
*Imigrantes é*  
O grande impacto  
Da mostra.  
Ficamos mudos  
Diante deste  
Ajuntamento  
De pessoas  
Que se irmanaram  
Na dor e morrem  
No caminho.  
Nas águas do Mediterrâneo  
Na lama de Brumadinho  
O impacto é o mesmo.

16 de abril de 2019

## VIAGENS ESPACIAIS ONTEM E HOJE: MARIKO MORI

As viagens espaciais continuam presentes no imaginário dos artistas.

Na exposição de Mariko Mori, no CCBB de Brasília, os objetos aéreos estão pousados na terra e as crianças podem brincar com os extraterrestres. Há uma escadinha para se entrar em um deles. Lá dentro a pessoa pode relaxar e, enquanto isso, ver no teto seus pensamentos projetados em formas e cores. São propostas diferentes e realizações diversas sobre o mesmo tema. *Oneness*, com a curadoria de Nicola Goretti, apresenta obras em grandes dimensões nas quais a artista funde espiritualidade, fotografia e moda sob uma ótica peculiar que pretende rever e recriar um mundo repleto de referências contemporâneas.

Mariko Mori é um grande nome das artes visuais no Japão, com grande relevância no ocidente e expõe no Brasil pela primeira vez, nos CCBB de Brasília, Rio e São Paulo.

“Um artista vê o mundo, olha para o momento presente, com um ponto de vista único. Minha missão é dividir o que vejo no meu campo de visão. Preciso criar um novo espaço para poder respirar no mundo. Isso vai abrir as portas para um novo futuro”, declara a artista ao enfatizar a necessidade de uma consciência espiritual universal.

Ao unir sua arte com o design de ponta, Mariko usa da tecnologia para transcender valores humanos e levar o fruidor a uma experiência sinestésica, como acontece ao se adentrar Wave UFO, uma nave espacial de mais de seis toneladas, que proporciona uma gama de sensações advindas de recursos que aliam a computação gráfica, animação, ondas cerebrais, som e engenharia arquitetônica, e resultam em uma obra mutável em si mesma, a partir do olhar do outro. Wave UFO esteve na Bienal de Veneza em 2005 e foi um grande sucesso.

*Oneness* é a obra que nomeia a exposição. Ela traz figuras confeccionadas em technogel, que interagem ao toque do visitante, e discute a conectividade como a perda dos limites entre si mesmo e os outros, um dos preceitos budistas mais difundidos, que reafirma que o mundo existe como um só elemento.

*Transcircle* é uma releitura dos monólitos pré-históricos com nove pedras de vidro coloridas e brilhantes. A mostra apresenta também vídeos, fotografias e desenhos.

Recuo ao passado, a 1969, quando o homem conseguiu pousar na lua pela primeira vez. Naqueles dias eu inaugurava uma exposição no Rio de Janeiro no Copacabana Palace. Os quadros ali expostos representavam objetos aéreos, voos espaciais carregando pessoas da Terra para outros planetas. Fui entrevistada por vários jornalistas cariocas. Reescrevo alguns textos publicados na época:

Uma coleção inteiramente inspirada em foguetes, plataformas espaciais, gigantescas máquinas interplanetárias, marca a nova fase da pintora Maria Helena Andrés, que abandona os barcos e as engrenagens de guerra – suas duas fases anteriores – para ocupar-se de uma temática mais otimista, o quixotismo espacial.

Maria Helena Andrés, sobretudo em suas grandes telas, com domínio perfeito da técnica, espatulada, organizada e rítmica, obtém efeitos de grande beleza cromática. São aparentes suas referências dramático-poéticas, de naves naufragadas ou aviões esvaçados no espaço. (Aracy Amaral, JB, 5/8/1969).

Maria Helena Andrés é uma pintora que, lenta, mas conscientemente, avançou por todos os meandros da arte moderna e que, no momento, a “Odisseia do Espaço” também a conquistou e foi incorporada à sua obra. (José Roberto Teixeira Leite. O Globo, Rio de Janeiro, 3 de julho de 1969).

Explorando ainda a fase Espacial, imagino um encontro poético do passado com o futuro — naves espaciais sobrevoando nossas cidades históricas. Denominei essa série de *Encontro no tempo*.

Aquela exposição de naves espaciais marcou o início de minhas buscas no campo da unidade planetária e unidade cósmica. Foi também o começo do meu interesse pelas religiões orientais e minhas viagens à Índia. Tomar consciência de que somos Um é o grande passo a ser conquistado.

A era espacial está sendo anunciada não só pelos artistas, mas também pelos físicos. Stephen Hawking, grande físico inglês, em entrevista ao site *Big Think*, se diz otimista em relação ao futuro do planeta. “Fizemos muito progresso nos últimos cem anos, mas se quisermos ir além dos próximos cem, o futuro é o espaço”.

26 de fevereiro de 2011

## DIÁLOGOS ÁFRICA-BRASIL

Há países de que só podemos captar a impressão momentânea, o que nos sugere o impacto do primeiro encontro. Do alto do Boeing 707 da Air France, sentimos o sol e a terra em baixo. O deserto a se perder de vista. Parece-nos ver fotografias da lua, com seus desenhos e crateras. A civilização aproxima homens e terras. Um jato super cheio sobrevoa o deserto. A conquista do espaço, nesse movimentado século XX, é o sinal do domínio do homem sobre a natureza. Embaixo, continua desfilando o panorama da areia quente, ensolarada, sem vegetação, sem casas, sem animais; somente a secura e a monótona repetição do mesmo tom rosa alaranjado, tão diferente de nossa floresta amazônica, onde o verde se perde de vista, como um tapete.

A África é o próprio sol vermelho laranja. E o colorido quente do sol do deserto está repetido nas cores das mantas africanas, dos pufes de couro, das joias populares.

Um grande mural, visto no restaurante do aeroporto de Dakar, sugere todo esse clima que é também o calor temperamental do negro africano. O mural é imenso, tem formas redondas, sensuais. Há um relacionamento interior, a pulsação do mesmo sangue, nas linhas e cores que movimentam o painel e no balanceio erótico das danças negras. Cada país reflete em sua arte, por mais internacionalizada que seja, um espírito ligado à terra, ao sangue, às condições de vida do povo. É o regional que se liga ao universal, através de cores características, de ritmos diferenciados. Não se poderia, sem ferir a autenticidade, fazer arte pura, fria, intelectual, nessa África quente que eu vi apenas de relance, mas que me foi possível sentir na monumentalidade, no dinamismo, no ritmo do tambor e da dança, desse imenso mural.

Em Zimbábue, que significa “Casa de Pedra”, existe o Museu Monte Palace, que abriga a coleção Berardo de Arte, de artistas africanos conhecidos internacionalmente. À frente do museu o visitante pode caminhar em um jardim oriental com vegetação exuberante, cercado de fontes, quiosques japoneses com as tradicionais pontes de madeira. Esculturas de pedra com temas africanos surgem no meio do verde, trazendo o passado ao presente.

A influência africana, trazida às Américas com a escravidão, misturou-se à raça branca e despertou vitoriosa nos Estados Unidos, no ritmo que veio do jazz à música trepidante de nossos dias, e, no Brasil, no espetáculo plástico das capoeiras da Bahia, no calor do samba brasileiro e nas comemorações do Maracatu, de grande beleza plástica. Contemplando o mural, lembro-me dos candomblés, das histórias de Iemanjá e das cores festivas dos berimbaus.

A arte africana atravessou os mares e veio se expandir no Brasil, sendo os seus expoentes

mais conhecidos os artistas plásticos Rubem Valentim, Emanuel Araújo, Mestre Didi, Maurino Araújo e Jorge dos Anjos.

22 de novembro de 2009

## JACA, UM ANO DE ATIVIDADES

O JACA completou um ano de atividades alcançando seu objetivo que foi o de “incitar e promover projetos artísticos que utilizem abordagens e tecnologias variadas para atuar especificamente frente à nossa realidade local, seja através de estímulos educacionais, provocações ou ativador de práticas colaborativas.” Assim se expressou Francisca Caporali uma das fundadoras e diretora do JACA, graduada em comunicação social pela UFMG, Mestre em Arte, por Barcelona, e Fine Arts, pelo Hunter College de New York. Em sua introdução ao catálogo, podemos visualizar uma síntese das propostas e também o resultado do empreendimento.

Francisca atuou durante todo esse ano naquele galpão do Jardim Canadá onde recebia artistas de fora e organizava os trabalhos e as festas.

Em 2010, segundo ela, o JACA inaugurou suas atividades com o lançamento de um programa de residências artísticas, estabelecendo um espaço de produção e interlocução entre artistas brasileiros e internacionais. O projeto previa que, com o deslocamento ao local, as questões específicas do bairro fossem tratadas das mais diferentes maneiras, formas e meios, seja pelas vindas diárias dos artistas locais, seja com a estadia dos artistas internacionais.

Acompanhei de perto algumas promoções, inclusive uma mesa redonda na qual se discutia arquitetura.

Os artistas belo-horizontinos Paulo Nazareth, Pedro Motta, Roberto Andrés, Fernanda Regaldo, Isabela Prado, Pedro Veneroso e Grupo Passo (Flávia Regaldo e Aruan Mattos) desenvolveram seus projetos durante oito meses. Os artistas internacionais — Zachary Fabri (EUA), Gabriel Zea e Camilo Martinez (Colômbia), Berglind Jóna (Islândia), Marco Ugolini (Itália), Geraldine Juarez (México), Magnus Eriksson (Suécia) e Sarawut Chutiwongpeti (Tailândia) — residiram no Centro por dois meses.

No decorrer desse tempo de residências, os artistas desenvolveram um conjunto de obras e experimentações e foram responsáveis pela constituição de um ambiente de diálogo, permeado por ações, debates, encontros para acompanhamento crítico, mesas redondas e conversas informais que envolveram curadores, críticos de arte, artistas, estudantes e a comunidade local.

Fernanda Lopes, jornalista, crítica e pesquisadora, curadora do Centro Cultural de São Paulo explica, em um texto dedicado ao 1º Aniversário do JACA, a grande mudança que vem acontecendo no campo das artes e a direção que os artistas estão oferecendo nesse emaranhado de possibilidades que estão surgindo.

Aqui trechos de seu artigo: *Atenção: Percepção requer envolvimento:*



As residências artísticas começaram a se estabelecer na Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão, fortemente marcadas pelo apoio e incentivo ao desenvolvimento das artes. Um local onde artistas teriam condições ideais para produzir seus trabalhos. As residências podem ser consideradas como instrumentos fundamentais na formação do artista contemporâneo.

Estima-se que existam mais de 500 projetos espalhados por pelo menos 60 países. Inúmeras possibilidades se abrem nesse deslocamento que pode se dar quando o artista sai da sua cidade, do seu país, ou mesmo mais simplesmente do seu ateliê. A mudança de ponto de vista, a troca de ideias, o contato com outros artistas e outras realidades, e o próprio fato de estar em trânsito são matérias primas para a realização de novos trabalhos.

Em meio a discussões e ações que caminham no sentido de repensar as formas e os espaços de atuação artística, além das relações da arte e do artista com o mundo, as residências artísticas também se configuram hoje como uma nova e significativa maneira de inserção no circuito artístico, para além das galerias e salões de arte (Fernanda Lopes).

A pesquisa sobre o Jardim Canadá resultou na publicação de um livro ilustrado com fotos que servirá de exemplo para outros artistas.

As atividades desenvolvidas pelo JACA foram importantes e impactantes para a cena artística de Belo Horizonte e estão em busca de patrocínio para o próximo ano de atividades.

30 de outubro de 2011

## IMHA, ARTE ESTENDIDA À VIDA

Há sete anos foi inaugurado o Instituto Maria Helena Andrés (IMHA) na cidade de Entre Rios de Minas, situada no Campo das Vertentes, nome significativo para a dinamização artística que se desenvolveu por toda a região. Ali se realizaram Festivais de Inverno, sob a direção de Luciano Luppi e Ivana Andrés, trazendo tudo o que de melhor acontecia em Belo Horizonte, não só professores de artes plásticas, como de música, teatro, capoeira, dança, maracatu etc. A cidade se movimentou e aceitou as informações artísticas com receptividade extraordinária. *Arte estendida à vida* se espalhou pela comunidade. Foi criado um Ponto de Cultura, com o projeto Música para Todos, bem como a ECOPAZ, uma ONG ligada à Ecologia. Foram feitas pesquisas sobre a história da região e incentivos ao artesanato e à Arte na Educação.

“Entre Rios mudou”, disse-nos Tuca, talentoso músico da região. “Podemos situar um ‘antes’ e um ‘depois’ da criação do Instituto”.

Agora estamos sob a gestão de Teresa Andrés, nossa jovem presidente. Lembro-me do Euler, pai de Teresa, que deu o primeiro toque sete anos atrás, acompanhado do vice-presidente Saulo Resende. O início foi cheio de esperança no futuro. Veio Antônio Eugênio de BH, que nos trouxe a sua experiência de administrador de empresas, e, agora Teresa, com seu entusiasmo, vai nos contando o que fez neste ano para a comunidade.

Durante o ano de 2011, vários projetos aconteceram na cidade de Entre Rios, entre eles o Resgate com Arte, coordenado por Maria Aldina Resende, e o projeto realizado em Jeceaba sob a coordenação de Sarahy Fernandes. Em Entre Rios, o Ponto de Cultura ofereceu o primeiro curso de *Design Multimídia*.

Durante o evento, pudemos admirar desenhos de crianças pendurados como bandeirolas nos cordões, e o artesanato do cotidiano das donas de casa com desenhos da minha fase figurativa de boizinhos.

No palco improvisado do bar Vila Lobo, foram projetados três vídeos dos alunos do Ponto de Cultura, curta metragens resgatando três pessoas que foram importantes para a comunidade da música entreriana: Tião, Divino e Osmar, três “jovens idosos” que relataram suas lutas para dar continuidade aos seus sonhos. Um dos vídeos nos levou à oficina do Tião e à sua história de amor pela música e pelo violão. Cenário pobre, despojado, mas cheio de dedicação à arte. Um outro, percorre o universo de Divino, sanfoneiro, cantando música sertaneja. O último vídeo conta a vida de Osmar, seresteiro que fez da própria família um grupo de cantores, dos filhos aos netos. Os vídeos poderão, no futuro, ser mostrados nos festivais de Tiradentes e São João Del Rey. Os

diversos grupos me prestaram homenagem como incentivadora das artes. Fui chamada a falar e ressaltar o fato de que o Instituto foi bem conduzido desde o início, nas suas diversas gestões, e agora, entregue ao “poder jovem”, continuará apontando para o futuro com a chama do entusiasmo. Entusiasmo significa “Deus dentro” e tenho certeza que Ele guiará também nossos passos.

No palco do bar Vila Lobo, os músicos da região demonstraram que o Campo das Vertentes é fértil em musicalidade. Surpreendeu-nos o show que ali foi improvisado, todos sob a orientação do Tuca. Surpreendeu-nos uma família inteira de músicos, das crianças até os idosos, cantando canções autorais. A alegria que eles conseguiram distribuir foi incontestável. Existe uma força interior que une as pessoas através da arte: cantores, pesquisadores, seresteiros, pagodeiros, todos movidos por uma só energia. Parabéns a Teresa e a todos que contribuíram para esse evento; vocês nos trouxeram momentos de grande alegria, evidente nos olhos das crianças e no sorriso dos mais velhos. Todos formamos um círculo harmonioso que vai se propagando e continuará com a chama do entusiasmo, levando a arte para todos os recantos dessa região privilegiada de Minas Gerais.

10 de março de 2012

# 7 Dialogando com outros Artistas



## **DANÇA DAS MARÉS**

A arte, num reencontro feliz de ética com estética, busca a reeducação do ser humano nos diversos setores da sociedade. Escolhe os menos favorecidos como ponto de referência e alarga os seus horizontes para dimensões maiores. Busca os espaços onde a violência é uma constante, ali levanta o seu estandarte de paz. Exemplo disto é o espetáculo de dança e música dirigido pelo coreógrafo paulista Ivaldo Bertazzo. Ele foi apresentado no SESC Tijuca, no Rio de Janeiro, em parceria com o grupo UAKTI de Belo Horizonte.

A *Dança das Marés* foi inspirada na dança Kathakali, original do estado de Kerala, no sul da Índia. Ivaldo Bertazzo é estudioso da filosofia indiana e de lá trouxe inspiração para essa coreografia. Na Índia, as apresentações de dança são acompanhadas ao vivo por um conjunto musical.

Para esse projeto, foram convidados dois mestres músicos da Índia a fim de orientar os jovens: um tocador de tabla e uma dançarina indiana de Kathakali, que permaneceram dois meses no Brasil. A dança da Índia expressa simbolicamente o desejo da alma individual de alcançar a Unidade com o infinito, ou a alma do Universo. Através da música e da dança, esse objetivo é atingido, e o estado de Ananda, ou Bem-aventurança, vivenciado pelo dançarino ou o músico, é transmitido à plateia.

No SESC Tijuca foi armado um palco semicircular, todo em tons de terra. O público, assentado nas arquibancadas, estava também dentro do imenso palco. Um tapete esticado no chão dava passagem para o público que subia os degraus da arquibancada, lotando o anfiteatro.

Observamos o espaço, a sobriedade de recursos usada pelo cenógrafo, a iluminação e o núcleo reservado aos músicos, com os instrumentos do grupo UAKTI arranjados como uma instalação. No centro do palco, uma bola dourada se mantinha suspensa por um cordão de aço, como um enorme pêndulo reluzente.

A dança seguia o ritmo dos tambores e flautas, harmonizando os passos com os sons dos instrumentos criados com tubos e marimbas. A *Dança das Marés*, com seus jovens componentes que moravam na favela da Maré, no Rio de Janeiro, nos fazia refletir sobre o papel da arte neste princípio de milênio.

A função da arte em sua essência é a transformação do ser humano. Esta é obtida no próprio exercício da arte, no movimento que conduz o corpo de forma harmoniosa ao encontro de seu próprio *self*.

Os iogues se tornam um com o universo através da meditação. Os músicos e dançarinos

também completam essa união, conjugando o movimento do corpo com a vibração do som. O encontro do Oriente com o Ocidente, que veio se processando de forma acelerada no final do século XX, tem agora a grande possibilidade de realizar a síntese planetária.

20 de dezembro de 2013

## JOANA & MARITO E AS SINAPSES DA DANÇA

Joana Ribeiro e Marito Olsson-Forsberg se encontraram em 2005 em Paris. Ela, mineira, nascida na Bélgica e ele, na Suécia, foram se esbarrar no Departamento de Dança da Universidade de Paris-8, onde desenvolviam, respectivamente, pesquisas sobre o coreógrafo Klauss Vianna (1928-1992) e o tango argentino. Da sala de aula para as salas de ensaio foi um pulo, e o primeiro trabalho criado foi o duo *Sinapse*, apresentado no 3º Festival de Inverno de Entre Rios de Minas, em 2009.

*Sinapse* surgiu do desejo de levar a dança contemporânea para as ruas, viabilizando sua apresentação para um público eclético. Com base na manipulação de objetos, na mímica e nas danças populares, representa os três tempos de uma relação amorosa: o encontro, a maturidade e a transcendência.

A trilha sonora é composta por músicas de Rossini, Naná Vasconcelos, Machito e Fá do Tuiuti. Mais do que uma representação típica da cultura brasileira, *Sinapse* procura retratar um tipo ingênuo e uma mulher cosmopolita, arquétipos reconhecidos tanto no Brasil quanto no estrangeiro, facilitando a recepção dessa dança em países como Suécia, França e Cuba.

O segundo projeto que Joana & Marito vêm desenvolvendo desde 2005 é o *Cabaré Satie* — uma montagem para o público infantojuvenil inspirada nas peças do compositor Erik Satie (1866-1925). O clima remete aos cabarés parisienses, como o *Chat Noir* (Gato Negro) em que Satie costumava tocar piano. Através de esquetes, armados como quadros mecânicos de uma caixinha musical, o espetáculo compõe um delicado recital dançante, sempre com a participação de um pianista convidado. *Cabaré Satie* já foi apresentado em Paris, na Suécia e no Rio de Janeiro.

O projeto que desenvolvem no momento é CANGAS, um jogo coreográfico inspirado nas cangas que colorem as praias cariocas. É um trabalho, com procedimentos de *performance*, que utiliza 60 cangas com diversas estampas. Três ações básicas servem de mote para a dança: a imagem estampada, a canga como objeto de vestir e a relação do tecido com o ar. Dispostas no chão, como cartas de um baralho, num dispositivo similar àquele utilizado pelos vendedores ambulantes nas praias cariocas, as cangas formam um grande tapete, como um mosaico de estímulos para a dança a ser criada.

O projeto já foi levado à UNIRIO, onde Joana leciona no curso de teatro; e à Suécia, onde foi encenado pelos bailarinos da cooperativa Rörelsen (<http://www.rorelsen.com/>), fundada por Marito. Ah, a palavra sueca *rörelsen* significa “movimento” em português.

Casados desde 2008, Joana & Marito lecionam dança e análise do movimento na Escola e

Faculdade Angel Vianna e na Escola de Teatro da UNIRIO (RJ/Brasil), na Universidade de Paris-8 (França) e em Malmö (Suécia), além de atuarem no teatro como preparadores corporais. Buscam, nesse sentido, desenvolver três vertentes: a criação artística, o ensino e a pesquisa, pretendendo produzir novas sinapses (conexão entre dois neurônios que propaga impulsos nervosos) em dança.

22 de março de 2012



## HERMETO PASCOAL E A IMPROVISAÇÃO NA MÚSICA

Estou sentada num banco de rua, no calorzinho da manhã. No Rio está chovendo, aqui o sol brilha e os pássaros cantam, num concerto grátis, improvisado. Celebram a beleza do dia. Transeuntes passam apressados, sem verem nem ouvirem o canto da manhã de sol. Um senhor de idade vem sentar-se no banco da frente, trazendo uma cachorrinha preta de olhos azuis. Todos os dias ele faz esse mesmo itinerário. A cadela está atenta para não perder o dono de vista. Debaixo da palmeira, sob uma pedra, um alto-falante toca música eletrônica o dia todo. Estou lendo o Jornal de Cultura que noticia a presença em Belo Horizonte de Hermeto Pascoal, considerado o músico bruxo, que tira sons de todas as coisas. Na Índia, já escutei também grupos musicais tirando sons da natureza e do corpo.

Particpei de concertos improvisados com duração às vezes de quatro horas, os músicos sentados no chão, cantando e criando ao sabor do momento. Momento presente que é muito importante para se perceber a criatividade em sua fonte natural: a vida. O “agora”, vivenciado através da música, nos proporciona momentos de paz e harmonia com todos os seres vivos. Lá longe, na Índia, os músicos continuam improvisando. Relacionaram seus sons com o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, o correr das águas.

Volto ao banco de rua. Leio o depoimento de Hermeto Pascoal, dado à repórter Eleonora Duarte, do jornal *Hoje em Dia*, referindo-se à sua música e à interatividade com o público. Explica ele:

No show acontecem coisas imprevisíveis. Isso porque, nas mãos do poder de improvisação, prazerosamente acatado pelo público, muitas outras canções surgem. No último show exagerei, cantei quatro vezes com o público, Ave Maria! O povo nunca cantou tanto comigo. É uma confraternização que acontece quase espiritualmente.

A música de Hermeto é universal e se utiliza da mistura de sons de todo o mundo, podendo ser compreendida em qualquer lugar do planeta. Ele prossegue: “Para dormir depois, é difícil. É tanta coisa linda que acontece, é como se eu estivesse em vários mundos”. Falando do inusitado, para este ano o músico planeja a gravação de um álbum com os sons do corpo — das veias, do cérebro, da pele e das batidas do coração.

Continuo sentada, num banco de rua, escutando também os diversos sons desta manhã de sol e refletindo sobre o poder mágico da improvisação.

A entrevista continua: “Ponho uma mesinha com os instrumentos, mas nunca toco todos.

Não dá tempo. Ali o Hermeto não é o único solista. Ali todos são”.

Hermeto Pascoal aparece como uma figura *sui generis* no cenário da música contemporânea. Com seu entusiasmo, ele promove a integração com toda a plateia e com todos os componentes do grupo. Todos são criadores, improvisadores, todos são Um! Essa integração é uma das conquistas do século XXI, quando o individualismo desaparece para ceder lugar ao Todo. O estado de êxtase alcançado pela plateia relembra as sociedades primitivas, nas quais a música era usada para unir toda a comunidade numa só energia.

1 de agosto de 2011

## PAUL McCARTNEY EM BELO HORIZONTE

Paul McCartney cantou em Belo Horizonte, inaugurando com grande sucesso o nosso estádio, reservado para jogos de futebol e grandes apresentações artísticas.

Veio de Londres e foi recebido com carinho por uma multidão de fãs. Trouxe consigo uma banda de alta qualidade e uma produção pirotécnica resplandecente. Os fogos de artifício davam um caráter mágico à apresentação e, no meio de cores e luzes, as músicas dos Beatles foram tocadas com a participação calorosa de admiradores vindos de várias partes do Brasil.

Paul McCartney chorou quando chegou ao palco e viu o quanto era amado por aquela multidão. Nas arquibancadas, os celulares acesos pareciam em seu conjunto um céu estrelado. Na noite serena e fria de maio, as estrelas também aplaudiam o show.

A missão de Paul neste nosso conturbado mundo ocidental não terminou com a separação do grupo e a morte de dois de seus integrantes, John Lennon e George Harrison. O cantor e compositor é grande apologista do vegetarianismo, defende os animais e acha que eles têm direito à vida.

O exemplo dos Beatles levou muitos jovens a largarem o conforto das famílias para caminharem, mochilas às costas, pelas estradas poeirentas da Índia. Paz e Amor era o slogan que esses jovens pregavam como bandeira.

Lembro-me do “ashram” (comunidade espiritualista) onde os Beatles receberam suas iniciações, situado à beira do Ganges, em Rishikesh, norte da Índia.

Muitos jovens aprenderam a meditar com o exemplo do quarteto, e suas músicas se espalharam pelo mundo como uma grande mensagem de paz. Até hoje os Beatles continuam trazendo para todos nós a proposta de não violência, não consumismo e vegetarianismo.

A música é, sem dúvida, de todas as artes, a que mais emociona.

Escreve Edgar Poe:

Nós somos devorados por uma sede inextinguível. Esta sede faz parte da imortalidade do homem. Ela é uma consequência e, ao mesmo tempo, um sinal de sua existência sem termo. Então, quando a poesia, ou a mais enervante das formas poéticas, a música, nos fazem cair em lágrimas, choramos não por excesso de prazer, e sim em razão de uma melancolia positiva, impetuosa, impaciente, que experimentamos por causa da nossa incapacidade de discernir, plenamente, aqui nesta terra, uma vez por todas, aquelas alegrias divinas de que, através do poema ou da música, não atingimos, senão vislumbramos.

Registro aqui os depoimentos de Carlos Starling e Alexandre Andrés, que assistiram de perto à apresentação:

O show do Paul... Viagem no tempo, encontro com um amigo que não te conhece, mas te emocionou a vida inteira. Poesia absoluta! Emoção absoluta! (Carlos Starling).

Milhares de pessoas assistindo e cantando músicas da época dos Beatles, dos Wings e novas canções dedicadas a John, a George e às suas antigas e atuais mulheres. Ver o meu ídolo de pertinho me emocionou muito! Impressionante aquele senhor de 70 anos que continua compondo e cantando lindamente até hoje!!! (Alexandre Andrés).

24 de maio de 2013

## GEORGE IVANOVICH GURDJIEFF

Dia 8 de outubro, com a sala lotada, foi apresentado um concerto de flauta e piano na Fundação de Educação Artística denominado *Viagem por lugares inacessíveis*. O concerto foi nos conduzindo para outra viagem para dentro de nós mesmos e nos fazia recordar também Gurdjieff, músico e viajante, que mais tarde se tornou um grande mestre.

Nascido na Armênia, então parte do Império Russo, Gurdjieff criou, no início do século 20, um sistema de ensinamentos que alia o treino intelectual a uma variedade de práticas, como meditação, música e dança. Influenciado pelas tradições orientais, como a dos sufis muçulmanos, ele chamava seu sistema de “trabalho sobre si”, enfatizando que o despertar espiritual se dá pelo esforço de perscrutar e transformar a si mesmo. Um pensamento emblemático de Gurdjieff é este:

Não há injustiça no mundo. Tudo acontece exatamente como tem que acontecer. Se queremos mudar o curso de nossa vida, precisamos conhecer as forças que atuam sobre nós e, a partir dessa consciência, criar meios de nos libertarmos dessas forças.

Gurdjieff dizia que a humanidade vive num estado de sono hipnótico, como se fôssemos todos sonâmbulos. Basta olhar para ver o quanto vivemos nesse estado de letargia, fazendo as coisas de forma automática, sem consciência. Quase todas as nossas ações e relações são de natureza mecânica. Por exemplo, passamos a vida inteira preocupados com o que os outros acham de nós, com o que podem pensar a nosso respeito. E vamos agindo em função dessa identificação com a opinião do outro, buscando ganhar a sua aprovação. Agora, será que aquilo que o outro pensa de mim é tão importante assim? Aliás, será que ele realmente está pensando algo de mim? Na maioria das vezes a resposta é não. Mas eu não percebo isso. Assim como não percebo meu próprio corpo. Ninguém se dá conta, mas estamos o tempo todo submetidos a milhares de tensões musculares inúteis, pura perda de energia. E essa tensão constante só existe por uma razão: achamos isso normal. É preciso rever esse desequilíbrio interno, tampar esses vazamentos de energia e atenção. E é aí que entra o que chamamos de “trabalho sobre si”. Se o ser humano quer, de fato, atingir todo o seu potencial, se quer sair desse estado vegetativo, despertar do sono que o escraviza, precisa buscar o conhecimento de si mesmo.

Gurdjieff era músico e compositor e deixou seguidores também músicos e compositores. Em Belo Horizonte, Artur Andrés Ribeiro, juntamente com outros companheiros responsáveis do Instituto Gurdjieff, buscam dar continuidade à sua obra, não só através da prática de suas ideias,

como também como intérpretes de suas músicas. Artur Andrés gravou com a pianista Regina Amaral: *Cantos e Ritmos do Oriente* (2000); *Música dos Sayyides e dos Dervixes* (2002) e *Hinos, preces e ritos* (2004), resultado de uma extensa pesquisa realizada a partir da obra musical de Gurdjieff e Hartman.

Artur Andrés Ribeiro é graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação em flauta e, em 2000, obteve o título de Doutor em Música por defesa de tese sobre o UAKTI. Com a pianista Regina Stela Amaral, sua esposa, forma, desde 1978, um duo de flauta e piano, tendo apresentado inúmeros recitais, tanto no Brasil quanto no exterior. Alexandre Andrés, filho do casal, é músico e compositor e muitas vezes participa das apresentações. Artur é membro fundador do UAKTI — Oficina Instrumental. O grupo UAKTI é nacional e internacionalmente reconhecido por meio de CDs, turnês de concertos, parcerias com grandes artistas e importantes premiações. Como compositor, Artur escreveu *Alnitak* e *Turning Point* (CD *I Ching*, 1994) e o *Segredo das Dezesete Nozes; Música para um Templo Grego Antigo; Trilogia para Krishna* (CD *Trilobita*, 1997). Todas foram criadas em seu estúdio, na Fazenda das Macieiras, em Entre Rios de Minas. Ali, Artur, Regina e Alexandre, envolvidos pela energia da natureza, compõem suas músicas e, ao mesmo tempo, têm espaço para as “domingueiras” do Grupo Gurdjieff. Elas acontecem com a participação de todos, nos exercícios, no silêncio das meditações, na preparação das refeições e também nos círculos de autoconhecimento. Tive a oportunidade de participar de alguns encontros do grupo e organizar uma experiência de arte coletiva. Em um ateliê improvisado na varanda, 20 jovens pintaram em conjunto dois grandes painéis.

22 de outubro de 2011

## UAKTI

Venho acompanhando o Grupo UAKTI desde a sua criação em 1978. Por muitos anos, eles tinham a sua sede, o seu pequeno ponto de referência, no porão de uma casa situada no bairro dos Funcionário em Belo Horizonte. Ali também eu tinha o meu ateliê de pintura e, enquanto pintava, escutava os ritmos de percussão e a sonoridade da flauta soando aos meus ouvidos. Música e pintura se integravam dentro de criações diversas e, aos poucos, fui percebendo a ligação mais profunda entre as cores, as linhas e os sons.

Acompanhei o UAKTI, viajei com o conjunto para os Estados Unidos e Europa.

No Guggenheim de Nova York, assisti às apresentações coroadas de sucesso e também aos *workshops* para turmas de jovens estudantes americanos. A interatividade sempre foi uma característica desse grupo. As pessoas se acercam, desfilam pelo palco, tocam os instrumentos. Há uma curiosidade em saber a história do conjunto, como foram criados as músicas e os instrumentos. A lenda do índio com o corpo cheio de furos continua a ser apresentada em várias regiões do planeta.

UAKTI é uma lenda que se torna viva através da música. Ela caminha pelo mundo, transmutando energias.

“Música dos deuses”, foi como Maria Betânia se referiu a esse grupo.

A música do UAKTI ganhou o mundo, depois o Brasil, mas não quis perder suas raízes. O grupo considera Belo Horizonte como um lugar adequado para o desenvolvimento de um trabalho sério, sem as precipitações e dificuldades do eixo Rio-São Paulo.

Aqui eles podem criar, participar de reuniões e, ao mesmo tempo, estar junto dos familiares. Minas Gerais é o lugar adequado para a criação artística; o recolhimento das montanhas a favorece. Depois do trabalho pronto, ele está em condições de se atirar pelo mundo.

A receptividade ao grupo se deve ao entusiasmo de Milton Nascimento. Ele acreditou num grupo que estava começando, gostou da sonoridade e convidou os músicos para participarem com ele de uma gravação.

Outro encontro de grande importância para o crescimento do grupo no mundo foi a sua ligação com Phillip Glass, considerado o maior compositor americano da atualidade. Com ele o conjunto viajou pela Europa, EUA e Canadá e, brevemente, seguirá para o México. Integrando músicos de diversos países, o CD *Orion* será apresentado este ano, em outubro, na capital mexicana. Neste nosso planeta conturbado pela violência, o grande concerto *Orion* continua buscando a integração e a paz.

Inhotim é um lugar privilegiado, enriquecido com o paisagismo de Burle Marx. Ali, Bernardo Paz criou um museu ao ar livre, considerado como o maior centro de arte contemporânea do mundo. Para isso, reuniu artistas de renome e seus trabalhos estão distribuídos no meio da vegetação. Passear por Inhotim é captar os sons da natureza e, ao mesmo tempo, sentir o que de mais avançado existe em arte contemporânea.

A apresentação do Grupo UAKTI, no dia 29 de agosto, foi um programa que uniu a música às artes plásticas, realizando a síntese das artes prevista como forma de harmonização para o século XXI. Sentados na grama, os jovens sentiram essa integração. Dali despontarão outros músicos, também com o objetivo de levar a arte ao mundo em sua grande missão de paz.

As novas gerações vão surgindo, dando continuidade ao que foi criado anteriormente, para se estender ao longo do tempo, como uma orquestra vinda das montanhas.

Jovens músicos de 20 anos afinam seus instrumentos para a música erudita e já estão sendo reconhecidos e premiados. Assisti ao concerto *Jovem músico*, patrocinado pelo BDMG Cultural, e voltei impressionada com a seriedade do grupo.

10 de setembro de 2010



## UAKTI E PHILIP GLASS

Enquanto o carro rodava em direção ao Retiro das Pedras, um CD também rodava, transmitindo sons de grande beleza. As estruturas sonoras crescentes criavam um estado de atenção para com o entorno. Este, naquele momento, era a estrada, as montanhas, o céu estrelado e os sons da música de Philip Glass com o Grupo UAKTI. O CD, de nome *Órion*, foi gravado em Atenas, junto à Acrópole. A constelação de Órion foi homenageada por Philip Glass por ser a única que abrange os dois hemisférios, sul e norte.

A apresentação na Europa teve como cenário um teatro grego ao ar livre, *Hecodicus Aticus*, situado dentro da Acrópole, onde, antigamente, os gregos representavam suas peças, que perduram como patrimônio da humanidade.

Philip Glass procurou reunir representantes de todos os continentes, buscando uma integração da humanidade através da música. Ali podiam ser ouvidos sons do extremo oriente, da Austrália, Ásia, África, Europa e Américas. O hemisfério norte era representado por Philip Glass e um músico canadense; e todo o hemisfério sul, pelo grupo UAKTI.

O sitar da Índia também ecoou na Acrópole, com uma composição de Ravi Shankar e Philip Glass. *Eleftheria Arvantaki*, vocalista grega, entoou um canto em prol da integração do planeta. Tambores africanos, instrumentos aborígenes e chineses se integravam com os sons criados por músicos vindos dos mais diversos países, numa só voz, pedindo paz para a humanidade.

A primeira exibição na Grécia foi debaixo de chuva, como se os céus quisessem também participar do concerto. Então, os espectadores da primeira fila subiram ao palco e vieram, com guarda-chuvas coloridos, proteger os músicos, criando uma festa de cores e sons. Aquele concerto ficou depois conhecido como o *Concerto dos guarda-chuvas*. Ao final do espetáculo, os músicos se deram as mãos sob os aplausos de uma plateia emocionada.

Depois de Atenas, o grupo seguiu para Lyon, apresentando o mesmo espetáculo também num teatro de arena cavado na pedra. O cenário recorda um passado de arte que se projeta cada vez mais para o futuro. A mesma emoção contagiou todos os presentes que, ao final, se levantaram e também se deram as mãos, lembrando que a integração do planeta pode ser feita através da arte.

Uma das grandes funções da arte do século XXI é promover cada vez mais a consciência da unidade planetária e da unidade cósmica. O grupo UAKTI harmoniza os sons mais variados, conjugando ritmos brasileiros, africanos, indianos, música clássica e música contemporânea. A percussão nos recorda que pertencemos à Terra, fomos modelados pelo mesmo barro e a flauta

nos eleva além das estrelas, à essência de onde viemos e para onde vamos.

14 de maio de 2010

## **TERRITÓRIO DO BRINCAR E GRUPO UAKTI**

No imenso galpão com teto de bambu e decoração oriental, a música vai se tornando parte de um todo que inclui a natureza bucólica do entorno.

Nesse cenário cheio de sons da natureza, outros sons são elaborados dentro de um pequeno estúdio. Assisti à criação de uma trilha sonora dedicada a um documentário intitulado *Território do brincar*.

O músico Alexandre Andrés regula os altos e baixos da flauta soprada por seu pai, Artur, na sala ao lado, separada por uma parede de vidro. Durante uma hora ali fiquei ouvindo os sons destinados a integrar as imagens do filme.

Aquela trilha sonora nos levava a uma experiência única, da união entre as imagens e os sons. No dia seguinte, conheci a educadora Renata Meireles e o seu marido, o cineasta David Reeks, que vieram de São Paulo para terminar o vídeo. Foi armada uma tela grande onde pudemos assistir a uma sequência de brincadeiras de criança.

Segundo Renata, o documentário tem como ponto de partida a tentativa de afirmação do olhar da criança e seu uso sobre os brinquedos. “Trabalhamos a ideia do brinquedo, não como suporte de uma cultura, ou seja, o que a cultura oferece para a criança, mas, primordialmente, sobre o que a criança oferece para a cultura, e como acontece a apropriação que as crianças fazem do brinquedo”. Essas palavras, retiradas de uma entrevista de Renata Meireles, serviram de orientação para sentir de perto os objetivos do casal de artistas pesquisadores.

Conhecer o universo da criança, sua espontaneidade em viver a liberdade de expressão de forma lúdica e prazerosa, foi o que pude sentir ao ver o vídeo. Este vai nos conduzindo à nossa própria infância, às brincadeiras de esconde-esconde, ao jogo da maré, aos carrinhos de rolimã, com os quais escorregávamos pelas ladeiras de Belo Horizonte. No filme, há uma sequência de crianças deslizando pelas dunas de uma praia, outras jogando nos córregos barcos de papel ou construindo pequenos caminhões de madeira. Na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, havia um canal onde corriam as águas do Acaba Mundo que desaguavam no rio Arrudas. Fazíamos pequenos barcos de papel, que jogávamos no córrego, e corríamos rua abaixo, acompanhando o percurso dos barquinhos. Os brinquedos da nossa infância eram, em sua maioria, fabricados por nós mesmos. Lembro-me também de caleidoscópicos, feitos por meu irmão Paulo, com cacos de vidros coloridos que recolhíamos nas ruas da cidade. Brincávamos de Tarzan e Jane, habitantes das florestas, pulando de “galho em galho” nas mangueiras do nosso quintal.

As crianças do documentário são crianças que não possuem brinquedos comprados nos

shoppings. O próprio fato de fazer o seu brinquedo já contribui para criar uma relação com o seu imaginário. Brinquedos comprados não dão essa possibilidade de pesquisar a curiosidade inerente às crianças. Muitas demonstram sua curiosidade desconstruindo e reconstruindo os brinquedos comprados.

No ano 2000, Renata Meireles, criadora do projeto *Território do brincar*, conheceu David Reeks. Juntos criaram o projeto BIRA (Brincadeiras Infantis da Região Amazônica). Ela, como educadora e pesquisadora; ele, como cineasta, percorreram 16 comunidades indígenas e ribeirinhas do Amapá, Pará, Amazonas, Roraima e Acre. Produziram muitos filmes, premiados em vários festivais de cinema.

Agora, com o Grupo UAKTI, fizeram uma parceria aliando a sonoridade da flauta e da percussão aos jogos infantis, que vão levando a alegria, a espontaneidade da criança pelo Brasil afora.

31 de março de 2015

## **ENSEMBLE, UM GRUPO MUSICAL**

Desci do Retiro das Pedras, num sábado, para assistir ao grupo do Artur, denominado *Ensemble*, se apresentar no CCBB de Belo Horizonte. Acompanhei desde o início a formação do grupo. Artur Andrés, Regina Amaral e Alexandre Andrés formaram um conjunto sólido, unido pelos laços familiares e artísticos. O trio foi enriquecido com outros músicos, todos jovens: Natália Mitre, José Henrique Soares e Bruno Veloso.

No repertório: *Templo Grego; Arrumação; Sinfonia das goteiras; Alnitak; Infinito; Menino; Vales e montanhas; Meditação; Meditação III; Aldebaran*. Há uma harmonia muito grande entre os integrantes desse conjunto.

O *Ensemble* surgiu das montanhas, das terras sofridas de Minas Gerais. Seus integrantes se reuniram num estúdio rural, para um trabalho sério, em que a música erudita ocupa um espaço central. Artur, dirigente do grupo e seu principal compositor, destacou-se durante 37 anos como o flautista do grupo UAKTI, juntamente com a pianista Regina Amaral, sua esposa. Com o encerramento do grupo, Artur se recolheu por algum tempo. Mas sua voz interior o chamava para dar continuidade a seu trabalho.

“Seu caminho é a música. Vá em frente!” Essa voz interna é aquela que sempre nos chama nos momentos de incerteza. Ela nos mostra que o importante é a descoberta de nós mesmos. Refletindo sobre a arte como um caminho de desenvolvimento interno, podemos considerar a percussão como um chamado de nossos antepassados indígenas e africanos, marcando o compasso da terra. A flauta é o instrumento que nos chama para o alto, para níveis superiores.

Estamos na terra, mas o nosso caminho é a realização da nossa unidade com o cosmos. As duas flautas, tocadas por Artur e Alexandre, seu filho, nos conscientizam de que pertencemos a este universo de estrelas. São chamados vindos do alto.

Para o *Ensemble*, Artur criou *Aldebaran*, em homenagem a uma estrela com esse nome. Aldebaran brilha entre duas constelações e seu brilho é mais intenso que o sol. *Ensemble* nos mostra também a força da energia dos jovens aliada à experiência dos mais velhos.

Ali, no teatro do CCBB, assistimos à perfeita integração da energia com a sabedoria, que proporcionou um equilíbrio perfeito entre as gerações.

Agradeço ao meu filho Artur a homenagem que me prestou e a música que me dedicou, aplaudida com entusiasmo pela plateia. A todos os componentes do grupo *Ensemble*, o meu agradecimento. Que continuem elevando as vibrações para o alto. É o que desejo, de coração.

18 de fevereiro de 2019

## TRÊS MÚSICOS, TRÊS MENSAGENS

A casa do Artur  
É permeada de música.  
São três músicos  
Com idades  
Diferentes  
Vivendo em  
Mundos do eterno  
Imutável  
Agora.  
Acordo pela manhã  
Escutando  
O som da marimba.  
O Artur está de pé  
Estudando  
Celebrando no  
Compasso  
Retirando dos vidros  
O ritmo da vida  
Que renasce a  
Cada instante.  
Da varanda  
Da fazenda  
Escuto o som  
Da flauta do  
Alexandre.  
Música erudita.  
Os sons vão mergulhando  
Em outros sons  
Que vêm das estrelas  
De mundos superiores  
Dos sons da natureza  
Do canto dos pássaros.  
A música nos  
Conduz.  
Somos parte do  
Universo.  
Somos Um com  
A natureza.  
A flauta vai nos  
Conduzindo

Para longe.  
Ela mergulha  
Nas fontes  
E nos rios  
Vai além dos  
Mares, dos ares  
Para mundos paralelos.  
Regina me convida  
Para ouvir  
Sua última criação  
Musical.  
Música para cura.  
Ainda não foi lançada  
Mas já está produzindo  
O efeito desejado.  
A música chegou do espaço  
Em vários momentos  
Onde a terra se une  
Aos céus.  
Escuta a música  
Da vida  
Da grande mãe  
Que marca o  
Compasso da  
Existência.  
Todos nós sentimos a  
Presença de uma força  
Superior  
Conduzindo esses sons!

21 de janeiro de 2019

## INTEGRAÇÃO DE DOIS GRUPOS MUSICAIS

No domingo, 5 de junho, assisti à integração de dois grupos musicais, o *Quebra Pedra* com o *Água Luz*. O objetivo de fundir os dois grupos num só espetáculo resultou numa harmonia perfeita, um exemplo a ser seguido por outros grupos de arte, inclusive pelos artistas plásticos. Unidade na multiplicidade é a tônica do Século XXI e esses jovens músicos estão abrindo o caminho dentro da arte, da quebra do ego e da competição para alcançar a luminosidade do coletivo. Parabéns pelo espetáculo. Todos nós que estávamos na plateia percebemos, emocionados, que algo de novo estava acontecendo.

Com grande sucesso, o cantor, compositor e flautista Alexandre Andrés, juntamente com os músicos Gustavo Amaral e Luiz Gabriel estrearam no dia 20 de maio, na Sala Juvenal Dias do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, o show *Terra das Laranjeiras*. Com um repertório exclusivamente autoral, cada um dos três jovens compositores dedicou uma composição a alguém. Alexandre dedicou uma de suas composições à sua avó, Maria Helena, intitulada *A Voz de Todos Nós*. Transcrevo a letra criada pelo poeta Bernardo Maranhão:

Sombra de mímica, dança enlaçando a nudez,  
Tango sonâmbulo, peso de um passo a caminho dos pés  
Dando espaço ao tempo, o tempo passa bem (2x)  
Feito relâmpago antecipando o trovão,  
Feito libélula irradiando os azuis do verão  
Sinto sussurrar a voz do coração (2x)  
Lágrima límpida, corre no canto do olhar  
Lâmina lúcida, brilho do lírio no lago ao luar  
Tão comum, a dor e o bem de cada um (2x)  
Página pálida, margem da imaginação,  
Letra de música, risca da quilha nas ondas do som  
Traz pra minha voz a voz de todos nós  
Faz de minha voz a voz de todos nós  
Um silêncio por dizer,  
Um remanso, um bem querer,  
Uma pausa plena  
Dentro da árvore um bando de passarim,  
Cantoria, nuvens douradas entre o céu e a serra,  
Flor do pântano, terra dos tuiuiús,  
Fim de mundo, lugar propício faz do fim o início.

(Alexandre Andrés e Bernardo Maranhão, dedicada a Maria Helena Andrés)



Foi com muita alegria que me foi possível receber esse presente de meus netos músicos, já que considero a todos como netos. A tradição musical da família se estende para o futuro, levando a mensagem de amor a todos que acreditam nessa grande missão da música em nosso planeta. Alexandre é também membro do grupo instrumental *Diapasão*, como flautista e compositor. No segundo semestre de 2011, estará lançando o seu primeiro CD com esse grupo.

Alexandre Andrés com o seu CD autoral de canções, intitulado *Aqualuz*, lançado pelo Projeto Natura Musical no ano de 2009, recebeu críticas de importantes músicos e jornalistas, tais como:

Alexandre Andrés, mineiro de BH, de apenas 19 anos, estreia de forma fulminante em "Aqualuz". O disco independente ganhou tiragem ampliada por ter sido selecionado no edital do projeto Natura Musical, junto com a turnê de lançamento. Ele toca violão e canta no disco as músicas que compôs com o poeta Bernardo Maranhão, mas também é responsável pela densa polifonia dos arranjos. Alexandre domina vários estilos da MPB, alguns entrelaçados como a vertiginosa *Romanceada*. A prosa arquitetônica de Guimarães Rosa perpassa o enredo de forma explícita (*Rosa*) ou implícita (*Névoa-nada*, *Margem da Terceira Rua*). Mônica Salmaso legitima as escalas enviesadas de *Cadência*; Regina Amaral pavimenta o piano da ecoante *Uirapuru* e André Mehmari pontua *Revoar*. Requite puro (Tárik de Sousa, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23/10/2009).

Sobre o CD *Aqualuz*, o crítico musical Ailton Magioli escreveu:

Dono de trabalho surpreendente, diante da sua faixa etária, Alexandre Andrés explora em sua música melodias e harmonias dignas da tradição mineira, casada com uma poesia que prima por rigor e qualidade nem sempre perceptíveis na música popular

(Estado de Minas, 21/11/2008).

E ainda:

"I enjoyed listening to *Aqualuz*"; "I thought the level of musicianship was very high and it made me smile" (Michael Riesman, diretor musical do compositor norte americano Philip Glass, – Sobre o CD *Aqualuz* de Alexandre Andrés).

"...o Alexandre é um jovem extremamente talentoso. Quando ouvi sua música, por primeira vez, senti ali um grande frescor... pude notar ali, claramente, a 'voz' de um compositor..." (André Mehmari, SESC Instrumental/TV SESC).

9 de junho de 2011

## ALEXANDRE ANDRÉS E O ORIENTE

Quando Alexandre nasceu, eu viajava pelo sul da Índia com um pequeno grupo de brasileiros. Estava em Arunachala, junto à montanha sagrada, reverenciada pelo aparecimento de uma grande luz em forma de coluna de fogo. O local é um lugar de peregrinação e ali morou um dos maiores mestres da Índia, Ramana Maharishi. Existe um mantra de grande poder de cura, associado àquela montanha. Repetindo o mantra Arunachala Shiva Shiva, os fiéis sobem cantando em reverência ao Deus Shiva. Arunachala, situada em Tiruvanamalai, é considerada uma das mais antigas formações rochosas do planeta.

Estávamos dentro de um carro, e, do banco de trás eu podia ver a montanha se afastando. Propus a todos que cantássemos como despedida o mantra Arunachala Shiva Shiva. A montanha aos poucos se afastava e, quando me dei conta, eu tinha substituído Arunachala por Alexandre. Alexandre Shiva Shiva, Alexandre Shiva Shiva...

Tomei consciência da substituição das palavras e exclamei com alegria: meu neto nasceu, Alexandre está nascendo... Realmente, naquele momento, Alexandre estava nascendo...

Esse menino, filho de pais músicos, desde cedo se dedicou à música. Criança, seu brinquedo preferido era sempre um instrumento musical e, aos 12 anos, se apresentou tocando Mozart para um grupo de artistas e familiares. Sua sensibilidade para interpretar Mozart impressionou a todos. Com sua flauta, ele conduzia o público a uma transcendência que extrapolava o mundo material.

Aos 18 anos, Alexandre tornou-se também compositor e tem a disciplina necessária aos que se dedicam de corpo e alma ao seu ideal de arte. Ele não permite dispersões inúteis. Levanta-se de madrugada, e, à luz das estrelas, vai compondo suas músicas. Elas brotam de uma intuição muito clara com outros planos de consciência, em que as artes têm como objetivo principal a transmutação de energias neste planeta tão cheio de violência.

Hoje, aos 26 anos, Alexandre é um músico reconhecido internacionalmente e está fazendo também um intercâmbio com o oriente através da música, tendo apresentado com sucesso o seu último CD *Haru* em Tóquio, Kioto e outras cidades japonesas.

Assisti à apresentação desse CD em Belo Horizonte, na Fundação de Educação Artística. Foi um admirável espetáculo de música, apresentado por Alexandre Andrés e Rafael Martini. De onde eu me encontrava podia ver o palco e os dois músicos com seus instrumentos. De um lado, Rafael com piano e teclado, do outro, Alexandre com três instrumentos: flauta, violão e a própria voz. Havia uma comunicação performática que envolvia os músicos, o teatro e inclusive a plateia

que também se tornava parte do evento. Os dois músicos integravam seus sons que nos conduziam a terras distantes, mas também próximas.

O Oriente e o Ocidente encontraram-se no palco e trouxeram a sua mensagem para todos nós que ali estávamos.

Integrando o evento *Verão Arte Contemporânea*, o espetáculo *Haru* será apresentado em Belo Horizonte, no CCBB, dia 24 de janeiro às 20 horas.

22 de janeiro de 2018

## LANÇAMENTO DO CD *RÃ*

Assisti ao lançamento do CD *Rã*, de autoria de Alexandre Andrés (voz, violão e flautas), André Mehmarí (piano, synthi e voz) e Bernardo Maranhão (poesias e voz). O trio foi acompanhado por Artur Andrés, ex-flautista do Grupo UAKTI, pela percussionista Natália Mitre e pelo multi-instrumentista Felipe José.

No palco iluminado, os músicos iniciaram o concerto. Havia uma grande sintonia entre o público e os artistas, como se todos fôssemos parte de um todo harmonioso. As artes cada vez mais caminham para a realização da Unidade, a consciência de que todos somos Um. Existe um lugar de paz dentro de cada um de nós, no nosso espaço vazio interior. É desse espaço que nascem todas as ideias artísticas, científicas, religiosas e filosóficas.

A música, de todas as artes, é aquela que mais rapidamente nos conduz a esse momento de paz e harmonia com todos os seres. Ela pode nos pôr em contato direto com a natureza, como se as plantas e os animais, as montanhas, rios e mares estivessem escutando os acordes musicais. Quando nos comunicamos com a natureza, ela responde e também se comunica conosco. Ouvir o som do coaxar dos sapos na lagoa, do zumbido dos insetos, do canto dos pássaros é o grande benefício que recebemos quando nos esvaziamos de todos os conceitos e fórmulas, para penetrar no nosso mundo interno.

Alexandre tem o seu estúdio na Fazenda das Macieiras, em Entre Rios de Minas. Ali construiu seu lugar de imersão musical. O de André Mehmarí é na Serra da Cantareira, próximo a São Paulo. Lá ele também encontrou o seu lugar de criação, junto à natureza, com as mais diversas plantas e animais. Em ambos os estúdios, onde o disco *Rã* foi concebido, os artistas podem interagir diretamente, através das janelas acústicas, com a natureza ao redor. Uma energia de paz, proveniente da experiência da Unidade com a natureza, é revelada na música dos artistas.

Do outro lado do mundo, no Japão, o CD *Rã* foi premiado como o “melhor álbum de música brasileira de 2019”, pela revista especializada em música latina, *Latina Magazine*. O povo japonês tem uma conexão muito forte com a música brasileira e uma reverência muito grande com a natureza. Eles valorizam uma nova geração de músicos, responsáveis pela continuidade do trabalho de artistas como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Rita Lee, Toninho Horta e o Clube da Esquina, Baden Powell, Joyce, Gilberto Gil, Caetano Veloso, dentre outros.

Em 2017, Alexandre esteve em turnê pelo Japão, tendo lançado o disco *Haru*, em parceria com Rafael Martini, e tocado em Kyoto, Okayama e Tokyo. André Mehmarí toca anualmente em terras nipônicas. Os japoneses têm a sensibilidade para compreender profundamente a nossa

música e estão valorizando, cada vez mais, as criações vindas de diversos grupos de todo o Brasil.

Por fim, *Rã* é a união da música com os ritmos da natureza, uma conexão entre o Oriente e o Ocidente por meio dos sons. Acompanhem o trabalho de Alexandre, Bernardo e André pelas redes sociais. O disco está disponível nas principais plataformas digitais, tais como *Spotify*, *Deezer*, *YouTube*, dentre várias outras.

17 de fevereiro de 2020

## VOLTA AO MUNDO COM BETTINE CLEMEN

Conheci Bettine Clemen quando ela passou uma temporada em Minas Gerais, atendendo a um convite do Palácio das Artes para participar como flautista da Orquestra Sinfônica. Bettine nasceu na Baviera, hoje mora em Salzburg, terra de Mozart. As montanhas de Minas se assemelham aos Alpes e talvez seja por isso que a jovem flautista escolheu essa região para residir por algum tempo. Lá em Salzburg a neve desenha o limite entre a terra e o céu, mas o azul é tão intenso quanto o de cá. Terra de músicos, Salzburg acolheu Bettine como um ponto de parada para suas múltiplas viagens pelo mundo, carregando em sua bagagem uma variedade de flautas.

Bettine é uma artista que busca a união do planeta através da música, apresentando-se nos palcos iluminados dos navios internacionais. Muito loira, vestida de traje a rigor, ela brilha como uma estrela no meio do mar. Quando morou no Retiro das Pedras, tornou-se minha amiga, e essa amizade perdura até hoje. De vez em quando, recebo um e-mail de um navio e sei que ela está por perto, na costa brasileira:

— “Vou deixar minhas malas no Rio, dentro do navio, tenho dois dias, quero rever os amigos de Minas”.

Quando chega, distribui alegria e entusiasmo, trazendo CDs e vídeos de suas viagens. Um destes merece ser visto pois conta a história de Bettine, defensora e amiga dos animais. Ali podemos ouvi-la tocar e apreciá-la junto aos animais ferozes, completamente harmonizados pela magia de sua flauta. Ela foi pelo mundo, tocando flauta para tigres, elefantes, cobras, girafas. Percorreu lugares onde o turista comum nunca teve entrada, levando a mensagem não verbal de que o mundo é uma única família e os animais são nossos amigos.

Bettine Clemen tem um currículo internacional como solista ativa, gravando para orquestras de vários países. Sua carreira começou cedo, participando da Munich Bach Orquestra, Praga Radio Orquestra e a Orquestra de Mozart, de Salzburg. Em 1978, residindo em Minas Gerais como flautista da Orquestra Sinfônica, ela se encantou com as florestas tropicais que exerceram grande influência sobre suas composições. *Canção de Amor para um Planeta* foi inspirada na floresta Amazônica. Publicou vários álbuns, tais como: *Abra seus ouvidos ao Amor; Forever; Echoes of Life*. Levou sua música transcendental a vários recantos do planeta, desde lugares de prestígio como o Royal Albert Hall, em Londres, e o Lincoln Center, em New York, até o Extremo Oriente como Xangai e Pequim.

Em 2000, obteve permissão para tocar sua flauta na antiga cidade de Petra, na Jordânia, onde foi protagonista do vídeo intitulado *Bettine e a magia de Petra*.

Ela acredita no poder de cura e transcendência da música como um canal para se alcançar o estado de plenitude tão necessária ao nosso tempo de violência e guerras.

Aqui apresentamos Bettine como grande artista e grande figura humana.

10 de julho de 2010

## ARTE NAS MONTANHAS

Alguns artistas, seguindo a necessidade de volta à natureza, estão se afastando das cidades para se fixar em lugares mais silenciosos, ainda não poluídos pela agitação dos grandes centros. Em Minas, a subida para as montanhas começou em meados do século XX, quando a cidade de Belo Horizonte aumentou com a explosão imobiliária. Vários condomínios foram criados oferecendo aos moradores a beleza natural e o ar puro das montanhas.

Ronei Filgueiras, engenheiro e artista, foi um dos primeiros moradores do Retiro das Pedras. Ali, Ronei não somente construiu sua residência como também um teatro particular ao lado de sua casa, em forma hiperbólica e com acústica perfeita para concertos de câmara. O teatro *Domus Aurea*, inaugurado em 1981, foi idealizado para ser um templo de música erudita. Lugar sagrado de arte, o teatro apresentou em sua estreia Nelson Freire, o mais famoso pianista do Brasil. Ali se apresentaram músicos renomados, como Frederic Meinders, Eduardo Hazan, Fany Solter, Artur Andrés, Regina Amaral, Bettine Clemen com o maestro Magnani, entre outros.

Sábado, 1º de agosto de 2010, assisti a um concerto de piano de Valéria Zanini, pianista brasileira radicada na Dinamarca e com grandes apresentações nos palcos europeus. Ela é conhecida pelo pioneirismo na introdução da música brasileira para plateias daquele país, com inúmeras gravações na rádio dinamarquesa e apresentações em TVs. Seu concerto no teatro *Domus Aurea* foi oferecido em benefício das obras sociais do capelão da igreja do Retiro das Pedras, padre Natanael. Cada pessoa doava um pacote de alimento não perecível para ser enviado ao Vale do Jequitinhonha. Parabéns à jovem pianista e ao casal Ronei e Zezé pela oportunidade de, generosamente, contribuir para a elevação do nível cultural dessa região.

No dia seguinte, ao ar livre, nas quadras do condomínio, foi apresentado um outro programa musical, desta vez seguindo o gosto popular da bossa nova e do rock. À sombra das árvores, junto à feira de artesanato, cantores jovens se apresentaram, no domingo pela manhã, proporcionando à comunidade uma nova forma de arte. Houve participação e interatividade do público que ali estava e cantarolava também as canções de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Entre o erudito e o popular, a música continua sendo a forma direta de trazer harmonia para a nossa sociedade.

Outros condomínios também se abrem para as artes, buscando elevar o nível cultural da região de Nova Lima e Brumadinho. No sábado, dia sete de agosto, fui assistir, a convite da diretoria, a um concerto da Orquestra Filarmônica de Belo Horizonte, que estava se apresentando no Morro do Chapéu, com um repertório de música erudita inspirada no folclore de vários países



da Europa Central. A programação incluía mazurcas e polcas, como também criações populares da América Latina, tais como o tango e o batuque brasileiro, interpretados de forma erudita. Ao final, o concerto *Bolero de Ravel* foi acompanhado com entusiasmo pelo público. Adultos, crianças e idosos participaram do evento sentados ao ar livre, à luz das estrelas, diante de uma concha acústica armada no gramado.

Voltamos ao Morro do Chapéu no domingo pela manhã para assistir à programação da terceira feira de livros do condomínio. Ali, as artes plásticas e a música se uniram à literatura. Durante três dias, as pessoas se encontraram, trocaram ideias, escutaram poetas recitando e escritores dando depoimentos, além de uma palestra do economista e filósofo Eduardo Giannetti com a mediação de Luís Aníbal Fernandes.

Em frente a um *stand*, Jorge dos Anjos, recentemente chegado de uma exposição na Holanda, apresentava suas esculturas ao lado de estamparias de Fernando Lucchesi e trabalhos de Fernando Pacheco, George Hardy e Fernando Veloso.

Os condomínios estão dando um bom exemplo de realizações culturais para a comunidade. Nessa região sul, próximo a Belo Horizonte, está se formando um conglomerado das artes com residência de jovens artistas (JACA), galerias de arte, escolas de circo e dança, apontando um caminho em direção a Inhotim, o maior centro de arte contemporânea das Américas.

20 de agosto de 2010

## **LOBOSTOCK**

Em agosto de 1969, aconteceu o Festival de *Woodstock*, nos EUA. O festival exemplificou a era da contracultura do final da década de 1960 e começo de 1970. Trinta e dois dos mais conhecidos músicos da época apresentaram-se durante um fim de semana, por vezes chuvoso, para 400 mil espectadores. O evento original provou ser único e lendário, reconhecido como um dos maiores momentos na história da música popular. Mesmo contando com uma qualidade musical excepcional, o destaque do festival foi mesmo o retrato comportamental exibido pela harmonia social e a atitude de seu imenso público. (Retirado da internet).

Inspirado no *Woodstock*, um grupo de jovens músicos mineiros se reuniu numa fazenda em Entre Rios de Minas, situado no Campo das Vertentes. Tivemos a oportunidade de assistir à segunda edição do *Lobostock*. O poema abaixo é uma homenagem a essa iniciativa, que obteve um excelente resultado.

Fomos convidados  
Para o *Lobostock*  
No Campo das Vertentes  
Entre Rios de Minas  
Onde nasceu o IMHA.  
Nasce agora  
Um grupo de jovens  
Movimento pacífico  
De jovens guerreiros  
De uma claridade  
Que está surgindo.  
Ela está presente  
Nos olhos brilhantes  
Na voz que ressoou  
Pelas montanhas.  
Minas é terra de  
Muita luz.  
A arte abre  
Caminho  
Para o futuro.  
Faz escuro mas  
Eu canto  
Dizia o poeta

Tiago de Melo  
Nos tempos da  
Ditadura.  
Faz escuro no  
Entorno mas  
Um novo canto  
Surge vindo  
Das vertentes  
Mostrando  
Que a esperança  
Está nos jovens  
Assentados  
No gramado.  
No tablado  
Em frente  
Há música  
De qualidade.  
Vozes que já  
Ecoaram  
Pelo mundo  
Afora  
Agora se  
Reúnem  
Neste palco.  
Vozes da América  
Latina  
Que ressurgem  
Como um canto  
De paz  
Tirando música  
Da natureza  
Do canto dos  
Pássaros  
Da percussão  
Das rãs  
Que chacoalham.  
O sol desaparece  
E a lua cheia  
Surge brilhante  
Sobre os campos  
Das vertentes.

Parabéns pela iniciativa, que teve incentivo constante de Cláudia Duarte, a fotógrafa do

grupo, a seus filhos Tomaz Duarte Lobo e Pedro Duarte Lobo, e também a Estevão Mascarenhas, David Mascarenhas, Felipe Resende e Alexandre Andrés.

Foi um dia inteiro de apresentações no Vale dos Lobos, fazenda de Cláudia Duarte, que começou com artistas realizando atividades como *slackline*, *slackwater* (pessoas se equilibrando em um elástico entre árvores e sobre uma lagoa), *livepainting*, tenda da cura e muito mais. Às 16h e 30min começaram os shows. A abertura foi de Flávio Tris, “cantautor” de São Paulo; na sequência, *Haru*, de Alexandre Andrés e Rafael Martini, com Maíra Baldaia, Rosa Neon e Pequena Morte. As DJs Naroca e Sandri discotecaram entre os shows e fizeram uma apresentação para fechar a festa.

Além de todas essas atrações, pudemos contemplar o palhaço Maisena, suas trapalhadas e malabarismos e uma linda exposição de fotografias, com vários fotógrafos envolvidos.

Naquela fazenda estivemos com cerca de 150 pessoas, dentre elas a ilustre presença de Áurea Carolina. Eleita deputada federal por Minas Gerais, veio de Brasília prestigiar os espetáculos. Jovem, foi eleita com o entusiasmo dos jovens. Está em Brasília defendendo nossas montanhas, a cultura e a educação brasileiras, além do direito das mulheres!

A esperança vem desses grupos pequenos que atuam em conjunto, dispensando leis de incentivo. É a própria energia coletiva que está produzindo um som novo, um novo caminho, uma política nova.

11 de maio de 2019

## SUITE BURLESCA DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

A Orquestra 415 de Música Antiga foi criada em 2012 com o objetivo de oferecer ao público um espetáculo único: executar as obras dos grandes gênios barrocos de uma maneira singular. Iniciativa pioneira em Minas Gerais, ela tem como diferencial a utilização de instrumentos como o traverso, a viola da gamba, o violino barroco, a flauta doce, o violoncelo barroco, a guitarra barroca, o alaúde e a espineta. Todos são réplicas dos instrumentos utilizados naquela época. Essa particularidade e o requinte na interpretação das músicas recriam uma sonoridade única, muito próxima àquela que as pessoas ouviam. A Orquestra traz uma oportunidade bastante peculiar: ouvir obras barrocas de grandes compositores tocadas por instrumentos para os quais as músicas foram compostas, provocando, assim, uma experiência rara, como uma viagem no tempo através de um espetáculo agradável e transcendente.

A apresentação da *Suíte Burlesca Dom Quixote* no Teatro da Assembleia de Belo Horizonte promoveu um encontro entusiástico entre as formas de arte — música de alto nível, desenho, teatro, marionetes —, intercaladas pela interpretação de Luciano e a *performance* de Ivana.

A Orquestra 415 de Música Barroca é uma referência para quem gosta de música erudita, e consegue se manter até hoje sem patrocínio de leis de incentivo. Sua lei de incentivo vem de dentro, do jovem guerreiro das artes, André Salles Coelho, flautista e diretor da Orquestra. André vem pesquisando a música barroca há muito tempo, desde a adolescência, e agora realiza concertos com grande sucesso, buscando a integração de outras formas de arte.

Sentada na primeira fila, pude apreciar de perto o espetáculo que reuniu música, artes plásticas, poesia, literatura e teatro de marionetes. Dom Quixote inspirou a criação da peça e dos desenhos feitos ao vivo. Seus intérpretes são também quixotescos, porque não enxergam obstáculos para realizar aquilo em que acreditam. E, com essa atitude quixotesca, vão em frente, reunindo em volta de si a simpatia e a admiração da plateia. Dom Quixote era uma figura inesquecível da Idade Média na Europa, que continua sendo um símbolo para aqueles que desvendam o mundo e ultrapassam, com atrevimento, ousadia e coragem, todas as dificuldades.

Abaixo transcrevo o texto de André Salles Coelho sobre o espetáculo e a Orquestra 415:

Dom Quixote é um espetáculo cênico-musical baseado na suíte burlesca de Dom Quixote de G. P. Telemann e com textos originais da obra de Miguel de Cervantes. No palco, os atores Luciano Luppi e Ivana Andrés misturam atuação, bonecos, sombras e desenhos realizados em tempo real com as músicas executadas ao vivo pela Orquestra 415, sob a regência do maestro Eduardo Fonseca.

Iniciar mais um ano de temporada é sempre uma alegria enorme e um desafio severo. Estamos caminhando para nossa quinta temporada de sucesso provando que podemos realizar uma programação anual sem nenhum patrocínio, sem nenhuma ligação institucional, apenas com o respaldo do público. Agora queremos ir além, com apresentações mais ousadas. Este ano teremos vários concertos diversificados, com maestros convidados, solistas, corais e espetáculos cênico-musicais. A Orquestra 415 de Música Barroca é hoje a única orquestra do Brasil especializada em música barroca com instrumentos de época (cópias fiéis de instrumentos originais do período) a realizar concertos mensais, regulares, com repertórios variados.

Os desafios de levar uma temporada assim são imensos, já que uma orquestra tem muitas demandas e, no nosso caso, são maiores ainda, pois tudo, instrumentos, partituras, interpretação, formação da orquestra, é tudo muito particular, especial, artesanal, o que exigiria muito investimento. E como não temos nenhum apoio, temos que fazer tudo na raça, na garra.

23 de abril de 2019

## STANISLAVSKI E BOAL

Konstantin Stanislavski treinava o ator por meio do autoconhecimento. Para representar o personagem, ele teria que se conhecer, analisar suas reações, investigar suas ansiedades, seus reflexos, sentir os impulsos internos e a reação exterior a esses movimentos. Observar-se, situar-se, perguntar a si próprio:

quais das minhas ideias, desejos, esforços, qualidades, deficiências e dotes inatos, pessoais e humanos, podem forçar-me, como homem e como ator, a adotar em relação às pessoas e aos acontecimentos uma atitude semelhante à do personagem que estou interpretando?

Tais indagações, feitas para o ator se afinar com o personagem, constituíam também um caminho para a compreensão dos altos e baixos de sua personalidade e de seu relacionamento com outras pessoas.

Stanislavski fundamentava suas ideias na busca da realidade interior: “A ação cênica é o movimento da alma para o corpo, do centro para a periferia, do interno para o externo, da coisa que o ator sente para a forma física. [...] Só é cênica a criatividade que se fundamenta na ação interior.”

Toda a sua obra está baseada nesse movimento interno que se exterioriza. O corpo é o instrumento que irradia os impulsos da alma: o semblante, o olhar, a mímica, o gesto, as mãos, os pés, a entonação...

O ator tem que compreender esse relacionamento entre corpo e alma, impulso e movimento, para saber interpretar bem seu papel. Precisa estar consciente de si próprio, atento a todos os seus movimentos internos e às suas reações diante dos fatos.

Augusto Boal, autor e diretor teatral brasileiro, criou o *Teatro do Oprimido*, difundido em vários países do mundo, que surgiu da experiência de interação com plateias populares e, no dizer do próprio autor, “pretende libertar o artista que existe dentro de cada um de nós”.

Boal nos mostra, no seu livro *Hamlet e o Filho do Padeiro: Memórias Imaginadas*, como a experiência no teatro pode tocar níveis mais profundos da personalidade do ator:

o ator pode ser, hoje, Einstein, Chaplin, Gandhi e, amanhã, lixeiro, coveiro, pária analfabeto. Eu quis dizer — creio ter dito! — que o ser humano é capaz de mergulhar nas suas profundezas e emergir com personagens insuspeitados, potencialidades escondidas, submersas na sua recôndita

pessoa. Ser ator significa mergulhar esse mergulho, despertar personagens que borbulham na panela de pressão do nosso inconsciente.

Na Europa, Augusto Boal desenvolveu trabalhos interessantes, como o ateliê iniciado em Paris, em 1982, no qual usava técnicas introspectivas, “um processo terapêutico, mas sem ser terapia”; nenhum dos participantes tinha mais autoridade do que os outros, e todos partiam de um relato individual, uma história particular que era pluralizada no grupo.

Ele teve oportunidade de estudar, nos EUA, o método Stanislavski de interpretação. Dentro dessa linha do fazer artístico, direcionado à busca de si mesmo e da reflexão, o ator estaria desenvolvendo todo um processo de transformação pessoal, que certamente poderia se refletir no processo de transformação de seu meio social. (Trecho do meu livro *Os Caminhos da Arte*, Editora C/Arte, 2015.

16 de janeiro de 2018



## **CARTAS POÉTICAS, VOZ E POESIA**

*Cartas Poéticas* é um espetáculo que se realiza como o *I Ching* dos chineses, captando a resposta a uma indagação. A resposta já está guardada no coração de quem faz a consulta, só que a mente do espectador que indaga não tem consciência dela. O espectador e participante sobe ao palco, coloca as mãos na mesa, concentra-se na pergunta. As cartas têm a resposta que é traduzida em forma de música e poesia. Essa captação de energias semelhantes é a essência do desconhecido que existe dentro de nós, nos subterrâneos luminosos de nosso inconsciente. Luciano, como ator, dá o toque inicial e conduz os cantores com o olhar. Quando fala, seu discurso convence, tem o calor do momento, da improvisação. O espectador está atento à pergunta aguardando a resposta exata. Quando ela é revelada de forma poética, ele se sente tocado e muitas vezes chora.

Luciano, Ivana e Evaldo guiam esse evento de arte para uma participação real do público. Ali a arte está no canto, na poesia e na própria escolha das cartas. Luciano é diretor de teatro e sabe levar o espetáculo a um estado energético em que a emoção se revela e se transforma.

Os sábios chineses descobriram esse momento e criaram os hexagramas do *I Ching*.

Stanislavski fazia do momento de criatividade uma forma de autoconhecimento, e Grotowski dinamizava a participação do público.

*Cartas poéticas* promove o encontro do público com a poesia e o canto de forma direta, sem análises ou explicações. É ali, naquele momento mágico, que as coisas acontecem e se clareiam. O trio das cartas vai levando sua mensagem aos empresários, aos asilos, às escolas.

No dia 17 de setembro, no Teatro da PUC em Belo Horizonte, aconteceu um evento de cartas para um público jovem, de alunos daquela universidade. Sentada no banco da frente, eu podia assistir de perto àquele espetáculo teatral no qual as artes se encontravam para promover uma síntese emocionante. Na semiobscuridade da sala toda pintada de preto, os holofotes projetavam formas e sombras nas paredes, focalizando os artistas e a plateia. Todos nós fazíamos parte do mesmo evento criativo. A arte do século XXI estende à vida de forma abrangente, não está guardada em museus. *Cartas Poéticas* é um exemplo disso.

30 de setembro de 2009

## **MORTE E VIDA SEVERINA**

No dia 28 de setembro de 2011, estreou no Teatro da Cidade em Belo Horizonte, a peça *Morte e Vida Severina*, montada por Pedro Paulo Cava. Otem iniciou nova temporada na Campanha de Popularização do Teatro e da Dança, devendo ser apresentada de quarta a domingo, 4 de março.

A peça é forte e traz em toda a sua intensidade a vida do retirante nordestino e as injustiças de um país cheio de contrastes. Nele, a condição humana é tão extrema a ponto de reservar a cada pessoa apenas um retângulo de terra, sua própria sepultura, “a parte que te cabe neste latifúndio”. Chico Buarque e João Cabral de Melo Neto se completam nesse musical dramático. A série *Retirantes*, de Portinari, projetada numa cortina de elástico no fundo do palco permite aos atores “entrar ou sair do quadro”, como se fossem os próprios retirantes. A plateia também se sente profundamente sensibilizada pelo drama dos retirantes, que é também o drama de nosso planeta, com suas injustiças sociais. O recurso de reunir a poesia de João Cabral com a música de Chico Buarque e as telas de Portinari é uma síntese das artes postas em ação, para maior impacto da plateia.

Pedro Paulo Cava escreveu um texto para o catálogo e do qual transcrevo aqui uma parte:

O teatro é a angústia dos homens em forma de poesia e movimento. Ofício complicado, intrincado, repleto de armadilhas nas palavras dos autores, na boca dos atores, nos corpos que suam sobre os palcos do mundo. Beleza e magia que encantam e emocionam porque viva, pulsante, indignada e precisa de cúmplices e testemunhas para que morte e vida, vida e morte aconteçam todas as noites. O teatro é a perplexidade diante da condição humana. Ninguém o escolhe como forma de expressão e fica impune. Loucura e lucidez que conduz poemas como o de João Cabral a ganhar músicas de Chico Buarque e se transformar num canto à vida diante da presença constante da morte. A eles adicionei um Portinari que deu cores ao sofrimento dos brasileiros mais desprovidos de vida e cidadania. Três gênios que se completam. Espetáculo que costurei lentamente, buscando nas entrelinhas e nas formas da encenação, uma resposta qualquer para a “severinidade” que vivemos. E mais uma vez encontrei ar, poesia, paixão, alegria e música no ato de criar. Reafirmei a minha convicção de que é essencial se emocionar diante do espetáculo que a vida descortina à nossa frente, porque os sentimentos são os motores vitais dos nossos corpos frágeis que caminham apressados em direção ao fim. São elas, as emoções, que nos mantêm vivos e alertas neste trajeto, sempre adiando o encontro fatal.

O que desejo? Apenas que espectadores se juntem aos atores nesta noite e em todas as outras, desfrutando a poesia da vida, mesmo que seja esta, franzina, apaixonante, comprada a retalhos todos os dias.

O espetáculo recebeu a premiação de Melhor Cenário no Prêmio SESC-SATED pelo excelente trabalho de Paulo Viana, além de ter indicações para outros prêmios. No elenco: Tiago Colombini, Luiz Gomide, Adilson Maghá, Evaldo Nogueira, Luciene Lemos, Diorcélio Antônio, Priscila Cler, Gustavo Marquezini, Meibe Rodrigues, Adriano Alves, Fabiane Aguiar, Jefferson de Medeiros, Júlia Borges, Maria Tereza Gandra e Ivana Andrés.

Na Pequena Galeria do Teatro da Cidade, tive a surpresa de ver Ferreira Gullar expondo serigrafias dos anos 50, de ótima qualidade, que revelam a sua face de artista plástico, além de poeta e crítico de arte.

Xxxxxxx DATA

## **O BRANCO DO MUNDO**

“Bem-vindo ao Teatro Nossa Senhora das Dores. Quem roubou o branco do mundo?” Uma turma de crianças sai na maior algazarra, enquanto outra entra.

Sentamos ao fundo, atrás das crianças. Essa peça já viajou, visitou cidades no Brasil e foi montada em Portugal. Escrita por Luciano Luppi há 32 anos, nessa montagem do grupo Aldeia Comunicação e Arte tem um elenco composto por 8 atores. Começa com a participação de todas as crianças. O diretor Paulo Lobo, ao microfone, indaga: “Quem roubou o branco do mundo?” As crianças fazem silêncio aos poucos, as luzes se apagam e as cortinas vão se abrindo. Todos cantam.

Vejo um grande painel com biombos coloridos. Cada um representa uma cor, e as cores se movem. Os personagens também são cores. Da última fileira vou apreciando o movimento das cores e das crianças Carlinhos e Duda à procura do branco. O branco do mundo desapareceu. Quem roubou o branco do mundo? Em volta dessa busca a peça se desenrola. Cores diversas se movimentam, cantam, dançam, sobem e descem dos blocos de cores colocados no chão. Estão numa fábrica de tintas e competem umas com as outras em busca do sucesso. Há dois personagens principais, os outros são cores em forma de gente, gente em forma de cores.

Às vezes vejo o Oriente nos leques, nos biombos, nas sombrinhas. Apenas vejo e sinto a beleza e a leveza da peça. Cantam os atores, canta a plateia; as crianças participam, vibram; ninguém sabe onde está o branco.

No centro do palco, um círculo mostra o famoso disco de Newton com todas as cores. O disco deve rodar para mostrar aos jovens, de forma criativa, uma das descobertas da ciência. De acordo com a velocidade, as cores vão desaparecendo, para surgir o branco. Na verdade, todas as cores contêm o branco. É só rodar o disco para ver.

Quando as cores enxergam o branco no disco de Newton, elas compreendem que o branco é luz e não pigmento. E que cada uma tem a sua luz interna. É só se darem as mãos para voltar a existir o branco, para voltar a paz e a harmonia.

Se as cores  
nos chegam  
em forma  
de dores  
Por que lamentar?  
Coloque essas  
Cores  
No disco

De Newton  
E deixe  
Girar.  
E gire.  
Girando  
A dor  
Vai passar.

3 de julho de 2017

## OUTRAS PESSOAS, SER OU NÃO SER

No dia 25 de outubro de 2014 tivemos uma surpresa. Luciano Luppi, o nosso talentoso ator, interpretou, na nova sede do Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), poemas de Fernando Pessoa no espetáculo *Outras Pessoas, ser ou não ser*. Lembrei-me novamente da Índia. “Este é um lugar sagrado de arte, deixem as preocupações do lado de fora”, dizia um cartaz à porta de uma sala de dança no sul da Índia.

Realmente estávamos preocupados; aliás, o Brasil estava preocupado e corria por todo o lado o mesmo assunto — política. A recomendação de silêncio e reverência completa à arte cênica não precisava de palavras. Ali estava o cenário, como uma advertência.

Foi impactante aquela figura imensa, vestida de túnica escura, com uma máscara branca e luvas brancas. Confesso que fiquei assustada, pois não esperava aquele primeiro choque. Não foi preciso dizer que a turma de espectadores foi se assentando devagar, sem fazer barulho. Dali em diante, o espetáculo transcorreu com a maior seriedade, a palavra acrescida e transmutada ao sabor da interpretação. Textos de Fernando Pessoa e Shakespeare foram de certo modo o roteiro daquela viagem para um mundo além dos interesses conflitantes do presente.

O silêncio foi necessário e aconteceu. As palavras de Fernando Pessoa, o grande poeta português, foram nos dirigindo para caminhos desconhecidos que só a arte pode desvendar. Ali as palavras não estavam somente guardadas dentro de livros. Elas estavam vivas na interpretação de Luciano e tocavam o público como uma música. Ivana Andrés acompanhava os textos operando uma trilha sonora condizente com a peça, despertando e guiando as emoções da plateia. O silêncio era necessário para que as palavras do poeta português ecoassem por nossas montanhas.

Ao final, Luciano veio me oferecer o seu trabalho como um presente para o IMHA, agora com nova sede no Retiro das Pedras. Marília, como presidente, agradeceu a generosidade dos artistas. Esse voluntariado, totalmente desapegado de patrocínio, é uma benção que será aplaudida por todos nós. Esse é o nosso agradecimento.

Segue trecho de um poema de Fernando Pessoa:

Para ser grande, sê inteiro:  
Nada teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.  
Sob a leve tutela

De deuses descuidosos,  
Quero gastar as concedidas horas  
Desta fadada vida.  
Nada podendo contra  
O ser que me fizeram,  
Desejo ao menos que me haja o Fado  
Dado a paz por destino.  
Na verdade, não quero  
Mais que a vida; que os deuses  
Dão vida e não verdade, nem talvez  
Saibam qual a verdade”

4 de novembro de 2014

## CAMILLE CLAUDEL

Hoje vou falar  
Da grande surpresa  
Que todos  
Tivemos  
Ao ver a Ivana  
No palco  
Representando  
Camille Claudel.  
Realmente é  
Surpreendente  
Ver uma peça  
Tão dramática  
Representada  
Por Ivana.  
Ela consegue  
Transmitir  
Para a plateia  
A alma e  
O sofrimento  
De uma artista  
Plástica  
Que sofre a  
Rejeição e  
O abandono  
Das pessoas  
Que ela mais  
Ama.  
Camille Claudel  
Foi grande  
Na arte  
E grande no  
Sofrimento.  
Suas cartas  
Seus diários  
Denunciaram  
O sentimento  
De ser  
Injustiçada  
E rejeitada  
Afetivamente  
E profissionalmente.



Camille Claudel  
Viveu em Paris.  
Seu nome surgiu  
Do impacto  
De suas esculturas  
Que ficaram famosas  
Depois de sua morte.  
Aconteceram mostras  
E o mundo inteiro  
Conheceu a  
Grandeza  
De sua arte  
Mas a artista  
Incompreendida  
E rejeitada  
Terminou seus dias  
Num manicômio.  
As cenas do teatro  
Comovem o espectador  
Porque são  
Extremamente verdadeiras.  
Ivana Andrés  
Dirigida por  
Luciano Lippi  
Apresentou um espetáculo  
De grande autenticidade.  
Dramático  
E sensível  
Ele comove  
O espectador  
Interpretando  
Uma realidade  
Mais profunda  
Escondida nos  
Labirintos  
Do ser humano.  
Teatro é vida  
E a vida ali está  
Para denunciar  
E promover mudanças.  
Ivana neste espetáculo  
Mostra o seu potencial  
Dentro das diversas

Formas de arte  
Desenhista, cantora  
Cenógrafa  
Dramaturga  
E agora intérprete.  
Essa forma multimídia  
De fazer arte  
É uma característica  
Do século XXI.

29 de agosto de 2017

## **MEMÓRIAS DE UM CÃO, DE VIRGÍNIA WOOLF**

O Espetáculo performático *Memórias de um cão* baseou-se no livro de mesmo título, cuja autora, Virgínia Woolf, inspirou-se em cartas que sua amiga, a poetisa Elizabeth Barret, escrevia para o namorado. Nessas cartas, as frequentes citações a um cãozinho de estimação, o *cocker spaniel* chamado *Flush*, despertou a atenção de Virgínia para a forma como o afeto e a lealdade do animal eram capazes de provocar mudanças determinantes no humor e comportamento de sua dona.

Como tantos cães, *Flush* conhecia mais sobre o ser humano do que o próprio homem. Os cachorros estão permanentemente atentos aos seus donos e percebem, com um instinto que mais se aproxima de uma grande sensibilidade e intuição, os sentimentos humanos.

O olhar amoroso de *Flush* sobre Elizabeth é o olhar do amor universal, que tudo aceita e tudo compreende. Com extrema sensibilidade, ele vê o mundo sob a lente do amor, e, sob ela, a comunicação é perfeita, mesmo sem palavras. *Flush* nos ensina, de forma encantadora, o mais importante sobre nós mesmos, o que viemos aprender na nossa viagem a este mundo: a lealdade, o respeito e, sobretudo, o amor incondicional. E tudo isso na pena sensível e inovadora de Virgínia Woolf, que fez de uma narrativa simples um texto grandioso.

O cuidado e a afeição que os seres humanos têm por cães e gatos é talvez consequência de relações humanas competitivas e excludentes, que levam as pessoas a experimentarem sentimentos de solidão e depressão. Animais de estimação representam o afeto, o cuidado, a atenção e a lealdade, a compreensão e a cooperação que perdemos nas nossas relações com indivíduos de nossa própria espécie.

É um espetáculo interativo, em que contação de histórias, música e artes plásticas estão juntas, numa homenagem e valorização da figura do cão, chamado, muitas vezes, de “melhor amigo do homem”.

Pessoas da plateia que tenham cães de estimação, podem participar, enviando, previamente, para a produção, fotos de seus cães, as quais serão projetadas num telão durante o espetáculo e ali, diante de todos, vão servindo de inspiração para desenhos realizados em cena pela atriz e artista plástica Ivana Andrés. Enquanto Ivana desenha, Luciano Luppi e Marluce Cerqueira contam trechos da história de *Flush*.

Tudo permeado por canções, músicas instrumentais e efeitos sonoros executados por Evaldo Nogueira. Tanto o cenário quanto os figurinos são em cores claras, a fim de ressaltar os tons das imagens projetadas, bem como os desenhos executados ao vivo. Dessa forma, a representação

vai se colorindo de acordo com as fotos enviadas pelos espectadores, cuja participação irá determinar as cores do espetáculo.

4 de dezembro de 2019

## **A VOLTA AO MUNDO EM 80 MINIATURAS**

Ida Luppi é colecionadora de miniaturas e postais. Guarda dentro de armários envidraçados um verdadeiro exército de miniaturas que revelam o seu amor a esses pequenos símbolos. Sua coleção ficou famosa e as pessoas da família, quando voltam das viagens, sempre lhe trazem como lembrança uma pequena miniatura. Ida é mãe de Luciano Luppi, ator e diretor de teatro. Luciano escreve, atua, participa de eventos com sua esposa, Ivana, artista plástica e cantora.

O casal elaborou um pequeno palco onde as miniaturas de Ida Luppi puderam sair das vitrines para também participarem de eventos. Escolheram 80 miniaturas de diversos países, coladas no mapa de um globo terrestre para compor o espetáculo *A volta ao mundo em 80 miniaturas*. É um espetáculo que acontece em uma caixa escura decorada com cartões postais também da colecionadora. Apresentado para um ou dois espectadores, integra a proposta das chamadas “caixas lambe-lambe” encontradas há anos em festivais de bonecos em diversos países.

O espetáculo revisita o clássico de Júlio Verne *A volta ao mundo em 80 dias*, estimulando não somente os sonhos de viagem para lugares diferentes, como também para a viagem em direção ao interior de nós mesmos, a “volta para casa”. São 80 miniaturas provenientes de diversos países, coladas no mapa de um globo terrestre ou espalhadas no chão da caixa. A apresentação tem a duração de três minutos e acontece com música e iluminação adequadas para a grande função de rodar o mundo. No início, mãos humanas sustentam o globo, num gesto de proteção. Durante a música, o globo gira, mostrando suas miniaturas, suas terras e seus mares. No final, um pequeno anjo sobe até sua estrela que brilha ao longe, num apelo comovente. Há um impacto emocional nesse teatrinho, que ressuscita no espectador imagens da infância e sonhos de viagem da juventude. A iluminação é de Luciano Luppi, a trilha sonora é de Evaldo Nogueira e Ivana Andrés com poesia final de Luciano.

A representação acaba de participar do Festival de Caixas de Teatro, que integrou o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, no Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte. O casal de artistas está sempre elaborando algo novo, inclusive ajudando pessoas deficientes a encontrar um caminho dentro da arte. Trabalham com Evaldo Nogueira, músico deficiente visual, e o trio já percorreu festivais de música, saraus, empresas e teatros, sempre trazendo alegria para o público.

*Arte sem fronteiras* é uma das mais importantes iniciativas do grupo *Voz e Poesia*. É uma palestra show, focando o debate em histórias de superação. O espetáculo está ligado à causa da diversidade, em especial à da pessoa com deficiência, que é o caso de três dos cinco artistas do grupo: os reconhecidos músicos Evaldo Nogueira e Márcio Batista, e a artista plástica Kátia

Santana.

A apresentação se inicia com uma palestra, entremeada com canções e poesias, sendo aberta ao público para livre expressão de depoimentos. Ao mesmo tempo, Kátia Santana (cadeirante e portadora de paralisia cerebral) pinta um quadro ao vivo que, depois de pronto, é doado para a instituição.

24 de novembro de 2015

## FESTIVAL VIVA JECEABA

Quando meus filhos eram pequenos, eu me deslocava de trem de Belo Horizonte para Entre Rios de Minas. A locomotiva saía sacudindo pelos trilhos e, entre mamadeiras e mingaus esquentados em fogareiro, chegávamos à estação de Jeceaba. Ali, nos esperava a “jardineira” de Chico Marzano. A viagem era divertida, as crianças apreciavam a paisagem passando rápida através dos vidros do trem. Jeceaba, ou Camapuã era parada obrigatória.

Hoje, a cidade cresceu e está desenvolvendo um projeto cultural, o *Festival Viva Jeceaba!* Ivana, Luciano e Evaldo, integrantes do Grupo Voz e Poesia, participaram com um show poético-musical e com a oficina *Descubra o seu talento artístico*, que teve como objetivo, despertar e desenvolver o potencial artístico dos participantes, individual e coletivamente, quando cada um entrou em contato com técnicas diversas de expressão artística, nas áreas de canto, teatro, poesia e artes plásticas.

O Festival nos convida a “viver” e “sentir” Jeceaba por meio do teatro, oficinas e música. Em sua terceira edição, o evento visa a multiplicar a promoção e difusão de cultura, instigar o conhecimento, promover formação e, principalmente, ampliar nossa conexão com a cidade. Voltadas para crianças, adolescentes e adultos, os cursos aconteceram em Jeceaba e nas APAEs de Congonhas e Entre Rios de Minas. Em Jeceaba, foram realizadas as seguintes oficinas: A arte de contar histórias; Descubra seu talento artístico; Dobrarte, a arte de dobrar papel; Mural, cidades indivisíveis; Teatro de Sombras, e Tintas de terra. Nas APAEs, foi ministrado o laboratório de Arte e Integração.

Jeceaba foi palco de muitos eventos, entre eles, Teatro de bonecos, Espetáculos Cênico Musicais, Roda de Capoeira, Espetáculo de Contação de Histórias, espetáculo Circense, e vários shows musicais, dentre eles o excelente trabalho de Tuca Boelsums, músico de Entre Rios de Minas. No domingo, 15 de dezembro, comemorando o aniversário da cidade, aconteceu o 6º Festival de Bandas de Música. Desfilaram, além da Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Jeceaba, as bandas de Funilândia; Senhora de Oliveira; Lamim; Belo Vale; Desterro; Entre Rios de Minas; Congonhas; São Brás do Suaçuí.

Como diz Márcia Gomes, Secretária de Cultura e Turismo de São João Del- Rey:

é preciso despertar sentimentos de pertencimento e identidade. Quando fortalecidos, ajudam no “estar presente”, no “pertencer”. É preciso perceber como valorizamos nossa cultura, meio ambiente, tradições, a dedicação com o futuro, a responsabilidade com nossas memórias e o

comprometimento com a preservação e a valorização do nosso patrimônio material e imaterial. O pertencimento cria uma identidade no indivíduo que fará com que ele, inserido dentro de uma comunidade e num contexto específico, se empenhe para que coletivamente lute por uma sociedade mais justa.

17 de dezembro de 2019



## **FORO ÍNTIMO, UM FILME DE RICARDO MEHDEFF**

O drama  
Se desenrola  
Com poucas palavras.  
Cinema é imagem  
Em movimento.  
É luz e sombra  
É expressão facial  
É respiração.  
O juiz procura  
Um médico.  
O coração bate.  
São noites de insônia.  
Tudo isto vai sendo passado  
Na tela.  
É a vida  
Daquele que vai  
Julgar,  
Que vai decidir o  
Destino de alguém.  
Vou descobrindo o drama  
Através das imagens.  
Isto me faz lembrar  
O cinema mudo.  
As lentes do cineasta  
Vão descobrindo  
Formas geométricas  
No telhado.  
Depois vem a luz.  
Há o passo vagaroso  
Em busca de mais luz  
Um corredor à frente a percorrer.  
É preciso julgar  
(E como é difícil julgar).  
Todo julgamento é difícil  
Penoso.  
O filme nos mostra  
Sem diálogos  
Sem palavras  
Apenas com a intensidade  
Da música  
A intensidade da sombra

A intensidade da luz  
O drama da vida.  
Muitas vezes somos juízes  
(eu detesto fazer parte de júri).  
Escolher o melhor quadro  
Gera conflitos, ansiedades  
Que não existiam antes.  
É a melhor forma de  
Ganhar inimigos.  
Este juiz está me fazendo recordar  
As vezes em que tive de julgar em Salões.  
Fiquei ansiosa no cinema  
Mas este filme  
Consegue comover o espectador  
Porque é direto, sem artifícios.  
Não tem cenários espetaculares  
Nem recursos extraordinários.  
Ele retrata a vida  
E a vida é direta e simples.  
A vida pertence a todos nós.

24 de julho de 2017

8

# Conversando com Poetas & Intelectuais



*Naia Helena Andris / 2021*

## UM POEMA PARA AFONSO X, REI DE PORTUGAL

Nunca é tarde para aprender. Cada dia que passa aprendo algo novo. Cada aprendizado é acompanhado de muita alegria.

Recentemente, tive acesso ao livro de Ângela Vaz Leão, professora e pesquisadora da UFMG. Ela escreveu *Cantigas autobiográficas de Afonso X, O Sábio*, publicado pela PUC/Minas, biografia de um rei português que viveu na época medieval. A autora organizou um grupo de estudos sobre a obra do rei Afonso X. “Há um interesse mundial pela poesia de Afonso X, especificamente as *Cantigas de Santa Maria*”, diz ela no início do trabalho. O livro me foi enviado pela internet, página por página, através da boa vontade de Sônia Labouriau, artista e professora da Escola Guignard.

Estou descobrindo a vida desse rei, amante das artes e devoto de Nossa Senhora. Transformou a sua devoção em poesia, através de lindas iluminuras da Idade Média. A vida e a arte de Afonso X e os costumes do medievo podem ser vistos e ouvidos no *YouTube*, como *Cantigas de Santa Maria*, uma integração de música, pintura, poesia, história, religião e filosofia.

Afonso X é uma fonte de inspiração para todos os artistas, à medida que dava mais valor às artes do que às armas.

Identificando-me com suas ideias, escrevi este poema:

AFONSO X

Foi um rei de Portugal

muito à frente

de seu tempo.

Sua voz conseguiu

atravessar montanhas,

vales e mares.

O agora desse rei

é o nosso agora

de hoje.

Antepassado de

todos,

modelo de nossa história,

foi apontando o roteiro

de um futuro luminoso.

Considerado o “Rei Sábio”,

uniu a Europa

em conflito.

Não gostava de guerras,

mas de arte.

Mecenas dos trovadores,  
dos poetas,  
dos cantores.  
Afonso, você nos fala  
como se agora  
vivesse.  
Traduzindo vários  
livros de muitas  
religiões,  
apontou o ecumenismo  
como caminho  
de paz.  
E conduziu  
trovadores  
como  
arautos de um  
modelo de energia positiva.  
E na distância  
do tempo,  
você está  
vivo, hoje.

6 de outubro de 2020.

## HOMENAGEM A JOSÉ SARAMAGO

Em um auditório lotado por cerca de 400 pessoas, o escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, recebeu, no dia 29 de abril, das mãos do reitor Sá Barreto, o título de Doutor Honoris Causa da UFMG, a mais importante honraria concedida pela instituição.

Quando Saramago esteve em Belo Horizonte e se apresentou no Palácio das Artes, eu me encontrava em viagem pela Índia. Soube do seu sucesso estrondoso, das pessoas querendo vê-lo, obter autógrafos. Ele realmente foi uma pessoa carismática, de grande coragem e resolução, lutando contra os conceitos tradicionais para deixar que novas ideias apareçam.

Desconstruir ideias enraizadas, quebrar condicionamentos são também a tônica de Krishnamurti, um grande pensador indiano que eu sempre admirei. “Liberte-se do passado, seja o seu próprio mestre...”, assim dizia ele, “É preciso tomar consciência de como somos condicionados pela sociedade, tradição, política, religião e família”. Rompendo com os condicionamentos podemos agir de forma independente, livre da mecanicidade que a sociedade nos impõe. “É preciso pensar de maneira própria, abrir-se para o potencial de energia que existe dentro de cada um” Essas palavras de Krishnamurti foram ouvidas em várias regiões do planeta.

Saramago sempre teve esse potencial de energia que propõe mudanças para a sociedade. Em seu último blogue, *Cadernos de Saramago*, poucos dias antes de sua morte foi postada este trecho, extraído de uma entrevista na Revista do Expresso, Portugal, em 11 de outubro de 2008, que será sempre um ponto de mutação e reflexão:

Acho que na sociedade atual nos falta filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objetivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objetivos. Falta-nos reflexão, pensar; precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.

Acompanhei Saramago na sua trajetória de sucessos com a obtenção do Prêmio Nobel de Literatura, a incompreensão do povo de sua terra e a sua reclusão numa ilha perto da Espanha. Procurei na internet fotos desse lugar maravilhoso e vejo que até nisso Saramago se parece com Krishnamurti, grande pensador contemporâneo, que também gostava da natureza e fazia suas caminhadas diárias pelas praias de Adyar, em Chennai, na Índia.

De sua ilha, Saramago se comunicava com o mundo inteiro, usando a facilidade dos meios de comunicação atuais, destinados ao mundo contemporâneo. Segui seus passos pela internet,

coloquei-o como referência nas páginas do meu próprio *blog*.

Os *Cadernos de Saramago* me ensinaram muito sobre a cultura e a política de além-mar. Admirei sua adaptação às mídias do momento e, quando inaugurei o meu *blog* há um ano e meio, tomei-o como exemplo. Foi um estímulo para continuar nesse caminho: divulgar meus artigos sem depender de editoras ou jornais, escrever o que eu quero, escolher minhas imagens. Tudo isto é muito importante para uma pessoa que já não pode viajar tanto, todavia continua viajando através dos *sites*, *blogs* e *facebooks*. Ainda não cheguei a conversar com as pessoas pelo *Skype*, mas algum dia chegarei lá.

Às suas ideias acrescento aqui o exemplo de Guignard, considerado um dos maiores professores de arte do Brasil, que sempre valorizou o despertar de uma nova ideia. Ele não propunha regras acadêmicas para o aluno, e, ao ver uma possibilidade diferente no desenho, exclamava com alegria “Coisa nova”! Assim podíamos passar do formalismo condicionado para o novo, o inesperado que surgia a cada instante. E acrescento também uma frase de Van Gogh ao seu irmão Theo. “A diferença entre os artistas acadêmicos e os modernos é que os modernos são mais pensadores”. Este foi o caminho para a arte contemporânea que incentiva a arte como ideia criadora.

26 de junho de 2010

## WILSON FIGUEIREDO, O POETA

Revivendo o movimento moderno que se instalou em Minas na década de 40, com a criação da Escola de Belas Artes dirigida por Guignard, vejo jovens poetas e escritores se reunindo embaixo das árvores do Parque. Vinham da Faculdade de Filosofia, situada ali perto, no Instituto de Educação, para assistir às palestras e aos debates que aconteciam na Escola, sob o prestígio de Guignard. Todo um potencial de ideias novas se formava em torno do mestre. Ali, no Parque Municipal de Belo Horizonte, uma síntese das artes acontecia.

Wilson Figueiredo, o Figueiró, era um dos integrantes dessa turma que se reunia no Parque, juntamente com Otto Lara Resende, Hélio Peregrino, Paulo Mendes Campos, Sábato Magaldi e Edmur Fonseca. Om este, criou a revista de vanguarda *Edifício*, na qual seus livros de poesia, *Mecânica do Azul* e *Poemas Narrativos*, foram editados.

Figueiró, que naquela época tinha apenas 20 anos, fez parte do grupo que recebeu Mário de Andrade na provinciana Belo Horizonte em 1944. O consagrado poeta paulista gostou do jovem e escreveu para ele cartas encorajando-o a continuar a linha poética. Wilson Figueiredo guardou suas poesias que só foram publicadas naquela época, mas merecem ser conhecidas. Algumas vezes costumo cobrar dele, hoje meu cunhado, casado com minha irmã Lourdes: Wilson, por que você não publica seus versos? Você é um poeta.

Li algumas vezes o livro *Mecânica do Azul*, do qual registro aqui alguns trechos:

Só hoje me lembro da bola de gude  
Mas com alguns anos de vida  
Entre esse tempo e onde  
Eu desejaria estar  
Ah! Se eu pudesse ver a bola  
Com a trajetória libertada  
Da geometria e da física  
E ignorar que feliz no jogo  
É o infeliz nos amores.

Meu primeiro velocípede  
Começa a dar voltas  
Em torno do meu silêncio  
Com a campainha gritando  
Estrelas.

Havia no quarto da pensão



Cavalos ao luar pregados no teto  
Numa geografia que me viajava  
Os cavalos puxavam a virgem  
Na paisagem de gesso  
Sempre intocada  
Por sobre o sonho e as águas.

O tempo é a minha ferrugem  
Que espraia  
Atropela o silêncio  
Gasta a chave  
A mala  
Os cartões imorais do dormitório  
Os pregos na parede  
E mesmo alguns retratos.

Naquele tempo eu lia *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke, e sob o seu incentivo, e daqueles que escreviam poemas e crônicas, continuei minha vida de artista. Cada vez mais venho compreendendo a integração das artes e o quanto de benefício elas nos proporcionam.

Mais tarde, já casado, Wilson transferiu residência para o Rio de Janeiro, considerada a “corte” brasileira, lugar onde os intelectuais e artistas poderiam se projetar com mais facilidade. Tornou-se um jornalista da linha de frente, destruindo ideias arraigadas e incentivando a construção do novo. Assim foi no Jornal do Brasil e está sendo no F.S.B Comunicações, em que ele é, aos 87 anos, “um mentor dos novos da empresa”.

Nelson Rodrigues destacava em Wilson a veia poética, que se desdobrou ao longo de toda a sua carreira: “Não se faz jornalismo sem poesia”, dizia.

Mário de Andrade, ao ler os poemas do jovem de 20 anos, comentou: “Como eu sorria feliz lendo os versos dele”. Em carta dirigida a Wilson, continua: “Você tem a poesia dentro de si e tem o que dizer. Você é um poeta e sua poesia não é original por ser uma fragrância de mocidade só, é sua”.

Essa poética, Wilson trouxe da juventude até os dias de hoje. Escreve textos e dedicatórias deixando vir à tona a sua alma de poeta. Transcrevo aqui a dedicatória que recebi no livro *E a vida continua*, recém-lançado no Rio de Janeiro.

À Helena.

A irmã que conversa com o silêncio e acena às nuvens que passam rentes à

sua casa, nosso agradecimento por sua assinatura artística numa página deste livro que nos reúne como prêmio da vida.  
Lourdes e Wilson.

Esse “prêmio da vida” a que eles se referem são seus quatro filhos: Pedro, Vanessa, Rodrigo e Andréa, que serviram de modelo para um quadro de minha autoria.

25 de dezembro de 2011

## YEDA PRATES

A poeta Yeda Prates, conhecida e aplaudida nacional e internacionalmente, é mineira e reside em Belo Horizonte. Fui convidada para um almoço em seu apartamento, situado na mesma rua em que eu moro. Naquela ocasião, Yeda me presenteou com alguns livros de sua autoria. *Cercanias* é o livro que tenho nas mãos e vamos falar sobre ele.

A poesia de Yeda é para ser lida devagar, meditando em cada página. É a busca da essência através da palavra, uma trilha para se transcender o cotidiano e nos projetar na vastidão do imensurável.

No momento em que escrevo, em minha casa do Retiro, vejo a paisagem de Minas e o céu cheio de cores escondendo o sol.

Nos versos de Yeda, ela proclama a beleza da vida e da criação. Existe beleza nos céus de Minas, tão admirados por Guignard. Os versos da poeta também divulgam e transmitem essa beleza de nossa paisagem. Eles vão nos guiando para um encontro feliz entre poesia, pintura, música e meditação.

Assim fala o seu poema *Na tarde*:

A tarde mergulha na lagoa  
E patos bebem, sôfregos  
A luz remanescente das águas.

Com o lirismo herdado por seu sangue mineiro, ela vai nos conduzindo à suavidade das tardes, das madrugadas, das noites de lua. É nesse deslumbramento que sua arte encontra a música, herança familiar de nosso grande maestro Carlos Alberto Prates, seu irmão; e eu posso escutar música em seus poemas.

Ela nos revela isto em seu haicai *Música ao longe*:

Suas notas invadem  
As pautas de minhas veias.

Destaco o poema *Memória*, porque ele traduz o sentimento de todas nós, mães:

A brisa fresca da noite  
Passeia pelo passado  
Desmancha sombras e nuvens  
Desvenda sonhos perdidos  
Cinzela a pátina do tempo

Em desmedido fascínio  
Entre rendas e poesia  
Extasiada contemplo  
Meu filho  
Que acaba de nascer.

Transformar o cotidiano em poesia é a principal mensagem que Yeda Prates me passou. Meditando em cada página de seu livro, caminhamos juntas para um universo transcendente onde tudo é beleza, harmonia e luz.

Obrigada, Yeda, por sua mensagem de paz. Com poucas palavras você consegue tudo.

19 de novembro de 2019

## ABHAY K., UM POETA DIPLOMATA

Abhay K. é um jovem poeta, diplomata indiano, autor de vários livros já publicados no circuito internacional. Ele está desenvolvendo um belo trabalho de intercâmbio cultural entre Índia e Brasil. É um poeta de grande sensibilidade; sua linguagem é direta e descreve com muito carinho Brasília. Através da poesia, ele aproxima os povos.

Tenho aqui seu livro *A profecia de Brasília*, e em sua poética redescubro a nossa capital. Brasília não é apenas uma cidade onde a ambição de poder parece imperar. Ela é clara e luminosa e foi construída por grandes artistas.

Vale a pena conhecer os versos do diplomata — poeta que viu a cidade como aquela que o italiano Dom Bosco enxergou em sua visão:

Entre os paralelos 15 e 20 havia um leito muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente, quando escavarem as minas, escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível!

Transcrevo alguns versos do poeta:

BRASÍLIA II  
Um sonho na alvorada  
Que é logo esquecido  
Quando os olhos abrem.

BRASÍLIA III  
Águas violetas  
Terra índiga  
Árvores azuis  
Céus verdes  
Flores amarelas  
Nuvens vermelhas  
No arco-íris  
De Brasília

BRASÍLIA IV  
O arco esticado  
E uma flecha  
No coração

Da América do Sul.

O PLANETÁRIO DE BRASÍLIA

Um polígono

Onde você pode conhecer

Um alienígena real.

CÉUS DE BRASÍLIA

Nuvens brancas

No sambódromo

De céu azul luminoso

CANDANGOS

Pessoas que construíram um avião

Do nada

São lembradas carinhosamente

Com uma escultura

Parecida com um casal alienígena

Na praça central da cidade.

21 de agosto de 2018

## **GUARDANAPOS, DE CARLOS STARLING**

*Guardanapos* é o título do livro de Carlos Starling, escrito ao sabor do momento, nas mesas, nos jantares, nos encontros com amigos. O autor é médico infectologista, especialista em Medicina Preventiva e Social, mestre e professor de Medicina, poeta, escritor, *gourmet* e ciclista.

Logo, simpatizei com o livro, pois também escrevo em qualquer papel que estiver à minha frente. Somos escritores repentistas, do momento. *Guardanapos*, escrito em guardanapos, é um depoimento sensível das experiências de um médico, cientista, escritor, pai de família. Nada escapa à sua visão; o mundo externo provocando palavras, rimas poéticas. O dia a dia de um poeta é registrado no trem que passa, nas filhas brincando, nas vivências íntimas de um médico escritor...

Aliás, por que os médicos, de um modo geral, gostam tanto de arte?

Meu marido, Luiz Andrés, não escrevia poemas, mas apreciava a arte, enxergava o futuro de seus familiares artistas, dava incentivo e preparava para mim telas enormes... Fico pensando no quanto devo a ele, que me deu força para seguir em frente. Sempre me dizia: “artista não pode ficar parado aqui em Belo Horizonte, tem de conhecer outros lugares”. E com esse incentivo tive coragem de me aventurar pelo mundo...

Mas, voltemos ao nosso amigo Carlos, casado com minha neta Joana. Tenho em mãos seu livro, e volto a refletir sobre o médico poeta. A medicina é também uma arte, a arte de cuidar do ser humano, tornar mais leve o seu sofrimento, curá-lo.

Com Joana ao seu lado, Carlos rabisca sobre o papel que está à sua frente, no restaurante, enquanto espera o almoço chegar. E vem à tona a poesia em sua intensidade. Quantos guardanapos seriam necessários para um poema profundo como *Síria*? Da sua coletânea, é o que mais nos toca no momento em que esse país está sendo destruído e arrasado pela ira dos canhões. O problema dos refugiados e da Síria destruída ali está registrado de forma poética.

*Guardanapos* é uma coletânea de 26 poemas dos muitos escritos por Carlos. O livro foi idealizado e produzido, secretamente, por sua esposa, Joana Caporali Andrés Starling, como um presente de aniversário para o marido, e apresenta um pequeno recorte de décadas de escrita.

### SÍRIA

Fujo para a vida,  
lanço minha sorte ao mar.  
Deixo meu quintal,  
meu parreiral,  
meus lírios que não floriram.  
Ondas levam meus sonhos,

meus filhos,  
meus álbuns de família.  
Ancoro num deserto de farta solidão,  
sou um número,  
uma onda dissonante,  
uma imagem repetida.  
Abro os olhos do mundo  
para o futuro incerto...  
Amor é o que espero,  
vida é o que quero,  
apenas vida.  
Síria, Síria,  
minha Síria,  
otomana, desértica.  
Minha Síria, assíria, curda, turca.  
Minha Síria grega, armênia.  
Minha Síria druza,  
sunita, alaudita...  
Bendita,  
minha Síria yasidi,  
árabe e cristã.  
Minha Síria tiranizada,  
arrasada pela ira dos canhões insensatos...  
Minha Síria milenar,  
romana,  
francesa,  
levante,  
Levante...  
Abrace seus filhos com carinho.  
minha Síria plural,  
plana, fértil,  
Eufrates.  
Onde foram seus filhos?!  
Abrace-os, abrace-os...  
Minha Síria Damasco,  
Alepo,  
Latakla,  
Hama,  
ama teus filhos,  
Para onde foram teus filhos?!  
Abrace-os...  
Levante...  
Levante...



Minha Síria de Bana Alabed,  
de Bana e Fatermah  
pede paz,  
paz é o que pede Bana Alabed...  
Paz Levante.  
Levante, paz...

7 de fevereiro de 2017

## CAMINHOS DO JAZZ

Quando as diversas formas de arte se encontram, aceleram o processo de criação. Há um potencial de sinergia que se projeta à distância pelo simples fato de ouvir e participar de um poema, um drama, uma pintura, uma música.

Essa ressonância fomos encontrar no livro de Paulo Vilara intitulado *Jazz! Interpretações. Pequenas histórias de fúria, dor e alegria*. Percorrendo suas páginas, percorro também os bairros de New York, principalmente o Greenwich Village, situado junto à praça George Washington. Nesta, o visitante é recebido por senhoras de idade, que indicam caminhos e hotéis aos turistas. Não cobram nada e fazem tudo com muita cordialidade.

O Village Vanguard é o ponto de encontro de intelectuais e artistas, lugar onde poetas e músicos se manifestam. Revejo esses locais criativos em várias partes do mundo: em Paris, no Café de Flore; em New York, no Village Vanguard, e em Belo Horizonte, na Asa de Papel.

Paulo Vilara é grande apreciador de jazz, e seu livro alcança com precisão as reuniões musicais, investiga comportamentos e ultrapassa a realidade com o poder da imaginação. Seus textos são situações imaginárias que dariam um belo roteiro de teatro. Os cenários são descritos com tal exatidão que dificilmente acreditamos ser pura ficção. Ao som do jazz toda uma história de vida é recontada, e os artistas negros ganham um *status* internacional que extrapola as desavenças, os preconceitos e as discriminações. Eles são realmente arautos de um povo oprimido, que representam não através dos discursos, mas da música. Essa melodia envolvente transpõe distâncias, e a voz de Billie Holiday e Ella Fitzgerald nos chega aos ouvidos e continuará viva através dos tempos.

Coube a um escritor de Minas Gerais a aventura de explorar cenários, situações, vivências à distância, seguindo sua própria intuição e criatividade. Paulo Vilara é poeta, pesquisador, cineasta e escritor de qualidade, exerce, no seu trabalho, uma síntese das artes, importante para testemunhar a época em que vivemos. A imaginação do poeta pode atingir a lua e as estrelas, aterrissar em New York ou Paris sem precisar dos cansativos voos internacionais.

Parabéns a Paulo Vilara, seu caminho já está aberto, vá em frente!

28 de outubro de 2019.

## **ARTES VISUAIS EM MINAS GERAIS**

A historiadora Marília Andrés Ribeiro acaba de lançar um novo livro, *Introdução às artes visuais em Minas Gerais*, no qual aborda um panorama da arte mineira moderna e contemporânea desde a implantação da Escola Guignard até os projetos atuais. Ela discute o contexto histórico e o circuito artístico, dividindo o livro em três momentos interligados: o modernismo (anos 1940/1950), as neovanguardas (1960/1970) e a arte contemporânea (anos 1980 até o início do nosso milênio).

Em 1997, Marília publicou *Neovanguardas: Belo Horizonte, anos 60*, que, segundo o crítico Frederico Moraes, “é uma referência bibliográfica obrigatória para todos os estudiosos da história da arte moderna e contemporânea brasileira, em um de seus capítulos mais atraentes”. No seu prefácio para esse novo livro, Frederico Moraes continua: “Bastaria aquele livro sobre as Neovanguardas em Belo Horizonte na década de 1960 para consagrar Marília Andrés Ribeiro”.

As neovanguardas ilustram uma passagem histórica de grande importância para a compreensão da arte como rompimento de estruturas arcaicas, e incentivadora de novos caminhos. “Com efeito”, diz Frederico, “foi na capital mineira, entre 1964 e 1973, aproximadamente, que se levaram a cabo algumas das propostas mais arrojadas e polêmicas da plástica brasileira de vanguarda, apoiadas por uma crítica militante e criativa”.

O prefácio, muito claro, vai mostrando os acontecimentos que impulsionaram os artistas a se manifestarem. Nos salões da Reitoria, artistas e críticos se reuniam para combater o paisagismo repetitivo dos seguidores de Guignard e, principalmente, a situação de extrema repressão que se instalou no Brasil com o regime militar. No itinerário das neovanguardas, Marília transmite a sua alma de política libertária.

Frederico Moraes, escolhido pela autora para prefaciá-lo, exerceu em aqui um grande papel como incentivador de novos caminhos e defensor da liberdade de expressão. Ninguém melhor para falar sobre as artes visuais em Minas Gerais do que ele, crítico e artista, radicado no Rio de Janeiro, porém grande conhecedor dos movimentos de arte que tumultuaram uma sociedade arraigada à tradição: a “tradicional família mineira”.

Nesse livro atual, Marília analisa as artes visuais mineiras, acompanhando as diversas fases e mudanças que nos fizeram chegar até a arte contemporânea, e a nossa mineiridade como uma energia sempre atuante fora do eixo Rio-São Paulo. De Minas para o mundo é o que eu sinto quando acompanho a nossa mutação, do esplendor do barroco mineiro até os dias de hoje. Arte e vida sempre juntas, levantando bandeiras!

Lembramos aqui as palavras de Cecília Meirelles em seu *Romanceiro da Inconfidência*: “E a bandeira já está viva e sobe na noite imensa, mas seus tristes inventores já são réus pois se atreveram a falar de liberdade que ninguém sabe o que seja”.

18 de junho de 2013

## FREDERICO MORAIS

Estou frente à TV, assistindo, no canal Curta, aos *Domingos de Criação* de Frederico Morais, um sucesso alcançado por um mineiro no Rio de Janeiro. Vejo na tela o quanto ele conquistou o Rio, numa época ainda sombria, em plena ditadura militar. Vejo a alegria e a descontração dos cariocas, pessoas idosas, jovens, crianças, todas participando de um momento único nos jardins do Museu de Arte Moderna.

Havia uma energia coletiva com aquela possibilidade de criar juntos, esquecer os problemas cotidianos e mergulhar no mundo mágico da criação. Frederico distribuía rolos de papel e de pano, tintas, pincéis, abrindo a todos a possibilidade de idealizar sem medo de errar. No documentário estão artistas e poetas famosos, como Cildo Meireles e Silvano Santiago.

À volta de Frederico, vejo os repórteres tomando nota, fazendo perguntas. A reportagem nos conduziu até a casa dele, no bairro Santa Teresa, e à sua enorme biblioteca, onde ele falou um pouco sobre sua vida.

— “Perdi meu pai cedo e comecei a trabalhar na adolescência.”

Lembro-me de Frederico em Belo Horizonte, quando ele, ainda com seus 17 anos, trabalhava no Banco Vera Cruz, na rua dos Caetés, para o qual eu tinha pintado um biombo, na minha fase construtiva, e Frederico gostava muito de arte. Quando eu ia ao Banco, para movimentar meu dinheiro, ele corria para me atender. Foi uma amizade que começou na década de 1950, quando eu participava das bienais e me dedicava à minha família e à minha arte.

Anos mais tarde, ele me chamou para chupar jabuticabas no seu sítio, no bairro Santa Lúcia, e ali reencontrei sua esposa, Wilma Martins, grande artista, hoje nacionalmente reconhecida. Ela tinha sido minha aluna na Escola Guignard, e, por seu merecido talento, ganhou, naquela época, o primeiro lugar no Salão da Prefeitura de Belo Horizonte. Eu era parte do júri. Depois, perdemo-nos de vista.

Frederico foi morar no Rio, cativou o público carioca. Em um dos depoimentos ele diz: “Devo ter feito a cabeça de muita gente”. Tornou-se um artista conceitual e se dedicou também aos audiovisuais, uma forma de fazer arte que antecipou os vídeos. Uma dessas propostas foi mostrada no evento *Do corpo à terra*, e teve a participação do meu filho Maurício, como fotógrafo. Sua amizade com os Andrés se estendeu também à minha filha Marília, que defendeu a tese *As neovanguardas artísticas de Belo Horizonte, nos anos 1960*, na qual a participação de Frederico Morais foi muito importante.

E foi nesse documentário sobre esse grande crítico, curador e artista, que eu pude também participar à distância dos famosos *Domingos de Criação*.

Parabéns, Frederico Morais, você conquistou um espaço na arte brasileira que nunca será esquecido.

2 de novembro de 2020

## MAPAS, DE ARLINDO DAIBERT

André Melo Mendes desvenda, em seu livro sobre o artista Arlindo Daibert, duas expressões artísticas que tradicionalmente eram consideradas diferentes: o texto e a imagem.

Antigamente, a imagem, considerada ilustração do texto, tornava-se uma arte menor, subordinada à escrita. Havia um preconceito com o trabalho artesanal, feito com as mãos, em relação ao trabalho intelectual. Nesse momento, em que existe uma intermedialidade — conjunção entre as artes e as mídias, esse preconceito antigo está sendo questionado e as artes caminham juntas, sem que exista superioridade de umas sobre as outras.

Trazer luz sobre essa ideia é o que André Mendes propõe. Destaca que Arlindo Daibert tem o seu lugar no cenário das artes plásticas como um grande artista, e que se inspirou no livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, outro grande artista da literatura brasileira.

O livro de Rosa tem servido de inspiração para vários artistas que trabalham com as artes visuais, a exemplo de Poty, ou com a música, como Alexandre Campos e Bernardo Maranhão. O nome “vereda” sugere o lugar onde a água pura brota da terra e vai crescendo, à medida que recebe novos afluentes. Visitei uma em Brasília, e ali me informaram que aquela água chegaria ao Rio da Prata. As novas recriações sobre as veredas são como novos afluentes de um mesmo rio que, percorrendo várias terras, se jogará um dia no mar.

Na minha vida de artista plástica e escritora, sempre questioneei a colocação da imagem como arte menor em relação à literatura. No livro *Pepedro nos Caminhos da Índia*, fui colocada como coautora da obra, cujo texto foi escrito por Aparecida Andrés. Para dar exemplo do passado, tenho em casa um exemplar belíssimo da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, ilustrada por Gustavo Doré; cujas imagens falam por si, são compreendidas imediatamente, sem o auxílio de um tradutor. Essas imagens me acompanharam desde a infância e sempre continuaram causando impacto em mim e minha família.

André Mendes, escritor e pesquisador das imagens, ressignifica a obra tanto de Arlindo Daibert quanto de Guimarães Rosa, e aponta a possibilidade de novas releituras. De acordo com ele:

Esse trabalho de Daibert está longe do conceito tradicional de ilustração, entendida como explicação visual da narrativa e se aproxima muito mais da postura do tradutor ou mesmo do criador. Seus desenhos e xilogravuras podem ser entendidos como imagens que pensam sobre o romance de Rosa — entre outros assuntos. Basicamente, a diferença entre as imagens que argumentam e aquelas que pensam é que as primeiras não dão espaço para a subjetividade do leitor, enquanto as imagens complexas se propõem

a pensar junto com ele.

E o autor continua seu pensamento: “Rosa criou um mapa sobre o sertão, um mapa que não era igual ao território. Daibert criou, a partir desse mapa, um novo mapa. Ao criar esse novo mapa, ampliou o mapa de Rosa e do sertão”.

O livro de André Mendes, *Mapas de Arlindo Daibert. Diálogos entre imagens e textos*, deixa para o leitor a possibilidade de conhecer esses mapas e de perceber a integração entre a literatura e as artes visuais.

11 de setembro de 2011



## ENTREVISTA COM O PROFESSOR CLAUS CLUVER

Veio me procurar na minha residência no alto das montanhas, Mr. Claus Cluver, professor e pesquisador da intermedialidade na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. O Professor deu aulas na Universidade Federal de Minas Gerais e pronunciou uma palestra sobre a imagem e as letras, focalizando as relações entre as diversas mídias. Conversamos muito sobre arte durante o almoço e depois estendemos o assunto para o construtivismo brasileiro que, no momento, desperta o interesse de pesquisadores e historiadores.

Realmente, o construtivismo foi um grande movimento no cenário artístico do Brasil e hoje está levando seus artistas para outras terras. Em seu conjunto, o construtivismo obteve grande visibilidade com a exposição da *Coleção Leirner* nos EUA, parte dela adquirida pelo Museu de Houston, no Texas.

Mr. Claus indagou sobre a minha atuação no movimento, como participante do Grupo de Minas, considerado um grupo independente.

Disse-me ele: “Até então, a visibilidade dos artistas no exterior se limitava àqueles que se afastaram do Brasil e foram morar na Europa, entre eles Mary Vieira, Lygia Clark e Hélio Oiticica. Os que aqui ficaram não conseguiram a mesma projeção internacional”.

Mr. Claus está estudando, com grande interesse, a arte brasileira como um todo, entrevistando artistas e obtendo informações ao vivo. Para isso, dispôs-se a deixar, por algum tempo, o primeiro mundo e chegou até nós para colher depoimentos.

Eu, como sobrevivente do construtivismo, tenho ainda muita experiência a ser transmitida. Reuni minhas anotações e artigos para oferecer ao meu amigo pesquisador e fui mostrando a ele as minhas releituras, que incluem uma versão nova do passado, recriação de um tempo em que os quadros não eram valorizados pelo tamanho, mas pela qualidade.

Voltei ao pequeno formato, já que o grande estava me dando problemas de saúde. Pintar em telas menores é mais adequado para minha idade e estou me sentindo como há 50 anos, com meus pequenos retângulos coloridos. Claus Cluver gostou das releituras, porque são criações e não repetições.

Conversamos muito e Mr. Claus, sempre acompanhado de sua esposa, Maria Aparecida, trouxe para minha casa uma vibração de muita alegria e intelectualidade. Foi uma tarde que me valeu por muitas palestras ou aulas, um privilégio poder ouvir de perto um professor estrangeiro interessado em nossa história.

Segundo ele, o Brasil lidera a América do Sul, acompanhando e se atualizando de forma

própria acerca dos movimentos mais sérios ocorridos no mundo. Claus Cluver mostra outra visão da arte brasileira, retirando o preconceito de que o Brasil é um país de artistas primitivos.

15 de outubro de 2011

## DIALOGANDO COM FRANCISCO JARAUTA

Grandes mudanças do século XX aconteceram nas décadas de 1960 e 1970, quando o mundo das comunicações despontou, propiciando a formação da sociedade informatizada. Para discutir essas mudanças, o Festival de Inverno da UFMG, que aconteceu em 2011 em Diamantina, Cataguazes, Belo Horizonte e Inhotim, convidou palestrantes harmonizados com o espírito da época, que enriqueceram e despertaram os jovens para a grande síntese que está acontecendo no planeta.

A proposta do Festival foi “discutir a nova configuração da arte, da cultura e do conhecimento a partir da perspectiva das cidades”. Francisco Jarauta, famoso filósofo, antropólogo e historiador espanhol, foi convidado pela UFMG para pronunciar palestras sobre o tema. A grande competência e facilidade de expressão abriram campo para reflexões nos diversos grupos de estudantes e professores que tiveram a oportunidade de ouvi-lo. A sua passagem por Minas Gerais foi coroada de sucesso, levando às suas conferências um público jovem, interessado no pensamento da cultura contemporânea. Jarauta fala espontaneamente e sempre acrescenta ao seu pensamento as experiências do momento, do aqui e agora. Este instante atual incorporado ao passado constitui enorme riqueza do século XXI, no qual a integração e a síntese se fazem presentes. A palavra de Jarauta é fluente, cheia de força e convicção, sem ser dogmática. Com grande originalidade criativa, consegue atrair as pessoas que acompanham com atenção o seu pensamento.

O filósofo abordou em suas palestras a relação da arte com as novas tecnologias, as cidades e as *microutopias*. Um mundo sem fronteiras se abre diante de todos nós. Já não existe a separatividade imposta pelos donos da verdade. A verdade está dentro de cada um de nós e é despertada no momento certo, no agora de cada um. É aí, nesse minuto, que o novo se manifesta com toda a intensidade. Na fala do palestrante, o novo vai surgindo a cada instante e trazendo luz para novas associações. Ele convida o público a participar de sua palestra, abrindo espaço para o diálogo.

Recentemente, Jarauta foi o curador de uma exposição de Matisse, que aconteceu em Granada, e me presenteou com um livro, *Matisse y La Alhambra*, no qual, além de escrever o prefácio, colabora com um capítulo em que estuda a influência do Oriente sobre o pintor, dentro de uma visão filosófica e antropológica. Em Alhambra, na Espanha, Matisse encontrou ressonância à sua sensibilidade e uma série de quadros nos mostra o seu entusiasmo pelos arabescos, florões e odaliscas. A influência árabe desponta em suas telas no colorido exuberante, na sensualidade e

poesia das formas. Alhambra é um pedaço do Oriente no coração do Ocidente e continua influenciando artistas e historiadores da arte.

Durante sua passagem por Belo Horizonte, tive o privilégio de receber Jarauta em minha casa e também a alegria de lhe mostrar os meus pequenos desenhos, feitos na nos anos 50, que hoje estão sendo ampliados para diversas releituras. Integração e síntese são o que pretendo realizar no momento, e as palavras de Jarauta me deram ânimo para continuar minha pesquisa atual.

Assim se expressou Jarauta em sua mensagem pela internet:

Seus trabalhos mostram com grande sensibilidade e inteligência um caminho e experiência própria sobre a arte e sua própria linguagem. Que prazer tão imenso ter compartilhado a tarde em sua casa, um ateliê pleno de vida e magia. É tão admirável ver seu trabalho, suas viagens, suas ideias e princípios, sua concepção da arte.

14 de agosto de 2011

## PISEAGRAMA, UMA IDEIA CIRCULANTE

Roberto Andrés, meu neto, nasceu no dia 12 de dezembro, aniversário de Belo Horizonte. Hoje ele é um dos grandes defensores do direito do cidadão de ocupar o espaço público.

Belo Horizonte, cidade cuidadosamente planejada no final do século XIX e início do XX, cresceu de forma desordenada. Seu traçado perdeu-se há muito com a verticalização de vários bairros e o sufoco do asfalto.

Antes denominada “Cidade jardim”, lembro-me do cheiro de damas-da-noite quando percorríamos as ruas, como também do tempo em que atravessávamos a avenida Afonso Pena, toda arborizada, com árvores copadas, refrescantes. Brincávamos no Parque Municipal, onde fazíamos piquenique à sombra do arvoredos.

Roberto me fez reviver esses tempos com a festa de sua filha Rosamaria: levaram os “comes e bebes” e, no gramado do Parque, foi comemorado o aniversário da minha bisneta.

Ali, as crianças puderam participar diretamente do encontro com a natureza à sombra de árvores centenárias. Antigamente, havia até um zoológico no Parque, e meus filhos eram levadas para visitar os macacos e oferecer a eles bananas e outras frutas.

A revista *Piseagrama*, organizada por ele e sua esposa, Fernanda Regaldo, nasceu dessa necessidade transgressora de ocupar o espaço público, pisar na grama, fazer piquenique, alegrar as crianças com pipocas e balões, longe do sufoco das salas de festa enfeitadas com desenhos de Mickey Mouse. Roberto procura reviver aspectos humanos do passado, esquecidos por completo nos tempos modernos.

*Piseagrama* ganhou novas direções, ampliou seu campo para um espaço maior: camisetas com mensagens ecológicas e sociais foram criadas para uso das crianças, e bolsas coloridas andam pela cidade, entram em supermercados, carregando mercadorias, objetos e coisas de consumo.

As pessoas levam e trazem mensagens escritas nas bolsas e, mesmo sem que o percebam, vão levando e trazendo o pensamento ecológico e social de Roberto e Fernanda. A ideia de colocar mensagens nas camisetas e bolsas é uma forma discreta e genial de fazer propaganda, divulgar pensamentos. Silenciosamente, sem grandes manifestações, essas mensagens ambulantes vão abrindo a consciência das pessoas: “Nadar e pescar no Arrudas”; “Ônibus sem catracas”; “Uma praça por bairro”; “Carros fora do centro”; “Parques abertos 24h” ... Os mesmos dizeres, impressos em cartões coloridos, formam um painel que está exposto no Itaú Cultural, em São Paulo.

A revista aparentemente transgredir, mas sobretudo está construindo e reeducando os governantes e a população de um modo geral.

*Piseagrama* atravessou as fronteiras de Minas, desceu as montanhas e continua a sua divulgação em outros estados do Brasil.

15 de dezembro de 2014

## **SOBRE A AUTORA**

Maria Helena Andrés



Artista visual, escritora e arte-educadora, completou sua formação artística no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Nova York. Foi professora e diretora da Escola Guignard na década de 1960. Participou de vários salões de belas-artes, bienais internacionais de São Paulo, tendo recebido inúmeros prêmios. Realizou exposições no Brasil, Estados Unidos, Europa e América Latina. Possui obras em diversos acervos públicos e também em coleções particulares no Brasil e no exterior. Iniciou trabalhos de integração cultural entre o Oriente e o Ocidente nos anos 1970, tendo feito muitas viagens à Índia, onde participou de seminários e festivais de arte. É autora de quatro livros, ilustrações variadas e possui dois blogues, nos quais publica casos de sua vida de artista e suas memórias de viagens.

<http://mariahelenaandres.blogspot.com/> e <http://memoriaseviagensmha.blogspot.com/>